



Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação

ANAMARIA DINIZ

O itinerário pioneiro do urbanista Attilio Corrêa Lima

Brasília
2015

ANAMARIA DINIZ

O itinerário pioneiro do urbanista Attilio Corrêa Lima

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Teoria, História e Crítica

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elane Ribeiro Peixoto
(FAU – UnB)

Coorientador: Prof. Dr. Jean-Pierre Frey
(IUP – Paris Est-Créteil – UPEC)

Brasília
2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D585i Diniz, Anamaria
 O itinerário pioneiro do urbanista Attilio Corrêa
Lima / Anamaria Diniz; orientador Elane Ribeiro
Peixoto; co-orientador Jean-Pierre Frey . --
Brasília, 2015.
 343 p.

 Tese (Doutorado - Doutorado em Arquitetura e
Urbanismo) -- Universidade de Brasília, 2015.

 1. Attilio Corrêa Lima. 2. Urbanismo. 3.
Arquitetura moderna. I. Peixoto, Elane Ribeiro ,
orient. II. Frey , Jean-Pierre, co-orient. III.
Título.

ANAMARIA DINIZ

O itinerário pioneiro do urbanista Attilio Corrêa Lima

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Prof.^a Dr.^a Elane Ribeiro Peixoto
Universidade de Brasília (UnB)

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Fernandes
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins
Universidade de Brasília (UnB)

Prof.^a Dr.^a Márcia Metran de Mello
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Eduardo Pierrotti Rossetti
Universidade de Brasília (UnB)

Brasília

2015

Aos meus pais, João e Vera, que sempre valorizaram a busca pelo conhecimento.

Aos meus filhos, Carol, Bia e Lipe, meus eternos amigos.

Ao meu marido, Lúcio Malagoni, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Ao fim de um ciclo de pesquisa com duração de mais dez anos, desde a dissertação de mestrado e agora com a finalização desta tese, devo a muitos meus sinceros agradecimentos:

À Prof^a Dr.^a Elane Peixoto, minha orientadora, pela atenciosa e competente orientação, com sugestões e correções.

Ao Programa de Pós-Graduação da FAU-UnB, à secretaria e, em especial, a Francisco Júnior, João Borges e Diego Sousa, pela solicitude em momentos importantes da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Jean-Pierre Frey, meu coorientador, pela oportunidade de contato com os *fonds historique* do IUP e pelas orientações oportunas.

Agradeço à família Corrêa Lima – Bruno, Maia e Rachel, por me receber tão acolhedoramente durante todos esses anos, possibilitando-me o contato com o acervo de Attilio.

Ao Prof. Dr. Estevão Martins, pela atenção e carinho durante o período da dissertação e também durante o desenvolvimento da tese de doutorado, apontando caminhos seguros para pesquisa.

Aos Profs. Dra. Márcia Metran e Dr. Ricardo Trevisan, pelas sugestões quando do exame de qualificação. Agradeço à Prof^a Dra. Heliane Prudente Nunes, pela contribuição de importantes informações a respeito de estudos sobre família. Ao Prof. Dr. Marcos Antônio de Moraes do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, cujas indicações foram essenciais às discussões sobre correspondências e memorialismo. Às Prof^{as}. Dr.^a Ana Elisabete Medeiros, Dr.^a Luciana Saboia e Dr.^a Maria Fernanda Derntl, pelas valiosas contribuições durante as Jornadas Labeurbeanas.

Ao Luiz Felipe, meu filho e companheiro de trabalho, que desde o início da pesquisa colaborou nas transcrições das correspondências de Corrêa Lima e nas correções de textos; à minha filha Ana Carolina, pelas transcrições das entrevistas e correspondências; ao Nicolas Dubois, urbanista que me ajudou a realizar os contatos no IUP; aos estagiários Rodolfo Ramos, Fabrícia Busnello, Tainara Botosso e Bruna Rodrigues, pela elaboração de tabelas, mapas e painéis; ao meu irmão Luiz e cunhada Letícia, que me receberam durante quase dez anos no Rio de Janeiro; aos professores de francês Ana Cláudia Rodvalho e Felipe Deur,

pelas aulas e traduções; ao meu amigo Juca Fernandes, pelos momentos de desabafo e troca de ideias, por compreender como é se debruçar sobre a vida de outra pessoa.

Agradeço à minha família e ao meu marido, pela paciência durante este longo tempo em que tanto ouviram falar de Attilio e compreenderam as exaustivas cargas horárias de estudo e pesquisa que protelaram outras promessas, realizáveis somente após o término da tese.

E, por fim, meus agradecimentos à CAPES, que possibilitou a realização deste projeto.

O itinerário pioneiro do urbanista Attilio Corrêa Lima

RESUMO

Apresenta-se a trajetória pioneira do arquiteto-urbanista Attilio Corrêa através das correspondências trocadas com seu pai, o escultor José Octávio Corrêa Lima, durante o período (1927 a 1931) em que foi pensionista da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) em Paris. O cotidiano relatado nas cartas destaca as dificuldades econômicas pós-guerra, a crise habitacional, os contrastes culturais, as trocas de conhecimento, o contato com a arquitetura moderna e a rede de sociabilidade que o arquiteto construiu e manteve. O ensino ministrado pelo *l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* é objeto de cuidadosa apresentação. A partir do percurso do arquiteto foi possível recuperar os debates e as tensões que caracterizaram o urbanismo no seu nascimento. Entre o higienismo do século XIX e a cidade-parque do século XX, Attilio C. Lima planejou cidades como Goiânia, Volta Redonda e inaugurou o ensino do urbanismo na ENBA.

PALAVRAS-CHAVE: Attilio Corrêa Lima. Urbanismo. Arquitetura Moderna.

ABSTRACT

The pioneering journey of the city planner Attilio Corrêa Lima

Here is the pioneering journey of the architect and city planner Attilio Corrêa through the letters exchanged with his father, the sculptor José Octávio Corrêa Lima, during a period (1927-1931) when he was an inmate at the National School of Fine Arts (ENBA) in Paris. The daily routine reported on his writings highlights the post war economic problems, the housing crisis, the cultural contrasts, the exchange of knowledge, his contact with modern architecture, and the social network that Attilio Corrêa Lima has built and maintained. The courses offered at *l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* are all worthy of careful presentation. From the architect's trajectory it was possible to recover the debates and tensions that characterized the urbanism at his birth. Between the hygienism of the nineteenth century and the city-park of the twentieth century, Attilio Corrêa Lima planned cities like Goiânia and Volta Redonda, and began the Urban Planning education at ENBA.

KEYWORDS: Attilio Corrêa Lima. Urbanism. Modern Architecture.

RÉSUMÉ

La trajectoire pionnière de l'urbaniste Attilio Corrêa Lima

La trajectoire pionnière de l'architecte-urbaniste Attilio Corrêa Lima est présentée à travers les lettres qu'il a échangées avec son père, le sculpteur José Octávio Corrêa Lima, pendant la période où le premier a été pensionnaire de l'École Nationale des Beaux-Arts - ENBA à Paris (1927 – 1931). Le quotidien rapporté dans ces lettres met en relief les difficultés économiques de l'après-guerre, la crise dans l'habitation, les contrastes culturels, les échanges de connaissances, le contact avec l'architecture moderne et le réseau de sociabilité qu'a construit et maintenu l'architecte. L'enseignement offert par l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris y fait l'objet d'une présentation soignée. À partir du parcours de l'architecte, il a été possible de récupérer les débats et les tensions qui ont caractérisé l'urbanisme dans sa naissance. Entre l'higiénisme du XIXe siècle et la cité-jardin du XXe siècle, Attilio Corrêa Lima a planifié des villes comme Goiânia, Volta Redonda et a mis en place l'enseignement de l'urbanisme à l'ENBA.

MOTS-CLÉ: Attilio Corrêa Lima. Urbanisme. Architecture Moderne.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Fonds historique</i> do IUUP.....	42
Figura 2- Caderno de transcrições das correspondências de Attilio Corrêa Lima.....	46
Figura 3- Planilha com as correspondências de Attilio Corrêa Lima	47
Figura 4- Correspondências digitadas, em que são destacados os assuntos e as dúvidas	48
Figura 5- Caderno organizado conforme assunto das correspondências.....	49
Figura 6- O menino Attilio Corrêa Lima ao lado do pai José Octávio Corrêa Lima.....	71
Figura 7 - José Francisco Corrêa Lima e Adelaide Pereira Corrêa Lima (bisavós de Bruno C. Lima e avós paternos de Attilio C. Lima).....	82
Figura 8- Olga Fernandes, Bruno C. Lima no colo da avó Rosalia Marzia C. Lima.....	84
Figura 9 - Bruno Corrêa Lima no seu cavalinho feito por seu avô José Octávio Corrêa Lima.....	84
Figura 10 - Tabalhos em miniaturas de Bruno C. Lima: violino, violoncelo e baixo feitos na escala de 1/12", móveis em estilo Thonet de 1906 e a reprodução do ateliê do fotógrafo Augusto Malta, início do século XX.....	86
Figura 11 - Marion Corrêa Lima, Rachel Corrêa Lima e Bruno Corrêa Lima, nora, neta e filho, respectivamente, de Attilio Corrêa Lima.....	98
Figura 12 - Salão anexo à residência dos Corrêa Lima em Nova Friburgo com as esculturas de moldes em gesso e pinturas de José Octávio.....	99
Figura 13 - Salão anexo à residência dos Corrêa Lima em Nova Friburgo com as esculturas moldes em gesso e pinturas de José Octávio.....	100
Figura 14 - Reprodução do antigo escritório de Attilio Corrêa Lima no anexo à residência dos Corrêa Lima em Nova Friburgo. Rachel Corrêa Lima, neta de Attilio C. Lima. Móveis desenhados pelo arquiteto.....	100
Figura 15- José Octávio Corrêa Lima (Rio de Janeiro, 1912).....	102
Figura 16 - Escultura: <i>Remorso</i> , 1899. Bronze fundido, 103,0 x 40,0 x 50,0 – Corrêa Lima Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.....	105
Figura 17 - Escultura: <i>Mater Dolorosa</i> . Molde em gesso – Corrêa Lima (1901).....	108
Figura 18 - <i>Monumento Almirante Barroso</i> . Corrêa Lima, 1909.....	111

Figura 19- <i>Figura de Anjo</i> : obra de José Octávio C. Lima (1907–1909), Cemitério São João Batista.....	113
Figura 20 - Monumento funerário denominado <i>Adalgisa, Amelinha e Octacianinho</i> . Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, Pelotas, RS. José Octávio Corrêa Lima, 1931.....	114
Figura 21- Detalhe da assinatura do artista no bronze. Monumento funerário denominado <i>Adalgisa, Amelinha e Octacianinho</i> . Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, Pelotas, RS. José Octávio Corrêa Lima, 1931.....	115
Figuras 22 e 23 - Escultura para a fachada da Sede do Jôquei Clube do Rio de Janeiro (1911): Corrêa Lima.....	116
Figura 24 - Ateliê de José Octávio C. Lima. O menino Attilio Corrêa Lima ao lado da escultura, em 1911.....	117
Figura 25- Palácio Pedro Ernesto, Rio de Janeiro, Cinelândia. Esculturas alegóricas femininas (em vermelho) e esculturas alegóricas masculinas (em azul) de J. C. Lima.....	118
Figuras 26 e 27 - No torreão à esquerda do observador estão a Cidade Primitiva (Figura 26), representada por uma índia e seus típicos adereços e a Cidade Colonial (Figura 27), representada por uma mulher em andrajos, como se maltratada estivesse, em conformidade com o estado de abandono em que se encontrou o Rio de Janeiro colonial até a chegada da Família Real Portuguesa.....	119
Figuras 28 e 29 - No torreão à direita do observador estão a Cidade Imperial (Figura 28) – uma mulher vestida com a indumentária da época, além de cetro e coroa – e a Cidade Republicana (Figura 29), representada com o inconfundível barrete frígio alusivo à ideia de República, além de portar um escudo com o brasão da cidade do Rio de Janeiro ao centro.....	119
Figura 30 - Alegoria masculina representando o Trabalho Manual: a Indústria com o martelo e a engrenagem.....	120
Figura 31 - Alegoria masculina representando o Trabalho Intelectual: as Artes.....	121
Figura 32 - Monumento Triunfo à República – Praça da República, Niterói, 1927.....	122
Figura 33- José Octávio C. Lima (usando óculos), seu filho Attilio C. Lima (sentado à sua esquerda), cercado por seus auxiliares em seu ateliê quando executava o monumento Triunfo à República (1926-1927).....	123
Figura 34 - Monumento em homenagem ao Patriarca da Independência: José Bonifácio Andrada e Silva – Nova York, Estados Unidos (1955).....	124
Figura 35 - José Octávio Corrêa Lima com sua esposa Rozália Marzia Benfaremo.....	126

Figura 36 - Attilio Corrêa Lima com seus pais.....	129
Figura 37 - Pavilhão Minas Gerais (à esquerda) e Pavilhão São Paulo (à direita) da Exposição do Centenário de Abertura dos Portos – foto de Augusto Malta.....	132
Figura 38 - Moças elegantes sentadas em um dos cafés da Exposição de 1908.....	133
Figura 39 – Favela do Morro de Santo Antônio	134
Figuras 40, 41, 42, e 43 - Detalhes do edifício do Museu Histórico Nacional após as intervenções realizadas para a Exposição do Centenário da Independência do Brasil em 1922, que abrigou o Pavilhão das Grandes Indústrias. Projeto: Memória & Cuchet.	136
Figura 44 - Pavilhão Palácio das Festas da Exposição do Centenário da Independência do Brasil de 1922 - Projeto: Memória & Cuchet.....	137
Figura 45 - Colégio Paula Freitas (1892) – prédio tradicional que pertenceu ao Barão do Rosário, numa ampla área na Rua Hadock Lobo no bairro da Tijuca, RJ.....	138
Figura 46 - Certificado de Auxiliar de Disciplina – Colégio Paula Freitas (1912).....	139
Figuras 47, 48, e 49 - Busto aos três anos, mão e busto aos sete anos de Attilio C. Lima, executados pelo pai	140
Figura 50 - Attilio C. Lima aos 11 anos. Colégio Paula.....	142
Figura 51 - Disciplinas do Colégio Anglo-Brasileiro.....	143
Figura 52 - Folheto de divulgação dos colégios administrados por Mr. Charles e W. Armstrong.....	144
Figura 53 - Attilio Corrêa Lima.....	146
Figura 54 - <i>Menino com a bola</i> (Attilio C. Lima) – óleo sobre tela, 1,70 x 0,74 m – Rodolfo Chamberland (1914).....	149
Figura 55 - Histórico Escolar de Attilio Corrêa Lima da ENBA.....	152
Figura 56 - Diploma da ENBA de Attilio Corrêa Lima (1926).....	153
Figura 57- Trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima. Estudos da Ordem Jônica. Data:16-8-1921.....	155
Figura 58 - Exemplar do Vignola que pertenceu a José Octávio C. Lima e que também foi usado por Attilio C. Lima e por Bruno C. Lima durante os estudos na ENBA.....	157
Figura 59 - Trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima.....	158
Figuras 60 e 61 - Trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima. Data: 28-6-1921.....	159

Figura 62 - Trabalho de Attilio Corrêa Lima realizado em 11 de outubro de 1921 para a disciplina de Desenho de Ornatos do Curso Geral da ENBA (segunda série).....	160
Figuras 63 e 64 - À esquerda, trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima de 1921, e à direita, trabalho acadêmico de Heitor de Mello – capitel Jônico – cadeira: Elementos de Arquitetura (sem data).....	161
Figura 65 - Trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima. Estudo de um Templo Monóptero. Data: 7-9-1921.....	162
Figura 66 - Trabalho acadêmico de Heitor de Mello, 1897.....	163
Figura 67 - Trabalho de Attilio C. Lima, 1921.....	163
Figura 68 - Trabalho Acadêmico de Heitor de Mello (sem data).....	165
Figura 69 - Trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima, Escola Nacional de Belas Artes, 1924.....	166
Figuras 70 e 71 - Trabalho acadêmico de A. Corrêa Lima, Escola Nacional de Belas Artes, 1925.....	171
Figura 72 - Trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima, Escola Nacional de Belas Artes, 1925.....	171
Figura 73 - Turma de Lucio Costa 1924. Na foto: Attilio Corrêa Lima, Gilberto Trompowski e Atilio Mazieri Alvez. Aula livre de Desenho Figurado. Professor Lucílio de Albuquerque.....	173
Figura 74 - Attilio Corrêa Lima com seus colegas da ENBA, Paulo Antunes Ribeiro e o Lucas Mayhofer.....	174
Figura 75 - Residência Holzmeister. Rio de Janeiro 1955. Firma: Pires & Santos.....	176
Figuras 76 e 77 - Vista geral do Edifício Caramuru e vista do terraço-jardim.....	178
Figura 78- Maquete do hotel da Bahia, Salvador	179
Figura 79 - Edital do Concurso Prêmio de Viagem 1926.....	182
Figura 80 - Registro de recebimento da Grande Medalha de Ouro em 1927 por Attilio Corrêa Lima.....	186
Figura 81 - Documento com instruções para o pensionista de Arquitetura, Sr. Attilio Corrêa Lima.....	185
Figura 82 - Os noivos Attilio Corrêa Lima e Olga Fernandes – 22 de janeiro de 1927.....	187
Figura 83 - Margarida Lopes de Almeida.....	192

Figura 84 - Busto em bronze de Júlia de Lopes de Almeida.....	192
Figura 85 - Attilio Corrêa Lima em Paris (1929)	197
Figura 86 - Mapa de Paris com os locais em que Attilio C. Lima morou entre 1927 e 1931.....	199
Figura 87 - Vista do conjunto de apartamentos onde Attilio C. Lima morou na Rue Boussingault.....	200
Figura 88 - Cartão postal do Parc Montsouris.....	201
Figura 89 - Edifício na Rue Bayen.....	202
Figura 90 - Peixaria na porta do edifício da Rue Bayen nº 4.....	204
Figura 91 - Hotel na Rue des Écoles.....	208
Figura 92 - Mapa com percurso que Attilio realizava do Hotel em que morava até a Sorbonne.....	208
Figura 93 - Faculdade de Direito da Sorbonne.....	208
Figura 94- Aquarela de Attilio C. Lima quando pensionista em Prêmio de Viagem.....	213
Figura 95 - Aquarela de Attilio C. Lima quando pensionista em Prêmio de Viagem.....	213
Figura 96 - Aquarela de Attilio C. Lima quando pensionista em Prêmio de Viagem.....	214
Figura 97 - Carteira de matrícula de Attilio Corrêa Lima no IUUP.....	216
Figura 98 - Registro de matrícula de Attilio Corrêa Lima no IUUP.....	217
Figura 99 - Projeto para Casablanca – Henri Prost (1915).....	236
Figura 100 - Attilio C. Lima elaborando a tese sobre Niterói em Paris.....	237
Figuras 101, 102 e 103 - Figura 101: caixa com fichas de registros dos históricos dos alunos do IUUP de 1920 a 1930; Figuras 102 e 103: ficha do aluno Paulo Antunes Ribeiro.....	247
Figura 104 - Lista de alunos do primeiro ano do curso de Urbanismo do IUUP de 1927/1928.....	249
Figura 105 - Lista de alunos do primeiro ano do curso de Urbanismo do IUUP de 1927-1928.....	250
Figura 106- Sessão das teses no <i>fonds historique</i> do IUP.....	251
Figura 107 - Henri Prost, orientador de Attilio C. Lima.....	252
Figura 108 - Folha de rosto da tese de Attilio C. Lima.....	254
Figura 109 - Mapa de Niterói apresentando a ligação com a cidade do Rio de Janeiro.....	257
Figura 110 - Esquema do túnel de ligação entre Niterói e o Rio de Janeiro.....	258

Figura 111 - Plano viário para Niterói.....	259
Figura 112 - Centro Cívico e avenida-parque de Niterói.....	260
Figura 113 - Zona Comercial ao redor da praça circular.....	261
Figura 114 - Edifícios escalonados da Zona Comercial ao redor da praça circular.....	262
Figuras 115 e 116 - Plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro e Plano de Niterói de Attilio Corrêa Lima, respectivamente.....	263
Figura 117 - Exemplar da publicação da tese de Attilio C. Lima.....	266
Figura 118 - Projeto do ateliê de José Octávio Corrêa Lima (1921).....	270
Figura 119 - Situação atual do antigo ateliê de José Octávio Corrêa Lima.....	270
Figura 120 - Bauhaus-Siedlung Dessau-Törten, 1926–1928.....	274
Figura 121 - Casa Dominó – Le Corbusier.....	275
Figura 122 - Berthold Lubetkin.....	276
Figura 123 - Ficha de inscrição de matrícula e histórico de Berthold Lubetkin no IUUP.....	279
Figura 124 - Caderno de registro de matrícula do IUUP. Em destaque matrícula de Berthold Lubetkin em 1927.....	280
Figuras 125 - Projeto da fachada da Vkhutemas para o 10º aniversário da revolução comunista.....	281
Figura 126 - Club Trapèze Volant, Paris, 1927. Projeto: Berthold Lubetkin.....	282
Figura 127 - Vista da cobertura do edifício da 25 Avenue de Versailles (1928-1931).....	283
Figura 128 - Penguin Pool, London Zoo, Regent's Park, 1933-1934.....	284
Figura 129 - Highpoint I – Londres, 1935.....	285
Figuras 130 e 131 - Finsbury Health Centre.....	287
Figura 132 - Priory Green Estate, 1952. Tecton.....	288
Figura 133 - Dr. José Marianno Filho.....	295
Figura 134 - Teatro João Caetano (1930).....	302
Figura 135- Paineis de Di Cavalcanti para o Foyer do Teatro João Caetano no Rio de Janeiro.....	303
Figura 136 - Paineis de Di Cavalcanti para o Teatro João Caetano no Rio de Janeiro.....	304
Figura 137 - Casa da Rua Santa Cruz em São Paulo – 1927-1928.....	305
Figura 138– Attilio C. Lima em Paris (1930).....	306
Figura 139 - Planta de Zoneamento.....	309
Figura 140 - Entrada do Brasil.....	310
Figura 141 - Conexões da cidade do Rio de Janeiro.....	310
Figura 142- Edifício em altura para a Praça do Castelo.....	311

Figura 143 - Jardim da Ponta do Calabouço.....	312
Figura 144 - Mapa com a evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro.....	317
Figura 145 - Planilha da população estrangeira por distrito (bairro).....	318
Figura 146 - Gráfico da população por profissão	319
Figura 147 - Mapa do trajeto dos bondes.....	323
Figura 148 - Projeto de saneamento para a cidade do Rio de Janeiro.....	320
Figura 149 - Attilio Corrêa Lima (com marcação) no ateliê de Alfred Agache em Paris.....	321
Figura 150 - Cidade do Rio de Janeiro, Extensão, Remodelação, Embelezamento. Paris: Foyer Brésilien,.....	322
Figura 151 - O urbanista Alfred Agache.....	323
Figura 152 - Olga Fernandes e Attilio C. Lima com o filho, recém-nascido, Bruno Corrêa Lima (1930).....	325
Figura 153 - Estação de Hidroaviões do Rio de Janeiro.....	332
Figura 154 - Propaganda do escritório de Attilio Corrêa Lima.....	334

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1- Família Corrêa Lima.....	81
Diagrama 2- Estruturação das entidades francesas.....	220

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Histórico escolar de Atílio Corrêa Lima na ENBA.....	151
Tabela 2 - Alunos matriculados na ENBA no curso de Arquitetura entre 1915 e 1924.....	175
Tabela 3 - Alunos do curso de arquitetura premiados entre 1925 e 1928.....	184

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	39
1 CONSTRUINDO O TRABALHO.....	51
1.1 APONTANDO LACUNAS.....	53
1.2 CARTAS COMO DIÁRIO.....	59
1.3 ESCRITA DE SI.....	65
1.4 COMO UM FIO CONDUTOR: O QUE AS CARTAS DIZEM?.....	70
2 FAMÍLIA CORRÊA LIMA.....	75
2.1 SINGULARIDADES E CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE ANÁLISE.....	77
2.1.1 Família: conceitos múltiplos.....	77
2.1.2 Família, capital cultural e ecletismo.....	88
2.1.3 Memória e família.....	95
2.2 JOSÉ OCTÁVIO CORRÊA LIMA: O ESCULTOR.....	102
3 ATTILIO CORRÊA LIMA: O ARQUITETO.....	127
3.1 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....	129
3.2 FORMAÇÃO NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES (ENBA).....	146
3.2.1 Os cânones clássicos: academicismo	154
3.2.2 Outras vertentes.....	167
3.2.3 Colegas de curso.....	174
3.2.4 Prêmio de viagem à Europa.....	180
4 TRAÇANDO O ITINERÁRIO PIONEIRO.....	189
4.1 O COTIDIANO: CARTAS COMO DIÁRIO.....	191
4.1.1 Paris pós-guerra e a crise habitacional	198
4.1.2 Vida de pensionista.....	209
4.1.3 Attilio no IUUP (1927 a 1930).....	215
4.2 O INSTITUTO DE URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE PARIS (IUUP).....	219
4.2.1 Antecedentes históricos.....	219
4.2.2 Estrutura e organização.....	222
4.2.3 Regulamento.....	225

4.2.4	Disciplina e professores.....	227
4.3	CONSTRUINDO A TESE.....	237
4.3.1	Alunos e teses no IUUP.....	246
4.3.2	O orientador Henri Prost.....	252
4.3.3	<i>Avant-Projet d'aménagement et d'extension de la ville de Niterói au Brésil</i>	254
5	VIDA EM PARALELO.....	267
5.1	ATTILIO DESCOBRE O MODERNO.....	269
5.1.1	Berthold Lubetkin: o colega e professor.....	276
5.1.2	Notícias do Brasil.....	290
5.2	ATTILIO COM AGACHE NOS PLANOS DO RIO.....	307
5.2.1	Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento do Rio de Janeiro.....	307
5.2.2	O trabalho no ateliê de Agache.....	313
5.3	OUTRAS CONSTRUÇÕES.....	324
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	327
	REFERÊNCIAS	335
	ANEXOS.....	344

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, o percurso traçado nem sempre se deu de forma linear. Pode-se afirmar que a direção e os questionamentos, surgidos no decorrer das investigações, orientaram a busca e a construção do objeto, paulatinamente definido por meio de idas e vindas, de avanços e recuos e de tentativas, muitas vezes, frustradas diante da diversidade de caminhos possíveis.

Olhar retrospectivamente para o andamento da pesquisa provoca a ilusão de certa linearidade dos trabalhos, porém, na verdade, houve um esforço em ordenar, nortear sua trajetória, sendo esse aqui apresentado.

As primeiras motivações de tema de doutorado surgiram da retomada do mestrado, intitulado "Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932-1935): ideal estético e realidade política (UnB-2007)", em que se dedicou aos estudos e às análises dos planos originais para a nova capital de Goiás. A documentação que a constitui é oriunda de fontes primárias encontradas nos arquivos da família Corrêa Lima.¹ Os contatos com esse arquivo e com a própria família contribuíram para aumentar o interesse pelo arquiteto urbanista, por sua formação, e, assim, fomentar o desejo de “descobrir” fatos ocorridos na época do desenvolvimento dos projetos para Goiânia.² Durante o mestrado, foi possível estabelecer, com a família de Corrêa Lima, vínculos de confiança, o que permitiu o acesso a um acervo rico.

Esse acervo particular dos Corrêa Lima é de grande relevância para o urbanismo brasileiro. Nele se encontram croquis, correspondências, projetos executivos, textos e memoriais, trabalhos acadêmicos realizados no curso de arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, a ENBA (1920 a 1925), e de outros, quando Attilio C. Lima cursou urbanismo no Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris (IUUP), durante os anos de 1927 a 1930. Portanto, essa farta documentação representa um tesouro para os estudiosos interessados em entender a formação do campo do urbanismo no Brasil, além daquela do arquiteto e de suas atividades na primeira metade do século XX.

¹ A família Corrêa Lima, representada pelo filho de Attilio Corrêa Lima, o também arquiteto Bruno Corrêa Lima, e a sua neta, a museóloga Rachel Corrêa Lima, além de sua nora Marion Corrêa Lima, mantém na cidade de Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro, um museu particular com a produção arquitetônica, urbanística e documentos referentes ao período em que o arquiteto-urbanista exerceu suas atividades acadêmicas e profissionais.

² Attilio Corrêa Lima foi contratado em 1932 pelo então interventor do Estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, para desenvolver os projetos urbanísticos e arquitetônicos, definir o plano diretor e de administração para a nova capital de Goiás.

Nas conclusões apresentadas em minha dissertação sobre os planos de Attilio C. Lima para Goiânia, registrei o anseio de prosseguir as investigações sobre o IUUP, compreendendo que havia uma contradição entre a formação e as realizações dos profissionais preparados pela instituição. O conjunto multidisciplinar de conhecimentos dessa escola orientava-se para a produção de relatórios técnicos nos quais as leituras do lugar, dos sítios, da topografia, das manifestações culturais, sociais e econômicas das áreas de intervenção eram valorizadas. Todavia, o resultado das intervenções, expressos em desenhos e esquemas de novas cidades, era muito similar, caracterizando “modelos de cidades” cujo núcleo principal se definia por uma grande praça administrativa, com papel cívico, e por avenidas monumentais convergiam para essa praça, sublinhando seu poder simbólico.

Como no caso de Goiânia e também de outras cidades-capitais planejadas por professores e alunos do IUUP, as questões simbólicas foram determinantes para as soluções urbanísticas:

[...] analisando as imagens e símbolos que estão por trás das formas e dos traços urbanos, é possível fazer uma conexão da estética urbana desejada, ou idealizada por Corrêa Lima, com as questões políticas nacionais e locais. Essa leitura simbólica dos elementos que estão presentes no urbanismo de Goiânia e que vão além do desenho urbano, fundamenta o traço do urbanista Attilio C. Lima em uma cidade centrada no poder do interventor Ludovico Teixeira. Concluímos que o modelo simbólico, ou o traço urbano, foi bastante coerente com “o cliente”, o interventor federal no Estado de Goiás. (DINIZ, 2007, p. 137).

Para o doutorado, o interesse inicialmente despertado foi o de estudar as novas capitais e cidades planejadas do período entre as duas Grandes Guerras,³ as influências da escola francesa na implementação de planos urbanísticos, em especial aquela do Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris (IUUP). Como consequência apresentei, na seleção para do Programa de Pós-Graduação da FAU-UnB, o anteprojeto intitulado “Formalismo e simbolismo no espaço urbano das cidades monumentais”,⁴ com o objetivo de examinar, considerando a formação dos alunos no IUUP, a influência dessa instituição na elaboração de planos de cidades em diferentes sítios, dando ênfase aos seus aspectos formais e simbólicos.

Em 2011, iniciou-se a revisão do projeto, e foi constatada a importância de aprofundar a pesquisa no Instituto, de forma sistemática, ou seja, buscou-se entender sua organização e seu funcionamento. O projeto de tese foi, então, reconduzido de maneira a investigar o IUUP,

³ Esse recorte temporal justifica-se, pois foi um período de grande efervescência do urbanismo com intervenções em cidades destruídas pelas guerras, construções de novas capitais, remodelações e extensões de outros centros urbanos.

⁴ Anteprojeto apresentado na banca de seleção para doutorado na FAU-UnB em dezembro de 2010.

observando o tipo de ensino que ministrava para reconhecer suas influências através das publicações, concursos e das produções de teses, com destaque para a de Attilio Corrêa Lima, cujo orientador foi Henri Prost.⁵ Reestruturado o projeto, ele ganhou um novo título – “L’Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris (IUUP): tradição e pioneirismo (1919-1968)”. Considerei a necessidade de conhecer e frequentar o Instituto para acessar suas fontes primárias – *les fonds historique* –, e familiarizar-me com seu ambiente acadêmico. No início de 2012, fui recebida no IUP⁶ pelo professor Jean-Pierre Frey⁷. O acesso aos *fonds historique* do Instituto foi irrestrito, permitindo-me vasculhar as teses elaboradas desde 1921, os acervos pedagógicos e registros administrativos, as doações de bibliotecas particulares de antigos professores da instituição, como também obras raras.

Apesar de vasto e precioso, o acervo do IUP não é catalogado. Como não dispõe de bibliotecária, não é organizado, nem selecionado ou classificado. Encontra-se, na verdade, em uma espécie de depósito. Deparou-se com esta condição surpreendente, o que chama a atenção, visto que se trata de um curso tradicional, da Sorbonne, uma das escolas pioneiras na formação de urbanistas no mundo.

Após o primeiro contato com o lugar e a documentação, concluí sobre a impossibilidade de levar à frente a estrutura inicial pretendida para a tese, pois era inviável a pesquisa num acervo sem catalogação (Figura 1). O que procurar? Onde procurar? Como achar?

⁵ Henri Prost (1874-1959), arquiteto e urbanista, laureado com *Prix de Rome*, é cofundador da Société Française des Urbanistes (SFU), professor no IUUP, tendo participado em vários projetos nas colônias francesas: na Argélia e no Marrocos.

⁶ Com a subdivisão da Sorbonne em 1968, o Instituto fica ligado à nova Universidade de Paris IX Dauphine, dominada pela economia. Assim, o Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris (IUUP) passa a ser denominado Institut d’Urbanisme de Paris (IUP).

⁷ Jean-Pierre Frey é arquiteto, sociólogo, professor do IUP desde 1974.



Figura 1 - Fotos do local onde são depositados os *fonds historique* do Institut de l'Urbanisme de Paris.
Foto: Anamaria Diniz, Paris, 2012.

Retornando ao Brasil, novamente procurei reconstruir o objeto de pesquisa, pensando então na possibilidade de “ver” o IUUP através de Attilio Corrêa Lima, mediante um recorte capaz de orientar minhas buscas, idas e vindas aos *fonds historique* e mesmo ao acervo da família Corrêa Lima. Nesse último, encontrei, por indicação do filho de Corrêa Lima, as cartas que o arquiteto trocou com o pai José Octávio Corrêa Lima⁸ durante os cinco anos em que viveu em Paris como pensionista da ENBA no IUUP. Ao mencioná-las à professora Elane Ribeiro Peixoto, esta sugeriu que as cartas poderiam nortear seguramente as minhas investigações, uma vez que o assunto sobre o curso de urbanismo no Instituto era um de seus temas recorrentes. Pedi permissão à família Corrêa Lima para tomá-las como documentos para o meu trabalho. As restrições foram apenas as ligadas aos assuntos relacionados à família, pois se trata de cartas pessoais.

Realizei viagens ao Rio de Janeiro que se confundiram com meu próprio passado vivido nessa cidade. Em várias oportunidades da pesquisa os caminhos de Attilio Corrêa Lima cruzaram os meus e se encontraram de alguma forma com ele. Foram inúmeras as experiências de projeção vivenciadas ao longo do trabalho, como bem explica Roger Dadoun (2000):

[...] mas, como tudo o que vai e volta, a possessão se exerce igualmente em sentido contrário, numa relação de reciprocidade. O biógrafo acaba *possuído* pelo biografado. Essa apropriação mergulha o biógrafo num universo de exterioridade. Em consequência da projeção necessária e exigida pela empatia com o tema, o biógrafo não só acaba modificado, transformado pela figura cuja biografia escreve, como passa a viver, durante o período de pesquisas e redação, no mesmo universo, a ponto de não conseguir distinguir o exterior do interior: Sob a camada do “ele”, a placa do “eu”. (Apud DOSSE, 2009, p. 14, grifo do autor).

A advertência do autor foi importante, mas há de se considerar que lá se vão quase dez anos de contato com a vida e a obra do arquiteto-urbanista, da dissertação de mestrado à tese de doutorado, e mais recentemente, nesse mergulho em suas correspondências. Elas revelam seus pensamentos, sentimentos e experiências, estreitando os vínculos que com ele construí: “Ele em mim e Eu nele”.

A exposição, de forma pessoal, do percurso de minha pesquisa teve por propósito esclarecer como construí meu objeto que não se apresentou como um dado, mas como um amálgama de

⁸ José Octávio Corrêa Lima (1878-1974), escultor, foi um dos principais discípulos do escultor Rodolfo Bernardelli, professor e diretor da ENBA (1890 a 1915), vencedor do Prêmio Viagem em 1899 com a escultura *Remorso*. Casa-se com a italiana Rosália Márzia Benfaremo Corrêa Lima e em 8 de abril de 1901 nasce em Roma o filho único desse casamento, Attilio Corrêa Lima.

informações, documentos que aos poucos foram organizados e desenhados, adquirindo seu contorno de tal forma a torná-lo apreensível.

Devo, então, justificar minhas escolhas, em parte já apresentadas. Resta ainda destacar a importância de Attilio Corrêa Lima que, há muito pouco tempo, se tornou um personagem de interesse para o urbanismo brasileiro. Uma quantidade significativa de trabalhos foi produzida sobre ele, compreendendo dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos. O interesse por Corrêa Lima ensejou recentemente a criação do Programa Attilio⁹ (2009), constituído por seminários realizados por pesquisadores brasileiros e do Instituto de Urbanismo de Paris. Todavia, a revisão do estado da arte permitiu identificar lacunas que a presente tese se dispõe a responder. A revisão da literatura auxiliou a restringir e limitar o enfoque da pesquisa, dedicando os esforços aos aspectos relevantes que clamavam por uma investigação mais detalhada.

Entre esses esforços se evidenciava a necessidade de melhor entender a formação de Corrêa Lima no IUUP, preenchendo lacunas em relação a essa instituição durante os anos de 1920-1930, observando as redes de sociabilidade que ali se formaram e, enfim, elucidar como essa formação se encontra expressa no seu trabalho profissional.

A pesquisa também se justifica por utilizar fontes primárias – as correspondências de Corrêa Lima com o pai –, possibilitando uma construção histórica que se pauta pelo viés da História Cultural, abordagem ainda inusitada no conjunto de trabalhos dedicados ao arquiteto-urbanista.

As correspondências de Attilio Corrêa Lima, como documento de análise histórica, esclarecerão como ele percebia a formação dos urbanistas no IUUP nos anos 1920-1930. Através dos registros das missivas de Attilio C. Lima foi possível traçar as redes de sociabilidade tecidas pelo arquiteto, indicando as suas interdependências, visando à compreensão da circulação de ideias, projetos e intervenções intelectuais e das trocas culturais entre Brasil e França na área do urbanismo.

Uma pesquisa é guiada por perguntas às quais se visa responder. Todavia, essas perguntas não são formuladas de imediato. Eles requerem tempo para serem precisadas. Mediante a aproximação circular do objeto de estudo, cujo movimento procede dos círculos de maiores

⁹ Encabeçado pelas duas instituições (IUP-Paris XII e FAUFBA), pretende-se estruturar um programa de formação em urbanismo, intitulado Programa Attilio, constituído em rede, de forma a contemplar o maior número de instituições desse campo disciplinar na França e no Brasil. Trata-se, portanto, de um programa de intercâmbio acadêmico França-Brasil no campo do urbanismo.

raios aos círculos de menores raios, as perguntas que procurei responder foram se esboçando, após a revisão dos trabalhos de outros pesquisadores, que se dedicaram a estudar Attilio Corrêa Lima, e a revelação das fontes encontradas tanto nos acervos do IUUP quanto em Nova Friburgo, nos guardados da família Corrêa Lima. De maneira esquemática a pergunta-chave que formulei para orientar este trabalho é a que se segue: quais as experiências e trocas acadêmicas, profissionais e pessoais que Attilio Corrêa Lima vivenciou em Paris, no período de 1927 a 1931, quando cursou urbanismo no IUUP, e que redes de sociabilidade contribuíram para a sua formação pioneira? Com o desdobramento dela, tem-se: como se deu a formação dos primeiros urbanistas no IUUP, as trocas e intercâmbios de conhecimentos entre Brasil e França, nas décadas de 1920 e 1930? Como a formação acadêmica de Attilio Corrêa Lima no IUUP influenciou na sua produção urbanística profissional? Quais foram as contribuições de Corrêa Lima e de outros arquitetos brasileiros nos planos para o Rio de Janeiro, de autoria de Alfred Agache?

Apresentadas as minhas questões, esclareço como procedi para responder a elas. As correspondências trocadas entre Attilio Corrêa Lima foram consideradas como o “Fio de Ariadne” de meu trabalho. A partir dos referenciais teóricos, foram analisadas as informações nelas contidas, apontando as várias escalas que Dosse (2009) apresenta em *O desafio biográfico: escrever uma vida, entre o singular e o plural*, reconstituindo não só um período da vida do urbanista, mas também daqueles que faziam parte de sua rede de sociabilidade.

Para ter acesso às correspondências trocadas entre Attilio C. Lima e seu pai, houve uma negociação com a família para definir em que condições elas seriam utilizadas. Deparando-se, inicialmente, com a resistência em torná-las públicas, mas com a interferência da museóloga Rachel Corrêa Lima, neta do arquiteto, compreendendo a importância da pesquisa, o acesso foi permitido, porém com restrições.

Durante dois anos (2012 a 2014), realizei visitas ao apartamento da família Corrêa Lima no Rio de Janeiro com o objetivo de transcrever as correspondências, uma vez que não se consentiu fotografá-las, escaneá-las ou mesmo xerocopiá-las. Rachel C. Lima, como especialista em conservação de documentos em papel, ponderou sobre a fragilidade das cartas.

Primeiramente, as correspondências foram ditadas por Rachel C. Lima. Eram trechos que ela julgava de interesse para a minha pesquisa. E eu os registrei a mão num caderno. A partir da terceira visita tive acesso irrestrito às cinquenta e oito cartas das cento e cinquenta trocadas entre pai e filho, colocadas em uma pasta preta dentro de plásticos transparentes.

A leitura completa de todas as correspondências foi realizada para conhecer seu conteúdo geral, constatando a importância dos assuntos tratados por Attilio C. Lima. Durante um final de semana, todas as cartas foram lidas e confirmadas como documentos relevantes para a pesquisa.

Conhecendo o conjunto das cartas, elas foram registradas em cadernos, transcritas a mão, num trabalho lento e intenso, uma vez que atentei para a escrita original do texto (Figura 2).

As transcrições não obedeceram à organização da pasta, na qual as cartas estavam por ordem cronológica. Elas foram registradas selecionando a quantidade de cartas por período para abrir frente de pesquisas em paralelo. Porém, todas foram posteriormente transcritas.

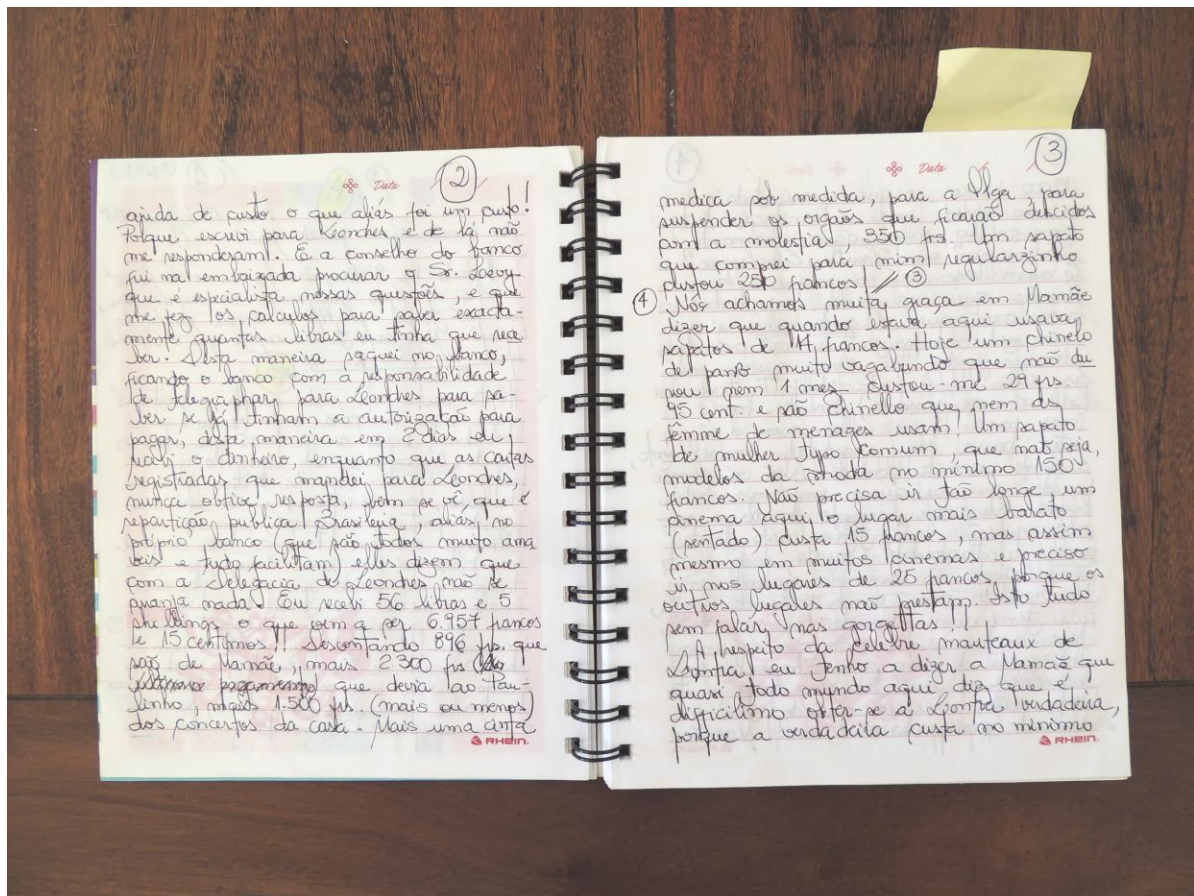


Figura 2 – Caderno de transcrições das correspondências de Attilio Corrêa Lima.

Foto: Anamaria Diniz.

Ao mesmo tempo em que se procedia à transcrição manuscrita das cartas, estas eram digitalizadas atualizando sua linguagem.

Foi elaborada uma tabela (mapa) para organizar o trabalho de transcrição, controlando o que foi realizado, com datas e conteúdos das correspondências, de tal forma a nortear a pesquisa e estabelecer diretrizes de estudos à medida que novos assuntos eram registrados (Figura 3).

Os cadernos de registros das transcrições foram produzidos e, a cada retorno ao Rio de Janeiro, anotações com dúvidas eram esclarecidas por Bruno C. Lima, filho de Attilio C. Lima, como citações de nomes de pessoas, lugares e alguns fatos descritos pelo arquiteto.

Nem todas as correspondências foram transcritas na íntegra. Alguns assuntos eram muito pessoais e outros foram anteriormente relatados pelo arquiteto em cartas prévias, principalmente quando o tema eram as dificuldades financeiras do bolsista na Europa. Os esforços foram concentrados em registrar conteúdos do recorte da pesquisa, isto é, Attilio C. Lima e suas experiências em Paris realizando o curso de urbanismo no IUUP, como também assuntos correlatos.

MAPA - CARTAS ATTILIO CORRÊA LIMA

Data	Revisão	Revisão	Conteúdo (Resumo)
2 de Agosto de 1927	18/05	OK	Revisão
10 de Agosto de 1927	18/05	OK	Revisão
2 de Setembro de 1927	18/05	OK	Revisão
9 de Outubro de 1927	18/05	OK	Revisão
17 de Outubro de 1927	18/05	OK	Revisão
18 de Outubro de 1927	18/05	OK	Revisão
25 de Outubro de 1927	18/05	OK	Revisão
4 de Novembro de 1927	18/05	OK	Revisão
11 de Novembro de 1927	18/05	OK	Revisão
21 de Novembro de 1927	18/05	OK	Revisão
11 de Dezembro de 1927	18/05	OK	Revisão
12 de Dezembro de 1927	18/05	OK	Revisão
18 de Dezembro de 1927	18/05	OK	Revisão
15 de Janeiro de 1928	18/05	OK	Revisão
17 de Janeiro de 1928	18/05	OK	Revisão
24 de Janeiro de 1928	18/05	OK	Revisão
26 de Janeiro de 1928	18/05	OK	Revisão
4 de Fevereiro de 1928	18/05	OK	Revisão
12 de Fevereiro de 1928	18/05	OK	Revisão
19 de Fevereiro de 1928	18/05	OK	Revisão
26 de Fevereiro de 1928	18/05	OK	Revisão
28 de Fevereiro de 1928	18/05	OK	Revisão
29 de Fevereiro de 1928	18/05	OK	Revisão
2 de Julho de 1928	18/05	OK	Revisão
18 de Setembro de 1928	18/05	OK	Revisão
11 de Novembro de 1928	18/05	OK	Revisão
8 de Novembro de 1928	18/05	OK	Revisão
20 de Novembro de 1928	18/05	OK	Revisão
4 de Dezembro de 1928	18/05	OK	Revisão
10 de Dezembro de 1928	18/05	OK	Revisão
16 de Janeiro de 1929	18/05	OK	Revisão
28 de Janeiro de 1929	18/05	OK	Revisão
8 de Fevereiro de 1929	18/05	OK	Revisão
14 de Fevereiro de 1929	18/05	OK	Revisão
4 de Março de 1929	18/05	OK	Revisão
12 de Março de 1929	18/05	OK	Revisão
10 de Abril de 1929	18/05	OK	Revisão
13 de Abril de 1929	18/05	OK	Revisão
Mouilleau, 30 de Agosto de 1929	18/05	OK	Revisão
29 de Setembro de 1929	18/05	OK	Revisão
17 de Outubro de 1929	18/05	OK	Revisão
25 de Outubro de 1929	18/05	OK	Revisão
11 de Novembro de 1929	18/05	OK	Revisão
19 de Novembro de 1929	18/05	OK	Revisão

01/03/2012 - Nova Tribuna
março (14/03) - Rachez em Goiânia - IITGG (13/03)
abril - ref. Fey em Br e Gyn (4 a 7/04)

Em 31/05/2013:
34 cartas - impressas
16 incompletas
4 cartas - a imprimir
38 cartas - completas
19 a revisar *

Figura 3 - Planilha com as correspondências de Attilio Corrêa Lima.
Foto: Anamaria Diniz.

Após a transcrição de todas as cinquenta e oito cartas, procedeu-se à sua organização, numeração e aos destaques dos assuntos recorrentes (Figura 4).

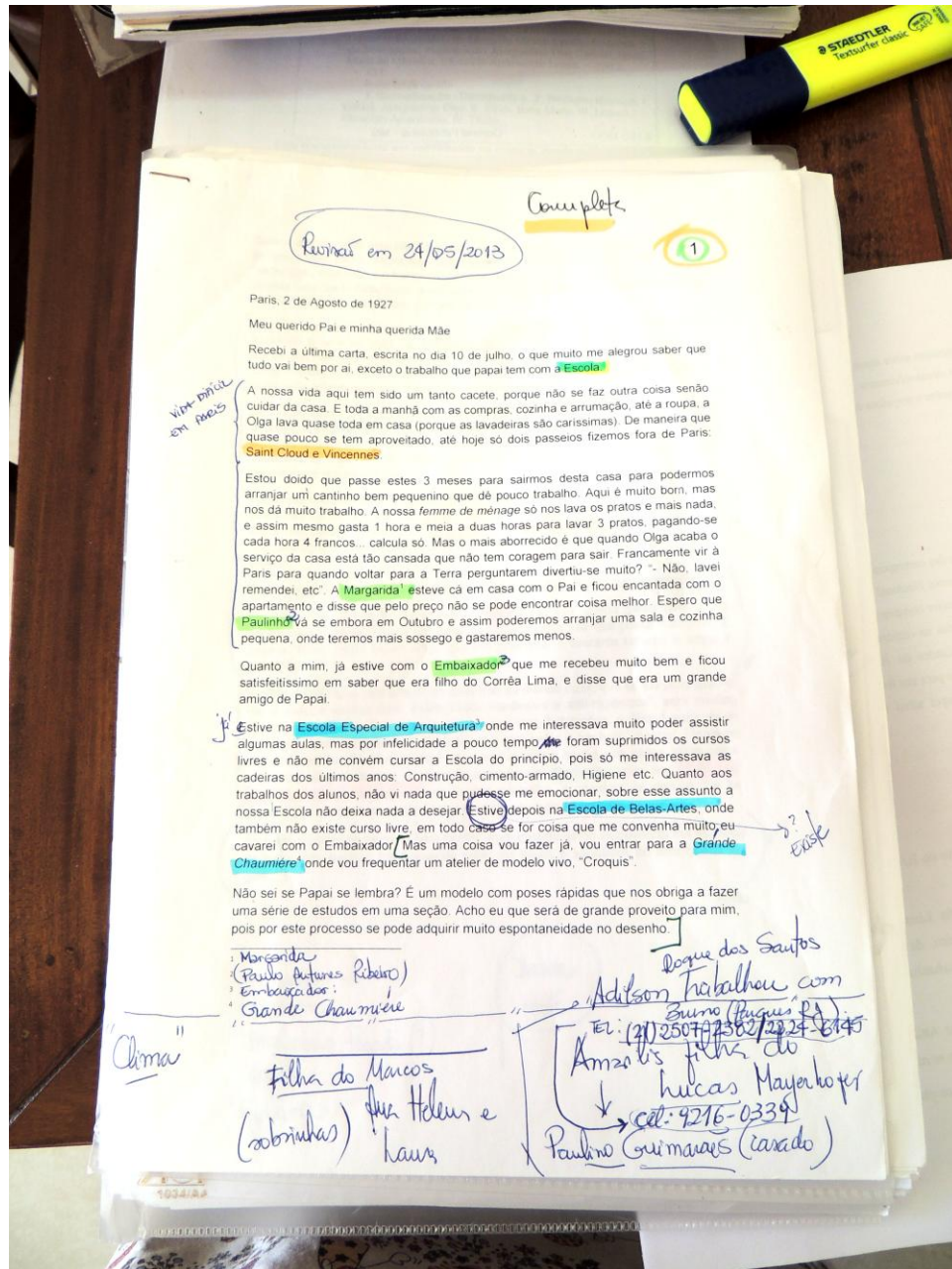


Figura 4 – Correspondência digitada, em que são destacados os assuntos e as dúvidas.
Foto: Anamaria Diniz.

Foi, então, elaborado um “caderno por assunto”, como: dificuldades financeiras, moradia, curso de urbanismo no IUUP, Lubetkin, ajuda de custo, Agache, notícias do Brasil etc. (Figura 5).

Esses assuntos de certa forma determinaram os conteúdos das partes da pesquisa, esquematizando um sumário inicial, mas, à medida que se aprofundou a leitura das correspondências, novos caminhos foram abertos e outros, não tão relevantes como se imaginava, foram incorporados em temas mais amplos.

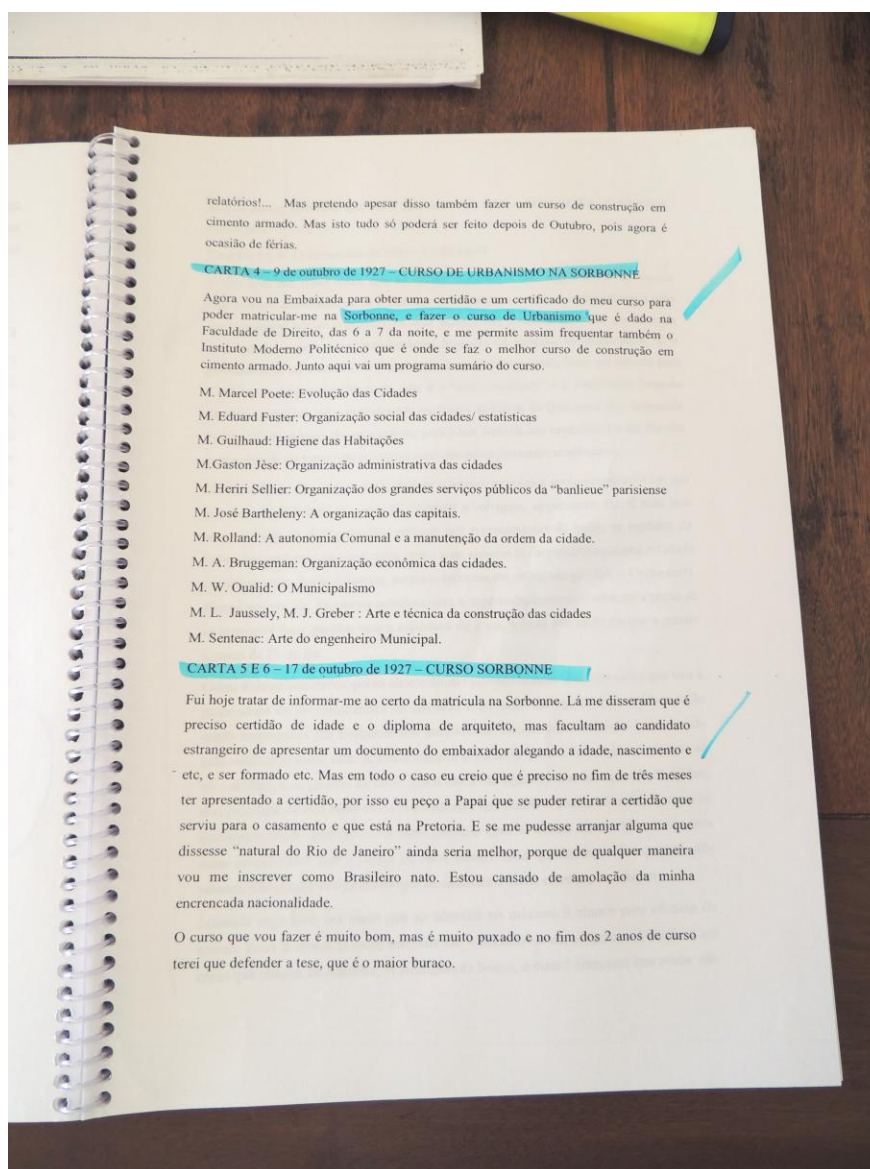


Figura 5 - Caderno organizado conforme assunto das correspondências.
Foto: Anamaria Diniz.

No desenvolvimento da tese, há momentos em que as correspondências são apresentadas como documento principal da narrativa, em outros, elas contextualizam um tema desenvolvido.

Também foram realizadas duas viagens a Paris – uma em 2012 e outra em 2013 –, com o objetivo de conhecer o material disponível no IUP. Na última viagem, sabendo o que buscar no acervo “não catalogado” dessa instituição, o trabalho foi de arqueóloga. Tudo o que vinha à mão e aos olhos foi esmiuçado. Dessa forma, foram encontrados documentos essenciais para descrever a organização e o funcionamento do IUUP. Todo material foi escaneado e digitalizado. Aproveitou-se da estadia na cidade para registrar alguns dos lugares nos quais Attilio C. Lima morou e estudou, como um percurso do arquiteto por Paris.

No Rio de Janeiro, foram pesquisados os arquivos da antiga Escola Nacional de Belas Artes, que se encontra no Museu D. João VI, e o Núcleo de Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o objetivo de recolher material do período em que Corrêa Lima foi seu aluno e de suas produções acadêmicas.

Na Biblioteca Nacional, escaneei os jornais com registros da época do recorte temporal da pesquisa. O conjunto documental foi, então, complementado pela pesquisa do acervo da família Corrêa Lima e dos acervos institucionais mencionados. Somam-se a isto as entrevistas realizadas com Bruno Corrêa Lima e o levantamento bibliográfico relativo ao que se produziu sobre o tema e sobre a abordagem teórica.

O resultado final do percurso de minha pesquisa, aqui apresentado, está organizado em cinco capítulos. O primeiro capítulo, intitulado "Construindo o trabalho", compreende discussões teóricas sobre a construção de biografias e sobre cartas como escrita de si. O segundo capítulo, denominado “A família Corrêa Lima”, visa apresentar as origens de Attilio C. Lima, com base em uma leitura de Pierre Bourdieu e Détrez, para entendimento das questões da formação do arquiteto considerando suas heranças culturais. O terceiro capítulo, chamado de “Attilio Corrêa Lima: o arquiteto”, refere-se à trajetória acadêmica obtida nas instituições.

“Traçando o itinerário pioneiro”, o quarto capítulo, recupera o cotidiano de Attilio C. Lima em Paris, sublinhando as dificuldades enfrentadas e seus estudos no IUUP. Por fim, no último capítulo, “Vida em paralelo”, objetivou-se apresentar o esforço empreendido por Corrêa Lima no aprimoramento de sua formação como arquiteto trabalhando no ateliê de Alfred Agache nos planos do Rio de Janeiro e outras atividades para além dos cursos no IUUP. O fecho do trabalho é apresentado nas considerações, que, na verdade, constituem aberturas para novas possibilidades de pesquisa.

1.1 APONTANDO LACUNAS

Questões instigantes vieram à tona quando me deparei com os documentos referentes ao período em que o arquiteto permaneceu em Paris como aluno premiado,¹⁰ desenvolvendo estudos para sua tese de urbanismo, intitulada *Avant-projet d'aménagement et extension de la ville de Niterói-au Brésil*. Constataram-se importantes lacunas em pesquisas até então elaboradas sobre o IUUP, principalmente no que se relaciona à formação dos primeiros urbanistas brasileiros nessa instituição bem como suas influências na produção urbanística no Brasil, em especial na formação de Attilio Corrêa Lima.

Uma das primeiras pesquisas realizadas sobre a produção urbanística de Corrêa Lima é de Lopes (1993). Trata-se de sua dissertação de mestrado, *A aventura da cidade industrial de Tony Garnier em Volta Redonda*. O propósito de Lopes é reconhecer as bases de Attilio C. Lima na elaboração do projeto dessa cidade que data de 1941, em sua apreciação:

[...] num período de efervescência do pensamento urbanístico moderno, o plano de Volta Redonda irá se inspirar no modelo da Cidade Industrial de Tony Garnier. Vinculada às matrizes conservadoras do pensamento socialista utópico de Proudhon e Saint-Simon, a cidade de Tony Garnier será traduzida no plano de Volta Redonda pelo urbanista Attilio Corrêa Lima. O modelo idealizado na primeira década do século XX, tomando como referência a região de Lyon na França, será descontextualizado no tempo e no espaço na sua versão brasileira, iniciando em meio rural do Vale do Rio Paraíba do Sul, entre o Rio de Janeiro e São Paulo, uma história marcada por profundas mudanças. (LOPES, 1993, p. XVII).

Após uma breve descrição da formação de Attilio C. Lima na ENBA e no IUUP, Lopes (1993, p. 76) destaca que “[...] o período de Corrêa Lima na França é marcado pela realização dos primeiros Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), onde se afirma o ideário do urbanismo progressista [...]”. E o autor conclui que “[...] é compreensível que Corrêa Lima voltasse da França atualizado com a *Cité Industrielle*”, sem, no entanto, apresentar uma análise mais profunda dessas influências na formação do urbanista ou mesmo como ela foi construída.

¹⁰ Attilio Corrêa Lima formou-se em 1925 com o título de engenheiro-arquiteto, recebendo o prêmio: “Grande Medalha de Ouro”. No ano seguinte participou do Concurso Prêmio de Viagem à Europa, o chamado prêmio de Viagem Donativo Caminhoá, o que lhe permitiu seus estudos em urbanismo no IUUP.

Uma das pesquisas importantes que apresenta fatos novos é a dissertação de mestrado de Luiz Gonzaga M. Ackel, intitulada *Attilio Corrêa Lima: um urbanista brasileiro (1930-1943)*, defendida na Universidade Mackenzie de São Paulo em 1996. Ackel desenvolve os estudos recorrendo a fontes primárias do acervo da família Corrêa Lima. O pesquisador buscou as informações nos trabalhos, documentos, imagens e fotos de Attilio C. Lima para construir a trajetória do urbanista. No primeiro capítulo da dissertação, Ackel apresenta a formação do arquiteto, de seu nascimento, em Roma em 1901, a sua permanência na França. Fala da infância do arquiteto, que muitas vezes assistiu ao pai José Octávio C. Lima executar suas esculturas. Também aborda seu ingresso e formação como engenheiro-arquiteto na ENBA (1920 a 1925), sua premiação em 1926, com o “Prêmio de Viagem à Europa”, e o curso de urbanismo no IUUP (1927 a 1931).

Ackel analisa o Instituto a partir de Lamas (2004): “[...] através do *Institut d’Urbanisme*, a França estabelecia o ensino do urbanismo, codificava e definia a metodologia de composição urbana”. E prossegue com as observações afirmando que: “[...] a escola francesa caracterizava-se pela utilização de traçados clássicos, de quadrículas, praças e perspectivas, desenhadas à aquarela e carvão” (ACKEL, 2007, p. 259).

Ainda sobre o IUUP, Ackel cita alguns dos professores de Attilio C. Lima, tais como Leon Jaussely, Henri Prost, e destaca a disciplina *Art et Technique de la Construction des Villes*, ministrada pelo professor J. M. Gréber. O pesquisador reproduz na íntegra o conteúdo da apostila das aulas de Gréber.

Há, no trabalho de Ackel, várias referências a Lamas quando esse aborda a escola francesa de urbanismo. Entre elas, há a menção aos paradigmas urbanísticos seguidos pelos alunos do IUUP. O autor pondera que os modelos apresentados pelos professores estavam profundamente relacionados aos seus trabalhos profissionais elaborados em seus escritórios.

Ao apresentar outros professores do Instituto, Ackel (1996, p. 29) sugere “[...] a inegável influência de Agache na formação de Corrêa Lima, pois que ele havia trabalhado em 1929, no escritório do mestre, em Paris, na elaboração do plano para o Rio de Janeiro”. O autor revela a colaboração de Attilio C. Lima nos planos do Rio de Janeiro de Agache, mas não detalha exatamente que participação seria essa. Porém, ao descrever a presença de Corrêa Lima no Congresso de Urbanismo de Paris em 1928, Ackel completa (1996, p. 29-30):

[...] traçou-se ali um “esquema ideal de cidades”, que representava uma espécie de “tratado da urbanística francesa” e que recomendava que o “tecido urbano” deveria ser diferenciado em sete zonas [...]. A divisão da cidade por categoria de uso e a conseqüente criação de “zonas especializadas”.

E conclui:

[...] foi nesta fase de transição entre o urbanismo tradicional e as novas proposições colocadas em discussão pelo Movimento Moderno que Attilio realizou seus estudos em Paris. Ainda assim, em seus depoimentos e, sobretudo, nos seus trabalhos, ele admite ter sido influenciado pelos novos preceitos. (ACKEL, 1996, p. 30).

O autor dedica um capítulo ao trabalho de tese de Attilio Corrêa Lima, analisando desde o prefácio, escrito por Henri Prost, às proposições de intervenções.

Prosseguindo a pesquisa de mestrado, em 2007, Luiz Gonzaga M. Ackel defende, na Universidade de São Paulo, sua tese de doutorado intitulada *Attilio Corrêa Lima: uma trajetória para a modernidade*. Nos primeiros capítulos, trata sobre a formação de Corrêa Lima na ENBA, mediante a reprodução dos trabalhos realizados, nos quais se pode notar a influência do estilo neocolonial e do academicismo. Além disso, apresenta as disciplinas cursadas e os professores do arquiteto.

Quanto à formação no IUUP e a permanência de Corrêa Lima em Paris, Ackel (2007, p. 40) cita vagamente a existência de cartas que foram trocadas entre o urbanista e seu pai. Em uma delas, descrita pelo filho Bruno C. Lima, Attilio C. Lima comenta: “[...] que a maioria dos professores do *Institut d’Urbanisme* não gostava de Agache, a quem considerava retrógado e ultrapassado” (grifo do autor).

Também no trabalho de doutorado, Ackel destina um capítulo à análise da tese de Attilio Corrêa Lima. No texto, cujos conteúdos e estrutura são os mesmos da dissertação de mestrado, Ackel (2007, p. 46) reafirma:

Attilio Corrêa Lima, evidentemente, foi bastante influenciado por Agache, quando elaborou sua tese de doutoramento para Niterói. Situada defronte ao Rio de Janeiro, na outra margem da Baía de Guanabara e interligava a Capital através de nova ponte proposta, Niterói foi concebida como uma natural extensão territorial do Rio, pois apresentava uma situação geográfica, apertada entre a serra e o mar.

Na revisão dos autores que se dedicaram a estudar a obra de Attilio Corrêa Lima, é preciso mencionar os trabalhos de Manso (2001) e Gonçalves (2002). Como ambos citam Ackel ou

Lamas como fontes para entender a formação de Attilio C. Lima na ENBA e no IUUP, trata-se, portanto, de informações que não acrescentam novos conhecimentos à trajetória profissional do urbanista em estudo.

London (2002), em *A circulação de idéias urbanísticas no meio profissional e acadêmico e sua influência nas obras de Donat Alfred Agache e Attilio Corrêa Lima*, compara morfologicamente os planos de Agache para o Rio de Janeiro e a tese de Attilio C. Lima para Niterói, sem, contudo, mencionar a colaboração de Corrêa Lima nos planos do Rio. Quanto à pesquisa sobre o IUUP, London (2002, p. 15) assegura:

Foram pesquisados os arquivos do *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris*. Este estudo só foi possível graças à gentil colaboração da professora Dra. Margareth da Silva Pereira, que cedeu diversas publicações sobre o IUUP, o *Musée Social* e demais instituições a eles relacionadas, tentando identificar as linhas de pensamento mais importantes e dissecando as disciplinas e principais professores. (Grifo do autor).

Os estudos de London sobre o IUUP contribuem com novas análises por meio de acesso a documentos e publicações possibilitados pela professora Margareth Pereira,¹¹ incluindo informações importantes sobre disciplinas, alunos e seus professores nessa instituição. Há um passo adiante em relação ao trabalho de Ackel, uma vez que London pôde consultar diretamente a documentação do Instituto.

London elabora um estudo sobre a vida e a obra de Agache e Attilio C. Lima, com especial interesse para a influência do urbanista francês na tese do arquiteto brasileiro. Esses dados foram apresentados de maneira cronológica, em forma de linha do tempo, que se estende de 1875 a 1959.

No segundo capítulo de sua pesquisa, London analisa a importância do Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, desde a sua origem na École des Hautes Études Urbaines (EHEU), fundada em setembro de 1919, e depois quando se integrou à Universidade de Paris, em 1924:

O IUUP teve papel preponderante pelo debate teórico, realização de planos e pela irradiação internacional. Exportou saber e formação e os seus urbanistas trabalharam na organização de muitas cidades pelo mundo, conferindo-lhes determinadas

¹¹ Dra. Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira, urbanista pela Université Paris 8 (1979), pós-doutora pela Université de Paris (IUP) em 2004, professora da FAU/UFRJ (2013).

homogeneidade cultural, técnica e distributiva, ainda hoje reconhecível. (LONDON, 2002, p. 23).

Ao detalhar o conteúdo das disciplinas e o papel dos professores do IUUP, London destaca Marcel Poëte. Para afirmar a relevância de Poëte, menciona a disciplina por ele ministrada, *Evolução das Cidades*, descrevendo as atividades pedagógicas e de investigação que realizou, assim como as instituições onde ele trabalhou e aquelas as quais ajudou a fundar, como, por exemplo, em 1911 a *Société Française des Architectes Urbanistes* e a *École des Hautes Études Urbaines* (EHEU).

Quanto aos alunos que frequentavam o IUUP, London elabora seus perfis, com base em seus países de origem:

Dos estudantes estrangeiros, 38% vinham de outros países europeus, notadamente dos países do Leste; 8% provinham da África – em função da importância do império colonial francês naquele continente, 44% da Ásia; e 10% do Continente Americano, sendo da América do Sul. (LONDON, 2002, p. 27).

E, então, conclui:

Percebe-se claramente uma sub-representação dos países industrializados. A importância dos trabalhos e a maturidade do pensamento reformista urbano desenvolvido nesses países desde o fim do séc. XIX explicaria a fraca presença de alunos desses países no IUUP, que poderiam encontrar em seus próprios países um ensino de urbanismo adaptado a suas realidades locais. Ao contrário, os países com forte participação no instituto assinalavam um estado de pobreza em matéria de ciências sociais aplicadas à cidade. Para estes países, a aquisição da cultura francesa do estudo das cidades representou, na década de 20, um enriquecimento intelectual fundamental. (LONDON, 2002, p. 27).

Sobre as teses defendidas no Instituto, London (2002, p.28) atesta que, “[...] apesar de sua pretensão científica, não se apresentava como um trabalho estritamente universitário, inscrevendo-se, em primeiro lugar, na bagagem cultural de cada aluno”. Na verdade, assegura que “o aluno determinava o território físico de suas investigações em função de sua trajetória pessoal”, o que resultava numa formação de urbanistas especializados em problemas urbanos locais. London (2002, p. 28) também descreve a estruturação das teses, que seguiam “uma certa norma”:

Inicialmente eram desenvolvidas as idéias gerais sobre o tema e a parte histórica. Na segunda parte eram apresentados estudos estatísticos, análise de documentos administrativos e uma comparação da legislação francesa com a estrangeira. E finalmente, a reflexão era levada ao terreno das soluções dos problemas levantados. Esta terceira parte evidenciava, de maneira geral, a dificuldade de se obter o ajuste entre conhecimentos gerais e soluções concretas. .

Quanto à biblioteca do IUUP, afirma categoricamente que se trata de uma reunião desordenada de estudos de temas e abordagens distintos, manuais de ensino comuns às escolas de engenharia, enfim, um acervo que permite concluir o estreito elo do ensino ministrado na instituição à tradição higienista do final do século XIX (LONDON, 2002, p. 28).

Outra pesquisa de relevância sobre o tema é *Goiânia: cidade pré-moderna do cerrado – 1922-1938*, de Jacira Rosa Pires (2009).¹² Pires relata o ambiente cultural relacionado aos debates sobre o urbanismo à época em que Corrêa Lima estudava no IUUP. Dedicase a explicar a formação da instituição e apresentar seus professores e as disciplinas ministradas.

Exemplificando o que ocorria com os primeiros urbanistas franceses no pós-Primeira Guerra, Pires (2009, p. 68-69) esclarece:

Na exposição da Cidade Reconstruída, realizada em Paris (1916) pela Associação Geral de Higienistas e técnicos Municipais, foram exibidas pela primeira vez as propostas de planos de reconstrução das cidades destruídas pela guerra. Apesar do êxito dos urbanistas franceses, sendo alguns inclusive laureados com o prêmio de Roma, muitos não conseguiram trabalho na França.

Citando Tony Garnier, H. Prost, L. Jaussely, E. Hébrard e J. Gréber, Pires aponta a “exportação” de urbanistas franceses para outros países. Gréber foi para os Estados Unidos, onde realizou os planos de Filadélfia, e no Canadá, os planos de Ottawa e Montreal; Jaussely foi para Barcelona; Agache, para o Brasil, desenvolvendo os projetos para o Rio de Janeiro; e H. Prost elaborou os planos de Fez, Casablanca, Marrakesh, Tánger, Rabat e Angora.

Ao abordar Attilio Corrêa Lima no IUUP (1927 a 1930), Pires cita as disciplinas por ele cursadas, apresenta os registros de matrículas reproduzidos dos livros do Instituto e analisa sua tese, contudo não estabelece uma conexão entre o conteúdo das disciplinas e as soluções adotadas e descritas no projeto para Niterói, como também nos planos de Goiânia. Os dois projetos elaborados por Corrêa Lima, Niterói e Goiânia, são analisados sob o aspecto das

¹² E também sua tese de doutorado (PIRES, 2005).

proposições, no qual se verifica que a questão do rebatimento da formação do arquiteto-urbanista no IUUP tem suas interpretações em citações de intervenções urbanísticas de alguns professores do Instituto. Apesar do avanço representado pelo trabalho da autora, a formação de Attilio Corrêa Lima como urbanista ainda não é devidamente aprofundada, restando lagunas que não conseguem explicar suas decisões e carreira posterior.

Buscou-se aqui apresentar um estado da arte sobre Attilio Corrêa Lima. Os trabalhos comentados, todos com contribuições importantes, deixaram um espaço para a pesquisa que se empreendeu e que aqui expõe seus resultados finais. Conclui-se que seria importante apreender a formação do arquiteto urbanista de forma mais detalhada, o que se tornou possível graças à documentação zelosamente guardada por seus descendentes.

1.2 CARTAS COMO DIÁRIO

Paris, 10 de agosto de 1927

Meu querido Pai e querida Mãe,

Muito satisfeito estou por ver a boa camaradagem do Ministro com Papai, só assim poderá ele fazer muita coisa. E espero que papai consiga a Reforma, principalmente no ponto que toca à admissão à Escola.

Aqui, tanto na Escola de Belas Artes como na Escola Superior de Arquitetura a admissão é feito mediante apresentação de diploma de arquiteto ou exames que correspondem a todos preparatórios. Muito me alegrou também saber o que Bernardelli vai expor por deferência a um pedido de Papai.

Papai, estou frequentando a Academia de *La Grande Chaumiére*, onde estou desenhando modelo vivo..! Eu não sei se é decadência, ou se é porque são gênios, mas a verdade é que eu vejo lá cada um de arrepiar, fazendo cada bota como nunca vi. Aqui ainda há muito gravatão com cabeleira e barba à Nazarena. O professor de escultura aqui é o A. Bourdelle e é o curso mais caro que tem, eu pago 30 francos por 10 seções.

Aquele artigo que mandaram do Vasconcellos sobre o Agache me indignou muito, pois as idéias que ele tem sobre os concursos de casas econômicas foram dadas por mim para que fossem levadas ao conhecimento do prefeito, o que ele nunca quis fazer, e vivia sempre protelando as audiências ao prefeito, naturalmente para fazer o que fez. Mas não há dúvida, eu vou mandar aquele artigo pelo correio com um cartão meu felicitando-o [...].

Attilio Corrêa Lima escrevia aos seus pais assiduamente. Ele o fazia depois do jantar. Redigia correspondências longas e detalhadas como “cartas-diário”. As primeiras em “papel almaço”, as demais em papel de seda e as últimas, de 1930 em diante, em papel timbrado contendo seu nome e sua profissão, urbanista formado pela Sorbonne.

A temática central dessas correspondências está relacionada à descrição do seu dia a dia, suas atividades acadêmicas desenvolvidas no IUUP, a vida com sua esposa Olga Fernandes,¹³ com os amigos e colegas, havendo comentários detalhados sobre as notícias que chegavam do Brasil através dos jornais ou de cartas recebidas. Apesar de os assuntos serem mais direcionados ao pai, era a mãe, a Sra. Marzia, quem abria as cartas, e as lia, sendo também ela, quase sempre, que as respondia, uma vez que o “Sr. Diretor estava sempre ocupado com seus bonecos”. Era assim que Attilio C. Lima referia-se aos motivos pelos quais as cartas do pai eram raras, pois ele estava envolvido na direção da ENBA e com execuções de encomendas de esculturas. Quase todas as missivas iniciam-se com: “Queridos Pais”, “Meu querido Pai e querida Mãe,” e ainda “Querido Pai e querida Mãe”, demonstrando a afeição e uma relação muito próxima. Nas despedidas, pode-se ler: “Lembranças a todos e muitos beijos e abraços do filho que muito os quer”, “Muitas lembranças a vovó e a todos de casa, a todos do ateliê e muitos beijos e abraços do filho que muito os quer”, expressões que exemplificam os laços estreitos de família.

Outra faceta presente nas correspondências de Attilio C. Lima é seu lado espirituoso e bem-humorado para tratar de suas dificuldades financeiras, “sobrevivendo com a bolsa miserável de estudos” em Paris, como demonstra este versinho escrito ao final de uma das cartas:

Faça chuva ou faça Sol!
 Quer soirée ou matineé!
 Com o mesmo terno cinzento
 Todo o mundo há de me ver!

Não fique Patrão assustado
 Com estas palavras Sapecas
 Pois podia ser pior
 Podia só ter as cuecas!!!

Mas com tudo me conformo
 Exceto... e esse caso é bem astuto
 Não é que o terno cinzento?...
 (Aos Domingos). Sózinho!!! Vai ao Instituto

Aqui a Musa cala
 Porque assim os comovo
 O que eu desejo é Boas-festas
 E um Feliz Ano Novo.

Lutetia
 Attilius Fexit
 Anno Dominus
 1928¹⁴

¹³ Olga Fernandes era professora e, enquanto esteve acompanhando Attilio Corrêa Lima em Paris, também cursou Psicologia na Sorbonne.

¹⁴ Correspondência de Attilio Corrêa Lima de 28 de dezembro de 1928 enviada aos pais.

Quando trabalhou no ateliê de Alfred Agache nos planos para o Rio de Janeiro, Attilio Corrêa Lima destacou de forma irônica o tratamento dado ao urbanista francês pelos brasileiros. Em uma das cartas lê-se: “[...] O que é preciso é a gente se Agachar diante dessa gente que se Agacha para o Agache!”¹⁵

A distância do Brasil era expressa em seu entusiasmo pelo país e por tudo que fosse brasileiro:

[...] E ao Agache, Papai fará o favor de dizer que eu mando dizer que, se ele acha que no Rio é preciso acabar com “esses cubos medievais e anti-higiênicos”, será preciso destruir toda Paris! Em matéria de higiene das habitações o Brasil está muito adiantado. Começa que no Brasil toda casa tem ar, luz e banho!... banho!... (palavra que em francês não existe). Aqui só existe ar, luz e banho nas casas feitas pelos arquitetos ultra-modernos. E quando aparece um Corbusier com seu “*Vers une Architecture* e seu *Urbanisme*” que é uma maravilha, o chamam de maluco. Se for possível me arranjam as conferências do Agache, seria muito bom.¹⁶

À medida que as transcrições e leituras das correspondências foram progredindo, em paralelo, houve a preocupação em como trabalhar o material epistolar como objeto histórico. Para tal, foram empreendidas leituras teóricas, buscando tratar esse documento com problematizações pertinentes e procedimentos metodológicos adequados. Entendeu-se que, através das cartas de Attilio C. Lima, seria possível construir uma biografia, um recorte de sua vida no período em que o arquiteto morou em Paris cursando urbanismo no IUUP (1927 a 1931).

Compreendida essa abordagem, é necessário tecer algumas considerações sobre as biografias. François Dosse (2009, p. 2), em *O desafio biográfico: escrever uma vida*, reflete sobre as dificuldades que os pesquisadores em biografias encontram, e questiona: “[...] a biografia cerca-se somente da inventividade ficcional ou de uma identidade puramente científica?”. Para o historiador francês, segundo Solano (2010, p. 2), “[...] a memória para o biógrafo é o artifício que lhe possibilita lembrar e fazer recordar uma vida, assim há a necessidade do outro, que partilha suas recordações sobre figuras históricas inolvidáveis ou não”.

Mas Dosse (2009, p. 55) considera a biografia um gênero híbrido: “[...] a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador”.

¹⁵ Correspondência de Attilio Corrêa Lima de 2 de julho de 1928 enviada aos pais.

¹⁶ Trecho de correspondência de Attilio Corrêa Lima, de 2 de agosto de 1927, enviada aos pais.

A biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado, possibilitando-lhe, por isso mesmo, comparar sua própria finitude à da personagem biografada. Ademais, a impressão de totalização do outro, por ilusória que seja, responde ao empenho constante de construção do eu em confronto com o outro. Ainda, diz o autor:

O passado, pelos olhos atentos do agora, nos traz imagens diversas de um mesmo indivíduo, permitindo-nos a reconstrução de faces não reveladas, de sujeitos em aspectos plurais. Somos levados a conceber múltiplas interpretações que envolvem uma única vida, tendo a hermenêutica, além da memória, a tarefa de revelar o ‘real’ em sua complexidade, uma realidade posta sob distintas descrições. (DOSSE, 2009, p. 14).

Na abordagem do indivíduo, daquilo que lhe é próprio, e do coletivo social, daquilo que é compartilhado, os estudos de hermenêutica colaboraram para uma reflexão madura sobre o gênero biográfico. Esta ordem de reflexão buscou compreender o que é o sujeito e quais são “os processos de subjetivação”. O outro, aquele que pretendemos estudar, revela-se não só em sua singularidade, mas numa unidade definida na relação entre biógrafo e biografado e seus respectivos pertencimentos sociais.

No jogo entre o próprio, o socialmente construído e os processos de subjetivação, Solano (2010, p. 9) observa com acuidade “[...] a concepção do indivíduo múltiplo, plural, trouxe novas questões, que apontaram para uma inquietação convidativa: ao furtar-se do unitário, do sujeito no seu aspecto singular, não estaria o historiador criando ruptura e fragmentos sem significados?”. Buscando propor aos historiadores uma saída plausível, o autor evoca Paul Ricoeur e os conceitos de ipseidade e mesmidade.

O primeiro termo, ipseidade, é assim explicado: “[...] o Si (*Ipse*) se constrói, não pela repetição do mesmo (*Idem*), mas pela relação com o outro” (RICOEUR, 1990 apud DOSSE, 2009, p.14). Ou seja, ipseidade seria aquilo que caracteriza o indivíduo como ser único, singular, como nenhum outro, possível na relação com o Outro. Quanto ao conceito de mesmidade, Ricoeur se refere ao sujeito situado, no tempo e espaço, susceptível de mudança no decorrer da história. A coesão entre os dois conceitos se dá por meio da narrativa, nos termos de Ricoeur e assim explicitado por Solano (2010, p. 10):

[...] No entanto, pelo aspecto narrativo, conseguimos fazer uma mediação, como demonstra François Dosse, entre a ipseidade e a mesmidade, reconstruindo assim uma coesão que se centra no fazer e no desfazer de uma vida. Não obstante, estudar

o homem é analisar as múltiplas imagens que se formam sobre ele ao longo dos olhares e “reolhares” da história.

Segundo Lorenzetti (2010), outras perspectivas acerca do biográfico anunciam-se mais fortemente a partir da chamada “guinada crítica” ocorrida na historiografia francesa a partir da década de 1980, quando se buscou romper com o estruturalismo e com as generalizações demasiadas na interpretação da história. Dosse denomina esse rompimento idade hermenêutica, ligada, sobretudo, à singularidade individual, à reflexão sobre as heterogeneidades, às identificações diversas dos sujeitos no decorrer de sua trajetória, que não é mais linear e centralizada, mas apresenta reentrâncias e singularidades. É o momento da biografia existencialista e não causalista de Jean Paul Sartre (*L' idiot de la famille: Gustave Flaubert de 1821 a 1857*), do uso da história oral, da valorização do indivíduo e da narrativa, da micro-história de Carlo Guinzburg (*O queijo e os vermes*), Jacques Le Goff (*São Luis*) e Michel Foucault (*Eu, Pierre Rivière...*), também da história psicológica de Sigmund Freud (*Moisés e o monoteísmo*) e da ego-história: “[...] é o retorno do sujeito após um longo eclipse ao peso das estruturas” (DOSSE, 2009, p. 252).

As biografias obedientes à cronologia e dedicadas aos heróis são definitivamente superadas no século XX, como também as biografias totalizantes, tais como as realizadas pela Nova História, que pretendiam dar conta do contexto a partir do sujeito. Segundo François Dosse (2009, p. 359), a idade hermenêutica caracteriza-se pela: “[...] variação do enfoque analítico, pela mudança constante da escala, que permitem chegar a significados diferentes com respeito às figuras biografadas”. É a unidade do passado vista pelos olhos das singularidades individuais, não estando mais a escrita biográfica relegada ao cronológico e linear.

Para Dosse (2009, p. 344), o grande desafio do historiador em relação à escrita biográfica é encará-la como possível, pois ela é, segundo o autor, aquela que: “[...] oferece um acesso privilegiado para nos aproximarmos ao máximo da interioridade/exterioridade, do singular/geral, sendo, portanto, o que mais lembra o ideal impossível de globalidade”.

O historiador francês, então, convida os interessados em construir biografias que ultrapassem a concepção de Pierre Bourdieu, para quem a biografia seria uma ilusão, dada a impossibilidade em contar a vida total de uma pessoa, pois as lacunas deixadas pelos documentos seriam substituídas pelas coerências fictícias do historiador. Para Bourdieu, a biografia não seria um gênero pertinente aos historiadores, pois não haveria a preocupação com a verdade dos fatos. Dosse aponta exatamente esta questão como a mais importante às

concepções bourdesianas, pois, para ele, tanto o biográfico quanto o fazer histórico são levados a cabo pelo próprio escritor e dependem, até certo ponto, dos “elementos ficcionais”. A uni-las está o respeito que se deve ao real sem, contudo, ter em vista a sua compreensão total. Na atualidade, o historiador/biógrafo “ sabe que o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica. A porta permanece escancarada para sempre, oferecida a todos em revisitações sempre possíveis das infrações individuais e de seus traços no tempo” (DOSSE, 2009, p. 410).

Dosse (2009, p. 410) conclui:

A biografia reencontra também a escrita histórica em seu papel de rito de enterro. Instrumento de exorcismo da morte, ela a introduz no cerne mesmo de seu discurso e permite simbolicamente a uma sociedade situar-se ao se dotar de uma linguagem sobre o passado. O discurso do historiador nos fala do passado para enterrá-lo. Ele tem, segundo Certeau, a função de túmulo, no duplo sentido de honrar os mortos e de participar de sua eliminação do cenário dos vivos. As revisitações, tanto histórica como biográfica, têm essa função de abrir para o presente um espaço suscetível de marcar o passado para redistribuir o espaço dos possíveis. A prática do historiador está, pois, por princípio aberta a novas interpretações, a um diálogo sobre o passado aberto para o futuro, a ponto de se falar cada vez mais de “futuro passado”.

Assumindo que através das cartas de Attilio Corrêa Lima será possível construir uma biografia, um recorte de sua vida, no período em que o arquiteto morou em Paris, têm-se expressões “de faces não reveladas”, de realidades apresentadas sob distintas descrições, na dependência de quem as apresentou.

O material epistolar com certeza oferece uma fonte privilegiada que proporciona a aproximação com o arquiteto, permitindo ao mesmo tempo a leitura de sua trajetória profissional em diferentes escalas, identificando aquilo que é o singular e aquilo que é plural. As cartas também permitem vislumbrar o “futuro passado”, convidando outros pesquisadores a contribuir para elucidar a trajetória pioneira de Attilio Corrêa Lima. E, finalmente, como Dosse (2009, p.410) o afirma, a “biografia reencontra também a escrita histórica em seu papel de rito de enterro”, concluindo que ao recuperar nessas correspondências um passado desconhecido, com possíveis revelações inéditas, simbolicamente, ao mesmo tempo, seria um ato de exorcizá-lo para finalmente enterrá-lo, até que novas revisitações aconteçam.

1.3. ESCRITA DE SI

Para Malatian (2009, p. 1), as correspondências “[...] resultam de atividades solitárias de introspecção, ainda que sua autoria possa ser partilhada por secretários, assessores ou familiares. Trata-se de *escrita de si*, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta [...]” (grifo da autora). Nas palavras dessa autora:

[...] cartas constituem um gênero cultivado desde a Antiguidade como forma literária e fontes de informações para estudos biográficos. Desde o século XVIII, assumiram também uma dimensão educativa, passando a ser utilizadas na formação dos jovens, graças ao reconhecimento de seu papel como “arte formadora da existência”. Nos dias atuais, as cartas perderam espaço na vida cotidiana dos indivíduos, porém os avanços da tecnologia permitiram o aparecimento de novas formas e novos suportes de textos de *escrita de si*. Tal é o caso dos e-mails, blogs e sites de exposição virtual da vida privada, com ampla rede de leitores que compartilham as informações, num peculiar e interessante cruzamento entre o público e o privado, que escapa ao controle de seu autor para alcançar circulação planetária. (MALATIAN, 2009, p. 196, grifo da autora).

A partir do século XVIII, as cartas adquiriram um papel cada vez mais relevante para expressão de sentimentos, emoções e experiências. Conforme Malatian (2009, p. 196), “[...] o hábito da correspondência tornou-se mais difundido, alcançou diversas camadas sociais e constituiu-se em prática cultural bastante apreciada na Europa como na América”. Exemplificando as modalidades de correspondências, a autora lista: “cartas de amizade, família, pedidos, recomendações, conselhos, censura, louvor e agradecimentos”. O século XIX não foi apenas o século da História, “foi também o século das correspondências, que se tornaram objeto de coleção e mesmo uma moda, com a formação dos tesouros de autógrafos, que atendiam o gosto antiquário” (MALATIAN, 2009, p. 196).

Segundo a autora, com a ampla alfabetização, o aumento do hábito da leitura e as práticas arquivistas contribuíram para a popularidade das cartas. Antes mais restritas ao universo masculino, elas se tornaram cultivadas pelas mulheres, inclusive para dar vazão a talentos literários reprimidos. Além do gosto amplo pelas cartas, os meios para trocá-las melhoraram sensivelmente, pois contavam com mudanças sensíveis nos meios de transporte. Ao citar a historiadora Michelle Perrot para explicar os códigos de sociabilidade, Malatian (2009, p. 198) observa que a virtude doméstica exigia controle e decoro nas correspondências: “Assim como diários e autobiografias, as cartas expressavam a vida privada segundo regras de boas

maneiras e apresentavam uma imagem de si controladoras da espontaneidade e da revelação da intimidade”.

Para Gomes (2004, p. 10), “[...] a escrita auto-referencial ou a escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental”. Trata-se de denominação que ficou mais clara a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre indivíduo moderno e seus documentos. Para a autora:

[...] os tempos modernos são de consagração do lugar do indivíduo na sociedade, quer como uma unidade coerente que postula uma identidade para si, quer como uma multiplicidade que se fragmenta socialmente, exprimindo identidades parciais e nem sempre harmônicas. Essa tensão constitutiva do individualismo moderno tem implicações fundamentais para o estabelecimento das modalidades de produção de si anteriormente referidas. Isso porque, com essa nova categoria de indivíduo, transformam-se, entre outras, as noções de memória, documento, verdade, tempo e história.

As alegações que fortalecem as novas práticas resultam tanto da afirmação sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um.

Gomes (2004, p. 13), então, pondera:

A “ilusão biográfica”, vale dizer, a ilusão de linearidade e coerência do indivíduo, expressa por seu nome e por uma lógica retrospectiva de fabricação de sua vida, confrontando-se e convivendo com a fragmentação e a incompletude de suas experiências, pode ser entendida como uma operação intrínseca à tensão do individualismo moderno. Um indivíduo simultaneamente uno e múltiplo, e que, por sua fragmentação, experimenta temporalidades em sentido diacrônico e sincrônico. (GOMES, 2004, p.13).

Para a autora, as práticas de escrita de si podem evidenciar, com muita clareza, “como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão”. Podem mostrar também como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: “um tempo da casa, um tempo do trabalho etc.”. Diante desse quadro, o indivíduo que reclama sua identidade o faz registrando sua vida. A autora, então, conclui que:

[...] na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo o indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do

indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si. (GOMES, 2004, p.13).

Sobre os registros de memória dos indivíduos modernos, Gomes (2004, p. 13) comenta que eles são:

[...] subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. Seu valor, especialmente como documento histórico, é identificado justamente nessas características, e também em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas. Sociedades que separaram o espaço público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos. Uma sociedade em cuja cultura importa aos indivíduos sobreviver na memória dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo. É dos indivíduos que nasce a organização social e não o inverso.

A escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante da sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade. Toda a documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” – como a literatura tem designado –, que se exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões “íntimas e profundas” do indivíduo que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua autoridade, sua legitimidade como “prova”. Assim, a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade (GOMES, 2004, p.14),

Para Gomes (2004, p. 14), “uma documentação construída nessas bases exige deslocamentos nos procedimentos de crítica às fontes históricas, no que envolve questões relativas ao ‘erro’ ou à ‘mentira’, digamos assim, do texto sob exame”. Também, para ela, está descartada *a priori* qualquer possibilidade de se saber “o que realmente aconteceu” (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como o autor a expressa e, assim, conclui:

[...] o documento não se trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido do real pelo vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. Algo que pode enfeitar o leitor/pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe é construtivo, e em face do qual certas reflexões se impõem. Nesse sentido, o trabalho de crítica exigido por essa documentação não é maior ou menor do que o necessário com qualquer outra, mas precisa levar em conta

suas propriedades, para que o exercício de análise seja efetivamente produtivo. (GOMES, 2004, p.14).

Outro ponto que a autora apresenta sobre o estatuto da escrita de si é a relação do texto como autor. De um lado, haveria a postulação de que o texto é uma “representação” de seu autor, “[...] que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar; de outro, o entendimento de que o autor é uma ‘invenção’ do próprio texto, sendo sua sinceridade/subjetividade um produto da narrativa que elabora” (GOMES, 2004, p.16). Gomes entende a escrita de si como um resultado de “editores”, e não de autores propriamente ditos. E completa:

[...] é como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um ator e uma narrativa. Uma idéia que se alimenta do entendimento de que a escrita de si foi mobilizada pelos indivíduos modernos com múltiplas intenções, entre as quais a de permitir o autoconhecimento, o prazer, a catarse, a comunicação consigo mesmo e com os outros. Uma mobilidade de ação que permitiria a seu autor uma mudança e/ou um controle maior sobre a própria vida, numa dimensão quer religiosa, quer laica. Mas esse entendimento não supõe nem uma presumida essência anterior de quem escreve, nem sua completa fatura pelo discurso que elabora, nem uma unidade perfeita entre quem escreve e quem é produzido pela escrita. (GOMES, 2004, p.16).

Outra questão da escrita de si apontada pela mesma autora diz respeito à distância entre sujeito que escreve e o sujeito da narrativa. Mesmo sendo essa uma autobiografia ou uma carta ou ainda um diário, deve estar claro que essa distância “pode ser mais esclarecida quando se tem em mente que a escrita de si é uma das práticas culturais que integram um conjunto de novas relações íntimas próprio à sociedade moderna que consagrou o individualismo” (GOMES, 2004, p.16). São também características dessa sociedade a sinceridade e a intimidade, frequentemente correlacionadas, pois foi o indivíduo que se tornou "sincero e verdadeiro", podendo dar livre expressão às suas emoções e ações. Essa acepção do indivíduo permite, concomitantemente, a menção a sua condição fragmentada, que a escrita de si se esforça em cozer e dar significado.

Segundo a autora, “[...] a fragmentação do indivíduo moderno e de sua memória deixa claro que o tempo tem ritmos e conteúdos diferenciados na diacronia e na sincronia; que não pode ser entendido como linear, único e progressivo” (GOMES, 2004, p.16). E prossegue:

[...] é exatamente por isso que a sensibilidade própria da escrita de si procura controlar a relação que se estabelece entre o tempo e o “eu” do indivíduo moderno, buscando conseguir estabilidade, permanência e unidade. Uma relação que começa a ser operada, conforme estudos que se dedicam ao assunto, a partir dos próprios suportes materiais da escrita de si, isto é, a partir do texto, situado ele mesmo como um objeto da cultura material de uma época. (GOMES, 2004, p.16).

Assim, para Gomes (2004, p.16), “[...] a verdade, não mais unitária, mas sem prejuízo de solidez, passa a ser pensada em sentido plural, como são plurais as vidas individuais, como é plural e diferenciada a memória que registra os acontecimentos da vida”.

As reflexões sobre a construção de uma biografia e da escrita de si são balizadores para a construção do itinerário de Attilio Corrêa Lima. É imprescindível considerar a construção biográfica como um exercício de aproximação, sempre aberto, jamais concluído. Aquele que se sente atraído por uma história de vida depara-se com as lacunas documentais, com os processos de identificação com o biografado, com a dificuldade de trazê-lo do silêncio para o presente e, ao mesmo tempo, de ele enlutar-se.

As discussões sobre a escrita de si alertam para o enfiamento das correspondências como documentos, mostrando como elas são simultaneamente as "formas de ver o mundo" de seus autores, na condição de indivíduos nas suas múltiplas dimensões, papéis e historicidade. Portanto a leituras dos autores citados foram preparatórias para o desafio proposto pelas correspondências mantidas entre pai e filho, durante os cinco anos em que estiveram afastados.

1.4 COMO UM FIO CONDUTOR: O QUE AS CARTAS DIZEM?

Apesar de ainda faltar um mês para começar a primavera, já os dias aqui são bonitos, e não faz mais frio. Hoje por exemplo foi um dia de sol lindo, até parecia o Rio de Janeiro! Mas não temos aproveitado, porque tenho ficado em casa para fazer os trabalhos que Papai me pede, para a Escola. [...] Outro dia assisti a uma conferência do Agache onde ele disse uma série de asneiras, inclusive que no Rio tem pessoas de competência, mas incapazes de conceber um plano da cidade, mas que felizmente teve um Prefeito inteligente que chamou um Urbanista francês. E outras parvoíces como: que quando ele fez a sua conferência, no Rio, veio gente de toda parte para ouvi-lo, e que mais de 1.600 pessoas encheram o maior teatro do Rio, etc. Apesar de todas essas asneiras eu continuarei a trabalhar com ele até o fim, para aproveitar ao menos um bocadinho do dinheiro que nossa terra está botando fora!¹⁷

As correspondências entre Atílio Corrêa Lima e seu pai, durante os anos de 1927 a 1931, período em que morou como aluno pensionista da Escola Nacional de Belas Artes em Paris, não são meramente cartas trocadas entre pai e filho, mas registro de uma época, entre “amigos confidentes”, que se aconselhavam e compartilhavam experiências.

Desde criança, ele frequentava o ateliê de escultura de seu pai, José Octávio Corrêa Lima. Havia uma ressonância na relação entre pai e filho, segundo o testemunho de Bruno C. Lima. Era no ambiente de arte, de amigos escultores, pintores e arquitetos em que Atílio C. Lima cresceu e pôde desenvolver suas habilidades artísticas (Figura 6).

É perceptível nas trocas de correspondências o quanto a construção da relação pai-filho é estreita, até mesmo na forma do tratamento e do “linguajar” utilizado por Corrêa Lima, o filho, que se dirige ao pai como um amigo em quem confia e de quem deseja ouvir conselhos, dividindo os acontecimentos do cotidiano:

Paris, 19 de novembro de 1929

Queridos Pais,

Estou aproveitando uma folguinha para poder escrever, pois agora minha vida está mais complicada do que nunca, não tinha tempo para nada. Ontem fui cortar o cabelo porque já não dava mais para andar na rua: todo mundo parava para me olhar, pensavam que eu por extravagância usava cabelo à Inglesa!! De dia trabalho naqueles cacetéssimos trabalhos da Escola, tenho aulas das 5 às 6, venho jantar em casa para voltar a aula das 8 às 10 da noite. Assim que acabar os trabalhos da Escola preciso pegar firme na Tese, que parece mais uma tese à prestação, tal a maneira como vem sendo feita. Além da tese tenho o curso de cimento armado, que não posso perder essa oportunidade [...].

¹⁷ Correspondência de Atílio Corrêa Lima de 26 de fevereiro de 1928 enviada aos seus pais.



Figura 6 - O menino Attilio Corrêa Lima, ao lado do pai, José Octávio Corrêa Lima.
Fonte: Acervo da família de Corrêa Lima.

Destacam-se entre as correspondências interessantes para o pesquisador as cartas de família, muito adequadas para estudos biográficos e do cotidiano. Segundo Malatian (2009, p. 202), “analisá-las como parte de uma dada cultura significa também compreender as redes de relações e as estratégias de identificação empregadas pelos membros de uma família para, por exemplo, mantê-la unida”. Ainda do ponto de vista cultural, é possível descobrir nessas

correspondências de acordo com “[...] os apelos a data, hora, ritmo epistolar, tempo gasto na escrita, o momento da chegada ou partida do correio, além de indícios da experiência pessoal do tempo” (MALATIAN, 2009, p. 207).

Cabe ao historiador decidir o que irá buscar nos documentos disponíveis, fazendo deles fontes ou objeto de História. Em outras palavras, é importante definir qual a questão a ser colocada ao documento para que ele nos fale.

Quanto ao imaginário e as relações com pessoas ou grupos, Malatian (2009, p. 207) afirma:

Do mesmo modo o espaço se faz presente no interior das cartas para fabricar um imaginário e exprimir relações com pessoas ou grupos numa dada circunstância. Assim como o cuidado com a marcação do tempo, a indicação de lugares sugere o tipo de inserção espacial do missivista e pode fornecer importantes referentes para a análise de sua cultura. Dessa perspectiva, resulta a relevância do aprendizado da escrita de cartas por incorporar normas e valores de um grupo. Isso deverá estar presente numa abordagem cultural no sentido de compreender como se constitui o repertório de gestos e emoções passíveis de recepção na troca epistolar, e como certas famílias chegam apropriar-se dele.

Além do acesso ao cotidiano singular, é possível, por meio dos estudos de correspondências, alcançar a difusão de códigos domesticadores de afetos e, afinal, como aponta Norbert Elias (2008), uma “civilização de costumes” inscrita em redes de sociabilidade, a que serve de fios de costura e bordado.

A família Corrêa Lima tem sob sua guarda as cartas que o arquiteto-urbanista enviou aos pais. Contudo aquelas que ele recebeu não foram conservadas. Bruno C. Lima afirma que seu avô, José Octávio, “tinha a mania de guardar tudo”, razão por que essas correspondências foram preservadas.

Num universo de cento e cinquenta correspondências, pode-se ter acesso a cinquenta e oito delas, previamente selecionadas pela família, mediante a justificativa de que “somente essas é que continham assuntos sobre os estudos de Atílio C. Lima em Paris”. As outras abordavam temas pessoais, particulares.

A pesquisa iniciou-se a partir da leitura do material epistolar. O objetivo era conhecer o seu universo, ter uma ideia do todo, para a organização e exploração das particularidades, e assim verificar os assuntos recorrentes. As riquezas de detalhes nas descrições das experiências do cotidiano vivenciadas pelo arquiteto e a abordagem de temas tão relevantes para a história do urbanismo no Brasil estão tratadas com propriedade. Corrêa Lima deixou um registro

importante, no qual se encontram expressas as dificuldades de se viver em Paris no período pós-Primeira Guerra, a crise habitacional que abalava a França e a manutenção da vida com uma bolsa de estudos. Havia, ainda, referências sobre as aulas de urbanismo na Sorbonne, o curso de Sanitarismo realizado no Institut de Techniques Sanitaire du Conservatoire National de Arts et Metiers de Paris e as lições de concreto armado com o arquiteto construtivista Berthold Lubetkin. Destacam-se, também, as críticas ao urbanismo de Agache nos planos do Rio de Janeiro, as relações entre os amigos Paulo Antunes Ribeiro, Lucas Mayerhofer, Paulo Santos, as discussões sobre a formação dos arquitetos brasileiros e franceses, a convivência e a presença dos artistas modernistas em Paris como Anita Malfatti e Vila Lobos. O conteúdo dessas cartas é relevante para o esclarecimento do caminho traçado por esse aluno de arquitetura da ENBA, e explicita as redes de sociabilidade estabelecidas pelo urbanista brasileiro na sua formação acadêmica.

Através das correspondências, dos assuntos relatados tornou-se possível construir parte de sua história, confrontando não só as vivências e experiências individuais de Attilio Corrêa Lima, mas também o interesse pela teia de interdependência definida pelas redes de sociabilidade dadas pelos diferentes grupos, pelos quais o arquiteto circulava. Dessa forma, é possível esclarecer o “jogo de escalas” que Dosse (2009) propôs como importante para a construção de uma biografia, evidenciando as trocas intelectuais, as rivalidades e os interesses comuns. Através delas, pode-se falar das redes de sociabilidade construídas pelo urbanista quando em estudo no IUUP. Para tal, é preciso algumas ponderações.

Segundo Piovesan (2010, p. 157), “[...] a correspondência privada dos intelectuais vem sendo tratada pelos historiadores como lócus fundamental de sociabilidade, principalmente, nos estudos que se concentram no período anterior à explosão da comunicação virtual”. Desse modo, as correspondências aproximam-nos da estruturação do campo intelectual, em seu tempo e espaço, investigando o funcionamento desse pequeno mundo e como podemos compreender o significado de intelectual.

Para Bourdieu (1993), o campo intelectual é uma “[...] rede de posições intelectuais variadas que se definem pelas relações que têm entre si e pelo lugar que ocupam no campo como um todo, a autoridade ou poder simbólico dos agentes intelectuais sendo diferentes e competindo, por assim dizer, pela hegemonia” (apud PALLARES-BURKE, 2005, p.19). As posições intelectuais de um campo estão enraizadas na cultura da época e são perpetuadas pelas relações sociais e práticas tradicionais consagradas.

Se o conteúdo das correspondências tem valor como objeto histórico, sua própria existência denota a construção de uma rede de sociabilidade. A noção de rede de sociabilidade nos remete ao conceito de configuração em Norbert Elias (1999). Redes concebidas como teias de interdependências, como processos sociais direta ou indiretamente ligados à ação coletiva. Para o autor, “[...] as figurações são ‘valências abertas’ e ‘redes de indivíduos’ que procuram expressar as disposições e inclinações básicas das pessoas e grupos, orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras [...]” (ELIAS, 1999, p.16).

Sob essa perspectiva, a configuração nos conduz a dois principais aspectos: a ideia de pertencimento e de interdependência. Segundo Elias, a interdependência é a condição prévia para que se forme uma configuração, e tanto pode ser interdependência de aliados como de adversários, daí por que a configuração implica uma dinâmica relacional. Diz ele:

A interdependência é o aspecto elementar e universal de todas as configurações humanas. Não há ninguém que nunca tenha estado inserido numa teia de pessoas [...] um dos aspectos elementares e universais de todas as configurações humanas é o de que cada ser é interdependente – cada um se pode referir a si mesmo como “eu” e aos outros como “tu”, “ele”, “nós”, “eles”. (ELIAS, 1999, p.139-145).

Dessa forma, a pesquisa, logo alicerçada nas teorias de redes de sociabilidade, ganhou contornos marcantes nas análises dessas “teias de interdependências” presentes nas relações de Attilio Corrêa Lima com seus colegas brasileiros, seus familiares, no IUUP, e naqueles descritos em suas cartas.

2.1 SINGULARIDADES E CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE ANÁLISE

2.1.1 Família: conceitos múltiplos

Grupos heterogêneos de pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento têm estudado sobre a família, investigando-a sobre distintos contextos e com propósitos diversos. Assim, o universo familiar é analisado pelas perspectivas da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia, da História, da Filosofia e do Direito.

A estreita relação entre sujeito e família surge nos meados do século XVIII, quando há o recolhimento da família em um espaço privado. O mundo público, até então, era dominante, e os adultos e as crianças de uma família relacionavam-se entre si da mesma forma que conviviam com as outras pessoas da sociedade. Não havia diferença entre a afetividade familiar e dos outros membros da comunidade. Os contatos sociais aconteciam em espaços abertos, praças, ruas, palácios, “[...] nos quais a intimidade entre as pessoas não tinha lugar” (PASSOS, 2005, p.15).

Passos (2005, p. 15) observa:

Foi só com o recolhimento dos membros de uma família com laços biológicos a uma casa com espaços de convivência delimitados que passou a existir privacidade, troca entre os sujeitos e [...] o surgimento da noção de família. Ela surge, então, da possibilidade de reconhecimento mútuo entre os sujeitos, da troca de afetos entre eles, e isso só foi possível a partir de um espaço físico que possibilitava a aproximação entre as pessoas.

A família é, segundo Bourdieu (1996, p. 124), “[...] um conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento, filiação, ou, excepcionalmente, por adoção (parentesco), vivendo sob um mesmo teto (coabitação)”. O sociólogo analisa o conceito de família através da etnometodologia,¹⁸ afirmando: “[...] o que aceitamos como realidade é uma

¹⁸ Harold Garfinkel inaugura a etnometodologia no ano de 1960, com a publicação da obra *Studies in Ethnomethodology* (1967), a qual reúne uma série de pesquisas sistemáticas realizadas ao longo dos anos 1950, na Califórnia. Para Garfinkel (1967), a analítica da lógica racional prática para a qual a etnometodologia se volta é entendida sob a ótica multifacetada dos elementos que uma atividade prática congrega, sendo, sobretudo, uma realização processual contínua e contingente, que delimita espaçotemporalmente o seu acontecimento, envolvendo elementos subjetivos que se cristalizam em propriedades estruturais acessíveis e sustentadas mediante senso comum dos indivíduos que agem nas práticas contextualizadas – sendo, por isso, uma objetividade localizada no tempo e no espaço, direta e indissociavelmente dependente de significados atribuídos, ou seja, uma intersubjetividade. Assim, o objeto de estudo da etnometodologia não é algo constante e imutável, mas sim uma realização alcançável mediante um processo socialmente construído, tendo por fim não uma mera descrição, mas uma análise interpretativa desse processo e das propriedades pertinentes a este, contudo sem

ficção especialmente construída através do léxico que recebemos do mundo social para nomeá-la”. E completa:

[...] a família nuclear é, na maior parte das sociedades modernas, uma experiência minoritária em relação aos casais que vivem juntos sem serem casados, às famílias monoparentais, aos casais casados que vivem separados etc. De fato, a família que somos levados a considerar como natural, porque se apresenta com a aparência de ter sido sempre assim, é uma invenção recente [...] e, quem sabe, votada à desaparecimento mais ou menos rápida (como levam a crer o aumento da taxa de coabitação fora do casamento e as novas formas de laços familiares inventados a cada dia). (BOURDIEU, 1996, p.124).

A família é vista por Bourdieu (1996, p. 125), como ele mesmo diz, “[...] através de uma espécie de antropomorfismo, que consiste em atribuir a um grupo as propriedades de um indivíduo”. Segundo o pesquisador francês, ela “[...] transcende seus membros, e é uma personagem transpessoal dotada de uma vida e de um espírito coletivos e de uma visão específica do mundo”. A família “[...] existe como um universo social separado, empenhado em um trabalho de perpetuação das fronteiras e orientado pela idealização do interior como sagrado, *sanctum* (por oposição ao exterior)”.

Quanto ao privado, à intimidade doméstica, Bourdieu (1996, p. 125) acrescenta a casa como lugar da estabilidade emocional, descrevendo esse universo sagrado como secreto, cujas portas são fechadas de tal forma a separá-lo do exterior. Sua dimensão simbólica se expressa pela *privacy*, onde as relações privadas são protegidas e como lugar de estabilidade indefinidamente transmissível.

Assim, no *family discourse*, discurso que a família faz sobre ela própria, Bourdieu (1996, p. 126) assim pontua:

[...] a unidade doméstica é concebida como um agente ativo, dotado de vontade, capaz de pensamento, de sentimento e de ação e apoiado em um conjunto de pressupostos cognitivos e de prescrições normativas que dizem respeito à maneira correta de viver as relações domésticas: universo no qual estão suspensas as leis corriqueiras do mundo econômico, a família é o lugar da confiança (*trusting*) e da doação (*giving*).

Lugar de trocas, é na família, para o sociólogo, que os interesses individuais são suspensos, visando a uma equivalência de trocas entre seus membros. Ela é um modelo ideal das relações humanas. Assim, seu papel na manutenção da ordem social é relevante “[...] na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais”. Ela é um dos lugares de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as gerações: “[...] ela resguarda sua unidade pela transmissão e para a transmissão, para poder transmitir e porque ela pode transmitir. Ela é o ‘sujeito’ principal das estratégias de reprodução” (BOURDIEU, 1996, p.126, 131).

Como exemplo de reprodução, Bourdieu (1996, p. 131) cita a transmissão do nome de família:

[...] elemento primordial do capital simbólico hereditário: o pai é apenas o sujeito aparente da nomeação de seu filho, já que ele o nomeia de acordo com um princípio que não domina e que, ao transmitir seu próprio nome (o nome do pai), ele transmite uma *auctoritas* da qual não é o *auctor* e em conformidade com uma regra que não criou.

Considerada dessa forma, torna-se possível melhor compreender sua concepção como um sistema de acordo com Giddens (2004, p. 47). Para esse autor, a “[...] a família não deixa de ser um sistema e ao mesmo tempo um processo de interação e de integração dos seus membros. A comunicação é o elo de ligação que constitui condição de convívio e de sustentação de todo o sistema, baseando-se na igualdade ou na diferença”.

A teoria sistêmica, que constitui o modelo dos estudos da família, caracteriza-a como um sistema aberto, autorregulado e com uma finalidade. Sistema em que há uma unidade formada por membros que interagem entre si, havendo entre eles determinados vínculos e mantendo-se certas transações (GIMENO, 2003, p. 41; AMARO, 2006, p. 34). Portanto, segundo Dias (2011, p. 150), “[...] o sistema diz respeito à interdependência de todos os seus elementos, do qual resulta a ideia de que o conhecimento da família só é possível se for adotada uma visão de conjunto”.

Para a pesquisadora, na relação familiar “[...] os membros que interagem se situam num plano sistêmico e interativo de comunicação, o indivíduo está permanentemente a fazer trocas entre o sistema familiar e o meio que o envolve cultural e socialmente, neste caso, a família e a sociedade” (DIAS, 2011, p. 153). A autora conclui: “[...] como a família é a primeira instituição a facultar as relações, o modo como nela se desenvolvem os processos de

comunicação determinará o maior ou menor sucesso do desenvolvimento pessoal e social dos seus membros e, conseqüentemente, a integração na sociedade” (DIAS, 2002, p.154).

Essas considerações sobre a família são imprescindíveis para a aproximação com os Corrêa Lima, pois se buscou compreendê-los como uma unidade sistêmica constituída por quatro gerações, entre as quais valores são gerados, transmitidos e conservados. Em grupos familiares, há sempre o baú das velhas coisas, fotografias de antepassados, cartas ou diários, registros de momentos significativos de celebrações. O incomum na família Corrêa Lima é a coleção de objetos e de lembranças de seus membros que não cabem em um simples baú ou caixa de papelão, pois ocupam salas e parecem ser atribuídos de um sentido sagrado. Através deles, uma primeira aproximação com o arquiteto Attilio Corrêa Lima foi possível.

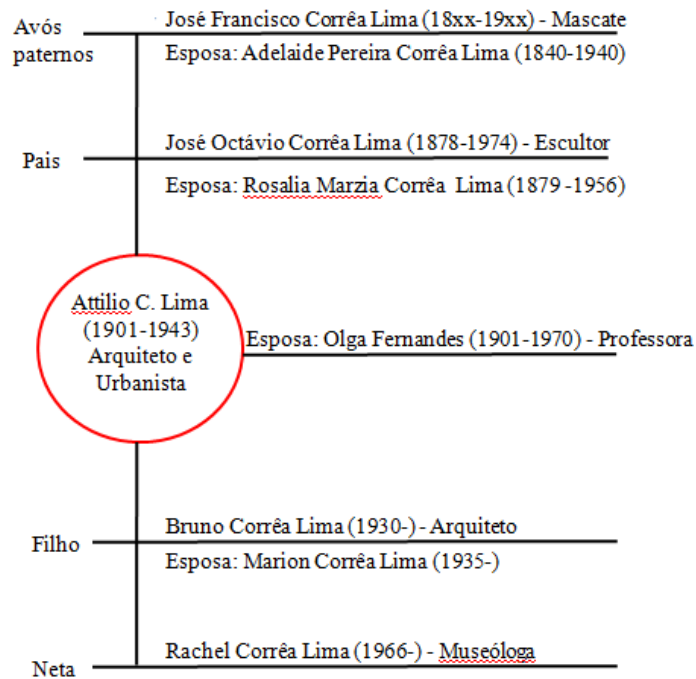
No estudo da família Corrêa Lima se consideraram todos esses aspectos que estão interligados, ou seja, de um modelo tradicional de família nuclear patriarcal, constituída, de uma parte, em meados do século XIX de cafeicultores do Vale do Paraíba Fluminense, da cidade de São João Marcos.¹⁹ A outra parte era natural do Estado de Alagoas, de origem humilde, cuja figura de proa era José Francisco C. Lima, um mascate com pouca escolaridade, que migrando iniciou a formação de uma nova ramificação da família.

¹⁹ A Vila de São João do Príncipe, com o advento da República, retoma seu nome de origem: São João Marcos. Fundada no início do século XVIII, São João Marcos foi considerada uma das mais importantes cidades do interior do estado do Rio de Janeiro. Localizada no Vale do Paraíba Fluminense, região enriquecida pelo ciclo do café, apresenta um valioso conjunto arquitetônico, condições que fizeram com que São João Marcos se tornasse a primeira cidade tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, em 1939. Com o declínio da produção cafeeira, a região começou a viver um longo período de decadência. Com a crescente necessidade de progresso e de demandas por energia da Capital da República, estimulou a construção da Represa de Ribeirão das Lajes. Assim, em 1940 a cidade foi parcialmente inundada. Em 2011, o Instituto Light para o Desenvolvimento Urbano e Social, mantido pela empresa LIGHT S.A., inaugurou o Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, onde podem ser visitadas as ruínas da antiga cidade.

Inicialmente apresentamos a família Corrêa Lima, conforme diagrama de consanguinidade agnática.²⁰

Diagrama 1- Diagrama da família Corrêa Lima

DIAGRAMA DE CONSANGUINIDADE AGNÁTICA DA FAMÍLIA CORRÊA LIMA



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar a família Corrêa Lima, foi possível perceber singularidades relacionadas à herança cultural transmitida aos seus descendentes. Uma particularidade identificada na caracterização dessa família é seu envolvimento com as artes. O avô de Atílio Corrêa Lima, José Francisco C. Lima, o mascate com pouco estudo, encontrava prazer, em suas horas de folga, em esculpir pequenas esculturas em cabos de bengalas, como descreve seu bisneto Bruno Corrêa Lima, ao ser indagado de onde viria o interesse de José Octávio C. Lima em querer estudar escultura:

[...] o José Octávio contava que o pai dele tinha uma habilidade: ele fazia cabos de bengalas, ele esculpia pequenas esculturas, o pai esculpia em bengalas, fazia as

²⁰ Que se fundamenta na descendência paterna (sociedade patrilinear).

bengalas para distrair, com canivetes. Parece que daí que começou o interesse de José Octávio pela escultura [...].²¹

Bruno Corrêa Lima apresenta sua família contando o percurso de seu bisavô, que morou no Rio de Janeiro, ainda jovem, e fazia comércio de objetos manufaturados, tecidos e joias, na região do Vale do Paraíba Fluminense. Passando por São João Marcos, conheceu sua esposa, Adelaide Pereira (Figura 7):

[...] vamos falar primeiro do pai do José Octávio. Ele era de Alagoas, nasceu em Maceió. Resolveu vir para o Rio de Janeiro porque estava em dificuldades, era jovem. Ele era uma espécie de caixeiro-viajante, comprava algumas coisas no Rio de Janeiro e vendia no interior, e nessas viagens, São João Marcos ficava na rota da entrada para ir para São Paulo e Minas, que era quase que obrigatória a parada em São João Marcos, e ali conheceu Adelaide, e mais tarde se casaram [...].²²



Figura 7 - José Francisco Corrêa Lima e Adelaide Pereira Corrêa Lima (bisavós de Bruno C. Lima e avós paternos de Attilio C. Lima).

Foto: Juca Fernandes (2008). Acervo da família Corrêa Lima.

²¹ Entrevista realizada pela autora em 10 de outubro de 2014 (ver Anexo A).

²² Fala de Bruno Corrêa Lima em entrevista realizada no dia 10 de outubro de 2014.

Nas entrevistas realizadas com Bruno C. Lima, as lembranças tornaram-se fundamentais para a construção da trajetória das quatro gerações da família. Em meio à narração dos acontecimentos o presente está incessantemente reportando-se a um passado, não um passado descrito linearmente, mas segundo Lins de Barros (1989, p. 35) “[...] pinçado aos poucos num processo de associações entre hoje e ontem, seja este ontem distante ou não”.

Em virtude da importância dessas entrevistas, é preciso reportar-se a Halbwachs, para quem a visão retrospectiva da vida familiar depende da posição atual dos entrevistados na família. “Mais do que as etapas de formação da lembrança, Halbwachs fala do grupo social como lugar em que se desenvolvem as memórias coletivas e que fazem delas algo vivo e passível de transformação pelo desenrolar das mudanças do grupo” (LINS DE BARROS, 1989, p.35).

Bruno C. Lima, ao ser indagado sobre sua relação com os avós paternos, relata sua convivência semanal com eles, mesmo depois da morte do pai. O destaque recai sobre José Octávio Corrêa Lima, o avô escultor:

Meu pai levava para a gente visitar, eu e minha mãe, para visitar ele quase semanalmente na casa deles para visitá-los. Quando o Attilio morreu, eu ia, também toda semana, eu estudava no Colégio São José e toda quinta-feira ia lá de tarde. Eu saía mais cedo do Colégio e ia para lá que era um dia que o colégio terminava mais cedo. Eu ia visitá-lo. Eu tinha relação semanal com ele porque não morávamos juntos... Só morei junto depois que minha avó morreu, que eu fui morar com ele e para ficar com ele lá, mas é, eu gostava muito dele, aliás, tive mais contato com ele do que com meu próprio pai. Meu pai morreu quando eu tinha 13 anos, e depois que minha avó morreu eu fui morar junto com ele, mas ele estava velho, com mais de 80 anos. Já não era tão igual quando ele era jovem [...].²³

À medida que se recorda de sua infância, Bruno C. Lima é tomado pelas lembranças do avô, que tentou influenciá-lo para se tornar um escultor como ele:

Ele gostava muito de mim e queria que eu aprendesse esculturas. Mas eu tinha nojo do barro pegajoso. Ele pegava as minhas duas mãos e enfiava no barro e ficava com mão dura até o barro secar na mão. Eu tinha nojo do barro gosmento, [...] mas ele mandou fazer pra mim uma pequena tábua que rodava para eu fazer uma escultura e ir rodando, até pouco tempo eu ainda tinha isso. Eu tinha um cavalinho, tenho a fotografia, um cavalinho feito por ele de brinquedo para eu brincar de cavalinho, eu montava no cavalinho feito por ele, bem interessante esse cavalinho. Eu tenho fotografia montado no cavalinho. Ele gostava muito de mim [...].²⁴

²³ Fala de Bruno Corrêa Lima em entrevista.

²⁴ Fala de Bruno Corrêa Lima em entrevista.

A relação com a avó Rosalia Marzia C. Lima (Figuras 8 e 9) era mais distante:

Mas como te digo a minha avó era europeia, então ela, ela não era tão..., gostava imensamente de mim... come, come, *mangiare*... mas ela ficava chateada porque eu não gostava de comer tanto assim, mas eu gostava muito dela também... agora, mas ela era diferente, a maneira de tratar as pessoas era diferente, ela era um pouco mais seca, mas sempre agradando... uma ótima pessoa, mas ela era diferente... até hoje você pega um estrangeiro ele é mais seco... não tem essa. Brasileiro não, já abraça. Eles não são mais secos, mais contidos [...].²⁵

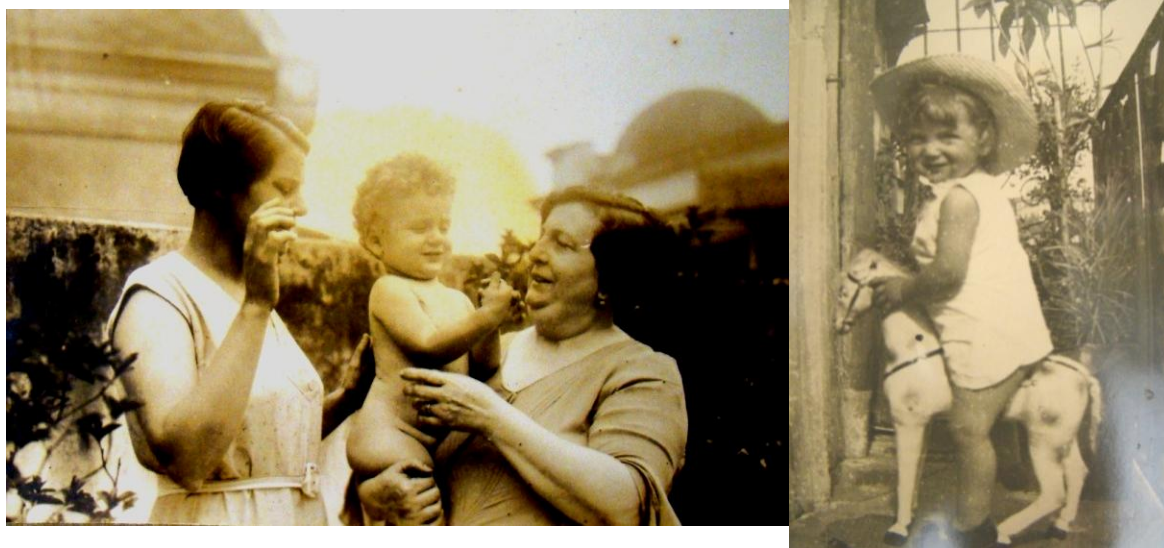


Figura 8 - Olga Fernandes, Bruno C. Lima no colo da avó Rosalia Marzia C. Lima.
 Figura 9 - Bruno Corrêa Lima no seu cavalinho feito por seu avô José Octávio Corrêa Lima.
 Foto: Juca Fernandes (2008). Acervo da família Corrêa Lima.

Lins de Barros (1989, p. 36), ao analisar o discurso sobre a herança a ser transferida para as gerações futuras, reconhece as marcas que os netos carregam de seus antepassados:

Lembrar dos avós quando se abrem para falar de si mesmos como avós é o momento da integração de dois períodos de um ciclo de vida. Eles esperam repetir um modelo fundado nas idéias de transmissão de valores, abrindo espaço para que um pouco de si próprios sobreviva em seus netos, assim como eles carregam consigo as marcas de seus avós.

²⁵ Entrevista realizada pela autora com Bruno C. Lima.

Segundo a autora, “[...] a transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares” (LINS DE BARROS, 1989, p. 36). E assim conclui que a ideia de transmissão de valores implica a de um tempo que se repete, um tempo cíclico em que os lugares sociais são ocupados pelos membros familiares infinitamente (LINS DE BARROS, 1989, p. 36).

No que tange à transferência e preservações de valores familiares e à herança cultural, nota-se entre os Corrêa Lima uma preocupação em manter uma identidade, um vínculo com seus antepassados diretos, não só nas escolhas profissionais, mas no cuidado em conservar documentos, cartas, fotografias, enfim, tudo que possa reconstituir a história da família. Destaca-se desde a habilidade de José Francisco Corrêa Lima em fazer pequenas esculturas em cabos de bengalas, despertando o interesse de seu filho, José Octávio, em estudar escultura, que por sua vez influenciou seu filho, Attilio C. Lima, na sua formação acadêmica como arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes. Ainda nesse processo de transmissão de valores culturais, tem-se Bruno C. Lima,²⁶ filho de Attilio C. Lima, que também se formou arquiteto e foi professor de maquete na Faculdade de Arquitetura da UFRJ. Na geração mais recente, encontra-se Rachel Corrêa Lima, museóloga, influenciada pelo bisavô, que lhe entregava a mesada num envelope e indicando a destinatária como a “[...] zeladora do museu Corrêa Lima”.

Observa-se curiosamente que as atividades desenvolvidas por Bruno Corrêa Lima (Figura 10) retomam as habilidades do pai, do bisavô, e o ciclo fecha-se com os seus guardiões.

Quanto à inserção das famílias na sociedade, Lins de Barros (1989, p. 37) afirma: “[...] há, assim, um plano moral que acaba por definir também a inserção das famílias na sociedade mais ampla, não em termos econômicos, mas como representantes de uma camada social que compartilha de um mesmo discurso de representação da família”. No caso da família Corrêa Lima, a inserção na sociedade dá-se pelo discurso que os une na dedicação às atividades artísticas e acadêmicas.

²⁶ Bruno C. Lima atuou também como arquiteto-paisagista e dedica-se à arte em miniatura. Ele e sua esposa Marion Corrêa Lima são membros da Associação Brasileira de Miniaturas, entidade que promove eventos e exposições relacionadas ao *hobby* das miniaturas.



Figura 10 - Tabalhos em miniaturas de Bruno C. Lima: violino, violoncelo e baixo feitos na escala de 1/12", móveis em estilo Thonet de 1906 e a reprodução do ateliê do fotógrafo Augusto Malta, início do século XX.

Fonte: eggmania.tripod.com/miniaturas.html e fotos de Rachel Corrêa Lima.

As relações entre avós e netos, segundo Lins de Barros, é importante como integração entre gerações, trocas de experiências e de valores. A autora enfatiza: “[...] estar perto dos netos no cotidiano de suas vidas, acompanhar seu crescimento, emitir opiniões, mesmo que relegadas a um segundo plano, mostrar sua preocupação, são elementos sempre presentes nos discursos dos avós quando falam dos netos” (LINS DE BARROS, 1989, p. 37). Ao reconstituir a mesma situação que alguns viveram com seus avós, os entrevistados “[...] vivem um recomeço e também um momento de integração através da memória com estados mais

remotos do ser, dando ao indivíduo um sentido de continuidade e de completude”, enfatiza a pesquisadora (LINS DE BARROS, 1989, p.37).

Perguntado sobre as atividades sociais dos seus avós, Bruno C. Lima menciona o Carnaval no Rio de Janeiro, no qual seu avô participava como jurado dos carros alegóricos das Sociedades Carnavalescas:²⁷

Ele tinha uma vida social intensa, [...] era juiz do Carnaval da chamada Sociedades [...] tinham os carros que eram feitos por artistas [...] até hoje em dia o Carnaval é feito por artistas.

[...] eram alegóricos... mexendo com a política, era uma série de coisas, ele participava do julgamento dessas coisas e a vida social dele, eu posso te mostrar umas revistas da época dele, ele guardava, está guardada comigo, que aparece ele uma figura, “o escultor”, um monte de gente engravatada e ele no meio...ele tinha uma vida muito intensa [...].²⁸

Bruno Lima justifica a vida social intensa dos seus avós, com muitos compromissos, circulando na sociedade carioca para que o avô ficasse em evidência, reforçando a sua importância no cenário de escultores famosos, e ainda criando oportunidades de encomendas de esculturas e bustos. Assim ele completa:

[...] se não ele não ia conseguir fazer sucesso que ele fazia como escultor... tinha que ter uma vida social e isso minha avó não dispensava, acompanhava, obrigava a gente a ir nas estações de água. Íamos nas férias com eles às Águas de São Pedro, Águas de São Lourenço, Poços de Caldas [...].²⁹

²⁷ Na metade do século XIX surgiu a primeira Grande Sociedade Carnavalesca, um clube de entretenimento fundado por pessoas da alta sociedade brasileira. Seus membros saíam em cortejo nas ruas com fantasias luxuosas. Esse tipo de manifestação tornou-se o principal destaque do Carnaval, ocupando o lugar do entrudo nas ruas do Rio. Carros alegóricos faziam parte dos desfiles das Grandes Sociedades. Outros aspectos muito explorados quanto à temática dos carros alegóricos eram as alegorias com sátiras aos governos, que sempre estavam presentes nos desfiles das "grandes sociedades".

²⁸ Entrevista realizada pela autora.

²⁹ O cuidado com a saúde física, a exaltação higiênica do corpo, a obsessão pela limpeza da casa e das roupas tiveram um correlato nas temporadas despendidas nas estâncias termais. A crença no poder terapêutico das águas transformou aquelas cidades mineiras em locais de peregrinação, em busca da graça de ter aplacado os malefícios que acometiam os doentes. A doura crenologia ou medicina hidrológica prescrevia temporadas nas estações, onde eram ministradas as famosas águas sulfurosas sob a forma de banhos de imersão ou apenas eram ingeridas periodicamente ao longo do dia. [...] No interior dos hotéis e nos diversos pontos de visitação, os indivíduos promoviam a teatralização de sua imagem mediante a ostentação frequentemente simulada das marcas de sua prosperidade. [...] O estabelecimento de contatos sociais, a autopromoção, o cálculo premeditado das fortunas constituíam atitudes que favoreciam a emergência de novos laços de convivalidade, possibilitando trocas e negociações cujo resultado poderia ser uma mera aventura galante ou até mesmo a promessa de casamento (SCHAPOCHNICK, 2006, p. 445).

Quanto ao papel da avó Rosália Marzia C. Lima na vida de seu marido, Bruno C. Lima é enfático em afirmar a sua importância:

A pessoa mais importante na vida dele foi ela, porque se não ele ia ser um boêmio como os outros. Porque artistas naquela época eram todos poetas, né? Ainda hoje são, não é mesmo?! Ele era fanático pelo que fazia, acordava de manhã cedo, tomava café da manhã, descia e ia trabalhar, quando aposentado... antes não ... ia para Escola de Belas Artes e voltava, tinha um ateliê em casa, ficava trabalhando em casa [...].³⁰

Segundo a concepção antropomórfica que Bourdieu atribui ao conceito de família, percebe-se a partir da apresentação dos membros da família Corrêa Lima a singularidade partilhada por suas gerações. O interesse pelas artes foi prosseguido do pai para filho, do filho para o neto, do neto para sua filha. Entrevê-se nessa transmissão a noção do templo cíclico referido por Lins de Barros e portador da estabilidade que caracteriza o grupo familiar. Os guardados da família são outros testemunhos dessa estabilidade, os objetos que os constituem são símbolos do desejo de continuidade, cuidada com o esmero da museóloga Rachel Corrêa Lima. Esses guardados também assumem um sentido sagrado e, por isso mesmo, seus guardiões exigem um ritual de iniciação para poder acessá-los. Ressalta-se ainda que como reprodução da estrutura do espaço social, nos termos postos por Pierre Bourdieu, a família é um dos lugares de acumulação de capital e de transmissão entre gerações, o que se abordará a seguir, tendo em vista situar Attilio Corrêa Lima.

2.1.2 Família, capital cultural e ecletismo

Para Bourdieu (1979), o conceito de capital cultural estabeleceu-se, inicialmente, como uma “[...] hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais”, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os “[...] benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe”. Este ponto de partida “[...] implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das ‘aptidões’ naturais, quanto às teorias do ‘capital humano’” (BOURDIEU, 1979, p. 3).

³⁰ Entrevista com Bruno C. Lima.

O capital cultural pode existir sob três formas, conforme a definição do autor. No estado incorporado, referente a uma aquisição no tempo, coincide com o processo de socialização. Nesse caso, ele é ainda próprio à pessoa, sua parte constituinte, implicando até mesmo suas disposições genéticas; no estado objetivado, implica bens materiais, tais como quadros livros, entre outros; no estado institucionalizado, definido pela formação institucional, escolas, faculdades, entre outros (BOURDIEU, 1979, p. 3).

A metáfora econômica contida no termo “capital” não é gratuita: o indivíduo herda uma parte desses capitais, constitui outro no decorrer de sua vida e os transmite, por sua vez, a seus filhos como herança. Assim, o capital cultural deve ser “incorporado” sob a forma de disposições e de competências. Quanto mais precoce é essa incorporação, quando da socialização primária na primeira infância, mais forte ela é. Quanto a essa herança cultural, Bourdieu (1997, p. 86) é categórico:

[...] acumulação de capital cultural desde a mais tenra infância – pressuposto de uma apropriação rápida e sem esforço de todo tipo de capacidades úteis – só ocorre sem demora ou perda de tempo, naquelas famílias possuidoras de um capital cultural tão sólido que fazem com que todo o período de socialização seja, ao mesmo tempo, acumulação. Por consequência, a transmissão do capital cultural é, sem dúvida, a mais dissimulada forma de transmissão hereditária de capital.

Détrez (2005), no ensaio *Le capitale culturel*,³¹ apresenta inicialmente a teoria bourdieusiana, na qual o sociólogo francês amplia o sentido do conceito econômico de capital em sua dimensão cultural, ressaltando “[...] o papel essencial da herança cultural na reprodução social, mas também a possibilidade que têm as classes dominantes de utilizar esse ‘novo capital’ como fonte simbólica de poder”. Mas a autora vai além dos conceitos de Bourdieu e questiona: “Se o ecletismo³² parece a partir daí prevalecer sobre a distinção, se o capital cultural enfraquece, a teoria bourdieusiana conserva sua pertinência?”.

³¹ DÉTREZ, Christine. *Le capitale culturel*, 2005. Tradução especialmente realizada para esta pesquisa por Cláudia Rodvalho, bacharel em música – UFG, DL (Diplôme de Langue – Paris / França), DALF (Diplôme approfondi de Langue Française). Professora, tradutora e intérprete há 25 anos.

³² “Peterson (1992) e Kern (1996) mas também Coulangeon (2003) apontam para o ecletismo que os primeiros apelidam de «consumo omnívoro» das classes privilegiadas, doravante recrutadas de forma bem mais alargada e diversificada, dando origem a uma perda do sentido distintivo *snob* em favor de uma tolerância cosmopolita por obras e gêneros novos e diferentes, capazes de superarem a velha barreira entre cultura erudita/alta cultura e cultura popular/baixa cultura. Coulangeon e também Menger insistem, no entanto, que se trata de um tipo particular de ecletismo – uma espécie de ecletismo *iluminado* e não um ecletismo *indistinto*, próximo das classes mais desfavorecidas. Desta forma, apesar de se questionar o modelo bourdieusiano da legitimidade cultural (os agentes culturalmente mais competentes consomem e apreciam gêneros e obras de níveis culturais heterogêneos), mantém-se a ideia forte de uma distinção pela modalidade de ecletismo [...]” (LOPES, 2010, p. 284, grifo do autor).

A pesquisadora desenvolve a noção de capital cultural afirmando que “[...] é um dos elementos do tríptico elaborado por Pierre Bourdieu para ‘situar’ um indivíduo, ao lado do capital econômico e do capital social”. Segundo ainda as teorias do sociólogo francês, o capital econômico designaria, assim, o patrimônio de um indivíduo e sua renda, o capital social o conjunto das relações pessoais que um indivíduo pode mobilizar em seu interesse, e o capital cultural o conjunto dos recursos culturais dos quais ele dispõe (DÉTREZ, 2005, p. 6).³³

Mas a incorporação do capital cultural não é unicamente familiar, ela é também obra da instituição escolar (DÉTREZ, 2005), confirmando os fundamentos bourdieusianos. Assim, o capital cultural repousa em grande parte sobre mecanismos informais de impregnação e não unicamente sobre processos de aprendizagem, como lembra Gérard Mauger (2002):

A transmissão é operada essencialmente fora de toda vontade explícita de transmitir, pelo efeito educativo que exerce o capital cultural objetivado, integrado ao ambiente familiar e por meio de todas as formas de transmissão implícitas ligadas ao uso da língua que contribuem para a construção social dos *habitus* [...] Essa transmissão do capital cultural é realizada, pelo menos em parte, sem o conhecimento do doador e do beneficiário, de algum modo por osmose [...]. Parcialmente inconsciente, a transmissão do capital cultural não exclui, entretanto, o trabalho de inculcação explicitamente concebido como tal. A transformação do capital cultural herdado em capital escolar, certificado, institucionalizado, exige um trabalho específico, investimentos educativos e um trabalho pedagógico dos pais: por isso a inculcação metódica de uma relação controlada no tempo, o aprendizado precoce do lazer “sério”. Os pais podem agir criando o melhor ambiente extraescolar possível para seus filhos, buscando a melhor estratégia de colocação no labirinto das redes de estabelecimentos e de opções.³⁴

A transmissão do capital cultural revela-se, assim, como um fator de reprodução extremamente eficaz das classes sociais. Como ressalta Michèle Lamont (1995), a transmissão do capital cultural seria até mesmo bem mais eficaz na reprodução intergeracional das classes sociais do que a reprodução do capital econômico. O capital cultural é enfim concretizado por um diploma que, como um título de nobreza, assegura àquele que o possui, sobretudo se esse diploma é raro e distintivo, uma vantagem ao longo de sua existência. Cada forma de capital tem, portanto, seu papel na formação e na reprodução das desigualdades e das dominações. Para Bourdieu, de fato a composição do capital cultural “legítimo”, isto é, reconhecido e validado pela escola e que é susceptível de se traduzir posteriormente em títulos e diplomas rentáveis no espaço social, é arbitrária (BOURDIEU; PASSERON, 1970). Por consequência,

³³ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

³⁴ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

as disparidades de sucesso no seio do *cursus*, entre as diversas classes sociais, devem-se igualmente às desigualdades de dotação dos alunos em “capital cultural”, ignoradas (e dessa forma legitimadas) pelo sistema escolar e seus agentes.

Détrez (2005, p. 9), ao expor a teoria de Bourdieu sobre capital cultural e suas consequências na reprodução social, questiona se o modelo ainda é válido e afirma que “[...] várias nuances são trazidas pelos trabalhos atuais em sociologia da cultura para essa definição de capital cultural, ao mesmo tempo em suas modalidades e em seus processos de transmissão”.³⁵ A autora conclui: “A transmissão não é imediata, ela demanda tempo e supõe sobretudo a vontade, do “herdeiro”, de herdar sua herança”³⁶ (DÉTREZ, 2005, p. 9).

A autora, então, aborda a questão do capital cultural herdado e transmitido a partir de uma nova visão sociológica:

De fato, por mais sedutora que ela seja, a metáfora do capital que se herda e que se transmite, se ela permite romper por um lado com uma definição da classe unicamente percebida segundo sua posição econômica e por outro com uma ideologia meritocrática do dom, não é menos falaciosa.³⁷ (DÉTREZ, 2005, p.9).

Détrez (2005, p. 9) completa e contrapõe às interpretações simplificadas³⁸ das teorias de Bourdieu sobre as relativas à transmissão ou herança:

Com efeito, um dos argumentos mais frequentemente utilizados contra uma aplicação demasiadamente mecanicista deste termo é a visão quase automática que é subjacente à ideia de transmissão ou de herança. Ainda que tenha justificativas estatísticas, ela não esgota, entretanto, o campo das possibilidades como revelado pelos percursos “atípicos” (filhos dotados de capitais culturais que não têm êxito na

³⁵ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

³⁶ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

³⁷ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

³⁸ “A proposta bourdiana de “pôr em jogo as coisas teóricas”, por sua vez, obriga o pesquisador a operar com os conceitos, ou seja, usá-los como ferramentas de construção dos fenômenos empíricos que constituem o foco da investigação. [...] As oposições quantitativo *x* qualitativo, estrutura *x* história, questionários *x* entrevistas, micro *x* macro são falsas e respondem muito mais pela “arrogância da ignorância” (Bourdieu, 1989, p. 25) do que pela adequação teórico-metodológica ao problema sob investigação. A impossibilidade de se esgotar a análise de um objeto social por um único ângulo é uma questão de ordem epistemológica e não metodológica. Não se trata tampouco de ir de um polo ao outro (por exemplo, do “microsocial” ao “macrossocial”) numa perspectiva linear de continuidade, mas sim de presumir a complexidade dos objetos de estudos no campo das ciências sociais e de procurar trabalhar na perspectiva do jogo de escalas (Revel, 1998). Somente articulando diferentes escalas de observação podem-se aumentar as condições de inteligibilidade dos fenômenos sociais em suas múltiplas configurações e constantes transformações (Collins, 2008). As diversas angulações, a que podem estar sujeitos os objetos de estudo no campo das ciências sociais, não precisam necessariamente ser desenvolvidas por todas as pesquisas no campo das ciências sociais. A interlocução com pares, com base em uma cuidadosa revisão bibliográfica, pode perfeitamente evidenciar o que se ganha ou perde com as opções teórico-metodológicas que orientaram um determinado projeto de investigação” (BRANDÃO, 2010, p. 2).

escola, ou inversamente, filhos de pais sem capital cultural que se saem bem na escola), pois ela negligencia a complexidade da socialização familiar.³⁹

Na obra de Lahire Bernard,⁴⁰ *Tableaux de famille. Heurs et malheurs scolaires en milieu populaire*, citada por Détrez (2005, p. 9), o autor se pergunta :

Pode-se dizer que o saber e a cultura passam dos adultos às crianças como a mensagem escrita ou o patrimônio material passa de A a B? O sociólogo da educação e da cultura deve satisfazer-se com essa metáfora da decantação ou da *passação* (fala-se também da transmissão dos poderes), ou então inventar uma linguagem mais adequada à descrição desses fenômenos? As noções de capital cultural e de transmissão ou de herança perdem no fim das contas em pertinência quando se foca na descrição e na análise das modalidades da socialização familiar ou escolar.⁴¹

Portanto, a noção de transmissão seria inadequada para dar conta da complexidade dos processos em andamento na passagem desse capital cultural de uma geração a outra, de um indivíduo a outro, “e a ‘metáfora’ do capital cultural negligenciaria os aspectos concretos dos mecanismos de transmissão: a herança cultural apresenta de fato especificidades em relação a uma herança material”,⁴² afirma Détrez (2005, p. 9). Então, conclui a socióloga:

[...] o “aprendiz” ou “herdeiro” deve efetuar um verdadeiro trabalho de apropriação, por outro, o capital cultural não é uma forma intangível, ele próprio transforma-se e evolui quando dessa “transferência” de um a outro. O capital transmitido não se acha idêntico naquele que o recebe, notadamente porque não se inscreve em terreno virgem, mas porque integra-se aos esquemas já presentes.⁴³ (DÉTREZ, 2005, p. 9).

³⁹ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

⁴⁰ “Bernard Lahire trabalha nas áreas da sociologia da educação e da cultura, em diálogo sistemático com o pensamento de Bourdieu. Os seus primeiros estudos consagrados às desigualdades sociais perante a cultura escrita escolar, realizados nos anos 80 e 90, estão na origem da sua teoria da ação apresentada em *L’Homme Pluriel*. É com base na crítica ao conceito de *habitus* que introduz, neste livro, a hoje designada “sociologia à escala individual”, na qual os mesmos atores são acompanhados em diferentes contextos de ação e são examinadas lógicas variáveis – ou mesmo contraditórias – das suas práticas. Esta sociologia procura explicitar determinantes sociais, mobilizando escalas de observação mais finas do que as privilegiadas por Bourdieu. O estudo de casos singulares do social e a reconstituição de quadros de ação sensíveis às desigualdades sociais permitem-nos distinguir incontestavelmente o trabalho de Lahire das visões mais individualistas. O autor forja as ferramentas para uma análise das singularidades da vida social e da ação individual, rejeitando o subjetivismo desenfreado e a tendência para ignorarmos desigualdades estruturais entre classes sociais ou relações de dominação” (AMÂNDIO, 2014, p. 34).

⁴¹ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

⁴² Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

⁴³ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

Assim, para Détrez (2005), o capital cultural “deve ser compreendido como produto de um conjunto de dinâmicas que só pode ser transmitido no decorrer de intera  es entre os indivíduos”. A autora então exemplifica o gosto pela leitura,⁴⁴ que permite enumerar as diversas possibilidades de interferência na transmissão: “o filho de pais leitores deve ‘saber herdar’ e deve desej  -lo”. Então, completa:

[...] ele pode, por exemplo, recusar a herança e não ler. Por outro lado, o exemplo dos pais e as incita  es concretas por atividades práticas (ler uma história    noite, jogar jogos de letras, levar    biblioteca etc.) são bem mais eficazes do que a simples injun  o verbal para ler, ou mesmo a presença de livros em casa, se estes jamais saem da estante, por mais bela que ela seja.⁴⁵

Détrez conclui citando Lahire:

Um capital cultural não tem efeito imediato e mágico sobre a criança enquanto as intera  es efetivas com ela não a mobilizarem [...] Vê-se muito bem que o que “   transmitido” de uma gera  o a outra    muito mais que um capital cultural: um conjunto feito das rela  es com a escola e a escrita – de angústias e de constrangimentos, de reticências e rejei  es –, de rela  es com o tempo, a ordem e as obriga  es.⁴⁶ (Apud DÉTREZ, 1995, p.10).

Outra série de críticas endereçadas, hoje,    defini  o do capital cultural, segundo Détrez (2005),    relativa    posi  o central que ocupa na teoria da legitimidade das classes intelectuais.

As primeiras indaga  es ao modelo desenvolvido em *La distinction* (BOURDIEU, 2007) pretendiam reabilitar a cultura das classes populares e vislumbrá-la de um modo diferente daquela da imita  o ou da domina  o.⁴⁷ A “cultura do pobre”,⁴⁸ como retoma Détrez, não    somente uma cultura padronizada, uma cultura da ausência. A autora observa que essa visão, em grande parte resultante do olhar legitimista da sociologia, tende a considerar as práticas e competências populares apenas como ausências, identificadas na aplica  o e repeti  o de questionários padronizados. O sociólogo e seu instrumental de pesquisa chegariam, assim,

⁴⁴ Ver Martine (1993) e Baudelot; Cartier; Détrez (1999).

⁴⁵ Tradu  o de Ana Cláudia Rodovalho.

⁴⁶ Tradu  o de Ana Cláudia Rodovalho.

⁴⁷ Ver Grignon; Passeron (1989).

⁴⁸ Ver Hoggart (1970).

segundo Détrez (2005, p. 10),⁴⁹ “[...] ao engano que conduz a descrever em termos de ausência realidades mascaradas pelo próprio instrumento de observação e pela intenção, socialmente condicionada, do utilizador do instrumento”.⁵⁰

Mais recentemente, a crítica voltou-se para a própria noção de *habitus*, como princípio gerador de práticas uniformes e coerentes: a multiplicidade dos espaços de socialização permite de fato colocar em dúvida esse modelo unificador e, antes, abre possibilidades de interpretações em termos de pluralidade de disposições e de diversidade de práticas. De acordo com Détrez (2005, p. 12), essa pluralidade pode assim coexistir em um mesmo indivíduo, em “[...] esquemas de pensamento e de ação heterogêneos, e mesmo contraditórios, que evoluem no decorrer da vida, e podem ser ativados ou hibernarem de acordo com o contexto”.⁵¹

Assim, Détrez (2005, p. 12) aponta os novos trabalhos de sociologia que abordam a pluralidade cultural:

O modelo da legitimidade cultural fundada sobre um *corpus* de obras reconhecidas, e sobre práticas eruditas, opostas ao “popular” ou ao “comum” foi substituído nestes últimos anos nos trabalhos de sociologia da cultura por um conceito maior, o do ecletismo. A legitimidade cultural passaria a partir de então menos por uma coerência do capital cultural em torno dos valores da cultura erudita que por um pluralismo e uma variedade dos gostos.⁵²

A socióloga cita Peterson (1996) para justificar os novos conceitos dessa pluralidade que opõe "onívoros" a "unívoros", os primeiros oriundos das classes favorecidas e caracterizados por uma pluralidade de gosto e os segundos como fechados a um linha de gosto, como se pode exemplificar pelos apreciadores apenas de um gênero de música. Na avaliação da autora, o que está em jogo não é o modelo de distinção e do capital cultural, mas os critérios sob os quais a distinção se fundamenta, as formas de estruturação do capital cultural e de sua transmissão.

As críticas a Bourdieu não invalidam suas preciosas contribuições. Muito pelo contrário, as contribuições de seus comentadores e estudiosos aqui apresentados reafirmam a validade do conceito de capital cultural. Este conceito é importante para se entender o percurso de vida,

⁴⁹ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho

⁵⁰ Bourdieu; Chamboredon; Passeron (1983).

⁵¹ Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

⁵² Tradução de Ana Cláudia Rodovalho.

como é o propósito da presente tese. Foi por considerar os conceitos do sociólogo francês que esta autora compreendeu que seria imprescindível aprofundar os conhecimentos sobre um dos membros da família Corrêa Lima, José Octavio Corrêa Lima, a quem se dedica um espaço generoso nesta tese. Todavia, antes de apresentá-lo, abre-se um espaço para uma reflexão sobre as memórias de família, tendo em vista que a construção deste trabalho deve muito às narrativas de Bruno e Rachel Corrêa Lima, pautadas por lembranças de fatos que descrevem o passado familiar, traçando detalhes da personalidade de seus membros.

2.1.3 Memória e família

O passado, como continuidade ou descontinuidade remanescente no presente, constitui um enigma a ser decifrado pelos indivíduos e pela sociedade. Dois componentes são decisivos para a recuperação do enigma e para sua decifração: a memória, como depositária do agir racional humano acumulado no tempo, e a lembrança, como rememoradora dos elementos que cada sociedade pondera como relevantes em sua constituição. O tempo histórico que a sociedade constrói fixa o sentido que a identifica na memória e na lembrança. (MARTINS, 2007, p. 35).

Durkheim concebia o homem “[...] como um produto do meio social e a partir dessa perspectiva que Halbwachs destaca a presença do social num domínio: a memória”, que, segundo Lins de Barros (1989, p. 30). “[...] até então havia sido, virtualmente, monopólio de outras visões mais introspectivas”.⁵³

Em *Les cadres sociaux de la mémoire*,⁵⁴ Halbwachs afirma “[...] que é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças, se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais que servem de pontos de referência nesta reconstrução que chamamos memória" (apud DUVIGNAUD, 1990, p. 9).

Para Halbwachs, ninguém poderia lembrar-se realmente de algo fora do âmbito da sociedade, “[...] pela presença ou a evocação e, portanto, pela assistência dos outros ou de suas obras; nossas primeiras lembranças e, por conseguinte, a trama de todas as outras não são trazidas e conservadas pela família?” (apud DUVIGNAUD, 1990, p. 23). Então, o sociólogo enfatiza o papel de outros para a construção da memória: “[...] um homem que se lembra sozinho

⁵³ “A memória, até o início do século XX, era objeto de reflexão dos filósofos, que procuravam através dela compreender o significado da vida humana (SANTOS, 2003, p. 11). Halbwachs, na década de 1920, estabelece o conceito de memória coletiva, no campo da Sociologia, acreditando que a memória é influenciada pelos quadros sociais que a antecedem e determinam” (WEBER; PEREIRA, 2010, p. 107).

⁵⁴ *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952 (originalmente publicado em *Les travaux de l'année sociologique*. Paris: F. Alcan, 1925).

daquilo que os outros não se lembram, assemelha-se a alguém que vê o que os outros não vêem" (HALBWACHS apud DUVIGNAUD, 1990, p. 23).

O conceito de memória coletiva, sob o qual Halbwachs se debruçou, implica compreender que as memórias individuais se apoiam nas memórias de outros, elas existem não de forma absolutamente autônoma. As memórias individuais sustentam-se em um quadro da memória de grupos que compartilharam experiências significativas. Esse quadro é que permite referir-se à memória coletiva:

[...] no mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Quanto à memória de família, segundo Halbwachs, noticiá-la é transmitir uma mensagem, atribuída à individualidade da memória afetiva de cada família e, ao mesmo tempo, à memória da sociedade mais ampla, revelando a importância e permanência do valor da instituição familiar. Para Lins de Barros (1989, p. 33), “[...] a importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas”.

Nos trabalhos desenvolvidos por essa socióloga sobre a representação de família, o papel do mensageiro da memória ou do narrador é desempenhado, em um caso, pelos avós e, em outro, pelo que ela denominou “guardião da memória familiar”. O narrador da memória familiar, seu guardião, segundo Lins de Barros (1989, p. 34), “[...] é a figura fundamental para se compreender o que Halbwachs chamou de marcas visíveis do passado ou ‘museus de família’”.

Estas considerações são importantes, pois elas indicam a complexidade da memória, esclarecendo suas dimensões individual e coletiva. É preciso ainda ressaltar que a memória é lábil e rebelde à ordem cronológica, é lacunar e afetiva, permitindo construções de uma história mais afeita e atenta às sensibilidades. As reflexões apresentadas nortearam o trabalho

de escuta dos relatos dos membros da família Corrêa Lima para com eles compor a trajetória do arquiteto.

Em pesquisas feitas anteriormente, foi surpreendente deparar-se com a grande quantidade de documentos, projetos, fotos do plano original de Attilio Corrêa Lima para Goiânia, moldes de gesso das esculturas de José Octávio Corrêa Lima, desenhos e tantos outros objetos que constituem o acervo da família. A impressão tida é a de se estar diante de um verdadeiro museu, zelosamente cuidado por seus guardiões, Bruno Corrêa Lima, Maia C. Lima e Raquel Corrêa Lima (Figura 11). Filho, nora e neta de Attilio C. Lima desempenham esse papel, “[...] ciosos da importância da família na construção da identidade dos indivíduos, tomam para si a tarefa de preservar os arquivos da memória familiar (LINS DE BARROS 1989, p. 39).

A mania de guardar tudo de José Octávio C. Lima é confirmada por Bruno C. Lima:

Meu avô, o José Octávio, tinha mania de guardar tudo. Ele guardava todas as notas fiscais de gesso e material para escultura. Por isso que as cartas que meu pai, o Attilio, enviou para ele quando estava em Paris estudando na Sorbonne, foram preservadas. E nós continuamos a preservá-las guardadas [...].⁵⁵

Graças à “mania” de José Octávio C. Lima, foi possível não só reconstruir a trajetória de Corrêa Lima, mas fazê-lo de uma forma especial por meio das correspondências trocadas entre pai e filho.

⁵⁵ Entrevista com Bruno C. Lima.

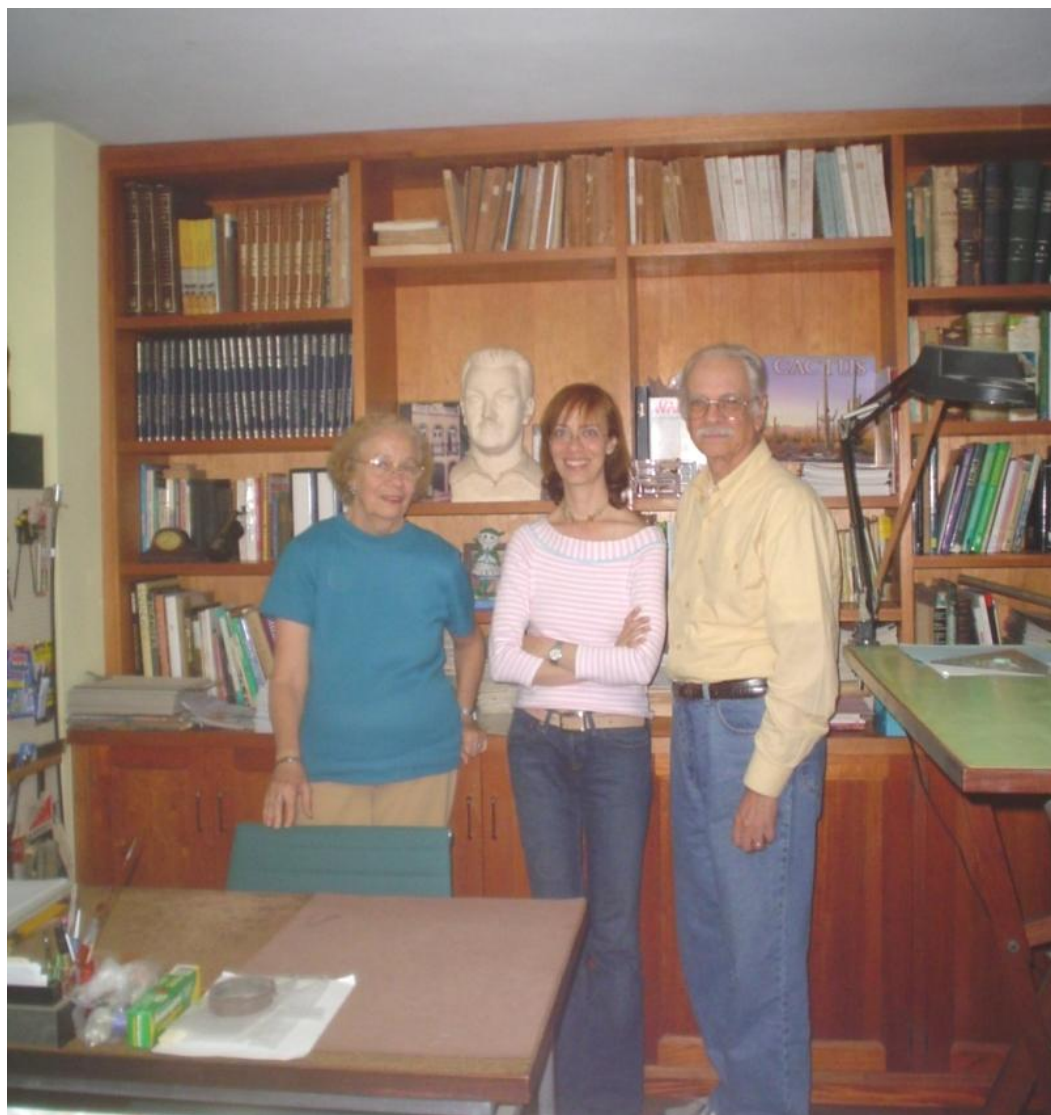


Figura 11 - Marion Corrêa Lima, Rachel Corrêa Lima e Bruno Corrêa Lima, nora, neta e filho, respectivamente, de Attilio Corrêa Lima.
Os guardiões da memória da família Corrêa Lima, em Nova Friburgo.
Foto: Anamaria Diniz (jun. 2006).

As cartas, certamente, não são o único bem que os guardiões do acervo da família colecionam. Na residência de Bruno C. Lima e Marion Corrêa Lima encontra-se um verdadeiro museu particular, onde a memória da família está preservada, seja no salão em pé-direito duplo, anexo à casa, com as esculturas e os moldes em gesso das principais obras de José Octávio C. Lima, como também no mezanino, que abriga a reprodução do antigo escritório⁵⁶ de Attilio C. Lima (Figuras 12, 13 e 14), cujo mobiliário foi desenhado pelo arquiteto.

⁵⁶ Na casa/museu da família Corrêa Lima há um anexo em dois pavimentos, sendo que na parte superior há um escritório com o acervo de Attilio Corrêa Lima.

Nas diversas viagens realizadas durante os últimos dez anos à residência dos Corrêa Lima em Nova Friburgo, os espaços, as fotografias, livros, projetos, maquetes, ferramentas, documentos, quadros, mobiliários foram descobertos em meio a tantas informações visuais, um local em que se entrevê a vida de família. A cada visita uma descoberta, uma associação com acontecimentos relatados e pesquisados anteriormente.



Figura 12 - Salão anexo à residência dos Corrêa Lima em Nova Friburgo com as esculturas de moldes em gesso e pinturas de José Octávio.

Foto: Anamaria Diniz (jun. 2006).

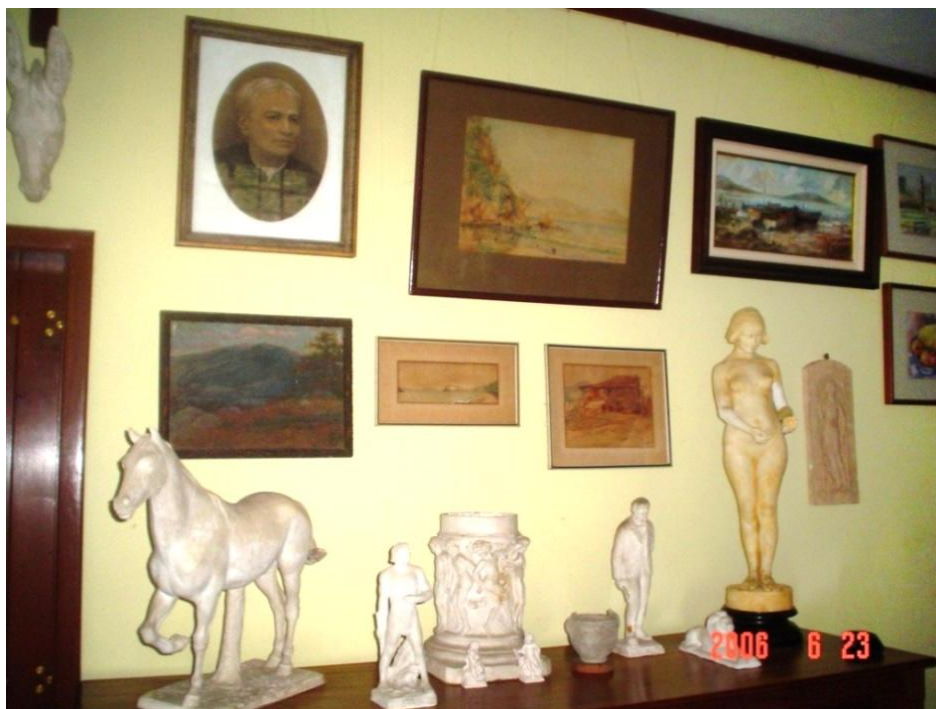


Figura 13 - Salão anexo à residência dos Corrêa Lima em Nova Friburgo com as esculturas moldes em gesso e pinturas de José Octávio.
Foto: Anamaria Diniz (jun. 2006).



Figura 14 - Reprodução do antigo escritório de Atílio Corrêa Lima no anexo à residência dos Corrêa Lima em Nova Friburgo. Rachel Corrêa Lima, neta de Atílio C. Lima. Móveis desenhados pelo arquiteto.
Foto: Anamaria Diniz (jun. 2006).

Para compreender a relação estreita, de afinidades entre pai e filho, a seguir, reconstitui-se parte da vida e obra de José Octávio Corrêa Lima. Recuperar a experiência do pai é importante para traçar os vínculos entre remetente e destinatário das correspondências estudadas, utilizadas como fio condutor para relatar acontecimentos no período em que Attilio C. Lima esteve em Paris, cursando urbanismo na Sorbonne.

2.2 JOSÉ OCTÁVIO CORRÊA LIMA: O ESCULTOR

José Octávio Corrêa Lima nasceu em 17 de julho de 1878 na Vila de São João do Príncipe, no Estado do Rio de Janeiro. Aos cinco anos de idade mudou-se com a família para a antiga Capital Federal, onde seu pai foi trabalhar como escriturário na Companhia de Bondes São Cristóvão.

Bruno C. Lima, neto de José Octávio C. Lima, relata os dois momentos em que seu avô morou com os pais. A primeira vez, ainda bem criança, quando toda a família foi transferida para a capital após o alagamento da cidade de São João Marcos com a construção da hidrelétrica, e, posteriormente, quando retorna de sua viagem de estudos na Europa, já casado com a italiana Rosália Marzia Benfaremo. Bruno C. Lima relembra:



Figura 15 - José Octávio Corrêa Lima
(Rio de Janeiro, 1912).

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional
Álbum de fotografias de artistas brasileiros e estrangeiros.

[...]deixa eu voltar atrás na história [...] A cidade de São João Marcos foi alagada, então a Light para indenizar as pessoas deu emprego, eles foram trabalhar, o pai e dois irmãos foram trabalhar no escritório da Light, aqui no Rio, na Marechal Floriano, ali no Centro, onde era a antiga Light. Foi um tipo de compensação... e eles compraram com dinheiro da indenização da casa, compraram uma casa na Rua São Cristovão, na Praça da Bandeira. A Rua São Cristovão vem até a Praça da Bandeira, passava por debaixo da estrada de ferro e atravessava a estrada de ferro e eles moraram ali muito tempo, e [...] José Octávio morou com pai até conseguirem estabilizar um pouquinho [...].⁵⁷

Aos oito anos, José Octávio C. Lima partiu para Maceió em companhia de sua tia paterna D. Zemira Messias, que exercia o cargo de professora estadual. Segundo Del Negro (1979, p. 3),⁵⁸ sua tia Zemira era “[...] excelente professora, senhora de dotes excepcionais, intensificou seus primeiros estudos e teve sobre sua formação indelével influência”. Bruno C. Lima reforça a importância que a tia Zemira Messias teve para seu avô:

[...] na infância dele, até chegar na época do curso primário, como eles estavam pobres, não tinham condições, ele resolveu mandar o filho para estudar na escola da irmã dele, [...] da tia, né, é a tia, Zemira, a Zira, foi quem educou e alfabetizou, educou, até a idade de voltar ao Rio de Janeiro e entrar na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro [...].⁵⁹

Zemira foi muito mais que uma educadora para José Octávio C. Lima, como sugere Bruno C. Lima:

[...] tia Zemira, isso, ele tinha adoração pela tia, gostava mais dela do que da mãe, talvez, teve mais contato com ela, quando a criança é muito pequena não recorda de tanta coisa, mas depois dos 7 anos em diante já começa, antes não...ele teve muita proximidade com a tia [...].⁶⁰

Quatro anos depois, em 1890, José Octávio C. Lima retornou ao Rio de Janeiro, prosseguindo seus estudos preparatórios no Mosteiro de São Bento. Aos 14 anos, inscreveu-se como aluno livre na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA).⁶¹

⁵⁷ Entrevista realizada pela autora com Bruno C. Lima.

⁵⁸ Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/98234801/Jose-Octavio-Correa-Lima>>.

⁵⁹ Entrevista realizada pela autora com Bruno C. Lima.

⁶⁰ Entrevista realizada pela autora com Bruno C. Lima.

⁶¹ Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) foi primeiramente chamada de Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, nome que viveu desde a fundação da escola, em 12 de agosto de 1816, até o fim do período

Del Negro descreve o empenho dos pais de José Octávio Corrêa na sua formação acadêmica e artística:

Pela dedicação e grande esforço de seus pais, conseguia aplicar-se inteiramente aos estudos e em 1898 já comparecia à Exposição Geral de Belas Artes, com um BUSTO DE JOVEM, retrato de uma sua irmã, que despertou bastante interesse. E no salão seguinte, em 1899, obtinha o prêmio de viagem à Europa com uma estátua de menino, tamanho natural, intitulada REMORSO, que figura atualmente em bronze no Museu Nacional de Belas Artes. (DEL NEGRO, 1980, p. 3).

Na *Gazeta de Notícias* de 6 de setembro de 1899, o escritor Renato de Castro dedicou um artigo ao trabalho de José Octávio C. Lima, à estátua *Remorso* (Figura 16), sob o título “Exposição Geral de Belas Artes”.⁶² Castro descreve o menino sentado sobre um penhasco, com uma das pernas cruzada sobre a outra, apoiando-se numa das mãos e a outra levemente pousada sobre os joelhos; “[...] lança de esguelha um olhar tristonho e cheio de piedoso arrependimento à sua vítima. Com o olhar perdido, olha vagamente para a avezinha morta e pensa no crime, no mistério da morte, no bom Deus, que deve estar ofendido” (DEL NEGRO, 1979, p. 3).

O escritor conclui: “[...] é uma idéia de artista fino e delicado, que, apesar da sua ingenuidade, foge ao ridículo, pela graça da composição e o profundo sentimento daquela figura” (DEL NEGRO, 1979, p. 3).

colonial brasileiro, com a Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822. Durante o período imperial, a escola passou a ser conhecida como Academia Imperial das Belas Artes (AIBA) e foi considerada definitivamente instalada em 7 de novembro de 1826. Foi com a chegada do período republicano, em 15 de novembro de 1889, que passou a ser chamada de Escola Nacional de Belas Artes. Em 1931, a escola passou a integrar a Universidade do Rio de Janeiro e, em 1937, a Universidade do Brasil. Em 1965, teve outra vez o nome alterado e passou a se chamar apenas Escola de Belas Artes (EBA), fazendo parte da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁶² Exposições Gerais de Belas Artes eram assim designadas as exposições de artes plásticas promovidas pela Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), a partir de 1840, no Rio de Janeiro. Ao longo do período imperial foram realizadas 26 edições da mostra, com periodicidade irregular, a última delas em 1884. Suspensas por uma década voltariam a ser realizadas em 1894, após o advento da República e com a transformação da AIBA em Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), tendo assumido, a partir de então, maior regularidade. Em 1934, a mostra passou a se chamar Salão Nacional de Belas Artes, denominação que, no entanto, informalmente era utilizada desde a primeira edição ocorrida no período republicano

Na Escola Nacional de Belas Artes foram seus professores de desenho os pintores Belmiro de Almeida, Modesto Brocos e Zeferino da Costa, e de estatuária, Rodolfo Bernardelli.⁶³

José O. Corrêa Lima viajou para Paris em 1899, como aluno premiado, onde esteve com seu mestre Bernardelli que o aconselhou a seguir para Roma, pois “[...] encontraria um ambiente mais tranquilo para quem só dispunha de dois anos de pensão” (DEL NEGRO, 1979, p.4).

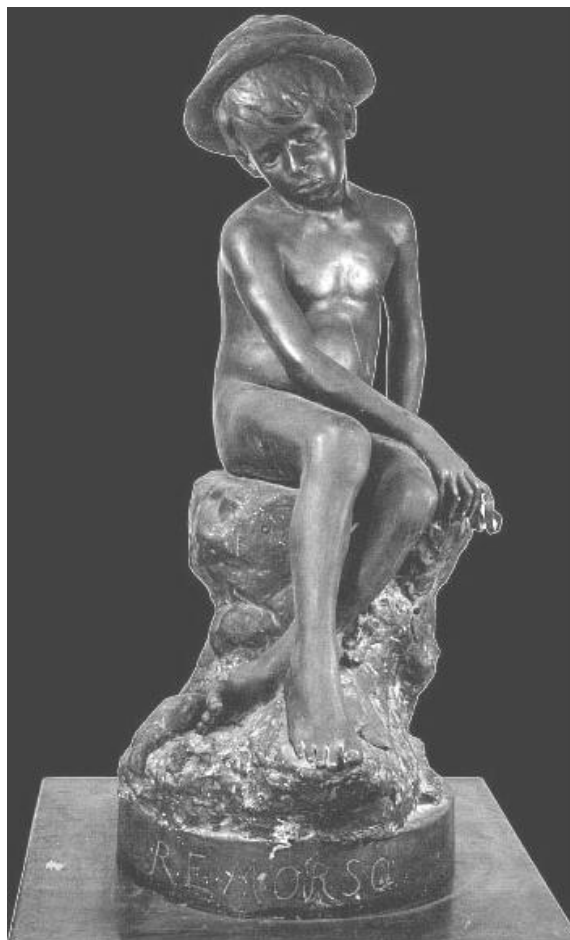


Figura 16 - Escultura: *Remorso*, 1899.
Bronze fundido, 103,0 x 40,0 x 50,0 – Corrêa Lima
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes
Fonte: http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_cl.htm

⁶³ José Maria Oscar Rodolfo Bernardelli (Guadalajara, México, 1852 - Rio de Janeiro, RJ, 1931) pertencia a uma família de artistas de origem italiana. Em companhia dos irmãos – Henrique Bernardelli e Felix Bernardelli –, também pintores, muda-se para o Rio de Janeiro com os seus pais, futuros preceptores das princesas Isabel (1846-1921) e Leopoldina (1847-1871), a convite do imperador Dom Pedro II (1825-1891). Como aluno pensionista permanece em Roma de 1877 a 1884, estuda com os mestres Achille d'Orsi (1845-1929) e Giulio Monteverde (1837-1917). De volta ao Brasil é professor de escultura na AIBA, em substituição a Chaves Pinheiro. Considerado um dos reformadores do ensino artístico no Brasil, Rodolfo Bernardelli é, entre 1890 e 1915, o primeiro diretor da recém-instituída Escola Nacional de Belas Artes – ENBA. Rodolfo Bernadelli foi professor titular de Escultura Estatuária na ENBA até 1910 quando foi substituído por seu discípulo José Octávio Corrêa Lima, mais tarde também diretor.

Segundo Dazzi (2006), a escolha dos alunos cariocas pela cidade de Roma para aperfeiçoar seus estudos dava-se: “[...] graças, em grande parte, às relações artísticas que a AIBA/ENBA sempre procurou estabelecer com este país, sobretudo através dos Prêmios de Viagem!”.⁶⁴ A pesquisadora, então, explica:

Os artistas que lá estudaram na segunda metade dos Oitocentos, se “alimentavam” com as novidades que ocorriam no contexto artístico no qual estavam imersos e traziam estas inovações quando dos seus regressos ao Brasil, e mesmo ainda durante as suas estadias na Itália, através do envio de obras que figuravam em exposições. (DAZZI, 2006).

O fascínio exercido pela Itália no século XIX decorria da ideia de que se tratava do lugar mais idôneo para um aprendizado artístico, reforçando o conselho dado por Bernardelli ao seu discípulo Corrêa Lima. Dazzi (2006) cita um ofício de 1868, destinado ao Governo Imperial, referente à ida de Zeferino da Costa à Itália, em que os membros da Congregação da Academia deixam claro tal posicionamento:

A carestia da vida em Paris, a exigüidade da pensão estabelecida, e, mais que tudo, as distrações daquela grande cidade, que a experiência tem nos demonstrado perturbar o estudo dos nossos alunos, contrastando com a *vida* tranqüila, módica e apropriada ao estudo das belas artes que Roma oferece, são as razões que levaram a Congregação a tomar esta resolução. (DAZZI, 2006).

Contudo, o pouco tempo que José Octávio C. Lima permaneceu em Paris marcou-o definitivamente, como bem analisa Del Negro (1979, p. 4):

Mas a impressão que lhe deixou a estatuária francesa foi inolvidável e de súbito se afeiçãoou ao grande Carpeaux e Dalou. E deve confessar que Rodin lhe desorientou, nessa época em pleno sucesso. Mas esse bom senso que sempre o acompanhou segredou-lhe logo que, como tantos outros, ele só poderia alcançar as extravagâncias do gênio e nunca seu vigoroso poder de expressão. Teve a sorte também de poder ter uma visão das artes plásticas em todo o mundo, visto nessa época se inaugurar uma das Exposições Universais que se realizavam em Paris de 10 em 10 anos.

Chegando a Roma, montou um ateliê, mantendo diariamente duas sessões de modelo vivo e à noite desenhava no Círculo Artístico Internacional (Associazione Artistica

⁶⁴ Sobre o Prêmio de Viagem ao estrangeiro será desenvolvido a seguir.

Internazionale),⁶⁵ onde era sócio. Aos domingos visitava os museus e, conforme relata Del Negro (1979, p. 4), “[...] pouca diferença foi esta sua vida, durante os três anos que lá passou”. Apesar de uma rotina diária em Roma, teve a oportunidade de visitar as principais cidades italianas, como Florença, Milão, Veneza, Nápoles.

Sobre o avô na Itália, Bruno Corrêa Lima esclarece:

Bom, não me lembro de quase nada... A escultura *Remorso* está lá em Friburgo. Agora a vida dele lá, ele falava muito pouco sobre isso, mas lá ele conheceu a minha avó em Roma, mas ela não era de Roma, ela tinha ido passear em Roma, ele gostou, começou a se aproximar, ela morava em uma cidade que não era perto, era no Norte da Itália. [...] a cidade dela era Fermo, cidade medieval, toda de muralhas, tudo branco, calcário puro aquilo lá. Ele foi lá, o sogro dele, ele era joalheiro, fazia joias, e já tinha feito uma réplica da cidade deles lá em material de joalheria, tinha sido premiado, era uma família grande, a Rachel conhece melhor que eu porque foi até lá, esteve lá com eles.⁶⁶

Segundo Del Negro (1979, p.4), as obras que José Octávio C. Lima executou em Roma, como pensionista entre 1900 e 1902, foram a escultura *São João Batista*, um menino em tamanho natural executado em gesso; *Mater Dolorosa*, grupo de esculturas em gesso de tamanho natural (Figura 17); *A Forja*, estatueta em gesso; *Prisioneiro*, um bronze que figurou no Salão Anual de Roma em 1901 e na Exposição Geral de Belas Artes do Rio no mesmo ano e, por último a escultura em bronze chamada *Pagé*.

Del Negro (1979, p. 5) reforça o talento precoce do escultor José Octávio C. Lima, afirmando que ele “[...] obteve pensão com um trabalho que revelou rigorosamente, de um só jato, o seu talento promissor, intitulado O REMORSO. Alcançou grande sucesso com o seu CABO, com o busto RAUL POMPÉIA, e com PAGÉ, sacerdote indígena, muito interessante pela naturalidade da curva dos joelhos”. Para Del Negro, “[...] o nu foi sempre a predileção do nosso Lima e estudou-o com o maior fervor”.

⁶⁵ O Círculo Artístico Internacional surge em 1870 em Roma, estabelecendo o elo comum entre os artistas que estudaram na cidade durante as duas últimas décadas do século XIX, tendo sido seus sócios os Bernardelli, Pedro Weingärtner, Fiúza Guimarães, Rafael Frederico, Bento Barbosa e Corrêa Lima. Além de pintar, neste centro os artistas organizavam tertúlias e festas, como os famosos carnavais que se celebravam a cada ano e em cuja preparação contribuíam decorando o local. Cada grupo montava um cenário de acordo com sua origem nacional. O Círculo contava com várias salas para as suas atividades, bibliotecas e restaurante. Além disso, organizava exposições anuais na famosa Casina Del Pincio da Piazza Del Popolo.

⁶⁶ Entrevista com Bruno C. Lima.



Figura 17 - Escultura: *Mater Dolorosa*.
 Molde em gesso. Corrêa Lima (1901)
 Foto: Juca Fernandes.

Para exemplificar essa predileção do escultor pelo nu feminino, Del Negro (1979, p. 8) descreve a escultura *Mater Dolorosa*:

Melhor prova não se poderia obter do que a que temos na sua principal obra até hoje feita – MATER DOLOROSA.

Este grande gesso, que figurou no nosso Salão de 1902, impressionou bem ao Presidente Campos Salles, mas a sua louvável intenção de proporcionar ao artista os meios de o passar para o mármore esbarrou no obstáculo da propinqua terminação do seu período presidencial. Disposição de verbas, legalidade de obrigações de nossos exercícios, em suma, um enredo

complicado de coisas administrativas, impediram que essa obra fosse posta a salvo de qualquer desastre futuro. E assim ela está emparedada na oficina do escultor, como um protesto formidável contra todos os seus ideais ou um esgarçamento a todas as suas grandes concepções.

Voltando ao Rio de Janeiro, apesar do sucesso obtido pelos seus envios de pensionistas, sua vida foi difícil, situação confirmada por Bruno C. Lima. José Octávio C. Lima realizou vários tipos de trabalho, inclusive esculturas de alguns carros alegóricos para o Carnaval, auxiliando o seu colega e grande amigo Fiuza Guimarães.⁶⁷ Bruno recorda o que o avô lhe contava dessa época:

O Attilio nasceu lá em Roma. Eles vieram para cá, o casal com o filho [...]. José Octávio morou com pai até conseguirem estabilizar um pouquinho, mas já veio, quando voltou, logo depois quando voltou, foi convidado para trabalhar como professor, o Bernardelli, para trabalhar mesmo na faculdade, na Escola de Belas Artes. Prestou concurso, entrou. [...] aí alugou casa, começou a ganhar dinheiro [...].⁶⁸

O escultor foi nomeado professor da Escola Nacional de Belas Artes em 1910, tornando-se por esse motivo membro do antigo Conselho Superior de Belas Artes, participando inúmeras vezes das Comissões Organizadoras das Exposições Gerais de Belas Artes. Esteve sempre presente nos júris de escultura ininterruptamente até 1930. Em junho de 1927, foi nomeado Diretor da Escola Nacional de Belas Artes, cargo que exerceu até dezembro de 1930. Foi presidente de honra da Sociedade Brasileira de Belas Artes, membro da Academia Fluminense de Letras, do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, da Sociedade Propagadora das Belas Artes e professor emérito da Escola de Belas Artes da UFRJ.

Obteve nas Exposições Gerais de Belas Artes os prêmios Medalha de Prata em 1901, Medalha de Ouro em 1902 e Medalha de Honra em 1916.

Entre as obras de maior repercussão destaca-se o monumento ao Almirante Barroso. Em 15 de agosto de 1907, fez-se edital para concurso público para esse monumento. O

⁶⁷ José Fiuza Guimarães (Portugal, 1868 - Rio de Janeiro, RJ, 1949). Pintor, decorador carnavalesco. Em meados de 1883 chega ao Brasil e fixa residência no Rio de Janeiro. Estudou pintura na Academia Imperial de Belas Artes – AIBA –, com Rodolfo Amoedo (1857-1941) e Henrique Bernardelli (1858-1936), e no Liceu de Artes e Ofícios; trabalhou como decorador carnavalesco. De 1896 a 1901, reside na Alemanha, graças ao Prêmio de Viagem ao Exterior concedido pela Escola Nacional de Belas Artes – ENBA. Nessa instituição, atuou como professor de pintura, em 1916, e de desenho figurado, em 1921.

⁶⁸ Entrevista com Bruno C. Lima.

parecer da comissão julgadora, dado no dia 19 de novembro do mesmo ano, anunciava Corrêa Lima como vencedor em primeiro lugar, cabendo-lhe a execução do monumento.

Gonzaga Duque (1929, p. 34)⁶⁹ acrescentou, por ocasião da exposição dos projetos dos concorrentes no fim do ano, o que segue:

A maquete da estátua do Almirante Barroso, escolhida no concurso aberto pelo governo, pertencia ao escultor Corrêa Lima. Restringido às cláusulas da concorrência, o artista delineou um monumento harmonicamente simples, mas de uma grandiosidade de linhas sintéticas que não míngua o vulto histórico do Herói do Riachuelo. A sua efígie tem energia e bravura, é lançada com vigor de desenho e possui grande poder sugestivo – revive o valente chefe de divisão no seu tipo físico e o representa pelo sentir do provo, tal como ele o compreende e venera. Será, pois, uma das mais belas estátuas desta cidade, entre as que ela possa vir a ter com esse mérito, e glória para o seu autor, em qualquer confronto a que se a sujeite.

O prazo concedido para a execução da obra era muito exíguo e, não dispondo naquela ocasião das condições necessárias à execução da obra, o escultor José Octávio C. Lima “[...] tratou de seguir imediatamente para Paris, tal como fizera o mestre com o monumento a Cabral,⁷⁰ havendo a circunstância de mais uma vez aproveitar-se de um ambiente de alta cultura artística” (DEL NEGRO, 1979, p.11).

O monumento foi inaugurado em 19 de novembro 1909, atendendo ao edital. Na coluna central está a figura do Almirante Barroso, além de duas figuras aladas, representando a Pátria e a Vitória, ambas sobre duas proas em bronze (Figura 18).

Para a elaboração do monumento, José Octávio C. Lima permaneceu durante dois anos em Paris com a família, conforme Bruno descreve:

Meu avô foi para Paris com a família para executar o monumento ao Almirante Barroso. [...] essa foi a primeira viagem dele, do Attilio, que eu sei, para Paris foi com [...] era pequeno, no tempo de escola [...] ele botou o Attilio para estudar num colégio primário lá em Paris, começou o curso primário [...] foi por conselho do amigo dele o escritor. [...] ele ficou eu

⁶⁹ Gonzaga Duque é um importante crítico de artes plásticas brasileiro do século XIX. Publicou vários artigos na imprensa e foi reconhecido pela relevância de sua produção. A maioria de seus textos são análises da produção dos artistas atuantes no Rio de Janeiro entre as décadas de 1880 e 1910, constituindo uma grande fonte de informações históricas sobre o desenvolvimento das artes visuais no Brasil.

⁷⁰ O Monumento a Pedro Álvares Cabral está localizado nos jardins no largo da Glória, no Rio de Janeiro, RJ. Obra do escultor Rodolfo Bernardelli, foi inaugurada por Campos Salles, então presidente da república, durante os festejos do quarto centenário da “descoberta” do Brasil.

acredito um ano e meio mais ou menos...não deve ter completado dois anos, um a dois anos... Agora me lembrei... ele foi colega de turma do filho do escritor Luis Edmundo,⁷¹ um amigo do José Octávio, escritor, escreveu um livro, *O Rio de Janeiro do meu tempo*.⁷²



Figura 18 - *Monumento Almirante Barroso*. Corrêa Lima, 1909.

Fonte: <http://ashistoriasdosmonumentosdoriorio.com.br/2012/12/o-monumento-ao-almirante->

⁷¹ Luís Edmundo de Melo Pereira da Costa (1878-1961), historiador e memorialista do Rio de Janeiro. Autor igualmente de *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis* e *A Corte de D. João no Rio de Janeiro*, sua atividade de literato, que acumulava com a de jornalista do extinto *Correio da Manhã*, circunscreveu-se, basicamente, à história de sua cidade e, nos últimos anos de sua vida, às suas memórias. *O Rio de Janeiro do meu tempo* foi sua obra mais conhecida. Nela, Luís Edmundo extravasou o seu imenso amor por sua cidade, contando as histórias e falando dos ambientes por ele vividos na virada do século, em sua dupla condição de participante e testemunha.

⁷² Entrevista com Bruno C. Lima.

José Octávio, além de participar de salões de exposições e concursos, dedicou-se à arte funerária,⁷³ executando várias esculturas para jazigos espalhados pelo Brasil. Del Negro (s.d., p. 11) descreve as obras elaboradas por Corrêa Lima, quando o escultor estava em Paris realizando o monumento ao Almirante Barroso, entre elas uma escultura para um túmulo: “[...] FIGURA DE ANJO, de mármore, sob projeto de R. Bernardelli para um túmulo, cuja maquete se encontra no Museu Nacional de Belas Artes, compromissos assumidos antes de seu sucesso no concurso do grande monumento”.

Segundo Maria Elizia Borges (BORGES; SANTOS; GOMES, 2010), a Figura de Anjo (Figura 19) está em um “[...] Jazigo Art Nouveau do século XX, em mármore de carrara. O grande anjo se debruça sobre o jazigo de Mercedes, coberto de rosas. Estamos diante da dor da perda que vem acompanhado de grande erotismo mediante a posição do corpo e vestes do anjo”.

Em alguns trabalhos na área de patrimônio, encontra-se o nome de José Octávio C. Lima em destaque na execução de esculturas para túmulos em Porto Alegre, Pelotas e muitas outras cidades, como no Rio de Janeiro, no Cemitério São João Batista. Contudo, constatou-se que ainda há poucas pesquisas realizadas sobre o escultor, cuja produção foi vasta e disseminada por vários locais do país, seja na execução de monumentos, bustos, arte funerária e adornos para edifícios.

⁷³ “Na segunda metade do século XIX, o imigrante europeu no Brasil possuía a necessidade de eternizar-se perante a sociedade e fazer do seu túmulo um símbolo de prosperidade junto aos seus compatriotas. Assim, os jazigos eram confeccionados por artistas trazidos da Europa, especialmente para adornar a morada definitiva do colono. A intenção das famílias imigrantes era fazer dos túmulos extensões do próprio lar. Os aspectos monumentais, ou humildes dos mausoléus representavam indiretamente a importância de determinadas famílias perante a sociedade da época. O desenvolvimento da arte tumular no Brasil está intrinsecamente ligado à Europa. Porém, os cemitérios brasileiros apenas refletem as tendências das principais metrópoles europeias, e se adaptam à disponibilidade material e cultural” (LUCAS, 2006, p. 11).



Figura 19- *Figura de Anjo*. Obra de José Octávio C. Lima (1907-1909). Cemitério São João Batista.
 Fonte: <http://www.artefunerariabrasil.com.br/cemiteriosBrasileiros>

No trabalho de Alfonsin (2011), intitulado *Levantamento histórico e iconográfico do Monumento Funerário “Adalgisa, Amelinha e Octacianinho”* (Figuras 20 e 21), a pesquisadora confirma o que foi constatado:

No Cemitério de Pelotas, são poucas as obras que não foram importadas, entre elas encontramos uma que identificamos o autor apenas pela assinatura C. Lima.

Com esta assinatura, não poderíamos chegar com exatidão ao nome do escultor; por isso, passamos a procurar pelo Rio Grande do Sul obras que possuísem uma assinatura idêntica à da escultura do Cemitério de Pelotas.

Durante três anos, pesquisamos; porém, não obtivemos sucesso, até que recentemente, em Santa Catarina, encontramos um Monumento a Fernando Machado, todo em bronze, em pedestal de granito, com 3m80cm de altura, localizada no Jardim José Bor, centro de Florianópolis.

Tanto no relevo como no monumento, identificamos a mesma assinatura – C. Lima, obra esta inaugurada em 15 de janeiro de 1917.

Geralmente, as cidades têm sempre um catálogo com as principais obras públicas realizadas, e, em Florianópolis, não foi diferente, encontramos uma obra rara que descrevia vários monumentos e, entre eles, o de Fernando Machado. Na ficha técnica da obra, encontramos o nome do escultor José Otávio Correia Lima. (AFONSIN, 2011, p. 27).



Figura 20 - Monumento funerário denominado *Adalgisa, Amelinha e Octacianinho*.
Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, Pelotas, RS.

José Octávio Corrêa Lima, 1931.

Fonte: <https://conservacaoerestauo.files.wordpress.com/2013/05/tcc-fabiana.pdf>



Figura 21- Detalhe da assinatura do artista no bronze.
 Monumento funerário denominado *Adalgisa, Amelinha e Octacianinho*.
 Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, Pelotas, RS.
 José Octávio Corrêa Lima, 1931.

Fonte: <https://conservacaoerestauero.files.wordpress.com/2013/05/tcc-fabiana.pdf>

O escultor trabalhou em parceria com o engenheiro-arquiteto Heitor de Mello⁷⁴ em vários projetos de edifícios em estilo eclético no centro do Rio de Janeiro, nos quais realizava esculturas, detalhes construtivos ou de composições volumétricas das fachadas.

Um dos edifícios que exemplifica essa colaboração é a antiga Sede do Jockey Clube do Rio de Janeiro (1911), na Avenida Rio Branco (demolida nos anos 70), no qual o escultor realizou, segundo Del Negro (1979, p. 14), “[...] dois grupos com cavalos, decoração em cimento nos ângulos da bela fachada do Jockey Clube, na Avenida Rio Branco, cujo projeto geral é do famoso arquiteto Heitor de Mello. Um vigoroso rapaz,

⁷⁴ Heitor de Melo (1875- 1920) engenheiro- arquiteto do início do século XX, formado em Arquitetura pela ENBA onde, mais tarde, foi professor catedrático de Composições de Arquitetura. Adepto do estilo eclético, segundo o professor Paulo Santos: "esforçou-se para manter em cada projeto certa coerência estilística, só raramente tendo misturado estilos no mesmo edifício".

de atléticas formas, doma pelas rédeas um feroso cavalo que se lança para o céu, magnificamente executado pelo artista”⁷⁵ (Figuras 22 e 23).



Figuras 22 e 23 - Escultura para a fachada da Sede do Jockey Club do Rio de Janeiro (1911). Corrêa Lima.

Fonte: <http://www.antonioferreira.lel.br/>

Del Negro (1979, p.14), na sua pesquisa sobre o escultor, detalha a obra do cavalo para a fachada do Jockey Club, e cita o pequeno Attilio C. Lima no ateliê do pai: [...] “Grupo com cavalo, vendo-se Attilio, menino, filho do Escultor” (Figura 24).

Há vários registros fotográficos da presença de Attilio C. Lima no ateliê do pai no acervo da família. Essas imagens comprovam que, desde muito jovem, Attilio C. Lima, além de frequentar o ambiente de trabalho do pai, também se envolveu de alguma forma na elaboração das esculturas, seja como observador ou, muitas vezes, como modelo.

Os ateliês de J. Octávio Corrêa Lima eram extensões de sua casa, o que facilitou a constante participação de seu filho em sua vida profissional, influenciando com certeza em interesses e escolhas futuras, ou ainda como um capital cultural adquirido como herança familiar.

⁷⁵ Escultura inspirada na obra do escultor francês Guillaume Coustou: “Cavalos de Marly” de 1745. Os Cavalos faziam parte da decoração do Chateau Marly e foram levados para Paris em 1794, durante a Revolução Francesa onde foram instalados na Place de la Concorde, na entrada da Avenida de Champs Élysées. Hoje existem aí cópias desses cavalos, os originais estão no Louvre desde 1984.

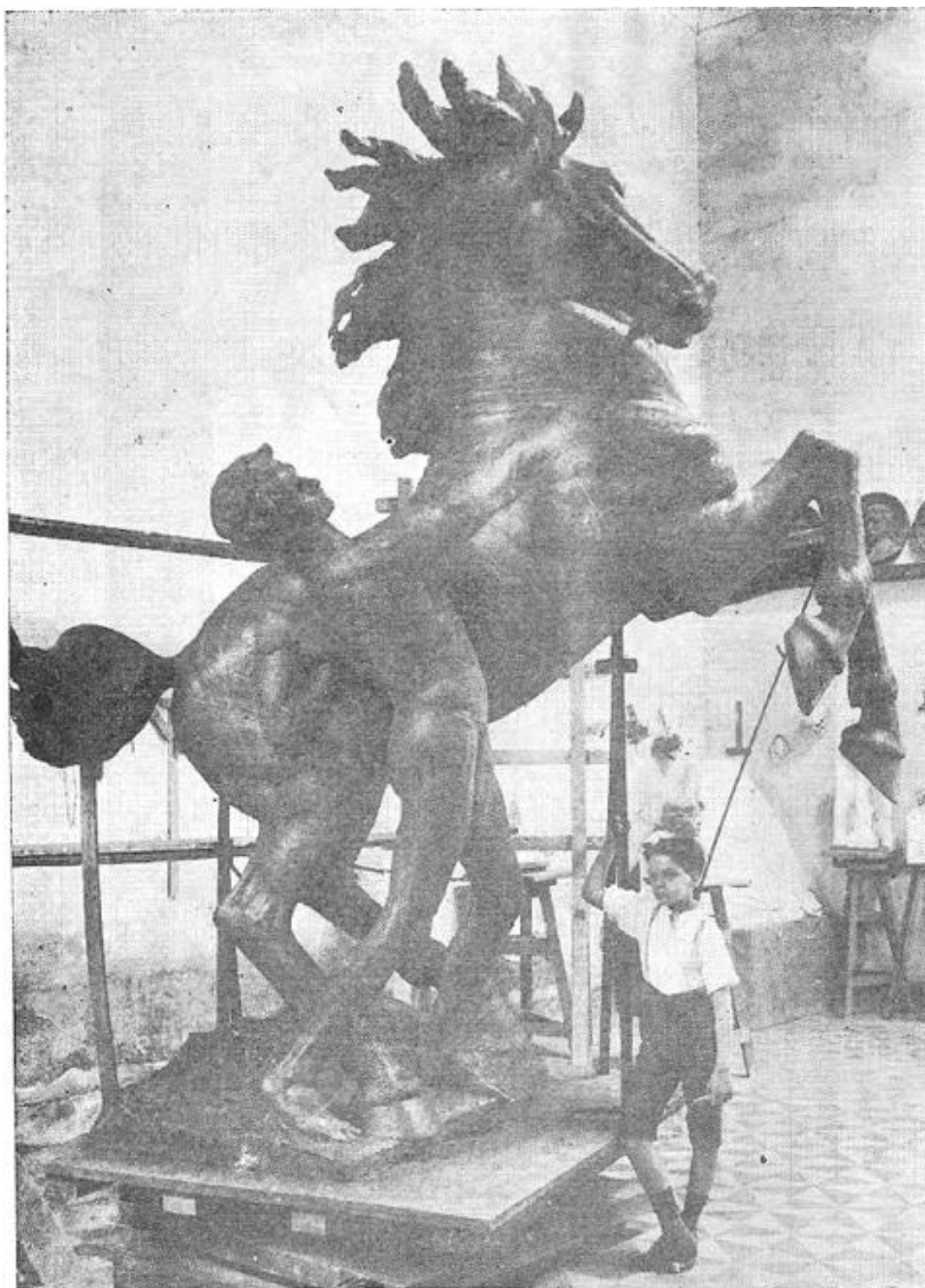


Figura 24 - Ateliê de José Octávio C. Lima
O menino Attilio Corrêa Lima ao lado da escultura, em 1911.
Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/98234801/Jose-Octavio-Correa-Lima>

Outro projeto em parceria com o escritório de Heitor de Mello⁷⁶ foi o da Câmara Municipal do Rio de Janeiro (1920-1923), onde foram elaboradas esculturas em cimento modelado e baixo-relevo em argamassa. Segundo Ribeiro (2012, p. 76), “[...] o programa alegórico do Palácio Pedro Ernesto foi idealizado pelo escultor Corrêa Lima, que teria posicionado junto aos dois torreões da fachada do prédio oito esculturas alegóricas, sendo quatro frontais femininas e outras quatro, ao fundo, masculinas” (Figura 25).



Figura 25- Palácio Pedro Ernesto. Rio de Janeiro, Cinelândia.

Esculturas alegóricas femininas (em vermelho) e esculturas alegóricas masculinas (em azul) de J. C. Lima
Fonte: <http://www.almacarioca.com.br>

⁷⁶ Em 1920, com o falecimento de Heitor de Mello, Archimedes Memória substituiu-o na sociedade com o arquiteto franco-suíço Francisque Couchet, sem, no entanto, modificar o nome da firma. Ainda aluno, Archimedes Memória foi convidado por Heitor de Mello para auxiliá-lo em seu escritório, a maior firma de arquitetura da então capital da República.

As alegorias femininas, de acordo com a leitura de Ribeiro (2012, p. 76), “[...] representariam os quatro estágios por que passou a cidade do Rio de Janeiro ao longo da história”; a Cidade Primitiva, a Cidade Colonial, a Cidade Imperial e a Cidade Republicana (Figuras 26, 27, 28 e 29).



Figuras 26 e 27- “No torreão à esquerda do observador estão a Cidade Primitiva (Figura 26), representada por uma índia e seus típicos adereços, e a Cidade Colonial (Figura 27), representada por uma mulher em andrajos, como se maltratada estivesse, em conformidade com o estado de abandono em que se encontrou o Rio de Janeiro colonial até a chegada da Família Real Portuguesa” (RIBEIRO, 2012). Corrêa Lima, 1920-1923.

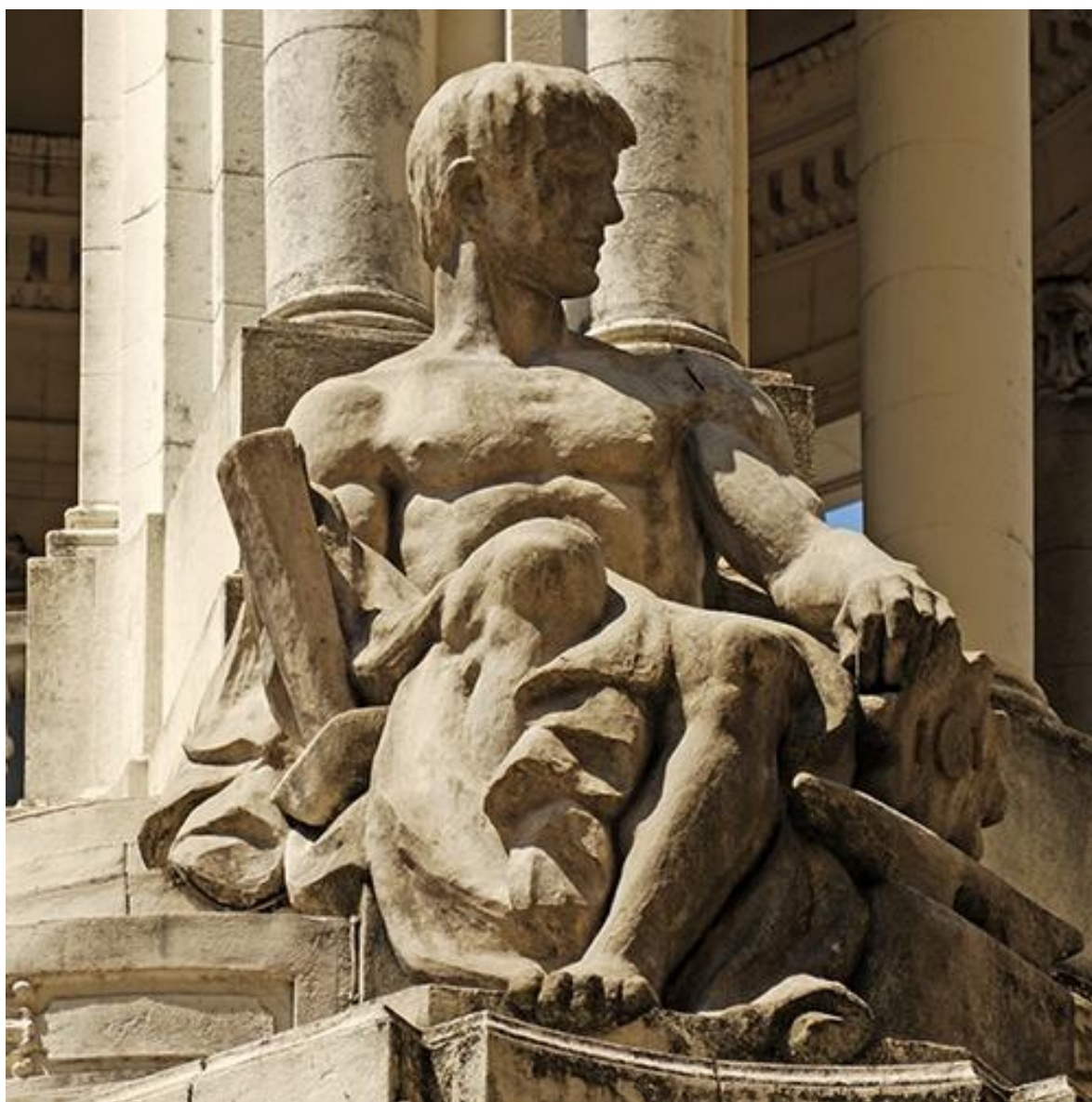
Fonte: <http://orioqueorionaove.com>



Figuras 28 e 29 - “No torreão à direita do observador estão a Cidade Imperial (Figura 28) – uma mulher vestida com a indumentária da época, além de cetro e coroa – e a Cidade Republicana (Figura 29), representada com o inconfundível barrete frígio alusivo à ideia de República, além de portar um escudo com o brasão da cidade do Rio de Janeiro ao centro” (RIBEIRO, 2012). Corrêa Lima, 1920-1923.

Fonte: <http://orioqueorionaove.com/>

Quanto às quatro esculturas alegóricas masculinas, posicionadas ao fundo do Palácio Pedro Ernesto, representariam, ainda, segundo Ribeiro⁷⁷ (2012, p.77), as fases sucessivas do Trabalho, vistas para o bom desenvolvimento de uma sociedade urbana. De um lado, o Trabalho Manual, representado pela Indústria (Figuras 30) e pela Agricultura.



Figuras 30 - Alegoria masculina representando o Trabalho Manual: a Indústria, com o martelo e a engrenagem
Corrêa Lima, 1920-1923.

Fonte: <http://orioqueorionaove.com/>

⁷⁷ Câmara de Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro. Histórico e análise das estátuas dos torreões. Autor: Nelson Pôrto Ribeiro (arquiteto e historiador da Arte). Disponível em: <http://www.operaprima.com.br/>.

Em outro pavilhão, onde se encontram as estátuas das cidades Imperial e Republicana à frente, estão as representações alegóricas masculinas das Ciências e das Artes aos fundos (Figura 31). As Ciências, segundo Ribeiro (2012, p. 77), “[...] é representada por uma figura masculina que tem ao seu lado três livros, por cima destes uma esfera armilar que tradicionalmente representa a abóbada celeste e por extensão a astronomia”. As Artes, por sua vez, descreve Ribeiro (2012, p. 77):

[são representadas] por uma figura masculina donde se vê junto ao manto que a cobre uma lira simbolizando a música (era o instrumento de Orfeu) e uma palheta e um martelo simbolizando as artes plásticas (pintura e escultura). Também esta figura segura com a mão direita uma tocha, com significado similar à da lâmpada da alegoria anterior. A tocha simbolizaria a iluminação dos caminhos iniciáticos, aqueles que são necessários serem percorridos para a formação de um mestre.



Figura 31- Alegoria masculina representando o Trabalho Intelectual: as Artes.
Corrêa Lima, 1920-1923.

Fonte: <http://orioqueorionaove.com/>

Em 1927, Corrêa Lima realizou o monumento *Triunfo da República* (Figura 32), para a Praça da República⁷⁸ em Niterói. O monumento, segundo Araújo (2008, p. 13), é composto:

[...] de um embasamento com escadaria que leva a um pedestal de cantaria onde se encontra a escultura em bronze, constituiu-se de uma biga romana, puxada por dois cavalos em posição de galope, conduzida por uma mulher que traz na mão direita um ramo de louros. Encontram-se, ainda, dois guarda-corpos sobre os quais figuram as estátuas de Quintino Bocaiúva e Benjamin Constant. Na face anterior da coluna encontra-se a estátua pedestre de Silva Jardim. O capitel do pedestal é ornamentado por pequenas placas de bronze com o nome de cada um dos municípios do estado, encobrindo os nichos contendo porções de terra daqueles municípios.



Figura 32 - Monumento: *Triunfo à República na Praça da República*, Niterói, 1927.
Fonte: Acervo da família Corrêa Lima.

⁷⁸ Entre 1906 e 1910, sob a gestão do então prefeito João Pereira Ferraz, a cidade de Niterói entrou em um processo de urbanização e embelezamento, que prosseguiu firme durante o governo de Feliciano Pires de Abreu Sodré. Em 1913, a prefeitura da cidade adquiriu uma área para implantação de um complexo cívico e projetaram "obras de embelezamento e urbanização". O projeto, de autoria do arquiteto Emile Depuy Tessain auxiliado por Pedro Campofiorito, previa a construção de edifícios públicos em torno da praça, formando um grande "Centro Cívico", e a abertura de uma ampla avenida passando em frente à Praça, de ligação entre Marquês do Paraná e a Visconde do Rio Branco, que somente em 1954 foi concretizada e ganhou o nome de Avenida Ernani do Amaral Peixoto. Para o projeto dos edifícios foi contratado o arquiteto Heitor de Melo (Fonte: "Niterói Patrimônio Cultural", editado pela SMC/Niterói Livros em 2000. Disponível em: <<http://ddp-fan.com.br/patrimonio/Portalcant.htm>>).

Contatamos mais uma vez, através de registro fotográfico, a presença de Attilio C. Lima no ateliê do pai durante a elaboração do monumento para a Praça da República (1926-1927). Na foto da Figura 33, o escultor J. Octávio C. Lima (usando óculos) tem seu filho sentado à sua esquerda (de gravata borboleta) cercado de seus auxiliares.

Pouco depois desse registro, Attilio C. Lima parte para sua viagem para Paris, onde fará o curso de urbanismo.



Figura 33 - José Octávio C. Lima (usando óculos), seu filho Attilio C. Lima (sentado á sua esquerda), cercado por seus auxiliares em seu ateliê, quando executava o monumento *Triunfo à República* (1926-1927).
Fonte: Acervo da família Corrêa Lima.

Outro monumento de destaque foi a estátua de José Bonifácio de Andrada e Silva⁷⁹ (Figura 34), que o governo brasileiro presenteou à cidade de Nova York nos anos 50. À época, para desenvolver o monumento, foi criado um concurso público para escolher o artista que iria

⁷⁹ Há uma cópia da mesma estátua no *hall* do edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ.

esculpir, em bronze, a estátua do Patriarca da Independência. O escolhido foi José Otávio Corrêa Lima, que concluiu os trabalhos em 1953. Sua inauguração oficial deu-se dois anos mais tarde, em 22 de abril de 1955, em uma cerimônia realizada na Avenida das Américas esquina com a Rua 42 Oeste, no Park Bryant, onde o monumento permanece.



Figura 34 - Monumento em homenagem ao Patriarca da Independência: José Bonifácio Andrada e Silva
Nova York, Estados Unidos (1955).

Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/>

Flexa Ribeiro, “No ciclo das Belas Artes”, do *Folhetim do Jornal do Comércio* de 9 de novembro de 1954, citado por Del Negro, analisa o monumento a José Bonifácio no panorama dos padrões da escultura brasileira, com as seguintes asserções:

Para Corrêa Lima a grandeza não vem do tamanho, mas da proporção. [...] Ainda no unitário monumental, como é o caso da estátua de JOSÉ BONIFÁCIO que se inaugura na Praça da Biblioteca Nacional da Cidade de Nova Iorque – aqueles privilégios plásticos não foram esquecidos, ou omitidos. Sem abandonar o delicado, Corrêa Lima compreendeu que o monumento de ar livre precisa fundir-se em densidade estrutural. Sem rompimento da Matéria, em que o ar pudesse “roer” as extremidades – *l’aria mangia tutto* – o monumento bonifaciano se

alentava num bloco monolítico. [...] JOSÉ BONIFÁCIO, de pé, com traje da época sustém na destra o pergaminho libertador, e com a sinistra, arrepanha o manto que lhe prolonga a silhueta da estatura, e dá movimento à figura no seu planejamento nobre e modelar.

[...] e, assim, sem *tenon*, sem outro artifício de equilíbrio, o JOSÉ BONIFÁCIO de Corrêa Lima ficará na metrópole americana, como a evocação sintética de nossa nacionalidade.

Com esse monumento, o artista brasileiro deu, à cidade de Nova Iorque, eloqüente testemunho de nossa cultura no domínio das belas artes. (DEL NEGRO, 1979, p. 27).

Não se imaginava encontrar uma produção do escultor José Octávio Corrêa Lima tão vasta e de considerável importância, uma vez que não há catalogação de suas obras, nem pesquisa sistemática sobre elas. Ao escrever sobre o filho, o pai, que parecia somente um personagem secundário na narrativa de uma trajetória, mostrou-se tão instigante quanto Attilio C. Lima. As obras do escultor mencionadas são as de maior repercussão, com certeza o artista mereceria uma pesquisa mais minuciosa.

A apresentação do escultor José Octávio Corrêa Lima tem como objetivo traçar o perfil desse artista como pai que influenciou o filho Attilio C. Lima, e destacar as afinidades entre eles que determinaram uma cumplicidade e amizade presentes nas confidências e conselhos trocados nas correspondências, como serão posteriormente confirmadas.

Em 26 de março de 1973, o jornal *A Notícia* estampou a seguinte manchete: “Belas Artes faz busto para o escultor Corrêa Lima”:

A Sociedade Brasileira de Belas-Artes inaugurou, na manhã de ontem, na Avenida Chile, como uma homenagem dos seus discípulos, um busto do escultor Corrêa Lima, a cujo ato, entre outras personalidades, esteve presente o Sr. Luiz Figueirinha, representando o Professor Fernando Barata, Secretário de Turismo e Desportos da Guanabara.

O próprio escultor José Octávio Corrêa Lima, que está com 94 anos de idade, esteve presente à solenidade, a qual, de início, se recusara a aceitar, só o fazendo saber que grande parte dos seus ex-alunos estaria presente.

O busto, em bronze, do professor, que é considerado um dos mestres da escultura brasileira, foi esculpido por Celita Vaccani, que dele recebeu muitos ensinamentos.

[...] A homenagem ao Professor Corrêa Lima, que foi diversas vezes diretor da Escola Nacional de Belas-Artes e presidente da Sociedade Brasileira de Belas-Artes, teve, na homenagem da inauguração do seu busto, a presença do presidente da Sociedade Brasileira de Belas-Artes, Sansão Campos Pereira, que destacou as qualidades artísticas do escultor, assinalando que a homenagem estava sendo prestada tardiamente, pois o Professor Corrêa Lima dela se fazia merecer há muitos anos.

No ano seguinte da homenagem, José Octávio faleceu em 26 de agosto de 1974, aos 95 anos, deixando um legado artístico e com certeza uma lacuna a ser preenchida por estudos sobre a formação e produção da escultura no Brasil.



Figura 35 - José Octávio Corrêa Lima com sua esposa Rosália Marzia Benfaremo.
Fonte: Acervo da família Corrêa Lima.

3 ATTILIO CORRÊA LIMA: O ARQUITETO

3.1 Infância e adolescência

Attilio Corrêa Lima nasceu em Roma no dia 8 de abril de 1901, durante o período em que seu pai estava na Itália em Prêmio de Viagem, sendo registrado cidadão brasileiro no consulado do Brasil. Sua infância foi marcada por viagens entre o Brasil e a Europa, uma vez que seu pai acompanhava as fundições de suas esculturas realizadas no exterior. Após cinco anos morando na Europa, a família Corrêa Lima retornou ao Brasil em 1906, quando Attilio C. Lima iniciou seus estudos no Colégio Paula Freitas no Rio de Janeiro.

Por quase dois anos, entre 1908 e 1910, a família permaneceu em Paris, quando José Octávio C. Lima realizava o monumento ao Almirante Barroso. Durante esse período, Attilio C. Lima estudou em uma escola francesa.



Figura 36 - Attilio Corrêa Lima com seus pais.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

A infância e adolescência de Attilio C. Lima ocorreram durante o período da Primeira República (1889-1930), também conhecido como “República Velha” ou “República dos Coronéis”, na qual se deu o desenvolvimento do setor cafeeiro, como também a imigração estrangeira e a influência positivista no Brasil.

A capital do país, a cidade do Rio de Janeiro, onde a família Corrêa Lima estabeleceu-se, morando por muitos anos na área central, é uma região que sofreu grandes transformações decorrentes das reformas empreendidas por Pereira Passos, envolvendo a remodelação do porto, abertura de avenidas e intervenções para o embelezamento da cidade.⁸⁰ Segundo Schapochniko (2006, p. 439), citando Novais (1998), os melhoramentos urbanos:

[...] pretendiam extirpar aqueles traços que destoavam do projeto de transformar a capital da República numa “Europa possível”. A condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória quer à velha sociedade imperial quer às tradições populares deveria dar lugar a um novo padrão de sociabilidade burguês emoldurado num cenário suntuoso. “O mármore dos novos palacetes representava simultaneamente uma lápide dos velhos tempos e uma placa votiva ao futuro da nova civilização”.

A sociedade brasileira reproduziu essas mudanças de comportamento com o estabelecimento “[...] de novas relações fundadas na consagração do individualismo e do arrivismo [...]”, processo espelhado pela “[...] alteração nas origens da riqueza e do poder, com a ascensão de profissionais ligados às atividades liberais, burocráticas e empresariais, e a descentralização política na ordem republicana que preservou o poder das oligarquias estaduais”, representadas naquele momento por “políticos profissionais” (SCHAPOCHNIKO, 2006, p. 439).

Durante este período a vida social altera-se, implicando mudanças no âmbito dos costumes familiar, “[...] a recepção deixava de estar circunscrita ao grupo de amigos da casa ou dos laços de consangüinidade, agregando indivíduos estranhos à vida doméstica, cujo mérito pessoal e domínio das regras de etiqueta viabilizaram sua assimilação e circulação nos salões da elite”. Ressalta-se ainda que “[...] a divulgação desses rituais e etiquetas que remetiam à dissolução gradativa dos liames tradicionais e à valorização das virtudes individuais, do

⁸⁰ Francisco Pereira Passos (1836-1913) teve sua origem numa importante família do interior do Rio de Janeiro e sua formação inicial se deu em São João Marcos (mesma cidade da avó paterna de Attilio Corrêa Lima), no auge do ciclo do café. O contraste entre a vida no interior escravagista do Rio de Janeiro e a moderna Europa, onde foi estudar ainda jovem, certamente influenciou não apenas suas visões políticas, mas sua própria concepção de cidadania. Suas contribuições para o país vão além do “Bota Abaixo” efetuado no Rio de Janeiro durante seu mandato como prefeito, no qual esteve à frente de projetos como a estrada de ferro do Corcovado, a reconstrução do Palácio Monroe, o Obelisco na Avenida Central, a Avenida Atlântica, o túnel do Leme com acesso para Copacabana, o mercado Municipal na Praça XV e a Escola Nacional de Belas Artes.

talento e do capital cultural teve ampla reverberação nas colunas sociais e artigos publicados nos jornais e magazines do período” (SCHAPOCHNIKO, 2006, p. 440).

As transformações do espaço urbano da cidade carioca inspirada na Paris de Haussmann proporcionaram um cenário que Schapochniko (2006, p. 440) descreve detalhadamente como:

[...] homens trajando paletó de casimira clara e usando chapéu de palha, acompanhados de senhoras finamente vestidas com toaletes de nítida inspiração parisiense, desfrutavam os tempos eufóricos da *Belle Époque*. Deslumbravam-se diante do novo aparato que incluía equipamentos e objetos de consumo identificados com as marcas do progresso e da modernidade. Telefones, automóveis, elevadores, cinematógrafos, fonógrafos, bondes, iluminação elétrica, vacinas, logo se converteram em motivo de regozijo e até mesmo de reverência solene.

Dois eventos marcaram a capital do país e evidenciaram-na nos noticiários nacionais e internacionais: a Exposição Comemorativa de 1908 e a Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922.

A Exposição Comemorativa de 1908 celebrou o centenário do Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas (Figura 37), tendo como principal objetivo mostrar a nova capital da República urbanizada e saneada pelo prefeito Francisco Pereira Passos e pelo cientista Oswaldo Cruz às diversas autoridades nacionais e estrangeiras que a visitaram. A exposição foi considerada uma das primeiras interações econômicas e culturais do Brasil, com um mundo cada vez mais urbano e cosmopolita, além de comemorar o próprio comércio e desenvolvimento do país. Para Pereira (2010, p. 7):

[...] ela marca também uma inflexão ao propiciar a realização de um inventário do país não para ser exibido para fora de suas fronteiras, mas para os próprios brasileiros. É a partir desse "Brasil em exposição" que o país passa a ser visto de dentro e uma visão “interna” também começa a ganhar forma e, mais do que isso, a definir com mais clareza políticas conseqüentes para o país e suas cidades e regiões.



Figura 37- Pavilhão Minas Gerais (à esquerda) e Pavilhão São Paulo (à direita) da Exposição do Centenário de Abertura dos Portos. Foto: Augusto Malta.
Fonte: <http://image.slidesharecdn.com>.

O Rio de Janeiro do início do século XX, capital cultural do país, ditou a moda *Belle Époque* para as outras capitais brasileiras, disseminando hábitos afrancesados. A cidade carioca destacou-se pelas construções e projetos ecléticos representados nos pavilhões da Exposição Comemorativa de 1908, exibindo uma conexão com o que acontecia na Europa do início do século.

Borges (2010, p. 177) relata que, para cada pavilhão inaugurado,

[...] a imprensa noticiava a chegada do presidente da República e de sua comitiva. Nas páginas dos jornais e revistas cariocas eram montadas composições fotográficas com "flagrantes" do cotidiano das autoridades nacionais e internacionais no parque da Exposição. Internamente, fotógrafos de diferentes lugares instalavam seus aparelhos para personalizarem a participação dos visitantes. A cada domingo, fotografias assinadas por Augusto Malta (o fotógrafo oficial da prefeitura do Rio de Janeiro).

Por outro lado, Borges (2010, p. 172) aponta o contraste nessa “identidade nacional” construída e a realidade da capital do país:

[...] no plano interno, frescas eram as lembranças negativas da história que incluía a guerra de Canudos, o “Bota Abaixo de Pereira Passos”, as críticas internacionais à situação dos imigrantes europeus no Brasil. Desanimador era o alto índice de mortes semanais provocado pelas epidemias que a equipe de Oswaldo Cruz não conseguia debelar; precárias eram as vias de comunicação que dificultavam a consolidação do mercado interno nacional. Vivas eram as clivagens entre e intra-elites regionais, acirradas em grande parte pela política protecionista do governo federal que favorecia o setor cafeeiro; enormes eram as desigualdades sociais nesse país de longa herança escravagista.

As Figuras 38 e 39 mostram nitidamente a sociedade do Rio de Janeiro do início do século XX. De um lado uma classe abastada representada por moças bem-vestidas e elegantes, frequentando um dos cafés da Exposição de 1908, em contraste, de outro lado, com a vivência dos moradores da favela do morro de Santo Antônio.



Figura 38 - Moças elegantes sentadas em um dos cafés da Exposição de 1908.

Foto: Augusto Malta.

Fonte: <http://extra.globo.com/>



Figura 39 - Favela do Morro de Santo Antônio. Foto: Augusto Malta.
 Fonte: <http://extra.globo.com/>

Quase quinze anos depois da Exposição de 1908, foi realizada a Exposição Internacional do Centenário da Independência em 1922, ocupando uma extensa área decorrente de aterramentos e intervenções diversas na área central do Rio de Janeiro. Idealizada, inicialmente, como mais uma exposição nacional, se tornou, porém, um evento internacional, com a participação de diversos países, como Portugal, França, Argentina, Estados Unidos, Inglaterra, México, Bélgica, Itália, entre outros. Nessa grande área destinada à Exposição, foram construídos duas portas monumentais e um grande número de palácios e pavilhões, tanto nacionais quanto estrangeiros.

O “estilo colonial brasileiro” foi adotado de forma obrigatória na maioria dos pavilhões brasileiros, como descrito por Pinheiro (2011, p. 103), que enumera e identifica as obras e seus autores:

[...] a Porta Principal da Exposição, de Edgar Vianna e Mário Fertin; o Portão Norte, de Rafael Galvão; o Pavilhão das Pequenas Indústrias, de Nestor Figueiredo e Suan Juan; o Palácio das Indústrias, de Archimedes Memória e Francisco Cuchet; o Pavilhão de Caça e Pesca, de Armando de Oliveira; e o Pavilhão de Viação e Agricultura, de Morales de los Rios Filho.

Quase todos os profissionais envolvidos na elaboração dos projetos e nas construções dos Pavilhões da Exposição de 1922 eram professores da ENBA, comprometidos com a estética nacionalista do neocolonial ou com os cânones da arquitetura neoclássica.

O Palácio das Grandes Indústrias (Figuras 40, 41, 42 e 43), idealizado por Archimedes Memória e Francisco Cuchet, segundo Alencar (2010, p. 66), “[...] tem como principal característica projetual o fato de ter sido uma remodelação de três edificações coloniais:⁸¹ a Casa do Trem – instalação militar construída sobre a Fortaleza de Santiago (1762-1822) –, o Arsenal de guerra (1603) e o Forte do Calabouço (1693)”. Recorrendo a uma linguagem palaciana, as três construções foram unificadas a partir de uma fachada projetada, dando unidade ao conjunto.

Para completar a unidade estilística neocolonial, foi acrescentado um grande volume único em telhado colonial:

[...] decorado com beirais de telhas esmaltadas e frisos de azulejos, numa referência aos palacetes portugueses do século XVII. O frontão principal ganhou uma sacada muxarabi, característica da arquitetura civil brasileira do século XVIII. E os coroamentos das extremidades se associavam à arquitetura religiosa barroca brasileira do século XVIII. (ALENCAR, 2010, p. 66).

Segundo Pinheiro (2011, p. 103),

[...] a imprensa noticiou na época a suposta restauração do edifício, destacando que “os arquitetos tiveram a preocupação constante de utilizar nossos produtos nacionais, não só nos modelares dos estuques, como nos azulejos dos frisos, que lembram os antigos e são ricos de composição e ornamentação”.

No entanto, para Pinheiro (2011, p. 103), “[...] o termo ‘restauração’ foi empregado no sentido definido por Viollet-le-Duc, de restabelecer o edifício em um estado completo que pode não ter existido nunca num dado momento”.

⁸¹ O Complexo abriga o Museu Histórico Nacional criado após a Exposição de 1922.



Figuras 40, 41, 42 e 43 - Detalhes do edifício do Museu Histórico Nacional após as intervenções realizadas para a Exposição do Centenário da Independência do Brasil em 1922, que abrigou o Pavilhão das Grandes Indústrias. Projeto: Memória & Cuchet.

Fonte: <http://azulejosantigosrj.blogspot.com.br/>

O Pavilhão do Palácio das Festas (Figura 44), também projetado pelo escritório Memória e Cuchet, apresentava outra vertente eclética: “[...] em linhas do classicismo francês, de acordo com o Livro de Ouro de 1922, era a construção monumental, das mais faustosas e deslumbrantes do certamen [...] ideada e construída em estilo Luiz XVI moderno” (ALENCAR, 2010, p.72).



Figura 44 - Pavilhão Palácio das Festas da Exposição do Centenário da Independência do Brasil de 1922.
Projeto: Memória & Cuchet.
Fonte: ALENCAR.

Foi neste cenário de contrastes que a família Corrêa Lima circulou e viveu entre viagens à Europa e as grandes transformações urbanísticas, sociais, culturais, políticas e econômicas da cidade do Rio de Janeiro. Este foi exatamente o período em que José Octávio Corrêa Lima executou e recebeu inúmeras encomendas de esculturas, bustos e artes funerárias, uma vez que trabalhava em parceria com arquitetos renomados da época, o que proporcionou a Attilio C. Lima estudar nas melhores escolas da capital do país. Diferente da vida simples da infância de José O. Corrêa Lima, seu filho pôde receber uma formação cultural e escolar refinada desde muito cedo. O pai escultor, apoiado pelo pai mascate, modificou a trajetória social do seu descendente e com certeza determinou uma herança cultural esmeradamente transmitida.

Bruno Corrêa Lima relatou que: “[...] meu pai sempre estudou em colégio interno, ele não gostava, mas meus avós frequentemente viajavam para Europa e não podiam interromper o aprendizado do filho”.⁸²

O primeiro colégio que Attilio C. Lima estudou no Brasil, o Colégio Paula Freitas (Figura 45), foi uma instituição de ensino tradicional, fundada em 1892, pelo engenheiro Alfredo de

⁸² Em entrevista realizada.

Paula Freitas,⁸³ uma personalidade marcante na sociedade carioca entre o final do reinado de Dom Pedro II e os primeiros anos da República. Em 1900, teve reconhecida a excelência do seu ensino, ao ser igualado pelo governo republicano ao Colégio Pedro II, significando que os alunos, aprovados em exames específicos prestados perante juntas examinadoras fiscalizadas por representante do Governo, tinham acesso assegurado às Escolas Superiores e ao curso de bacharelado oferecido pelo próprio Colégio. As descrições sobre o colégio destacam que:

O Colégio Paula Freitas, instalado em prédio tradicional que pertenceu ao Barão do Rosário, uma ampla área, [...] foi modelo de eficiência, modernidade e cidadania, conciliando o trato intelectual com o vigor físico e os deveres cívicos, ao estimular atividades literárias, a ginástica e a manutenção de um Batalhão Escolar em parceria com o Exército Brasileiro. Além de bem equipados laboratórios de física e química, biblioteca, salas de desenho e datilografia, e de um Grêmio Literário que coordenava a publicação de vários jornais internos pelos alunos, o Colégio possuía um pátio coberto para ginástica e quadras esportivas.⁸⁴



Figura 45- Colégio Paula Freitas (1892). Prédio tradicional que pertenceu ao Barão do Rosário, numa ampla área na Rua Hadoock Lobo no bairro da Tijuca, RJ.

Fonte: <http://familiapaulafreitas.blogspot.com.br/>.

⁸³ Alfredo de Paula Freitas (1855-1931) graduou-se como Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas em 1877 e formou-se Engenheiro Civil em 1878 pela Escola Politécnica do Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro. Em 1885 foi nomeado pelo governo imperial delegado da Inspeção Geral de Instrução Primária e Secundária, cargo que exerceu *pro Bono* por cinco anos. Em 1888, aos 33 anos de idade, foi classificado em 1º lugar em concurso para professor catedrático da Escola Politécnica, onde lecionou por 34 anos. Disponível em: <<http://familiapaulafreitas.blogspot.com.br/2015/05/origens-e-legados.html>>. Acesso em: 10/03/2015.

⁸⁴ Disponível em: <http://familiapaulafreitas.blogspot.com.br/2015/05/origens-e-legados.html>. Acesso em: 10/03/2015.

Aos onze anos, em 1912, Attilio C. Lima conclui seus estudos primários, recebendo o título de “auxiliar de disciplina”, conforme o documento datado e assinado pelo diretor e engenheiro Alfredo de Paula Freitas (Figura 46).

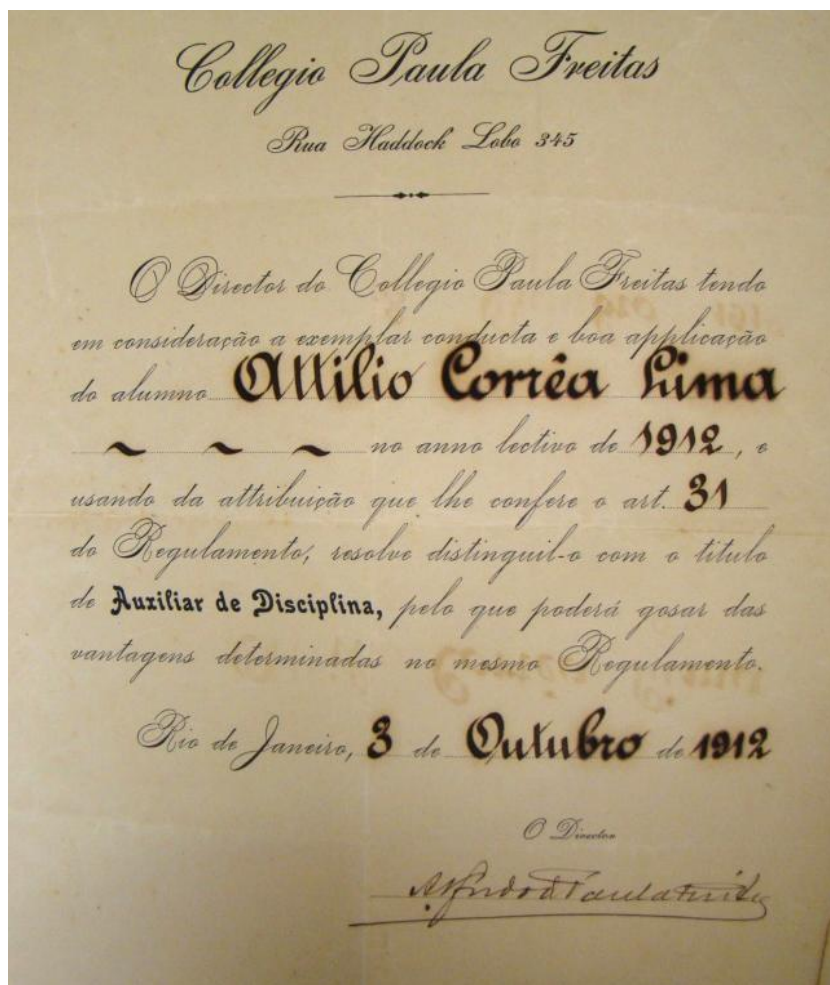
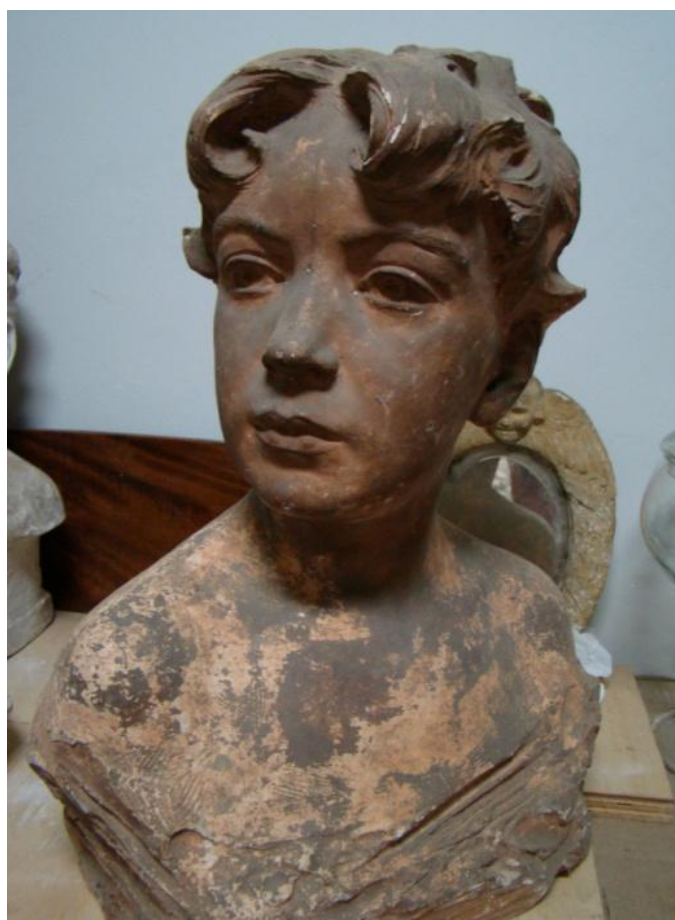


Figura 46 - Certificado de Auxiliar de Disciplina
Colégio Paula Freitas (1912).
Fonte: Acervo da família Corrêa Lima

Filho único, Attilio C. Lima, apesar de estudar sempre em colégios internos, no tempo que tinha livre, finais de semanas e férias, estava constantemente no ateliê do pai, conforme explanado por Bruno C. Lima: “[...] desde muito cedo meu pai participou da vida profissional do meu avô”.⁸⁵ Por algumas vezes foi modelo para suas esculturas, como se pode comprovar nas imagens do busto aos três anos, sua mão reproduzida aos nove anos e outro busto aos sete (Figuras 47, 48 e 49). Além de circular no ambiente de trabalho do pai escultor, o menino Attilio C. Lima conviveu com outros artistas da época, pintores e poetas, compartilhando da rede de amigos e políticos influentes da qual José Octávio fazia parte.

⁸⁵ Em entrevista realizada.



Figuras 47, 48, 49 - Busto aos três anos, mão aos nove anos e busto aos sete anos de Atílio C. Lima executados pelo pai.

Fonte: Acervo da família Corrêa Lima. Foto: Juca Fernandes.

As crianças inseridas numa sociedade urbano-industrial são preparadas, segundo Veiga (2009, p. 3),

[...] para exercer a função de pessoa adulta, o que incide em alta dose de contenção das pulsões e afetos. Este processo de educação se faz na combinação entre a existência de um equipamento biológico que permite o autocontrole, e a dinâmica da sociedade de que é parte, pois os modelos de autocontrole se fazem nas relações entre as pessoas.

Norbert Elias (1998) destaca as rápidas mudanças ocorridas nas relações entre pais e filhos durante o século XX, e descreve sobre o descobrimento da infância ao analisar a tese de Phillipe Áries, enfatizando o caráter de longa duração e de continuidade desse processo de “descobrimento”:

Talvez pudéssemos denominar como a necessidade que tem as crianças de viver sua própria vida, uma maneira de viver que em muitos sentidos é distinta do modo de vida dos adultos, não obstante sua interdependência com eles. Descobrir as crianças significa em última instância dar-se conta de sua relativa autonomia. Em outras palavras, deve-se descobrir que as crianças não são simplesmente adultos pequenos. Se vão fazendo adultos individualmente ao largo de um processo civilizador social que varia de acordo com o estado de desenvolvimento dos respectivos modelos sociais de civilização. A reflexão mais profunda acerca das necessidades características das crianças é, no fundo, o reconhecimento a seu direito de ser compreendido e apreciado em seu caráter próprio. Este também é um direito humano. (ELIAS, 1999, p. 410).

Elias (1999, p. 412) adverte que, “[...] como relação de dominação caracterizada por uma distribuição das oportunidades entre pais e filhos decididamente desigual, as condutas que exigia dos implicados eram relativamente simples e claras”. Consequentemente, a atitude dos pais de controlar, mandar e organizar fazia parte das normas sociais, e aos filhos restava obedecer, relação essa que por muito tempo foi considerada adequada e desejável. Só a partir do século XX é “[...] que os filhos passaram a participar mais das decisões familiares” (VEIGA, 2009, p. 3).

Attilio C. Lima foi essa criança do início do século XX, inserido em uma sociedade marcada por grandes transformações sociais e de costumes, pois teve o privilégio de circular nas grandes capitais do mundo enquanto acompanhava seus pais em viagens de trabalho. Ele pôde construir, através dessas trocas, laços estreitos de afetividade com seu pai, que se consolidaram e se fortaleceram durante a adolescência e a vida adulta.

Attilio C. Lima ingressou aos doze anos no Gimnazio Anglo-Brasileiro (Anglo-Brazilian School), uma escola inglesa, onde ficou como aluno interno de 1913 até 1918. A primeira unidade da escola foi aberta em São Paulo, na Avenida Paulista, para os filhos de ingleses ocupados nas construções de estradas de ferro no distrito. Em 1911 havia 310 rapazes no colégio em São Paulo, ao passo que, no Rio de Janeiro, o edifício foi construído em um parque muito arborizado “[...] com uma área de cerca de 2 milhas quadradas e frente ao longo do litoral além de Ipanema. Neste parque, fica a chamada Chácara do Vidigal⁸⁶ e se ergue o pico dos Dois Irmãos, um dos marcos mais salientes do Sul da afamada baía do Rio.”⁸⁷



Figura 50 - Attilio C. Lima aos 11 anos.
Fonte: Acervo da família Corrêa Lima.

⁸⁶ Em 1930 foi vendido para a congregação religiosa Filhas de Jesus, que instalou o Colégio Stella Maris.

⁸⁷ BIBLIOTECA NM. Histórias e lendas de Santos. Santos em 1913. *Impressões do Brasil no século vinte*: estabelecimentos de ensino. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/>.

Os professores do Anglo-Brasileiro eram, em sua maioria, europeus e o programa de estudos incluía uma atenção especial ao ensino de línguas modernas e preparava os rapazes para entrar em qualquer universidade inglesa. O bem-estar físico dos estudantes era tomado em grande consideração. Uma parte do dia destinava-se à prática de esportes, alguns atletas formaram-se nesse colégio. Em ginástica e exercícios militares, o brilhantismo dos alunos do Colégio Anglo-Brasileiro era conhecido, e por ocasião de exercícios públicos havia sempre uma concorrência numerosa e entusiasta. Além das disciplinas teóricas, os alunos dedicavam-se também aos estudos de horticultura.

Há registros na Biblioteca Nacional sobre o Colégio Anglo-Brasileiro, folhetos de propaganda, divulgação e as disciplinas ministradas (Figura 47).

As disciplinas estudadas pelos alunos, durante os seis anos do Curso Ginásial, eram as seguintes: no primeiro ano – Aritmética, Geografia, Português, Francês e Desenho; no segundo ano – Álgebra, Aritmética, Geografia, Português, Francês, Desenho e Inglês; no terceiro ano – Geometria, Álgebra, Geografia, Português, Francês, Desenho, Inglês e Latim; no quarto ano – Trigonometria, Álgebra, Português, Francês, Desenho, Inglês, Alemão, Latim, Grego e História; no quinto ano – Mecânica e Astronomia, Inglês, Alemão, Latim, Grego, História, Física e Química, Literatura e História Natural; e no sexto ano – Matemática, Geografia, Francês, Inglês, Alemão, Latim, Grego, História do Brasil, Física e Química, Literatura, História Natural e Lógica.

CURSO GYMNASIAL					
1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano
Arithme- tica... 4	Algebra... Arithme- tica... 3	Geometria... Algebra... 3	Trigon... Geometria... 4	Mec. e astr. 3	Mathema- tica... 2
Geogra- phia... 3	Geographia 3	Geographia 3	Algebra... 2	Inglz..... 1	Geographia 1
Portu- guez... 3	Portuguez. 3	Portuguez. 2	Portuguez. 2	Allemao... 3	Francez... 1
Francez. 4	Francez... 3	Francez... 2	Francez... 1	Latim.... 3	Inglz.... 1
Desenho. 3	Desenho... 3	Desenho... 3	Desenho... 2	Grego.... 3	Allemao... 2
	Inglz.... 3	Inglz.... 3	Inglz.... 2	Historia... 3	Latim.... 1
	Latim.... 2	Latim.... 2	Allemao... 3	Phys. e chi- mica... 4	Grego.... 2
			Latim.... 3	Litteratura 2	Historia do Brasil... 3
Total nu- mero de horas por se- mana... 17	Total nume- ro de ho- ras por se- mana... 18	Total nume- ro de ho- ras por se- mana... 18	Grego.... 3	Historia na- tural... 2	Phys. e chi- mica... 3
			Historia... 3	Total nume- ro de ho- ras por se- mana... 24	Litteratura 2
			Total nume- ro de ho- ras por se- mana... 23		Historia na- tural... 5
					Logica.... 3
					Total nume- ro de ho- ras por se- mana... 26

Figura 51 - Disciplinas do Colégio Anglo-Brasileiro

Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader>

No folheto de divulgação do Colégio Anglo-Brasileiro pesquisado (Figura 48), há destaque para as instalações físicas da instituição implantada na orla carioca em local privilegiado, onde os alunos realizavam banhos matinais em “[...] uma piscina com água do mar”.⁸⁸

Cursando todo o ginásio no Anglo-Brasileiro com formação aos moldes da educação europeia da época, Attilio C. Lima forma-se em 1918. No ano seguinte, matriculou-se nos cursos livres da ENBA, iniciando sua trajetória artística e acadêmica.



Figura 52 - Folheto de divulgação dos colégios administrados por Mr. Charles e W. Armstrong.
Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader>.

⁸⁸ Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/>.

Transcrição do folheto de divulgação do Ginásio Anglo-Brasileiro

GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO

Rio de Janeiro e S. Paulo

COLLEGIO ANGLO-BRASILEIRO PARA MENINAS

Rio de Janeiro

LYCÉE FRANCO-ANGLAIS

Rio de Janeiro

COLLEGIOS MODELOS INGLEZES, FUNDADOS

por Mr. Charles e W. Armstrong

Caixa postal, 46 – RIO DE JANEIRO – Caixa postal, 196 – S. PAULO

A primeira “razão de ser” desses collegios é o desenvolvimento physico dos alumnos, confiados ao nosso cuidado, ao lado do intellectual e do moral.

Por isso foi que Mr. Armstrong, o seu fundador e Director presidente, escolheu a Avenida Paulista para local do primeiro dos Collegios Anglo-Brasileiros, fundado em 1899. Este bairro da Capital Paulista é, a um tempo, o mais bello, mais salubre e mais aristocratico. Por isto foi que escolheu, mais tarde, a mais bella chácara à beira mar, para a installação, no Rio, da primeira succursal, onde os meninos pudessem gosar sempre das brisas salubres do Oceano aberto, simultaneamente com ares da montanha e da floresta. Por isto é tambem que os exercicios militares, a gymnastica sueca e os jogos athleticos constituem partes essenciaes da vida “augrandair”, dos seus alumnos.

Os banhos de mar completam o effeito salutar dos exercicios ao ar livre, havendo, pois, na Succursal Fluminense, construidona propria praia, um grande “tanque de natação”, que tem 250 metros quadrados de superficie, enchendo-se com a propria água do mar, por meio de uma bomba. Ahi os meninos se banham às horas frescas da manhan ou da tarde, tantas vezes por semana, quantas o medico julga conveniente. Há sempre fiscalisação, se bem que todo o perigo seja afastado, pois os meninos nunca se banham no próprio mar, onde o movimento das ondas trazia inconvenientes.

Ao lado da educação physica, a intellectual e a moral merecem a maior attenção. A pratica das linguas vivas, ensinadas pelo methodo “directo” e intuitivo é uma especialidade dos Collegios Anglo-Brasileiros e Franco-Inglez. Estes idiomas são ensinados exclusivamente por professores que vieram dos paizes onde são falados. Desta forma os meninos adquirem uma pronuncia aperfeiçoada, conseguindo quasi todos “falar corretamente” o inglez e o francez em menos de dois annos.

O Lycée Franco-Inglais, à rua Senador Vergueiro, n. 219, funciona sob a direcção immediata de M. Léon Guy e desempenha as funcções de externato annexo ao Gymnasio Anglo-Brasileiro, ao mesmo tempo que nelle se procura fundir os systemasinglez e francez de educação, tornando-o um estabelecimento modelar de instrucção primaria e secundaria. No Lycée ha tambem um “Internat de Luxe”, destinado exclusivamente aos meninos educados com grande cuidado, cujos paes desejam para elles todo o conforto. Cada um tem o seu quarto de dormir separado, convenientemente mobilado e todos comem à mesa do Director. O numero de internos é limitado a 30.

O Collegio Anglo-Brasileiro para Meninas funciona sob a hábil direcção de Miss. M. S. Hull, M. A. e segue as mesmas normas que os collegios para o sexo masculino, com certas modificações deregimen necessárias para as meninas. Mr. Armstrong reside, com sua família, no Gymnasio Anglo-Brasileiro do Rio de Janeiro, onde dirige o Collegio pessoalmente, visitando frequentemente os outros collegios, sob a sua direcção superior.

Prospectos de todos os Collegios com os Srs. Crashley e C.º, Rua do Ouvidor, 58, com o Sr. Paulo dos Santos Jhacinto, Rua do Rosario, 79, Rio ou nas Secretarias dos Collegios. – (v. Nota nº 4.º volume – Estado de S. Paulo).

3.2 FORMAÇÃO NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES (ENBA)

Em 1919, Attilio C. Lima matriculou-se como aluno-livre na ENBA, onde frequentou diferentes cursos que a escola oferecia, entre os quais se encontravam os de escultura, pintura, modelagem, gravura de medalhas, composição de arquitetura, modelo vivo e desenho figurado. Após um ano, ingressou em 1920 no Curso Geral da ENBA, concluindo-o em 1922. Em fevereiro de 1923, iniciou o Curso Especial de Arquitetura, diplomando-se três anos depois com o título de engenheiro-arquiteto. Nesta ocasião, foi premiado com a Grande Medalha de Ouro e expôs alguns de seus trabalhos acadêmicos no Salão Nacional de Belas Artes, conquistando Menção Honrosa, e em 1924, a Medalha de Bronze. Em 1926, participou do Prêmio Donativo Caminhoá, o Prêmio Viagem à Europa do qual saiu vitorioso.

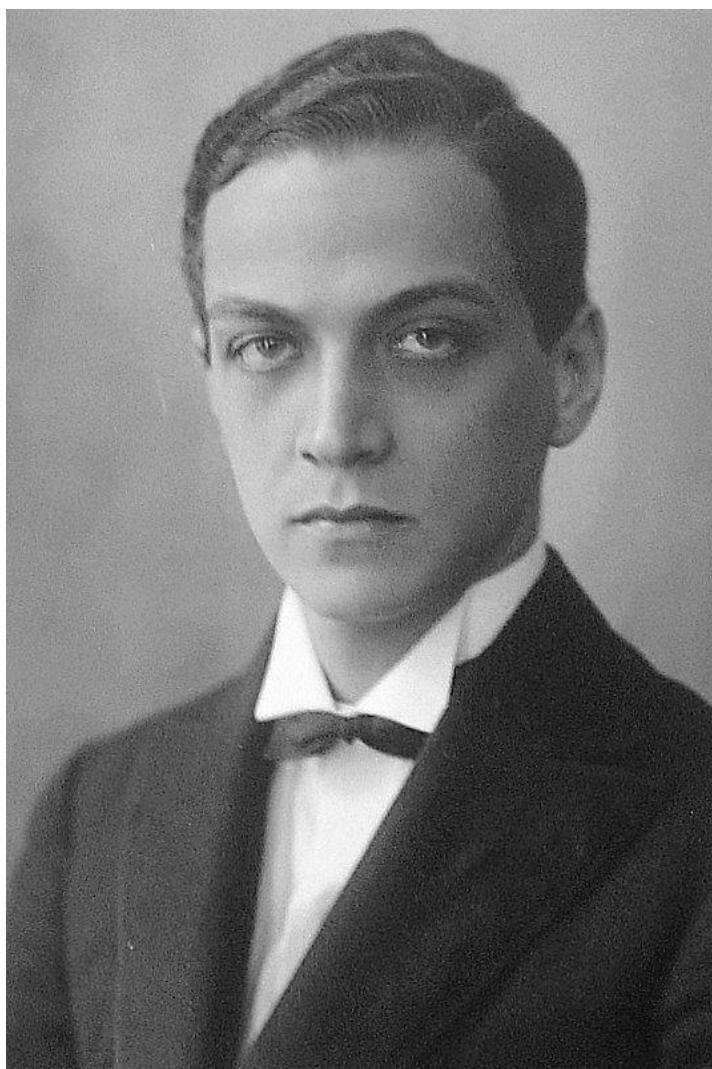


Figura 53 - Attilio Corrêa Lima.

Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

A formação de Attilio Corrêa Lima na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) foi regida pelo Decreto 11.749 de 13 de outubro de 1915, que reorganizou a ENBA, sendo diretor da escola o pintor João Batista da Costa (1915 a 1926). Esse Decreto estabeleceu, entre outras diretrizes, os critérios de ingresso na ENBA, as disciplinas que os alunos deveriam frequentar no Curso Geral e nos Cursos Especiais. No Artigo Primeiro determinou-se que “[...] a Escola Nacional de Bellas Artes, instituto de instrução superior e especial, é destinado ao ensino da pintura, da esculptura, da architectura e da gravura de medalhas e pedras preciosas”. Quanto à organização do ensino, todos os alunos inicialmente passavam pelo Curso Geral, dividido em três séries, compreendendo as seguintes matérias:

PRIMEIRA SÉRIE: Desenho geométrico e aguadas; Historia das bellas-artes; Desenho figurado.

SEGUNDA SÉRIE: Noções de historia natural, physica e chimica (aplicações às artes); Desenho de ornatos e elementos de architectura; Geometria descriptiva e primeiras applicações às sombras e à perspectiva; Esculptura de ornatos; Desenho figurado.

TERCEIRA SÉRIE: Desenho de composições elementares de architectura; Geometria descriptiva applicada (perspectiva); Esculptura de ornatos; Mathematica complementar; Desenho figurado e principios de modelo-vivo. (BRASIL, 1915).

Depois de frequentar os três anos do Curso Geral, o aluno escolhia o curso específico que pretendia seguir. No caso da Arquitetura, o Artigo 15, que tratava sobre a organização do ensino, determinava as seguintes disciplinas:

PRIMEIRA SÉRIE:

Construção: materiaes, estudo experimental de sua resistencia e technologia das profissões elementares e processos geraes de construção;

Resistencia dos materiaes, graphostatica, estabilidade das construcções;

Geometria descriptiva applicada e topographia;

Composição de architectura.

SEGUNDA SÉRIE:

História e theoria da architectura;

Legislação da construção,

precedida de noções de economia política;

Composição de architectura (BRASIL, 1915).

No Artigo 16, decidiu-se que: “[...] A permanencia do alumno na aula de composição de architectura poderá prolongar-se por tantos annos quantos bastem para o seu completo preparo”, o que, na prática, correspondia ao sexto e últimos anos do Curso Especial de Arquitetura.

No primeiro ano do Curso Geral, na disciplina Desenho Figurado, Attilio C. Lima foi aluno do professor Modesto Brócos y Gomez,⁸⁹ e conforme registros encontrados no seu histórico escolar (Tabela 1 e Figura 51) foi classificado em 2º lugar (24/11/1920). Ainda na primeira série, cursou as disciplinas Desenho Geométrico e História das Belas Artes, sendo seus professores o arquiteto João Ludovico Maria Berna⁹⁰ e o bacharel José Flexa Ribeiro. Na segunda série, cursou Geometria Descritiva com os professores Álvaro José Rodrigues⁹¹ e Gastão Bahiana⁹², ambos engenheiros civis, obtendo a aprovação com grau 5,0; História Natural, Física e Química, aplicada às artes, com o médico Dr. Cincinato Américo Lopes, aprovando-se com grau 6,0; Desenho de Ornatos, com o professor Raul Lessa Saldanha da Gama,⁹³ sendo classificado em 2º lugar; Escultura de Ornatos, com o escultor Honório da Cunha e Mello, também classificado na disciplina em 2º lugar e Desenho Figurado, com os professores e pintores Modesto Brócos y Gomez e Lucílio de Albuquerque,⁹⁴ sendo desclassificado, inicialmente, e, depois, classificado em 2ª época.

Em 1922, iniciou a terceira série do Curso Geral, aplicando-se para o curso Desenho Figurado, com o pintor Rodolfo Chambelland,⁹⁵ tendo sido classificado e aprovado em 4º lugar. Chambelland foi um grande amigo de seu pai. Pintou o quadro *Menino com a bola* (1914),⁹⁶ tendo sido Attilio C. Lima o seu modelo (Figura 54).

⁸⁹ Modesto Brócos y Gomez (Santiago de Compostela, Espanha, 1852 – Rio de Janeiro, RJ, 1936) foi pintor, gravador, ilustrador, desenhista e professor de desenho figurado da ENBA, em 1891, a convite do escultor Rodolfo Bernardelli (1852-1931), cargo que exerceu até seu falecimento.

⁹⁰ Arquiteto italiano naturalizado brasileiro em 1887. Em 1897 assumiu a cadeira de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes. Filho do escultor da Casa Imperial, José Berna, coube-lhe a satisfação de construir, em 1900, o mais alto edifício da cidade do Rio de Janeiro, o do *Jornal do Brasil*, empregando, pela primeira vez, estrutura metálica.

⁹¹ Álvaro José Rodrigues: engenheiro civil e geógrafo, formado pela Technische Hochschule de Berlim. Foi mestre da ENBA de 1914 até 1946, quando foi transferido para a Faculdade Nacional de Arquitetura, atual FAU da UFRJ. Disponível em: <http://www.eba.ufrj.br/gd/brevehistorico.htm>. Acesso em: 9/8/2013.

⁹² Formado em Engenharia na École Nationale des Ponts et Chaussées. Foi nomeado a 3 de julho de 1905 para a cadeira de Geometria Descritiva na ENBA.

⁹³ O arquiteto Raul Lessa Saldanha da Gama (1882-1945) realizou os projetos para o ateliê de José Octávio C. Lima em 1921, na antiga Rua Paulo de Frontin (lts 49 e 50), atual Washington Luís, nº 10, no centro da cidade do Rio de Janeiro que, posteriormente, sofreu acréscimos elaborados pelo arquiteto Raul Penna Firme (ENBA, 1924).

⁹⁴ Nascido em Barras, no estado do Piauí (1877-1939), ingressou em meados dos anos 1890 na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Foi nomeado em 1911 professor extraordinário de Desenho Figurado e, em 1916, catedrático. Exerceu o cargo de diretor da ENBA entre 1937 e 1938.

⁹⁵ Rodolfo Chambelland (Rio de Janeiro, RJ, 1879-1967) foi pintor, professor, desenhista e decorador. Em 1901, ingressou no curso livre da Escola Nacional de Belas Artes, sendo aluno de Rodolfo Amoedo, Zeferino da Costa e Henrique Bernardelli. Em 1916, assumiu a cadeira de professor de Desenho de Modelo Vivo da ENBA, cargo que exerceu até 1946

⁹⁶ Essa obra encontra-se no apartamento da família no Rio de Janeiro.

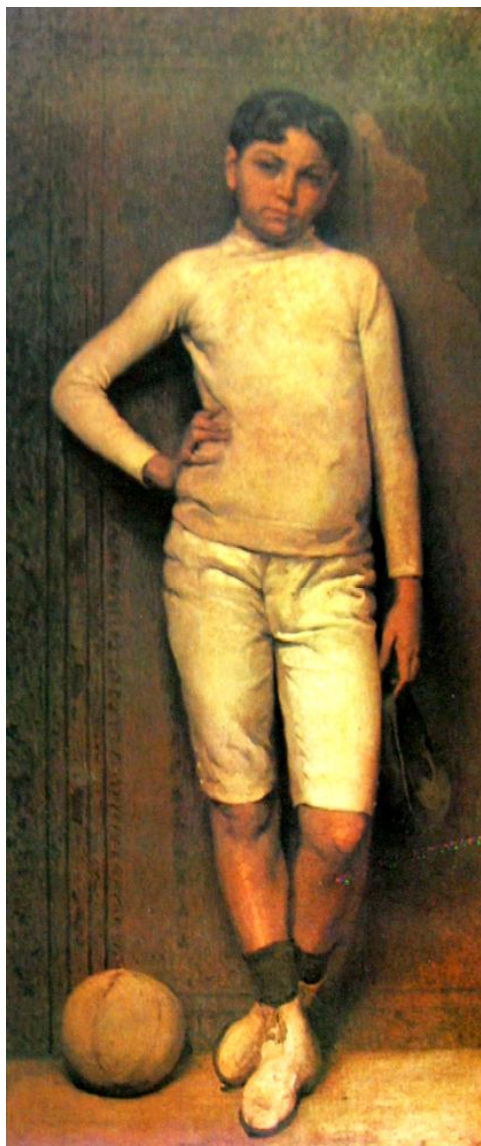


Figura 54 - *Menino com a bola* (Attilio C. Lima).
Óleo sobre tela, 1,70 x 0,74 m. Rodolfo Chamberland (1914).
Fonte: Acervo da família Corrêa Lima.

Ainda na terceira e última série do Curso Geral, Attilio C. Lima frequentou as cadeiras de Composições Elementares de Arquitetura, Escultura de Ornatos, Geometria Descritiva e Matemática Complementar, tendo como professores o arquiteto Raul Lessa Saldanha da Gama, o escultor Honório da Cunha e Mello, os engenheiros civis Gastão Bahiana e Carlo Cianconi. Em todas essas disciplinas, foi aprovado e obteve boas classificações.

Aos 22 anos, Corrêa Lima iniciou o Curso Especial de Arquitetura e nesse primeiro ano, no Grau Básico, cursou três cadeiras: Composição de Arquitetura, com o arquiteto Archimedes Memória, Topografia, com o engenheiro Álvaro José Rodrigues, Resistência dos Materiais,

com o engenheiro civil Heitor de Lyra e Silva, e Materiais de Construção, com o engenheiro civil José Graça Couto. Também foi classificado em todas as disciplinas.

Ackel (2007, p. 22), quando se refere à ligação do professor Archimedes Memória⁹⁷ com os Corrêa Lima, afirma: “[...] Atílio foi seu aluno de projetos nos três últimos anos do curso e, logicamente, muito influenciado por sua arquitetura. Acabou tornando-se um grande amigo de Memória que foi, inclusive, seu padrinho de casamento, em 1927”.

No Grau Médio do Curso Especial de Arquitetura, Atílio cursou em 1924 as disciplinas Composição de Arquitetura, História e Teoria da Arquitetura e Legislação da Construção, sendo seus professores, respectivamente, Archimedes Memória, Adolfo Morales de Los Rios⁹⁸ e Diogo Chalréo, também obtendo aprovação em todas elas.

No último ano do Curso Especial de Arquitetura, no Grau Máximo, frequentou somente a disciplina de Composição de Arquitetura, com o professor Archimedes Memória, finalizando o curso com a Grande Medalha de Ouro.

⁹⁷ Archimedes Memória (Ipu, CE, 1893 – Rio de Janeiro, RJ, 1960) foi arquiteto e professor. Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1911, para estudar desenho na Escola Nacional de Belas Artes. Trabalhou no Escritório Técnico Heitor de Mello, de quem se tornou genro e assumiu a direção do escritório após a morte prematura do sogro. Ingressou, em 1920, no corpo docente da ENBA, como professor de Desenho de Ornatos e Elementos de Arquitetura e Composição de Arquitetura, disciplina ministrada por Mello até esse ano, data de seu falecimento. Em 1931, Memória assumiu a direção da escola, substituindo Costa, e permaneceu no cargo até 1934, sendo reconduzido em 1938. Projetou alguns dos mais marcantes edifícios cariocas das décadas de 1920 e 1930.

⁹⁸ Adolfo Morales de Los Rios y Garcia de Pimentel (Sevilha, Espanha, 1858 - Rio de Janeiro, RJ, 1928) foi arquiteto, urbanista, professor e historiador. Ingressou no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Paris em 1877.

Tabela 1 – Histórico escolar de Atilio Corrêa Lima da ENBA.

<p>O Sr. Atilio Corrêa Lima, filho de José O. Corrêa Lima e de D. Rosalia M. Corrêa Lima de 18 anos de idade, natural de Brasileiro, Estado de _____, residente à Rua Paranhos, nº 136, Estação da Glória, havendo satisfeito todas as exigências do Regulamento desta Escola, matriculou-se na _____ série do curso _____, em ____ de _____ de 1920.</p> <p>O Secretário _____ O matriculado _____</p>		
SÉRIES	CURSO GERAL	OBSERVAÇÕES
PRIMEIRA SÉRIE		
Desenho Figurado	Classificado em 2º lugar(24/11/1920)	Prestou-se a Escola exame de Geometria (admissão) apresentando certificado das demais matérias no Colégio Pedro 2º.
Desenho Geométrico	Aprovado plenamente grau 6(04/12/1920)	
Hist. das Belas Artes	Aprovado plenamente grau 6(04/12/1920)	
SEGUNDA SÉRIE		
Geometria Descritiva	Aprovado simplesmente grau 5(26/11/1921)	Em 29/03/1921 foi aprovado simplesmente grau 1, no exame complementar de Aritmética e Geometria. Aprovado simplesm. grau 2 nos exames complementares de álgebra trigonométrica (28/03/1922).
Hist. Nat., Física Química	Aprovado plenamente grau 6(29/11/1921)	
Desenho de Ornatos	Classificado em 2º lugar(16/11/1921)	
Escultura de Ornatos	Classificado em 2º lugar(14/11/1921)	
Desenho Figurado	Desclassificado (em 12/11/1921) - Classificado (em 14/03/1922)	
TERCEIRA SÉRIE		
Desenho Figurado	Classificado em 4º lugar(30/11/1922)	
Desenho de Ornatos	Classificado em 2º lugar(11/12/1922)	
Escultura de Ornatos	Classificado em 3º lugar(22/11/1922)	
Geometria Descritiva	Aprovado plenamente grau 7(21/12/1922)	
Matemática complementar	Aprovado simplesmente grau 5(14/12/1922)	
CURSO ESPECIAL DE ARQUITETURA		
Composição de Arquitetura	Classificado e habilitado em 1º lugar (04/12/1923)	1923 - Matriculou-se no curso de Arquitetura.
Materiais de Construção	Aprovado simplesmente grau um(22/12/1923)	
Resistência dos Materiais	Aprovado simplesmente grau três(17/12/1923)	
Topografia	Aprovado, grau cinco(21/12/1923)	
GRAU MÉDIO		
Composição de Arquitetura	Habilitado e classificado em 1º lugar (29/12/1924)	Em 21/01/1927, recebe o Prêmio de Viagem à Europa, tendo sido aprovado em todos os concursos a grau que se submeteu.
Hist. e Teoria da Arq.	Aprovado simplesmente dois(18/12/1924)	
Legislação da Construção	Aprovado simplesmente dois(30/12/1924)	
GRAU MÁXIMO		
Comp. Arq.	Habilitado - Grau de Medalha de Ouro (05/05/1926)	

Fonte: <http://www.museu.eba.ufrj.br/>

157

O Sr. Atílio Corrêa Lima, filho de Jose A. Corrêa Lima e de Rosalba M. Corrêa Lima, de 18 annos de idade, natural de Brasileiro, Estado de Paraná, residente à Rua Paranhos, n.º 136, ha vendo satisfeito todas as exigencias do Regulamento desta Escola, matriculou-se na serie do curso _____ em _____ de 1920.

O Descripção: y Henriquez O Matriculado: Atílio Corrêa Lima

SERIES	CURSO GERAL	OBSERVAÇÕES	
PRIMEIRA SERIE			
<u>Desenho figurado</u>	<u>Classificado em 2º lugar (24-11-1920)</u>	<u>Reitou na Escola ex ante de Geometria (admissao), apresentando certificados do seu desempenho no Colégio Par. 2º</u>	
<u>Desenho geométrico</u>	<u>Approvado plenamente grau 6 (4-12-1920)</u>		
<u>Hist. das Bellas Artes</u>	<u>Approvado simplesmente grau 4 (10-12-1920)</u>		
SEGUNDA SERIE			
<u>Geometria Descritiva</u>	<u>Approvado simplesmente grau 5 (26-11-1921)</u>	<u>Em 29-3-1921 foi approvado simplesmente grau 1, no exame complementar de Geometria e Geometria</u> <u>Approvado simplesmente grau 2 nos exames complementares de Geometria e Geometria 28-3-1922</u>	
<u>Hist. Nat. e Química</u>	<u>Approvado plenamente grau 6 (29-11-1921)</u>		
<u>Desenho de Ornato</u>	<u>Classificado em 2º lugar (10-11-1921)</u>		
<u>Geometria de Ornato</u>	<u>Classificado em 2º lugar (14-11-1921)</u>		
<u>Desenho figurado</u>	<u>Classificado em 1º lugar (12-11-1921) Classificado em 1º lugar 17-3-1922</u>		
TERCEIRA SERIE			
<u>Desenho figurado</u>	<u>Classificado em 2º lugar (30-11-1922)</u>	<u>1923- Matriculou-se no curso de Architectura.</u> <u>Em 1927- 21-1- obteve o Premio de Viagem a Europa, tendo sido approvado em todos os concursos e em de Reconnos.</u>	
<u>Desenho de Ornato</u>	<u>Classificado em 2º lugar (11-12-1922)</u>		
<u>Geometria de Ornato</u>	<u>Classificado em 3º lugar (20-11-1922)</u>		
<u>Geometria Descritiva</u>	<u>Approvado plenamente grau 4 (21-12-1922)</u>		
<u>Matematica Complementar</u>	<u>Approvado simplesmente grau 5 (14-12-1922)</u>		
CURSO ESPECIAL DE Architectura			
<u>Composições de Architectura</u>	<u>Classificado e habilitado em 1º lugar (24-12-1923)</u>		
<u>Matematicas de Construção</u>	<u>Approvado simplesmente grau 1 (1-12-1923)</u>		
<u>Resistencia dos Materiaes</u>	<u>Approvado simplesmente grau 1 (17-12-1923)</u>		
<u>Desenho grafico</u>	<u>Approvado, francisco (21-12-1923)</u>		
<u>Gran medio</u>			
<u>Composições de Architectura</u>	<u>Habilitado e classificado em 1º lugar (27-12-1924)</u>		
<u>Historia e Theoria de Arch.</u>	<u>Approvado simplesmente grau 1 (18-12-1924)</u>		
<u>Leções da Construção</u>	<u>Approvado simplesmente grau 1 (18-12-1924)</u>		
<u>Curso Arch.</u>	<u>Habilitado - Grande medalha e Curso 5-5-1925</u>		

Figura 55- Histórico Escolar de Atílio Corrêa Lima da ENBA. Cópia do documento original. Fonte: <http://www.museu.eba.ufrj.br/>

Conforme as pesquisas nos acervos da ENBA realizadas por Uzeda (2006, p. 243), o sistema de avaliação era composto,

[...] anualmente, por duas provas parciais e uma final, sendo que as provas finais, chamadas de exame de "primeira época", realizavam-se cinco dias após o encerramento das aulas. [...] essas provas, conhecidas como exames de suficiência, eram escritas, práticas e orais. [...] as avaliações variavam de: "má" (grau zero); "sofrível" (notas de 1 a 5), com a qual o aluno era considerado "aprovado simplesmente"; "boa" (notas de 6 a 9), "aprovado plenamente", e ótima (10), "aprovado com distinção". [...] Para as cadeiras de Desenho Figurado, Desenho de Ornatos e Elementos de Arquitetura e Desenho de Composição Elementares de Arquitetura, do Curso Geral, a avaliação resultava numa classificação por mérito entre os trabalhos que fossem considerados "habilitado".

Ao analisar o histórico escolar de Attilio Corrêa Lima, constata-se que foi um aluno mediano nas disciplinas teóricas, entretanto se destacava nas disciplinas práticas, principalmente na cadeira de Composição de Arquitetura. Quando foi aluno de Archimedes Memória nos três anos do Curso Especial de Arquitetura, classificou-se em 1º lugar e obteve a Grande Medalha de Ouro na finalização do curso, sendo, portanto, diplomado (Figura 56).



Figura 56 - Diploma da ENBA de Attilio Corrêa Lima (1926).
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

3.2.1 Cânones clássicos: academicismo

A formação de Corrêa Lima na Escola Nacional de Belas Artes foi marcada pelas regras e pelos cânones formais, estéticos e técnicas do estilo das academias de arte. Na obra *Arquitetura no Brasil: depoimentos*,⁹⁹ o ensino praticado na ENBA é assim referido:

O curso de arquitetura dado na velha ENBA se arrasta por seis longos anos. Esse curso era ministrado de uma forma totalmente clássica. Era a velha teoria de que o aluno tem de aprender o que o mestre sabe ensinar, coisa que, por sua vez, o mestre aprendeu de seus mestres. Nada de inovações. Nada de novo poderia se esperar de professores, que pareciam emissários diretos da "École des Beaux-Arts" de Paris trazendo debaixo dos braços os "Cahiers d' Architecture". (SOUZA, 1978, p. 20).

Para Atique (2008), Abelardo de Souza, “[...] tentando demonstrar sua vinculação à matriz modernista, expôs o ambiente de ensino-aprendizado dentro da ENBA, de maneira depreciativa [...]”, mas destaca a importância de analisar o ponto de vista do arquiteto que presenciou as mudanças da escola, como aluno:

Copiávamos exaustivamente modelos de florões, capitéis, bustos, sem direito a qualquer criação ou interpretação. Papel canson no cavalete, *fusain* (carvão) e miolo de pão como borracha. [...] Nos três primeiros anos tínhamos uma cadeira que, para nós, era a principal: composição de arquitetura. [...] Fazíamos em plantas, cortes e fachadas, projetos de pórticos, pavilhões de caça, fontes, tudo dentro da mais completa inutilidade. A nossa opção era escolher o estilo; ou o colonial, ou o espanhol, ou o inglês, tudo "inspirado" nas revistas; caso optássemos pelo clássico, era o Vignola que nos guiava. Continuávamos a não criar nada, uma vez que tudo já estava criado. Copiávamos. (SOUZA, 1978, p. 22).

No ano de 1921, Corrêa Lima frequentou a disciplina de Desenho de Ornatos do segundo ano do curso Geral da ENBA, produzindo estudos¹⁰⁰ relacionados às Ordens Clássicas (Figura 57), seguindo o tratado de Giacomo da Vignola¹⁰¹ (*Regole delle cinque ordini*

⁹⁹ Abelardo Riedy de Souza (Rio de Janeiro, RJ, 1908; São Paulo, SP, 1981) foi arquiteto. Ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1927. Além da atuação como arquiteto, trabalhou como professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), desde a sua fundação em 1948.

¹⁰⁰ Durante as pesquisas para a dissertação de mestrado encontrou-se um pacote com os trabalhos acadêmicos de Attilio Corrêa Lima na residência da família, em Nova Friburgo (2006). Foram cuidadosamente guardados pelo seu pai. Os trabalhos estão em ótimo estado de conservação e podem exemplificar e provar a sua formação através dos cânones clássicos e do neocolonial.

¹⁰¹ Giacomo (ou Jacopo) Barozzi da Vignola foi um dos grandes arquitetos maneiristas do século XVI, referido muitas vezes apenas como Vignola. Os seus dois livros publicados ajudaram a formular os cânones do estilo clássico na arquitetura, *Regole delle cinque ordini d'architettura* (Regras das cinco ordens da arquitetura), publicado pela

dell'architettura), que defendia as sistematizações das ordens, as proporções de composição, os cânones, a modularidade e apresentação de sistemas geométricos de traçado.



Figura 57- Trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima. Estudos da Ordem Jônica. Data: 16 de agosto de 1921.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

O tratado de Vignola,¹⁰² desde a criação da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, era a maior referência na formação dos arquitetos e assim perdurou por mais de um século, chegando à geração dos primeiros modernistas que se formaram na ENBA. Souza (1978, p. 18) enfatiza como o tratado de Vignola foi primordial no tradicional ensino da escola:

primeira vez em Roma, 1562, e o póstumo *Le due regole della prospettiva pratica* (Duas regras da perspectiva clássica).

¹⁰² [...] Glória maior, Vignola se tornaria substantivo comum, palavra de imediato entendimento por todos aqueles de algum modo envolvidos com matemática, cálculos e construções – não só de edificações, mas inclusive de máquinas. Enfim, sinônimo de manual de geometria, manual de arquitetura, manual de construção (FICHER; MACEDO, 2009, p. 3).

O livro sagrado dos arquitetos da época, sua bíblia, era o VIGNOLA, ditador supremo das proporções, da composição das fachadas, o mestre supremo das ordens gregas e romanas. [...] Quando eles queriam fazer um projeto, a planta era resolvida dentro daquela simetria indispensável e a fachada era uma cópia exata dos cânones fixados.

Ficher e Macedo (2009), no artigo "Três vinholas no Brasil do século 19", retomam o contexto francófilo do período "[...] tão emblematicamente representado pela Missão Artística Francesa (1816), que conduziu o campo das artes no Brasil para o academicismo, em especial após a instalação definitiva em 1826 das várias vezes rebatizada Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios". Exemplificando a importância do cânon neoclássico trazido na bagagem teórica e estética de Grandjean de Montigny (1776-1850), os pesquisadores afirmam que a partir da "[...] boa acolhida na necessidade local de simplicidade construtiva e sedimentou-se na obra e na didática de seus discípulos nativos" (FICHER; MACEDO, 2009, p. 3). Assim como Souza, os autores também afirmam a importância que o livro de Vignola alcançou na formação dos futuros arquitetos nas escolas de arquitetura no Brasil:

[...] ainda na década de 1930, o ensino de arquitetura na agora denominada Escola Nacional de Belas Artes era pautado pelas regras de composição clássica, em que as ordens greco-romanas eram ensinadas sobretudo a partir do tratado de Vignola. E não só no Rio de Janeiro, por todo o país, onde houvesse ensino de arquitetura, vigia o modelo acadêmico, o qual no caso da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, em São Paulo, persistiria até meados da década de 1950. (FICHER; MACEDO, 2009, p. 3).

No acervo da biblioteca de Atílio C. Lima foi encontrada uma edição francesa do tratado de Vignola, e segundo Bruno C. Lima, tanto ele na década de 1950 como seu pai nos anos 1920 e seu avô no final do século XIX estudaram no mesmo livro (Figura 58). Esse exemplar é exatamente *Traité élémentaire pratique d'architecture*, que segundo Ficher e Macedo (2009, p. 4) era "[...] uma ampliação do tratado de Vignola, feita pelo arquiteto Jean-Arnould Lèveil (1806-1866) com gravuras de Auguste Hibon (1780-1857), tendo sido publicada pela Garnier Frères". Esta editora foi fundada em Paris em 1833 e abriu filial no Brasil em 1844, com a chegada de Baptiste Louis Garnier no Rio de Janeiro.



Figura 58- Exemular do Vignola que pertenceu a José Octávio C. Lima e que também foi usado por Attilio C. Lima e por Bruno C. Lima, durante os estudos na ENBA.

Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

Os trabalhos realizados nos primeiros anos de formação de Attilio Corrêa Lima foram elaborados em painéis de grandes dimensões com aplicação da técnica em aguada.¹⁰³ Os desenhos assinados contêm data e o nome da ENBA (Figuras 59, 60 e 61). Há uma sistemática na apresentação das pranchas: uma planta-baixa, logo acima uma elevação da edificação tratada com sombras, contendo uma paisagem ao fundo. Em alguns painéis, há a presença de figura humana, dentro do contexto do “edifício”, templo ou palácio, concebido

¹⁰³ Técnica aguada pode ser feita com qualquer tinta solúvel em água: nanquim, aquarela e guache são as mais conhecidas. Nesta técnica, a tinta é diluída em mais ou menos água, o que empresta à pintura o seu caráter transparente, ou aplicada espessa e espalhada com um pincel molhado em água. Disponível em: <http://bonadero.blogspot.com.br/>. Acesso em: 2/3/2014.

segundo os estudos das ordens da antiguidade clássica grega e romana. São ampliados os detalhes dos entablamentos e dos capitéis, destacando os capitéis das colunas, detalhes em alto e baixo-relevo com aplicação de cores e sombras aguadas.

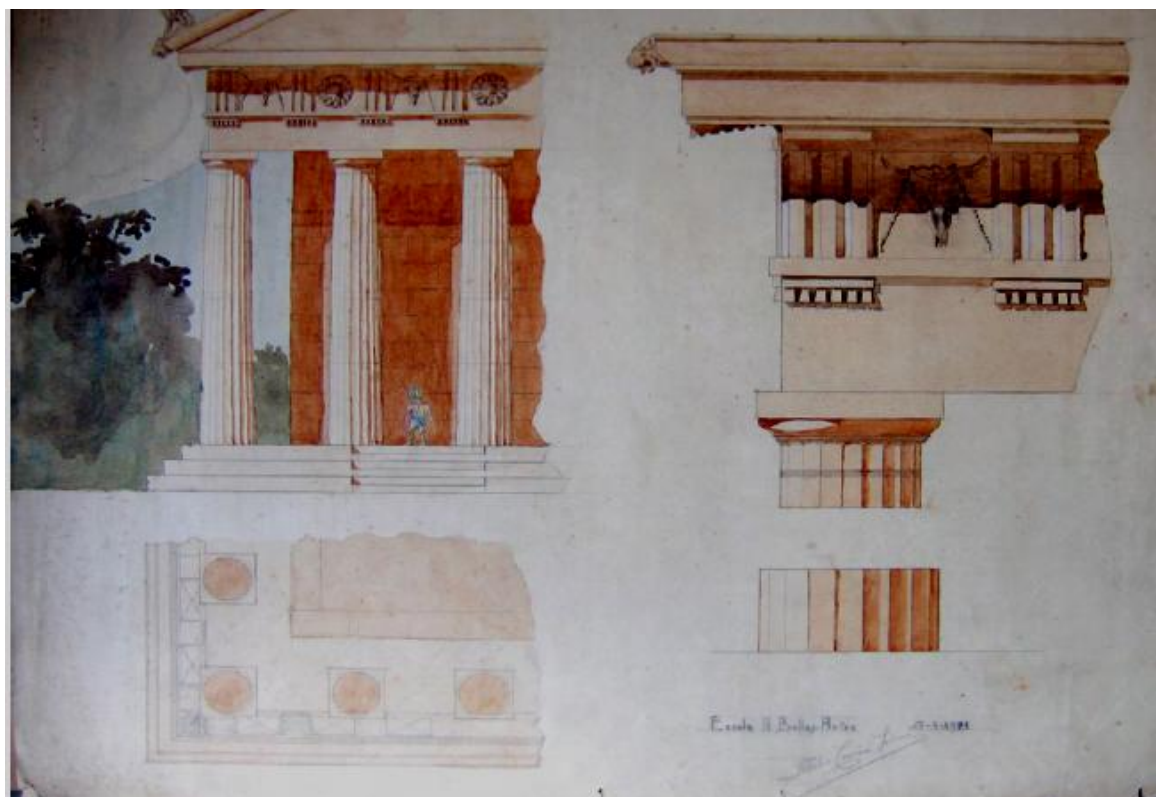
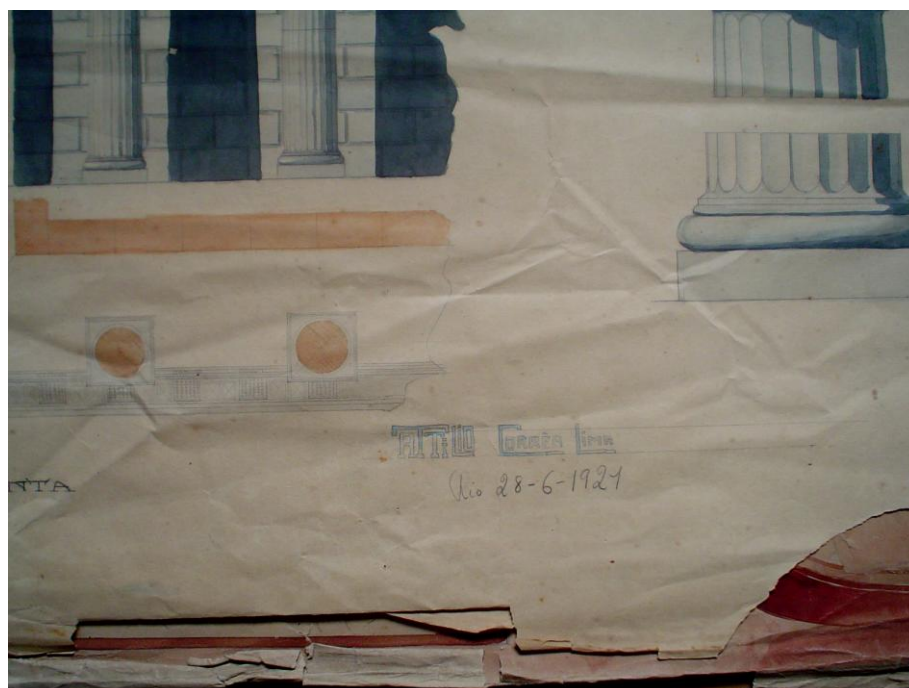


Figura 59 - Trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima. Data: 17-05-1921.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.



Figuras 60 e 61- Trabalho acadêmico de Atílio Corrêa Lima. Data: 28 de junho de 1921.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

Entre os exercícios de Attilio C. Lima, observa-se o projeto de um portal com elementos de composição do Portão de Brandenburgo, em Berlim, e da quadriga do Parlamento de Viena, trabalho elaborado também em 1921 para a disciplina de Desenho de Ornatos (Figura 62). Por um lado, dentro da formalidade clássica, os alunos podiam “criar”, utilizando-se dos exemplos e dos cânones. Assim, nem tudo era mera cópia, como o afirma Souza (1978), pois havia certa “liberdade” para interpretações e releituras, desde que seguidos os modelos.

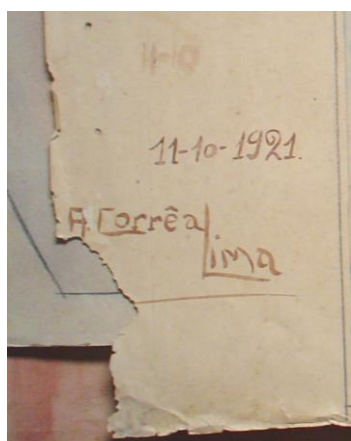
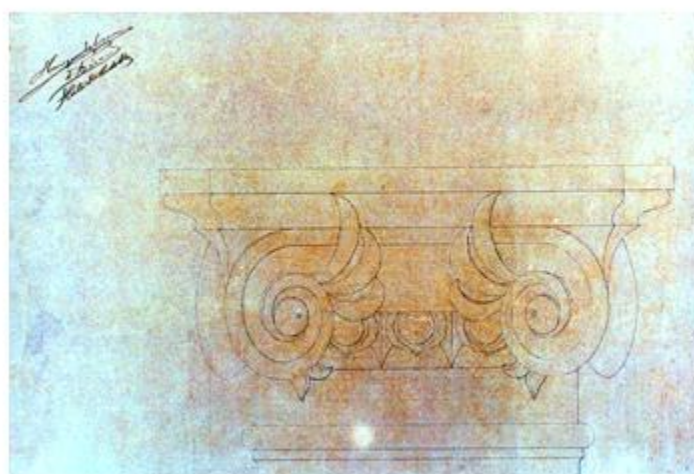


Figura 62 - Trabalho de Attilio Corrêa Lima realizado em 11 de outubro de 1921 para a disciplina de Desenho de Ornatos do Curso Geral da ENBA (segunda série).

Fonte: acervo da família Corrêa Lima.

Neste conjunto de desenhos descobriu-se um trabalho interessante sobre o arquiteto Heitor de Mello,¹⁰⁴ um projeto acadêmico realizado quando ele estudou na ENBA. Entre a formação de Corrêa Lima e a de Mello há pelo menos vinte anos de diferença; no entanto, os trabalhos e os exercícios propostos pelos professores eram semelhantes. Podemos comprovar que os cânones clássicos fizeram parte da formação dos arquitetos da ENBA durante várias gerações e perduraram mesmo após a tentativa de renovação do ensino tradicional por Lucio Costa, em 1930 (Figuras 63 e 64).



Figuras 63 e 64 - À esquerda, Figura 63, trabalho acadêmico de Atílio Corrêa Lima de 1921, e à direita, Figura 64, trabalho acadêmico de Heitor de Mello – capitel Jônico – cadeira: Elementos de Arquitetura (sem data)

Fonte da Figura 63: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

Fonte da figura 64: www.crea.rj.org.br.

Quanto à maneira como eram ministradas as aulas de Composição de Arquitetura, Souza (1978, p. 23) relata:

Do quarto até o sexto ano, a cadeira de Composição de Arquitetura, vista hoje e mesmo para nós, alunos daquela época, era dada de uma maneira verdadeiramente lamentável, para não dizer ridícula.

Os temas dados na cadeira de Composição de Arquitetura, como se fossem uma herança vinculada, que passava de ano para ano, de turma para turma, se repetiam de uma maneira impressionante, salvo raríssimas exceções. Nos primeiros anos eram aqueles pórticos, aquelas fontes, aqueles pavilhões de caça já descritos. Nos últimos

¹⁰⁴ Trabalho de pesquisa de Olíneo Coelho com apoio do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura – CREA – do Rio de Janeiro. Disponível em: <www.crea.rj.org.br/heitordemello>. Acesso em: 13/11/2006.

anos, do quarto ao sexto, os temas dados eram, então, fora de qualquer realidade, já naquela época. Coisas como: "uma residência para uma família distinta".

Souza (1978, p. 24) descreve outros temas propostos nas aulas de Composição de Arquitetura:

Ou então:

"Uma sala de passos perdidos."

Eram assim chamadas as ante-câmaras dos gabinetes presidenciais, naturalmente numa alusão aos passos dados pelos pretendentes a empregos, enquanto aguardavam a entrevista com o governante. Quando o emprego não era conseguido, naturalmente os passos eram perdidos.

Ou ainda:

"Projetar uma torre para residência de um filósofo numa ilha deserta."

Esse tema foi dado para a turma formada em 1929, turma de Affonso Eduardo Reidy, um dos maiores arquitetos que o Brasil já teve.

Dentre os trabalhos acadêmicos de Corrêa Lima relacionados à temática criticada por Souza como 'irreal', encontra-se uma prancha do acervo do arquiteto (Figura 65) Essa prancha apresenta os detalhes de um projeto para um templo. Não seria um elemento de jardim proposto para "torre para uma residência de um filósofo numa ilha deserta?"



Figura 65- Trabalho acadêmico de Atílio Corrêa Lima. Estudo de um Templo Monóptero. Data: 7 de setembro de 1921. Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

No que diz respeito a projetos acadêmicos com desenvolvimento de elementos arquitetônicos, tem-se ainda exemplares de Heitor de Mello, com uma fonte (1897), e Corrêa Lima, com um pórtico (1921), comprovando que, em quase 25 anos na cadeira de Grandes Composições, exigiam-se os mesmos conhecimentos dos alunos na ENBA, segundo o estilo clássico (Figuras 66 e 67).

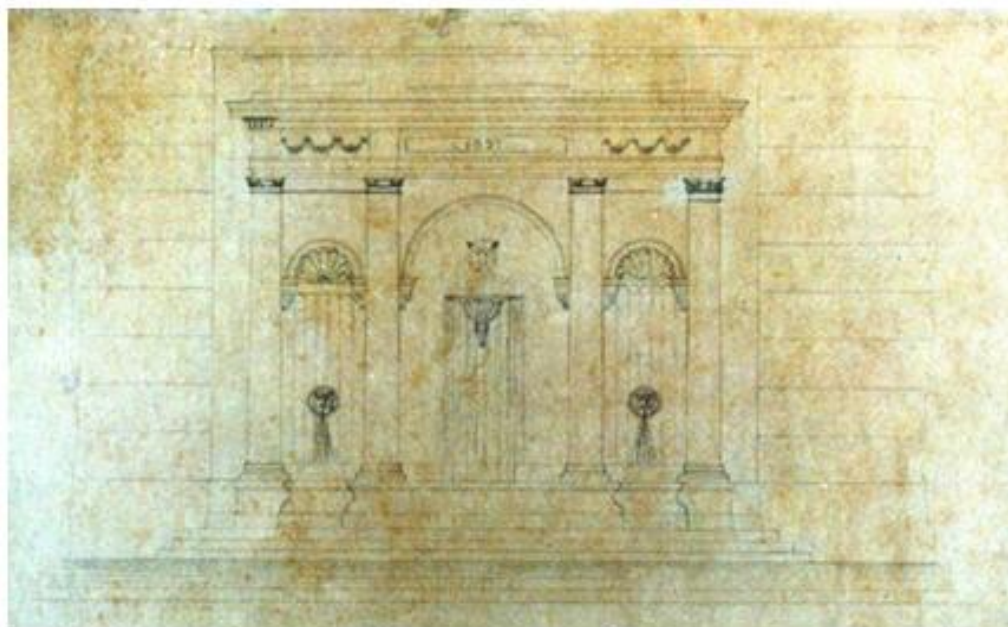


Figura 66 - Trabalho acadêmico de Heitor de Mello, 1897.
Fonte: www.crea.rj.org.br.



Figura 67- Trabalho de Atílio C. Lima, 1921.
Fonte: reprodução do acervo da família Corrêa Lima.

Em 2007, registrou-se o valioso relato do arquiteto José Maria de Rezende Martins,¹⁰⁵ aluno da Escola Nacional de Belas Artes durante os anos de 1937 a 1942. Ele afirmou que seus estudos também foram marcados pelo classicismo de Vignola, além das aulas de escultura, pintura, decoração de azulejos, comum à formação dos arquitetos e artistas, seguindo as orientações vigentes desde os primórdios da Escola Imperial.

Rezende Martins enfatizou que os alunos da ENBA tinham, como modelo para cópia de trabalhos, os bustos e esculturas feitos por professores da Academia Imperial de Belas Artes, não existindo modelos vivos para aulas de Desenho ou Escultura. Assim como Attilio C. Lima, Martins teve como professor de Grandes Composições Archimedes Memória. Foram apresentadas as cópias dos trabalhos fotografados do acervo de A. Corrêa Lima para o arquiteto Rezende Martins, elaborados nos idos de 1921. Ele os reconheceu como exercícios acadêmicos idênticos aos que também elaborara quase vinte anos depois. Em suas palavras:

Nós tínhamos um livro das normas da arquitetura clássica, o Vignola. Sim, os nossos trabalhos eram do mesmo tipo, capitéis, volutas, cópias. Nós fomos da primeira turma (1942) que se formou com o título de arquiteto, e não mais com o título de engenheiro-arquiteto.¹⁰⁶

Ao ser indagado sobre o anacronismo do ensino da ENBA no período em que foi aluno, uma vez que a arquitetura modernista dava seus primeiros passos no Brasil, argumentou:

Alguns professores estavam atualizados com as novas formas de expressão e tecnologia, um deles era o professor Felipe Santos Reis, de Materiais de Construção, sempre defendeu a independência da arquitetura, mas não podia se rebelar contra uma estrutura rígida.¹⁰⁷

Pode-se, a partir do relato de Rezende Martins, entender as razões pelas quais as modificações introduzidas na ENBA, no ano de 1930, por Lucio Costa estavam destinadas ao malogro. O ambiente conservador favoreceu a prevalência, durante os anos que seguiram à frustrada “revolução no ensino da arquitetura”, dos cânones clássicos. As modificações no ensino deram-se através de um processo lento, efetivando-se quinze anos depois com a criação da

¹⁰⁵ O arquiteto José Maria de Rezende Martins trabalhou durante muitos anos no IBGE. Gentilmente concedeu entrevista à autora em 4 de fevereiro de 2007, discorrendo sobre sua formação acadêmica na ENBA e atuação profissional.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem.

Faculdade Nacional de Arquitetura, instituição desvinculada da Escola Nacional de Belas Artes.

Em 1924, Attilio Corrêa Lima cursava o penúltimo ano na ENBA, elaborando trabalhos acadêmicos com uma temática comercial. Tratava-se de uma rede de lojas no estilo neoclássico. A linguagem adotada era coerente com os anseios de uma sociedade moderna emergente, que reproduzia os valores estéticos de Paris na principal Avenida do Rio de Janeiro, a Avenida Central. Dentro da corrente neoclássica da arquitetura, encontram-se semelhanças entre os trabalhos acadêmicos de Corrêa Lima e os de Heitor de Mello. Pode-se observar a influência dos cânones clássicos na formação de ambos os arquitetos. Tanto o edifício elaborado por Heitor de Mello (Figura 68) quanto o de Attilio Corrêa Lima (Figura 69) apresentam os três elementos básicos de composição: o embasamento com os pórticos de entrada, acima do pavimento térreo; o corpo do edifício com as colunas de marcação; o coroamento na cobertura. Até a maneira de representação gráfica é comum aos dois projetos, guardando também a humanização dos desenhos semelhanças.

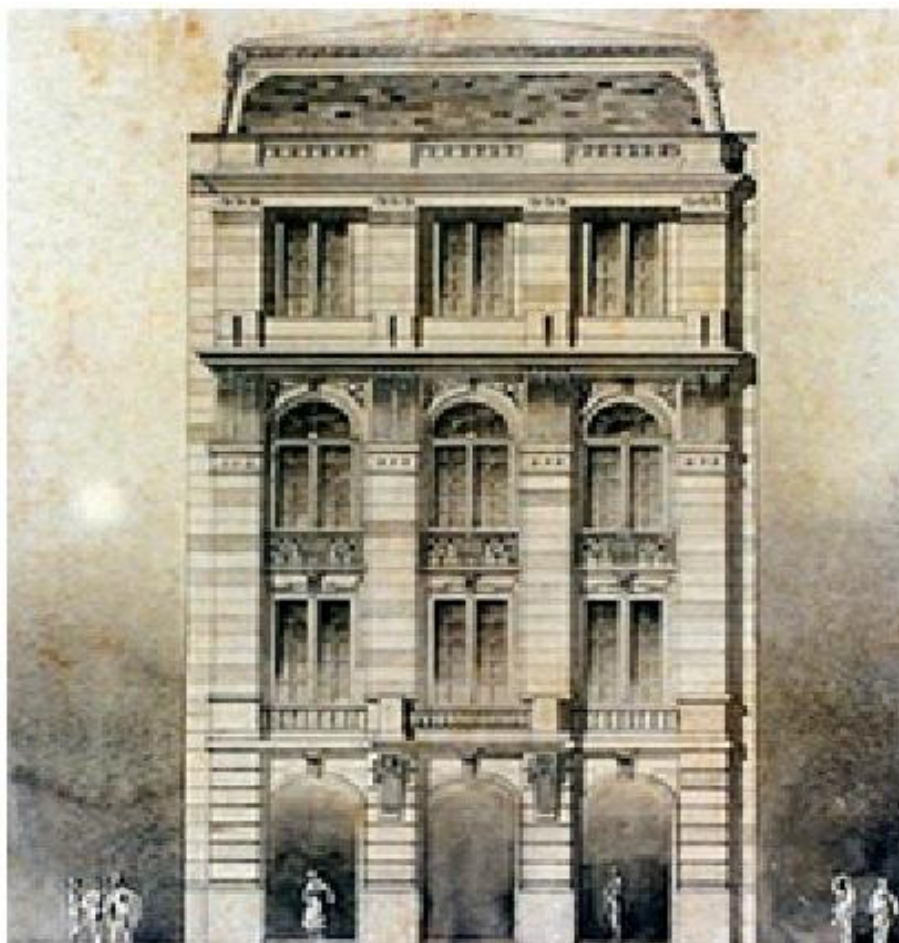


Figura 68 - Trabalho Acadêmico de Heitor de Mello (sem data).
Fonte: NPD da UFRJ.

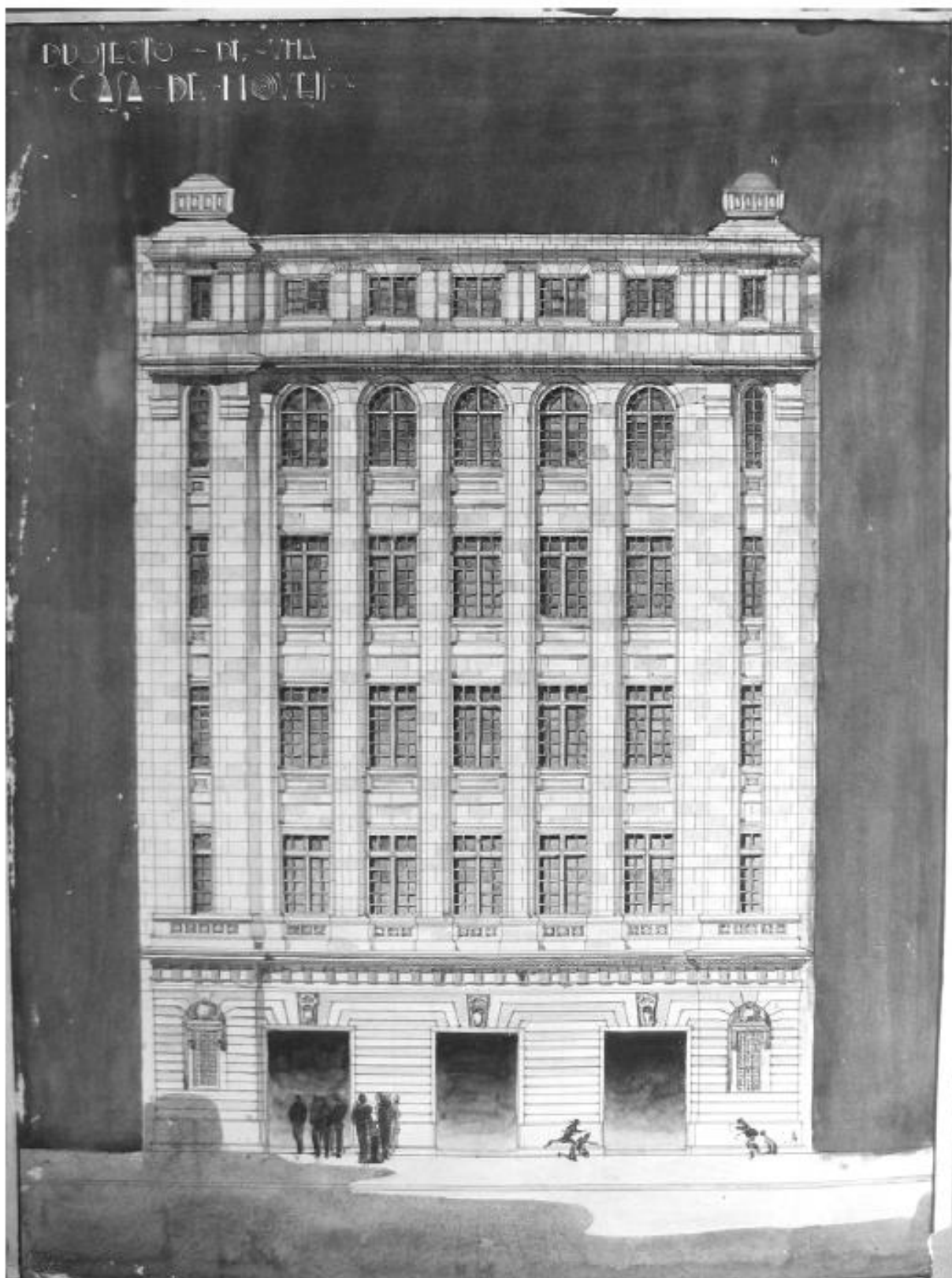


Figura 69 - Trabalho acadêmico de Atílio Corrêa Lima, Escola Nacional de Belas Artes, 1924.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

3.2.2 Outras vertentes

Outra vertente de estilo arquitetônico preconizado na ENBA era o neocolonial¹⁰⁸, contrapondo-se aos estilos ditos “estrangeiros”, tais como o “estilo mexicano”, o “espanhol”, o “inglês” ou o “tudor”.

Uma das primeiras menções à Arquitetura Neocolonial no Brasil foi a conferência intitulada “A arte tradicional no Brasil: a casa e o templo”, proferida na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo (SEVERO, 1917), pelo engenheiro-arquiteto português Ricardo Severo¹⁰⁹ e que se tornou o manifesto de 20 de julho de 1914. Durante a conferência, Severo destacou a influência da arquitetura portuguesa, através das descrições de alguns prédios nacionais, manifestando sua opinião desfavorável sobre “[...] a mesquinhez de proporções e pobreza de formas” do estilo “barroco jesuítico”. Por outro lado, mostrou sua preferência pelos “belíssimos exemplares” do século XVIII construídos “no Rio e em algumas cidades do norte” e pela arquitetura religiosa mineira. O arquiteto afirmou que “[...] para construir arte tradicional são necessários elementos tradicionais”, e usou uma sistemática de análise arquitetônica, baseada na decomposição da edificação, no que se refere aos elementos construtivos e decorativos (SEVERO, 1917, p. 394-424).

Inspiradas pelas manifestações de Ricardo Severo, excursões técnicas foram realizadas, entre os anos de 1921 e 1925, às cidades históricas de Ouro Preto, Tiradentes e Congonhas do Campo, pelo professor Alexandre Albuquerque,¹¹⁰ com seus alunos do Curso de Arquitetura da Escola Politécnica de São Paulo. Segundo Pinheiro (2006, p. 71), Albuquerque assim se pronunciou:

Para estimar o colonial é preciso conhecê-lo. É necessário viajar e longamente meditar em frente de cada monumento.

[...] Quem já viajou pelas nossas cidades coloniais, quem conhece Ouro Preto, Mariana, Congonhas, São João del Rey, Tiradentes, para citar apenas algumas, sabe

¹⁰⁸ O termo Neocolonial foi utilizado na maioria dos países da América Latina, no começo do século XX, para designar aqueles movimentos que pregavam o retorno de uma tradição arquitetônica autenticamente nacional. O neocolonial fazia parte de um programa nacionalista de reivindicação e afirmação de identidades locais contrárias às estéticas cosmopolitas, universalistas e europeizantes vigentes na arquitetura, e de modo geral nas artes, no começo do século XX (AMARAL, 1994).

¹⁰⁹ Ricardo Severo da Fonseca e Costa (Lisboa, 1869–São Paulo, 1940) foi um dos arquitetos responsáveis pela divulgação em produzir uma arquitetura nacional. Além de arquiteto era etnólogo, historiador, arqueólogo e construtor. Foi sócio de Ramos de Azevedo, e com esse foi responsável por grandes obras de engenharia realizadas em São Paulo na primeira metade do século XX.

¹¹⁰ Engenheiro-arquiteto formado em 1905 pela Politécnica, professor da escola em 1917, tendo assumido em 1919 as cadeiras de “História da Arquitetura, Estética, Estilos” (FICHER, 1989, p. 147).

distinguir a arte portuguesa aclimatada, que floresceu no velho mundo. Neste exame, a crítica é, às vezes, influenciada pelo patriotismo lusitano ou pelo bairrismo nativista.

O neocolonial chegava ao Rio de Janeiro, segundo Santos (1981, p. 27), “[...] como um desafio lançado ao conservadorismo acadêmico encastelado nas cátedras da Escola Nacional de Belas Artes, que representava para a arquitetura e as artes plásticas o que a Academia Brasileira de Letras representava para a literatura”.

Na década de 1920, surgiu uma instituição de relevância para o Rio de Janeiro, o Instituto Central de Arquitetos, cujo fundador foi José Marianno Filho,¹¹¹ que em 1924 tornou-se seu diretor. Marianno Filho iniciou uma série de publicações em defesa de um “estilo de arquitetura tradicional”, além de combater o movimento moderno e, também, com objetivo de superar a carência de estudos e de repertório sobre o neocolonial, patrocinou, através da Sociedade Brasileira de Belas Artes (SBBA), bolsas de viagem para jovens arquitetos ou estudantes de arquitetura às cidades mineiras e concursos de arquitetura, instituindo o “Prêmio Heitor de Mello” ou “Prêmio Casa Brasileira”. Em 1921, Marianno Filho publicou na *Revista de Architectura no Brasil* a importância do Concurso:

Ilmo. Snr. Prof. Gastão Bahiana,

No intuito de incrementar os necessários estudos preliminares para a criação de um typo de architectura nacional inspirada directamente no estylo tradicional atravez das construções architectonicas sacras e civis praticadas no Brasil durante o período colonial, sob a direção artística dos missionários Jesuitas, resolvi instituir três prêmios, um de um conto e quinhentos, um de um conto de réis, e outro de quinhentos mil réis, para os projectos classificados respectivamente em 1º, 2º e 3º lugares pelo Instituto Brasileiro de Architectos em concurso publico numa das salas da Escola Nacional de Bellas Artes, por ocasião do Salão annual do ano corrente.

Tratando-se essencialmente da reconstituição de uma estylo architectonico com a representação de todos os característicos tradicionaes, desejo que os concurrentes ao referido certamen estejam estrictamente de accordo com as seguintes indicações:

Projecto de habitação domestica para arrabalde, constando de rez do chão e um pavimento superior, em terreno de 20 metros de frente por 50 de fundo. Orçamento: cem contos de réis.

a) - Todos os motivos architectonicos, quer decorativos, quer construtivos, deverão ser inspirados exclusivamente em modelos preexistentes no Brasil, atravez da architectura característica da epocha colonial.

b) - Todos esses motivos terão igualmente um tratamento architectonico tradicional (columnas galbadas, arco abatido das arcadas, açoutamento dos telhados, largura dos vãos, etc.);

c) - Uso exclusivo da ordem toscana nas composições.

¹¹¹ José Marianno Carneiro da Cunha Filho (Pernambuco, 1881 – RJ, 1946) formou-se em Medicina no início do século XX, na atual Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), mas nunca clinicou, antes, passou a estudar as ciências naturais. Apenas posteriormente enveredou a estudar a arte, a arquitetura e o urbanismo, o que fez até o fim de sua vida.

d) - Mão de obra (aparelho) igualmente de accordo com as praxes, tradicionais (enxilharia de granito, estuque, chãos, etc.).

e) - Adaptação perfeita ás condições da vida moderna de accordo com as exigências das posturas municipaes.

f) - Os projetos approvados ficarão pertencendo á Sociedade Brasileira de Bellas Artes, que os venderá em leilão publico, nesta cidade trinta dias depois do encerramento do respectivo Salão, applicando como melhor lhe parecer a soma que tiverem alcançado, em favor do patrimônio da mesma Sociedade.

Deixando ao alvitre de V. S. a organização e abertura da concorrência, e bem assim o julgamento dos respectivos projectos executados de accordo com as indicações acima mencionadas, confio plenamente no êxito desse modesto certamen, do qual poderá resultar o favor publico por um assumpto de grande relevância para a arte brasileira.

Queira V. S. aceitar os protestos de alta consideração

Do Amdr. Attº e Obgº

José Marianno Filho. (REVISTA DE ARCHITECTURA NO BRASIL, 1921, p. 38-39).¹¹²

Em novembro de 1925, a mesma revista publicou projetos realizados pelos ex-alunos da ENBA expostos no Salão de Belas Artes (Figuras 70 e 71). Segundo Atique (2008, p. 3), “[...] um que chama muito a atenção é o do arquiteto Attilio Corrêa Lima, que expôs o projeto de uma residência vazada dentro dos princípios volumétricos e ornamentais do missões”. Outros projetos do mesmo estilo também foram apresentados por Paulo Antunes Ribeiro e por Raphael Galvão (REVISTA DE ARCHITECTURA NO BRASIL, 1925, p. 27-28). Antique destaca que, apesar “[...] de ser um periódico mais ligado às entidades de classe do Rio de Janeiro, onde estavam os mentores do Movimento Neocolonial, foi difícil encontrar as variantes hispânicas em suas páginas”.

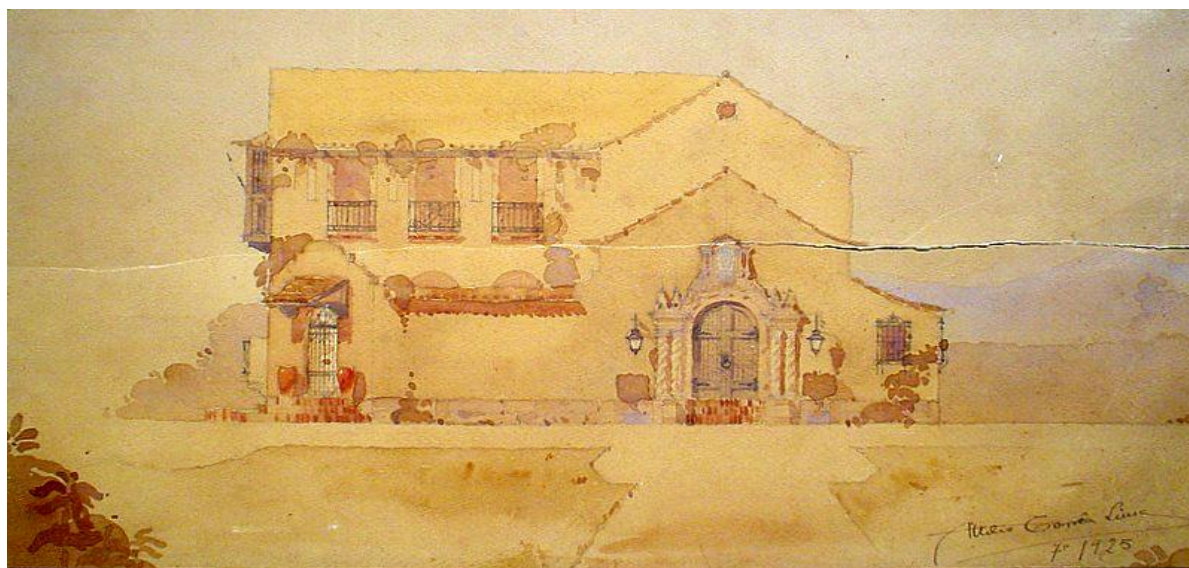
¹¹² Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/criticas/la_jmarianno.htm. Acesso em: 9/11/2014.



Figura 70 - Trabalho acadêmico de Atílio Corrêa Lima, Escola Nacional de Belas Artes, 1925.

Publicado na *Revista de Architectura no Brasil*.

Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.



Figuras 71 - Trabalho acadêmico de Atílio Corrêa Lima, Escola Nacional de Belas Artes, 1925.

Publicado na *Revista de Architectura no Brasil*.

Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

No acervo particular de Attilio C. Lima, há vários trabalhos acadêmicos em estilos Neocolonial e Missões (Figura 72),¹¹³ com influências espanholas. Os projetos são de casarões assobradados, alpendres na fachada, telhados com largos beirais, arcos abatidos, elementos decorativos como balaústres, apresentados através de perspectivas das fachadas das edificações, pintadas em aguada, ocupando o centro da prancha, no alto, no canto direito, plantas-baixas com distribuição e identificação dos ambientes da residência. Alguns dos projetos acadêmicos do arquiteto seguem “os modelos” neocoloniais, com seus elementos construtivos, e ainda com a adição de colunas torsas, os muxarabis e os beirais avantajados das coberturas, conforme Ricardo Severo ilustrou no seu manifesto de 1914.

Bruand (2003, p. 58) afirma que a importância do Neocolonial está:

[...] em considerá-lo parte essencial na criação da nova arquitetura, sobretudo na ênfase do papel formador do movimento: mais importante, entretanto, é o fato de alguns pioneiros da nova arquitetura brasileira, como Lucio Costa, Attilio Corrêa Lima, Paulo Antunes Ribeiro, Raphael Galvão e outros, terem passado por uma fase neocolonial antes de se tornarem discípulos de Le Corbusier.

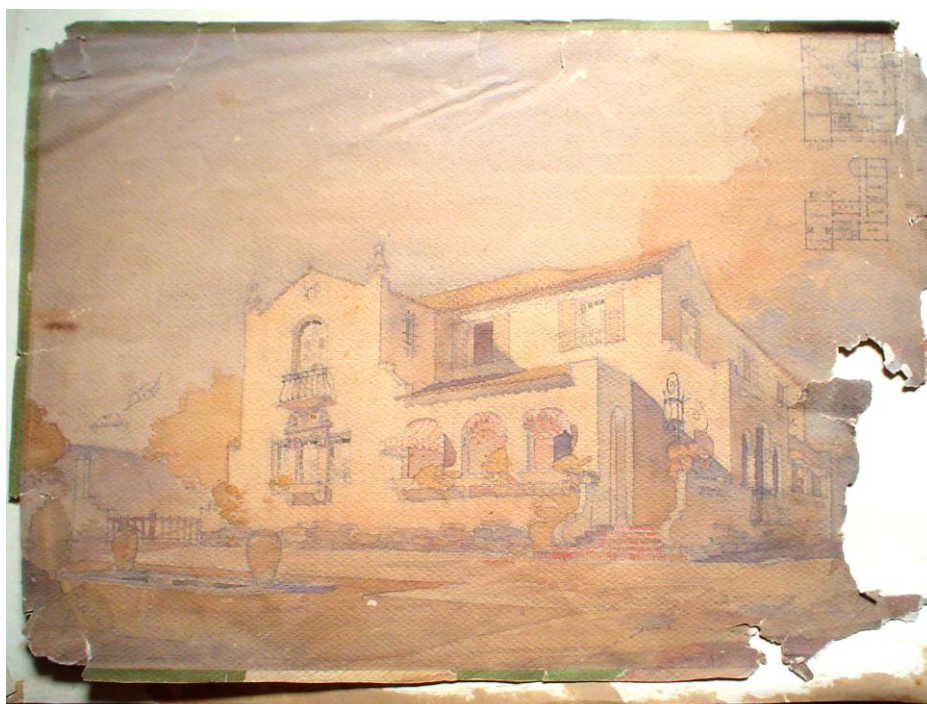


Figura 72 - Trabalho acadêmico de Attilio Corrêa Lima, Escola Nacional de Belas Artes, 1925.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

¹¹³ Esse trabalho acadêmico que estava logo acima de outras pranchas empacotados e guardados por mais de oitenta anos, ao ser aberto, em contato com o ar, se desfez em parte, aos nossos olhos.

Apesar de o ensino na ENBA, na narrativa de alguns ex-alunos, ser considerado arcaico, equivocado ou mesmo atrasado, segundo Atique (2008, p. 4), a escola tinha “[...] um repertório internacional, afinada com as discussões em processo em todo o continente americano”, Para o historiador, “[...] mais do que enxergar a ENBA como uma escola pró-eclético ela foi, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, uma instituição que soube se comunicar com suas congêneres de norte a sul das Américas e que teve um projeto de ensino arquitetônico”. Então, [...] pode-se dizer que ela foi uma Escola ‘Internacional’ de Belas Artes (ATIQUE, 2008, p.4).

Da mesma forma, Uzeda (2006, p. 457) defende o ensino na ENBA e aponta a visão unilateral dos modernistas, afirmando que: “[...] há mais de 70 anos assistimos a uma narração eloquente, construída a partir da ótica do movimento moderno, que nos conta a história de como os modernistas revolucionaram o ensino na ENBA e a própria trajetória da arquitetura brasileira”. Essa oratória, segundo a pesquisadora, “[...] convertia os arquitetos racionalistas nos grandes vencedores do ‘embate heróico’ que confrontava a estética funcionalista aos estrangeirismos ‘requentados’ da arquitetura acadêmica” (UZEDA, 2006, p. 457). Conseqüentemente esse discurso foi reproduzido “[...] em textos críticos sob um formato didático, cristalizando generalizações como verdades irrefutáveis e obstando análises mais cuidadosas sobre o rico processo de desenvolvimento da arquitetura brasileira, em suas ‘rupturas’ e ‘permanências’” (UZEDA, 2006, p. 458).

Entre o discurso de Souza e a entrevista com o arquiteto Martins, notam-se relatos parecidos no que diz respeito às práticas acadêmicas na ENBA em períodos distintos, porém na narrativa de Martins, uma vez que ele não fez parte do grupo modernista, percebe-se uma postura imparcial apontando para um processo de mudanças no ensino da ENBA de forma lenta, coincidindo com que Uzeda (2006, p. 466) conclui no seu extenso e detalhado trabalho de pesquisa:

[...] a grade de 1915 apresenta grande semelhança com a que seria elaborada pela gestão modernista em 1930, que, por sua vez, não diferia muito, em suas linhas gerais, da que passou a vigorar em 1968, na Faculdade Nacional de Arquitetura. Essas são as “permanências”, que não podem ser desconsideradas e que revelam toda a robustez do ensino de arquitetura acadêmico, que continua capaz de resistir às “reformas”, “revoluções” e “rupturas”.

A formação de Attilio Corrêa Lima foi marcada por essa permanência dos cânones clássicos herdados da antiga Escola Imperial de Belas Artes (EIBA), influenciada por sua vez pelos mestres da missão francesa. Por outro lado, os últimos anos de seus estudos na ENBA foram dominados pelo nacionalismo expresso nos trabalhos acadêmicos com traços do neocolonial, e ainda pelo estilo missões.

Ao descrever o percurso acadêmico de Attilio C. Lima na ENBA através de seus mestres, disciplinas e trabalhos escolares, verifica-se a coerência entre o conteúdo ministrado e produção do aluno, traçada por uma trajetória consolidada por professores engajados profissionalmente nos principais projetos de intervenções artísticas, arquitetônicas e urbanísticas ocorridas durante as primeiras décadas do século XX, na capital do país, comprovando uma sintonia entre as teorias acadêmicas enraizadas na ENBA e a prática profissional.



Figura 73 - Turma de Lucio Costa, 1924. Na foto: Attilio Corrêa Lima, Gilberto Trompowski e Atílio Mazieri Alvez

Aula livre de Desenho Figurado. Professor Lucílio de Albuquerque

Fonte: <http://www.casadeluciocosta.org/>

3.2.3 Colegas de curso

Attilio C. Lima teve, entre seus colegas da ENBA, seus melhores amigos, estabelecendo uma lealdade que perdurou por toda a sua vida, principalmente com Paulo Antunes Ribeiro e Lucas Mayerhofer (Figura 74). Segundo Ackel (2007, p. 23), junto com Attilio C. Lima em 1923 “[...] ingressaram mais seis novos alunos, inclusive seu primo Hélio Corrêa Lima. Também fizeram parte desta turma: Floriano Brilhante, Jaime da Silva Telles, Paulo Sampaio Ferraz, Ricardo José Antunes Júnior e Salvador Duque de Estrada Batalha”. Esse grupo de estudantes juntou-se aos veteranos, Lucio Costa, Armando Perry, Atílio Mastieri Alves, Ernani Dias Correia, Fernando Valentim do Nascimento, Luis Bergerot, Pedro Paulo Bernardes Bastos e Raul Penna Firme, totalizando dezesseis alunos.



Figura 74 - Attilio Corrêa Lima com seus colegas: Paulo Antunes Ribeiro e Lucas Mayerhofer.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

As turmas do Curso de Arquitetura eram pequenas (Tabela 2). Somente a partir de 1923 “[...] a frequência [...] havia começado uma curva ascendente, saindo da média da década anterior, que se manteve à razão de doze estudantes por ano, para dar início a uma trajetória que poderíamos considerar de consolidação”. Para Uzeda (2006, p. 345), as razões que impulsionaram essa recuperação “[...] vinculam-se ao surto desenvolvimentista que caracterizou a primeira metade do século XX no Rio de Janeiro, que elegera a renovação do cenário arquitetônico como indício evidente de modernidade”. Enfatizando sua hipótese, a pesquisadora conclui:

A grande urbanização da capital no início do século, seguida pelas duas grandes exposições comemorativas de 1908 e 1922, que expunham a arquitetura dos pavilhões como seu principal produto, havia servido para provar a capacidade de nossos arquitetos, expondo de forma positiva a profissão. (UZEDA, 2006, p.345).

Tabela 2 - Alunos matriculados na ENBA no curso de Arquitetura entre 1915 e 1924.

Matrícula nos Três Anos do Curso de Arquitetura 1915-1924	
Ano	Arquitetura
1915	13
1916	14
1917	16
1918	7
1919	14
1920	17
1921	15
1922	12
1923	16
1924	23
Fonte: Livro de Matrículas: 1901-1915 (Livro 6200); Livro de Matrículas: 1909-1934 (Livro 6201) Termo dos Exames Públicos da ENBA: 1909-1933 (Livro 6169); e Concurso das Aulas Práticas: 1914-1931 (Livro 6167). Arquivos do Museu D. João VI/ EBA-UFRJ.	

Fonte: UZEDA (2006).

No ano em que Atílio C. Lima formou-se, em 1926, somente quatro colegas finalizaram o curso, os outros o abandonaram. Segundo Bruno C. Lima, “[...] os melhores amigos que meu pai teve na escola foram exatamente alguns de seus calouros que ingressaram em 1924. Meu

pai comentava que essa turma quase toda de nome Paulo: Paulo Ferreira, Paulo Pires, Paulo Santos, Paulo Candiota e Paulo Antunes Ribeiro”.¹¹⁴

Dos colegas e amigos de Attilio C. Lima, Paulo Ferreira Santos (1904-1988) teve uma atuação relevante não só como arquiteto, mas também como empresário da construção civil. Após concluir o curso na ENBA, em 1926, na chamada "turma dos 5 Paulos", constituiu com seu colega Paulo Pires, no ano seguinte, a Pires & Santos S.A.:

[...] empresa de projetos e construções [...] responsável a partir dos anos 30 por uma extensa lista de obras na cidade, dentre as quais o Instituto Militar de Engenharia, a Escola Central do Senai, vários dos edifícios que deram feição à Avenida Presidente Vargas, além de mais de uma centena de casas e edifícios residenciais, hotéis e hospitais, fábricas e clubes. (NOBRE, 2000).¹¹⁵

Segundo Nobre (2000), nos primeiros dez anos de produção da empresa, a Pires & Santos S.A.:

[...] indicava certa indefinição – a dupla projetava variantes hispânica e normanda (residência Matin Kock, 1937), robustos arranha-céus art déco (edifício Pimentel Duarte, 1936), casas de coordenadas geométricas suavemente postizas (residência Ivan Santiago, 1937)”. [...] a partir dos anos 50, o mergulho na história por Paulo Santos parece ter introduzido nova fonte projetual no escritório, culminando com a irretocável síntese entre o colonial e o moderno que é a residência Holzmeister, em São Conrado (1955).¹¹⁶



Figura 75 - Residência Holzmeister. Rio de Janeiro 1955. Firma Pires & Santos.
Fonte: MINDLIN (2000, p. 101).

¹¹⁴ Em entrevista realizada.

¹¹⁵ Disponível em: <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/92/a-historia-entre-os-modernos-24381-1.aspx>.

¹¹⁶ Idem.

Paulo Santos foi o primeiro professor da disciplina Arquitetura do Brasil. A “[...] cadeira foi incorporada ao currículo da faculdade quando o curso de arquitetura da ENBA ganhou autonomia e transformou-se na Faculdade Nacional de Arquitetura” (NOBRE, 2000).¹¹⁷

Colin¹¹⁸ considera-o um dos maiores nomes da história da arquitetura brasileira, citando suas obras e estudos. Foram mais de vinte livros e vários artigos. O autor considera como obra de destaque *O barroco e o jesuítico na arquitetura do Brasil* (1951), *A arquitetura religiosa em Ouro Preto* (1951), *A Arquitetura da sociedade industrial* (1960), *A formação de cidades no Brasil colonial* (1963) e *Quatro séculos de arquitetura* (1977), este último, “um marco definitivo da historiografia arquitetônica carioca” (COLIN, 2011).¹¹⁹ Como membro efetivo do Conselho Consultivo do IPHAN, de 1955 a 1980, Paulo Santos foi relator de 28 processos de tombamento de bens imóveis e de conjuntos arquitetônicos de cidades como Olinda (PE) e Serro (MG).

Outro grande amigo de Attilio C. Lima foi Paulo Antunes Ribeiro (1905-1973), arquiteto representante da vanguarda modernista no Rio de Janeiro, nos anos 1930. Projetou um dos primeiros prédios modernos de escritórios no centro da cidade, a sede do Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores do Estado (IPASE), em 1933, anterior aos edifícios ícones da ABI (1933-1936) dos irmãos Roberto e do MES (1936-1947) de Lúcio Costa e equipe. Nos anos 1940, elaborou os projetos para o Edifício Caramuru em Salvador (Figuras 76 e 77), recebendo a menção honrosa na Exposição Internacional de Arquitetura da 1ª Bienal Internacional de São Paulo (1951). Magnavita¹²⁰ afirmou que a obra¹²¹ de Antunes Ribeiro “[...] obteve imediato reconhecimento nacional e internacional”, ressaltando que ela “[...] deve ser considerada o marco referencial e instaurador da arquitetura produzida na cidade, e isto, em decorrências de suas qualidades plásticas e funcionais”. O pesquisador assim descreve o edifício:

¹¹⁷ Disponível em: <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/92/a-historia-entre-os-modernos-24381-1.aspx>>.

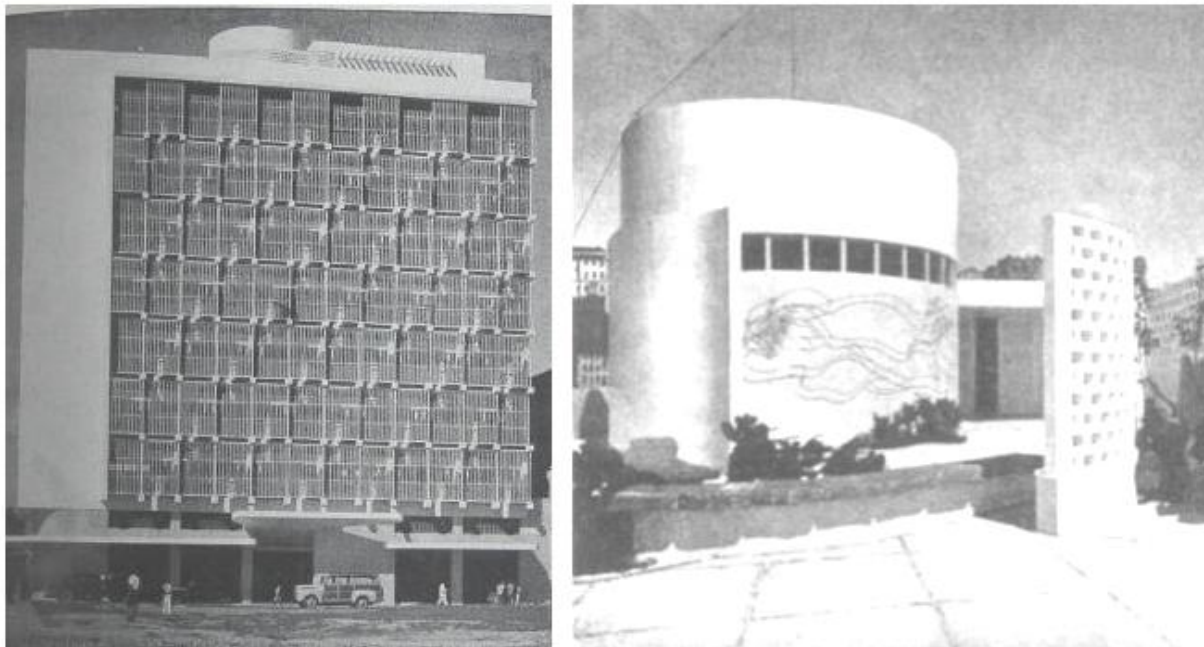
¹¹⁸ COLIN (2009). Disponível em: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/04/09/>>. Acesso em: dez. 2014.

¹¹⁹ Disponível em: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/04/09/>>. Acesso em: dez. 2014.

¹²⁰ MAGNAVITA, Pasqualino Romano. *Estilo funcional: expressão local do Movimento de Arquitetura Moderna Salvador- Bahia-Brasil-1946/1951*. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario>>.

¹²¹ Está nas publicações de referência internacional em compêndios importantes como *l'Architecture d'aujourd'hui* (1952), na revista italiana *Domus* (1954), na *Architettura Review* do Reino Unido e no livro *Modern Architecture in Brazil* de Henrique Mindlin (1956).

[...] trata-se de edifício destinado à sede de uma corporação financeira, constituindo um singular acontecimento na arquitetura de pós-guerra no país por dois elementos marcante da nova arquitetura: a criação de uma nova modalidade de “brise-soleil” [um percepto] e uso de jardim na cobertura, além da flexibilidade conseguida no âmbito de um rigor estrutural.



Figuras 76 e 77- Vista geral do Edifício Caramuru e vista do terraço-jardim.
Fonte: MINDLIN (2000, p. 101).

Outra obra importante na capital baiana, da qual Paulo Antunes Ribeiro foi coautor dos projetos arquitetônicos juntamente com o arquiteto Diógenes de Almeida Rebouças (1914-1994), foi a do Hotel da Bahia¹²² (Figura 78), alcançando destaque internacional na publicação de Mindlin, *Modern Architecture in Brazil* (1956). Na referencia à obra, Mindlin (2000, p. 132) ressalta o caráter inovador da arquitetura modernista inserida na paisagem colonial: [...] completamente diverso é esse hotel de 180 quartos, acentuadamente moderno, que contrasta de forma impactante com os edifícios históricos e as centenas de velhas igrejas de que tanto se orgulha a capital da Bahia.

¹²² Ícone da arquitetura moderna baiana, tombado como Bem Cultural do Estado, desde 2010, pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) da Secretaria Estadual da Cultura (Secult), o Hotel da Bahia foi reformado e reaberto no início de março de 2013.



Figura 78 -Maquete do Hotel da Bahia, Salvador.
Fonte: MIDLIN (2000, p. 132).

Lucio Costa (1902-1998) foi da turma anterior à de Attilio Corrêa Lima, formando-se em 1924. Foi através desse contato na ENBA, como colegas, que os dois estudantes, Attilio C. Lima e Lucio, travaram conhecimento e iniciaram suas trocas de experiências e informações que resultaram no convite de Lucio Costa ao amigo Attilio C. Lima, para inaugurar a cadeira de Urbanismo na escola, marcando em definitivo a formação dos arquitetos brasileiros também como urbanistas.

Reconhece-se na formação acadêmica da turma de colegas de Attilio C. Lima uma trajetória profissional coerente com os ensinamentos da ENBA, na qual quase todos estavam comprometidos com a linguagem arquitetônica ideologicamente marcada por um viés identitário expresso pelo Neocolonial. Constituíram uma geração de profissionais situados entre essa linguagem e o ideário do movimento moderno, representando a geração de ruptura.

3.2.4 Prêmio de Viagem à Europa

Corrêa Lima formou-se em 1926 com o título de engenheiro-arquiteto,¹²³ recebendo o prêmio “Grande medalha de Ouro”. No mesmo ano participou do Concurso Prêmio de Viagem à Europa, o chamado Prêmio de Viagem Donativo Caminhoá,¹²⁴ na seção arquitetura com o tema “Edifícios Comemorativos, um monumento destinado a comemorar os grandes vultos nacionais”.

Uzeda (2006, p. 405) destaca a participação dos alunos da ENBA no Prêmio de Viagem à Europa como “[...] o atrativo mais cobiçado, adaptação do tradicional Prêmio de Viagem a Roma, conferido pela École francesa, que na versão brasileira teve a viagem a Roma acrescida de uma estada em Paris, que lá iam tentar uma das disputadas vagas nos cursos acadêmicos franceses”.

O Prêmio de Viagem à Europa representava uma dupla honra, pensionando o artista no exterior por cinco anos e assegurando, após seu retorno, uma vaga no corpo acadêmico da escola. Os concursos e, conseqüentemente, as viagens, bem como os cursos de aperfeiçoamento realizados na Europa exerceram durante muitos anos uma relação de trocas culturais e acadêmicas, modificando e atualizando as práticas na ENBA, pois os expansionistas, como professores, costumavam trazer para as salas de aula uma visão renovada da produção europeia. No que diz respeito ao ensino da Arquitetura, isso representava um contínuo contato com as inovações tecnológicas e mudanças plásticas.

Através dos documentos do acervo do Museu D. João VI, Uzeda (2006, p. 406) descreve detalhadamente o Prêmio de Viagem à Europa:

[...] O concurso para o Prêmio de Viagem da seção de arquitetura continuava a obedecer às determinações dos regimes internos decretados em 1916. Na primeira

¹²³ Pelo projeto de reforma de 1924, a antiga fórmula, que dividia as disciplinas em um Curso Geral e cursos especiais, passava a reunir cadeiras básicas e específicas num currículo único, tentando conferir coesão e singularidade ao ensino de cada área de da Escola, conforme Uzeda (2006).

¹²⁴ O rico engenheiro baiano Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, vencedor da Medalha de Ouro na Exposição Geral de 1875, deixaria uma quantia considerável de apólices da dívida pública, com a finalidade de premiar os melhores alunos da ENBA. Do início do nosso século XX até a década de 1930, esses recursos converteram-se em passagens e pensões para estudos na famosa Academia Julien de Paris. Conhecido como Prêmio Donativo Caminhoá, esses fundos foram oferecidos tanto na ENBA do Rio de Janeiro quanto na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, sua terra natal. A premiação seria extinta em meados do século XX, em virtude da insuficiência de recursos, já que a quantia inicial foi desvalorizando-se progressivamente (UZEDA, 2006, p. 423).

prova, era pedido um esboço de uma composição arquitetônica decorativa, a ser realizada numa seção de 12 horas, constando de planta, elevação e seções; na segunda prova realizada dois dias após a primeira era a vez do projeto de uma grande composição de arquitetura, também constando de planta, elevação e seções, executadas em uma só seção de incriveis “24 horas”, sendo os trabalhos lacrados em molduras de vidro. Na terceira prova, que ocorria dois dias depois da anterior, o candidato deveria executar, em 90 seções de oito horas, o projeto definitivo, o mais fielmente possível, o rascunho realizado e lacrado da segunda prova. O trabalho deveria apresentar planta, seções, fachada e uma perspectiva do conjunto do edifício, sendo acompanhado por uma memória descritiva da obra. Em todas as seções dessas três provas, o candidato a pensionista permanecia incomunicável.

Em uma das visitas ao acervo de Attilio Corrêa Lima, encontrou-se o regulamento do concurso de 1926 (Figura 79). O regulamento estabelecia que “[...] o local escolhido para desenvolvimento do programa é uma parte dos terrenos conquistados ao mar com o arrasamento do Morro do Castello e de acordo com a planta anexa”. No documento para o concurso havia uma descrição das diretrizes para a elaboração do projeto contendo informações sobre a localização da edificação que deveria situar-se em praça pública, com acesso ao mar, através de escadarias, os monumentos que deveriam ser projetados, que constariam de um edifício principal e outros doze, todos conectados pela escadaria referida. Os monumentos deveriam representar os atributos essenciais da perfeição humana (bondade, moral, inteligência etc.). Havia também menção aos elementos constituidores da paisagem, tais como as fontes, esculturas e jardins. Os participantes do concurso deveriam projetar o edifício principal de tal forma que fosse “[...] o ponto dominante um grande auditório com capacidade para 5000 pessoas, será decorado com estátuas representando os grandes vultos, inúmeras placas com inscrições, emblemas, etc.”. Para enfatizar a importância da edificação e seu caráter simbólico: “[...] escadarias *monumentaes* externas darão acesso ao coroamento do edifício, onde haverá lugares para depositar bandeiras, flores, e possantes refletores anunciarão as grandes datas nacionais”. Complementando o programa de necessidades: “[...] o edifício terá, além do *auditorium*, galerias de circulação, um pequeno museu, serviços administrativos, vestiários e *toilettes*” (grifo nosso). O regulamento determinava que a entrada seria voltada para o lado da cidade.

No último parágrafo do regulamento, foram estabelecidos os formatos de apresentação, as pranchas e escalas dos desenhos, bem como os prazos para a execução.

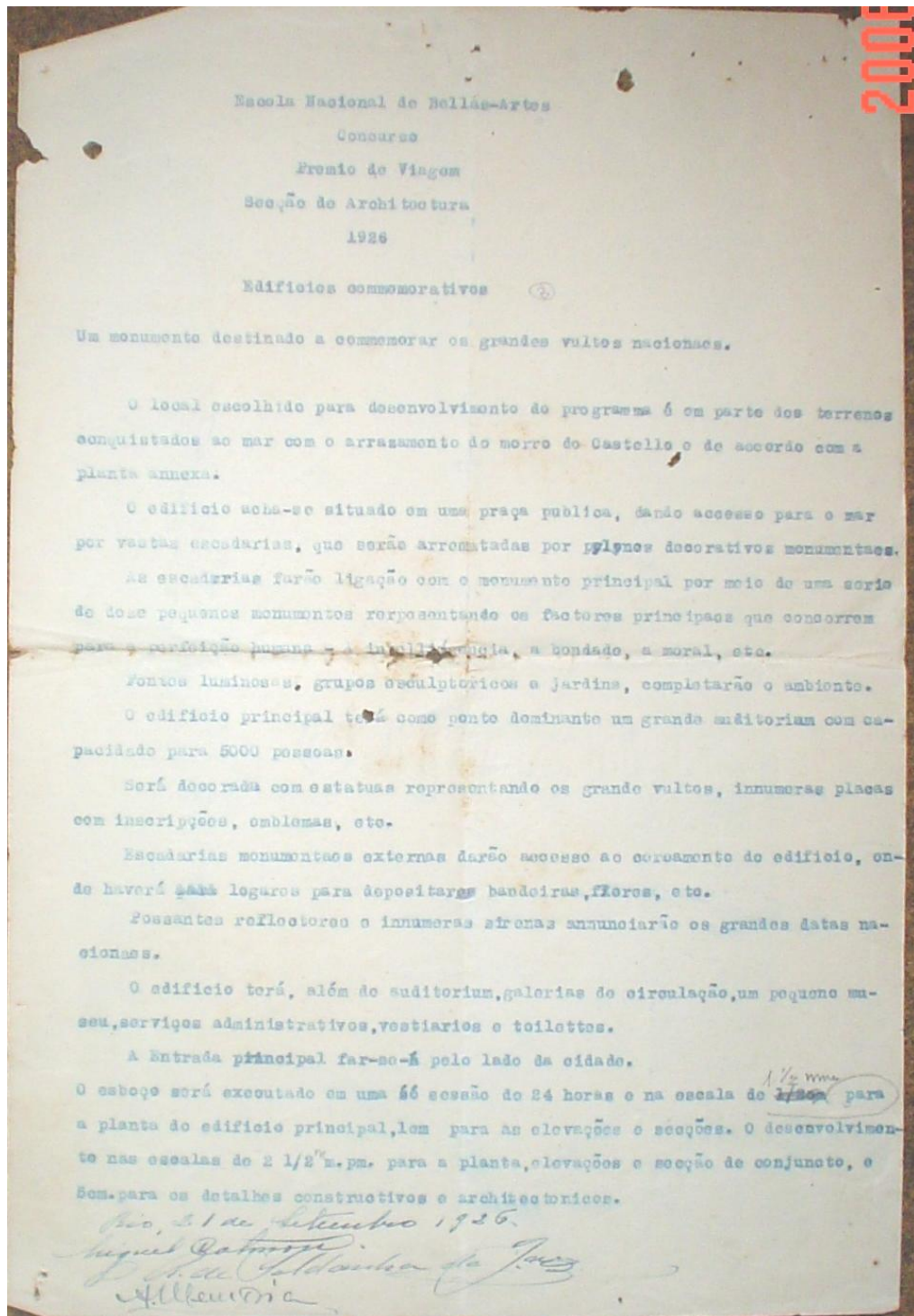


Figura 79 - Edital do Concurso Prêmio de Viagem 1926.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

Reprodução do regulamento do Concurso Prêmio de Viagem de 1926.

Escola Nacional de Bellas-Artes

Concurso

Premio de Viagem

Secção de Architectura

1926

Edificios comemorativos

Um monumento destinado a comemorar os grandes vultos nacionaes.

O local escolhido para o desenvolvimento do programma é em parte dos terrenos conquistados ao mar com o arrazamento do morro do Castello o de acordo com a planta annexa.

O edificio acha-se situado em uma praça publica, dando acesso para o mar por vastas escadarias, que serão arrematadas por [...] decorativos monumentaes.

As escadas farão ligação com o monumento principal por meio de uma serie de doze pequenos monumentos representando os factores principaes que concorrem para a perfeição humana – a intelligencia, a bondade, a moral, etc.

Fontes luminosas, grupos esculptoricos e jardins, completarão o ambiente.

O edificio principal terá como ponto dominante um grande auditorium com capacidade para 5000 pessoas.

Será decorada com estatuas representando os grandes vultos, innumeradas placas com inscrições, emblemas, etc.

Possantes reflectores e innumeradas airenas anunciarão os grandes datas nacionaes.

O edificio terá, alem do auditorium, galerias de circulação, um pequeno museu, serviços administrativos, vestiarios e toilettes.

A Entrada principal far-se-á pelo lado da cidade.

O esboço será executado em uma só sessão de 24 horas e na escala 1 ½ mm para a planta do edificio principal, 1 cm para as elevações e secções. O desenvolvimento nas escalas de 2 ½ m. p. m. para a planta, elevações e secções de conjuncto, e bem, para os detalhes constructivos e architectonicos.

Rio, 21 de setembro de 1926.

Outros colegas e amigos de Attilio C. Lima participaram do Prêmio de Viagem, e, como ele, também embarcaram para a Europa para realizar estudos e aperfeiçoamentos acadêmicos.

Na Tabela 3, verificam-se os alunos premiados e contemplados com o Prêmio Caminhoá, no período de 1925 a 1928. Entre eles, estão Lucas Mayerhofer e Paulo Antunes Ribeiro, que embarcaram no ano seguinte ao de Attilio C. Lima. Ambos também cursaram urbanismo no IUUP.

Tabela 3 - Alunos do Curso de Arquitetura premiados entre 1925 e 1928.

PREMIAÇÕES DE ALUNO DE ARQUITETURA 1925-1928		
1925	Armando Perry	Prêmio Caminhoá
1925	Pedro Paulo Bernardes Bastos	Prêmio Caminhoá (2º lugar medalha de ouro)
1925	Attilio Corrêa Lima	Grande Medalha de Ouro
1926	Ernani Dias Correa	Medalha de Bronze
1926	Florianio Brillhante	Pequena Medalha de Prata
1926	Jaime da Silva Teles	Menção Honrosa
1926	Lúcio Costa	Pequena Medalha de Ouro
1926	Luiz Bergerot	Pequena Medalha de Ouro
1926	Paulo Sampaio Ferraz	Pequena Medalha de Ouro
1926	Ricardo José Antunes	Grande Medalha de Ouro
1926	Salvador Duque Estrada Batalha	Menção Honrosa
1927	Eduardo Correa da Costa Junior	Medalha de Bronze
1927	Lucas Mayerhofer	Grande Medalha de Ouro
1927	Paulo Antunes Ribeiro	Grande Medalha de Ouro
1927	Paulo Candiota	Pequena Medalha de Ouro
1927	Paulo Ewerard Nunes Pires	Grande Medalha de Ouro e Menção Especial e Prêmios José Mariano e Heitor de Mello
1927	Paulo Ferreira Santos	Pequena Medalha de Ouro e Menção Especial
1928	Lucas Mayerhofer	Prêmio Viagem Donativo Caminhoá
1928	Armindo Avelar da Costa	Medalha de Bronze
1928	Francisco Pereira da Silva	Pequena Medalha de Ouro
1928	Ernani Francisco da Silva	Pequena Medalha de Prata
1928	Henrique Lavoie Junior	Grande Medalha de Prata
1928	Frederico de Medeiros Sabóia e Silva	Pequena Medalha de Prata
1928	Jaime de Freitas Machado	Medalha de Bronze
1928	Pedro Clark Leite	Pequena Medalha de Ouro
Fonte: GALVÃO, Alfredo. Alunos Premiados da Escola Nacional de Belas Artes. In: Arquivos:ENBA , Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, nº VI, ago de 1960, pp. 31-55.		

Fonte: UZEDA (2006).

Como pensionista Corrêa Lima recebeu instruções dos procedimentos e das atividades obrigatórias que deveria cumprir ao longo de seus estudos. Em meio a tantos documentos, foi encontrado o impresso nos arquivos da família Corrêa Lima, em papel mimeografado (Figura 80) contendo as seguintes recomendações:

Instruções para o pensionista de Arquitetura, Sr. Attilio Corrêa Lima

1. O pensionista deverá residir durante os três primeiros anos na Itália e na França, devendo enviar durante cada ano uma série de estudos do natural dos edifícios característicos de cada localidade.
2. Os desenhos em número não inferior a 12 para cada ano terão as dimensões de 0,50 x 0,60 e serão executados em papel bastante encorpado ou em cartolina e da maneira que o pensionista achar mais conveniente.
3. Durante o quarto ano, o pensionista deverá residir na Grécia executando também estudos da Arquitetura local, nas mesmas condições dos anteriores.
4. O quinto ano, o pensionista empregará para realizar excursões pelos lugares que lhe aprouver, devendo, entretanto, apresentar relatório documentado ao regressar.

Secretaria da Escola Nacional de Belas Artes, 21 de janeiro de 1927.
A Comissão.

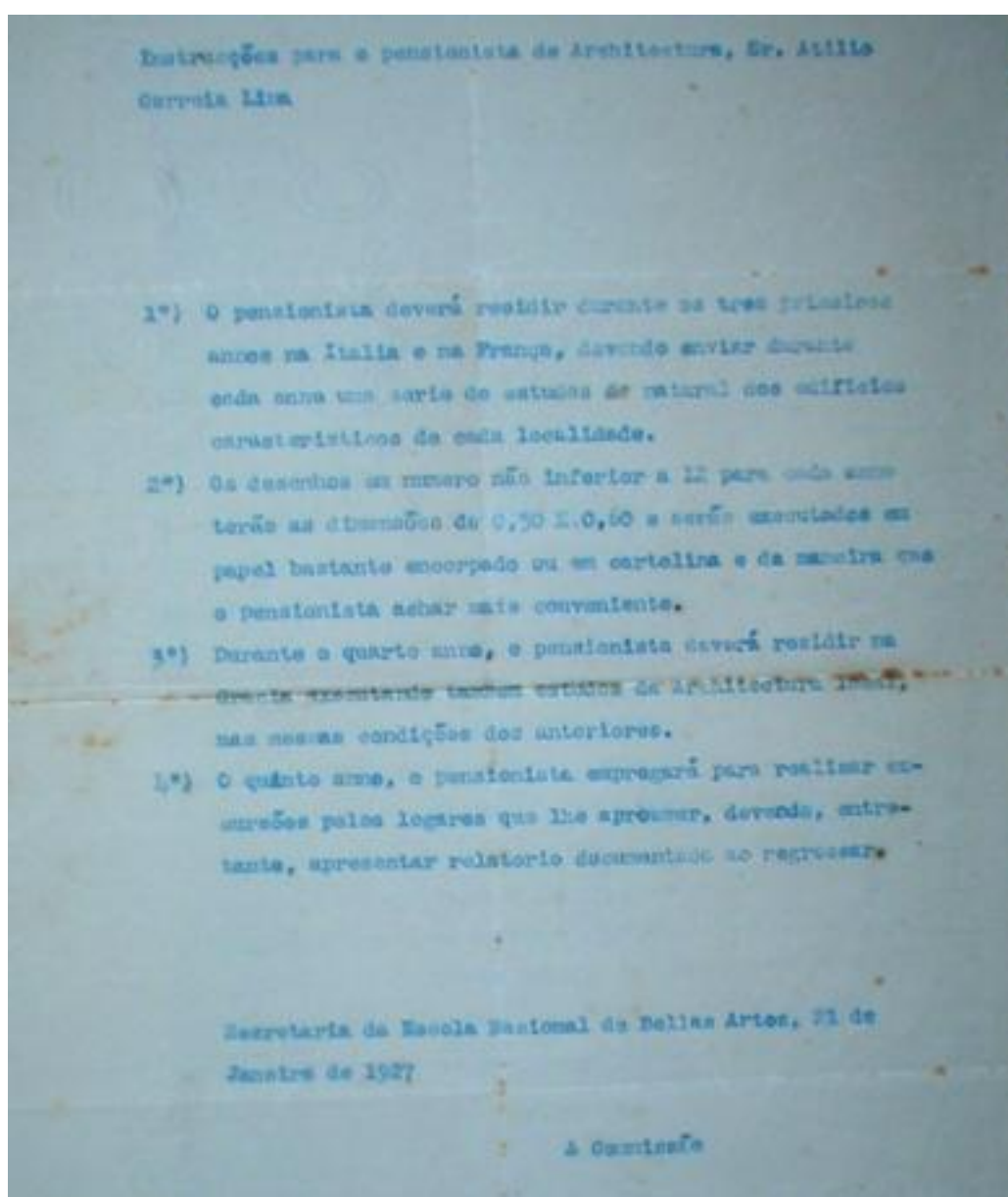


Figura 80 - Documento com instruções para o pensionista de Arquitetura, Sr. Attilio Corrêa Lima.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

No início de fevereiro de 1927, Attilio C. Lima formalizou o recebimento da Grande Medalha de Ouro conquistada no concurso e que lhe deu o direito ao Prêmio de Viagem (Figura 81). No documento referente ao aceite, observa-se que na sua parte central há os seguintes dizeres:

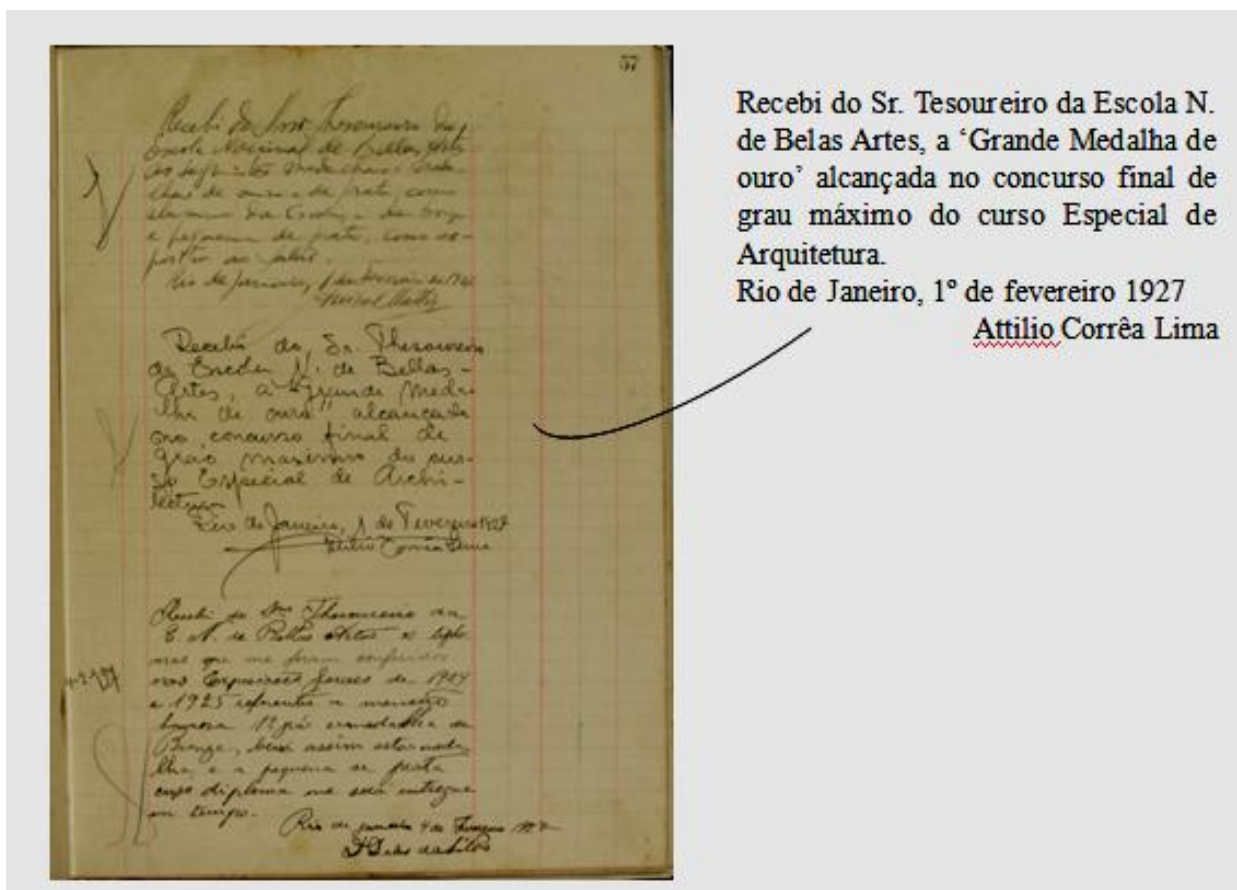


Figura 81 - Registro de recebimento da Grande Medalha de Ouro em 1927 por Attilio Corrêa Lima.
Fonte: www.museu.eba.ufrj.br/

Após ter recebido as instruções como pensionista do Prêmio de Viagem, Attilio C. Lima, casou-se com a namorada de adolescência, Olga Fernandes. Segundo relatou seu filho, Bruno C. Lima, “[...] eles partiram no início de fevereiro de 1927, no vapor Raul Soares. Passaram pela costa brasileira, pelas cidades de Vitória e Recife em direção a Lisboa”.¹²⁵

Bruno C. Lima afirmou que o casal tinha muitos planos para a nova fase da vida, abertos a diferentes experiências e conhecimentos no Velho Mundo.

¹²⁵ Em entrevista realizada.



Figura 82 - Os noivos Attilio Corrêa Lima e Olga Fernandes. 22 de janeiro de 1927.
Fonte: reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

4 TRAÇANDO O ITINERÁRIO PIONEIRO

4.1 O COTIDIANO: CARTAS COMO DIÁRIO

Paris, 2 de agosto de 1927

Meu querido Pai e minha querida Mãe,

Recebi a última carta, escrita no dia 10 de julho, o que muito me alegrou saber que tudo vai bem por aí, exceto o trabalho que papai tem com a Escola.

A nossa vida aqui tem sido um tanto cacete, porque não se faz outra coisa senão cuidar da casa. E toda a manhã com as compras, cozinha e arrumação, até a roupa, a Olga lava quase toda em casa (porque as lavadeiras são caríssimas). De maneira que quase pouco se tem aproveitado, até hoje só dois passeios fizemos fora de Paris: Saint Cloud e Vincennes.

Estou doido que passe estes 3 meses para sairmos desta casa para podermos arranjar um cantinho bem pequenino que dê pouco trabalho. Aqui é muito bom, mas nos dá muito trabalho. A nossa *femme de ménage* só nos lava os pratos e mais nada, e assim mesmo gasta 1 hora e meia a duas horas para lavar 3 pratos, pagando-se cada hora 4 francos... calcula só. Mas o mais aborrecido é que quando Olga acaba o serviço da casa está tão cansada que não tem coragem para sair. Francamente vir à Paris para quando voltar para a Terra perguntarem divertiu-se muito? “Não, lavei remendei, etc”. A Margarida esteve cá em casa com o Pai e ficou encantada com o apartamento e disse que pelo preço não se pode encontrar coisa melhor. Espero que Paulinho vá se embora em outubro e assim poderemos arranjar uma sala e cozinha pequena, onde teremos mais sossego e gastaremos menos [..].¹²⁶

Attilio Corrêa Lima e sua esposa Olga Fernandes chegaram a Paris no final do mês de fevereiro de 1927. A primeira carta que se teve acesso é do mês de agosto, quando o casal estava instalado em um apartamento dividindo com seu colega, também Prêmio de Viagem, Paulo Antunes Ribeiro, “o Paulinho”, como Attilio C. Lima a ele se referia.

Nessa carta ele mencionou “Margarida”. Trata-se da escultora Margarida Lopes de Almeida¹²⁷ (Figura 83), filha do casal de escritores Júlia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida, fundadores da Academia Brasileira de Letras. Nas correspondências entre pai e filho, há constantemente menções sobre os amigos e conhecidos que faziam parte da rede de sociabilidade da família Corrêa Lima, e de alguma forma se ajudaram e apoiaram mutuamente nas dificuldades do dia a dia, superando as adversidades de um tempo de um país pós-guerra.

¹²⁶ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 2 de agosto de 1927.

¹²⁷ A escultora recebeu a Grande Medalha de Ouro na Exposição de 1924 da ENBA, partiu no ano seguinte para Paris, onde residiu por cinco anos. Foi discípula de José Octávio Corrêa Lima e posteriormente, quando da aposentadoria de seu mestre, ocupou a cadeira da disciplina de escultura. Entre as esculturas de destaque da artista há o monumento composto de busto em homenagem a sua mãe. A peça em bronze de 1939 foi oferecida pelas mulheres brasileiras às mulheres portuguesas, sendo instalada em março de 1953, no Jardim Gomes de Amorim, em Lisboa (Figura 84).



Figura 83 - Margarida Lopes de Almeida

Figura 84 - Busto em bronze de 1953 de Júlia Lopes de Almeida.

Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/>

Na mesma carta de agosto de 1927, Attilio C. Lima fez referência ao embaixador Luís Martins de Sousa Dantas (apud KOIFMAN, 2000):¹²⁸ “[...] quanto a mim, já estive com o Embaixador que me recebeu muito bem e ficou satisfeitíssimo em saber que era filho do Corrêa Lima, e disse que era um grande amigo de Papai”. O arquiteto reportou-se ao embaixador em algumas correspondências, quando em outras oportunidades precisou de seu apoio.

Ao chegar a Paris, Attilio C. Lima examinou várias possibilidades de cursos de aperfeiçoamento, dentre eles o da Escola Especial de Arquitetura. Considerando a perspectiva de assistir a algumas aulas, comentou com seus pais: “[...] mas por infelicidade há pouco tempo foram suprimidos os cursos livres e não me convém cursar a Escola do princípio, pois só me interessava [sic] as cadeiras dos últimos anos: Construção, cimento-armado, Higiene etc.”. Quanto aos trabalhos dos alunos, o arquiteto afirmou não ter visto nada que pudesse

¹²⁸.O historiador Fábio Koifman, em seu livro *Quixote nas trevas*, conta a vida do embaixador brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas, chefe da representação brasileira na França, de 1922 até 1943. Durante o Holocausto, movido pelo que mais tarde chamaria de "sentimento de piedade cristã", Souza Dantas desafiou o Terceiro Reich e as diretrizes da política externa ditada pelo presidente Getúlio Vargas, para ajudar judeus e outras vítimas do nazismo.

emocioná-lo e foi categórico: “[...] sobre esse assunto a nossa Escola não deixa nada a desejar”.

Outra instituição acadêmica que também visitou foi a Académie de la Grande Chaumière,¹²⁹ com objetivo de melhorar seu traço e a qualidade dos desenhos realizados a mão livre. Attilio C. Lima então resolveu:

[...] mas uma coisa vou fazer já, vou entrar para a *Grande Chaumière*, onde vou freqüentar um *atelier* de modelo vivo, “Croquis”. Não sei se Papai se lembra? É um modelo com poses rápidas que nos obriga a fazer uma série de estudos em uma seção. Acho eu que será de grande proveito para mim, pois por este processo se pode adquirir muito espontaneidade no desenho...

O arquiteto relatou suas primeiras impressões sobre as construções, as expressões artísticas e a decadência econômica em que se encontrava a cidade de Paris:

[...] quanto à construção aqui não há muito progresso, ainda se constrói pelos processos antigos e com pedra. Sobre arte, ainda se vê [sic] muitos futuristas Maluquistas e outras “bagunças”, mas tudo em franca decadência. Inclusive uma escola de Pintura Cubista dirigida pela celebridade máxima no cubismo que é Ozenfant, já emendou as férias do ano passado com a deste ano por falta de alunos [...].

Nessa escola de pintura de Ozenfant¹³⁰ foi que “[...] Margarida conseguiu um bom atelier alugando a sala de aula da dita Academia”, completou Attilio C. Lima.

Durante o período de quase cinco anos (fevereiro 1927 a novembro de 1931) em que o arquiteto permaneceu em Paris, ele manteve-se informado sobre as notícias do Brasil, dos eventos no meio artístico e profissional, uma vez que sua mãe sempre lhe enviava os jornais brasileiros de maior circulação, assim era possível saber dos últimos acontecimentos:

¹²⁹ A Académie de la Grande Chaumière foi fundada em 1909 no bairro de Montparnasse, em Paris, pela pintora de origem belga Martha Stettler (1870-1964). Trata-se de uma escola de arte privada, estruturada com cursos livres de desenho, pintura e escultura – com aulas práticas e teóricas. A criação da escola inscreve-se numa paisagem específica, a cidade de Paris do início do século XX, que conta com diferentes tipos de instituições voltadas ao ensino artístico: da prestigiada École Nationale Supérieure des Beaux-Arts às diferentes academias particulares fundadas entre o fim do século XIX e princípio do século XX. Disponível em: <https://www.escriitoriodearte.com/artista/antonio-bandeira/>.

¹³⁰ Amedée Ozenfant (Saint-Quentin, França, 1886 – Cannes, França, 1966), pintor e teórico da arte, fundou em 1915 a revista *L'Élan*. Em 1917 conheceu Le Corbusier e juntos articularam as bases do purismo, enunciadas na publicação “Depois do cubismo” (1918) e vinculadas na revista *L'Esprit Nouveau* (1917-1926).

[...] tenho recebido os jornais que muitas satisfações me dão, exceto com os crimes! Eu quero que Mamãe só me mande o "Jornal", não vale apenas gastar dinheiro no correio com a "Noite", que é um jornal que pouca coisa traz que possa interessar. E caso a "Noite" traga algum artigo que me interessa, é bastante recortar o artigo e mandá-lo [...].¹³¹

Através dos jornais enviados do Brasil foi que Attilio C. Lima soube das conferências que Agache proferiu no Rio de Janeiro e, irritado com as críticas do urbanista francês sobre a capital do país, ele comparou:

[...] e ao Agache, Papai fará o favor de dizer que eu mando dizer que, se ele acha que no Rio é preciso acabar com "esses cubos medievais e anti-higiênicos", será preciso destruir toda Paris! Em matéria de higiene das habitações o Brasil está muito adiantado. Começa que no Brasil toda casa tem ar, luz e banho!... banho!... (palavra que em francês não existe). Aqui só existe ar, luz e banho nas casas feitas pelos arquitetos ultra-modernos. E quando aparece um Corbusier com seu "Vers une Architecture" e seu "Urbanisme" que é uma maravilha, o chamam de maluco. Se for possível me arranjam as conferências do Agache, seria muito bom. Eu tenho sempre tanta coisa para contar, mas quando estou escrevendo me esqueço de tudo. Meu querido Pai e querida mãe, mil beijos e saudades do filho que muito quer.¹³²

Attilio.

As conferências referidas por Attilio C. Lima foram as palestras realizadas por Alfred Agache no Brasil, quando iniciou os trabalhos para desenvolver os planos para o Rio de Janeiro. Em meados de 1927, o prefeito Antônio Prado Jr. (1926-1930) instigou os cariocas sobre a necessidade de um plano de remodelação da cidade do Rio de Janeiro (AGACHE, 1930) e, para isso, convidou o urbanista Alfred Agache. As negociações oficiais para a visita do urbanista francês ao Brasil iniciaram-se em janeiro de 1927 por intermédio de Souza Dantas, embaixador do Brasil em Paris, de Prado Júnior e de Otávio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores.

Agache proferiu cinco conferências no Rio de Janeiro, sendo três no Teatro Municipal, uma no Liceu Francês e outra no automóvel Clube. Os temas apresentados promoveram uma introdução à nova ciência do urbanismo, abrangendo aspectos teóricos e práticos, conforme indicam os seus títulos: "O que é urbanismo?" "Como se elabora o plano de uma cidade", "Cidades Jardins e favelas", "A fotografia aérea e a planta das cidades", "Ensino e propaganda do Urbanismo na França".

¹³¹ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 2 de agosto de 1927.

¹³² Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 2 de agosto de 1927.

Na publicação do Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento do Rio de Janeiro elaborado por Agache, na sua introdução, o urbanista menciona as conferências:

[...] em fins de Julho de 1927 fomos convidados pelo prefeito do Rio de Janeiro, Sr. Antonio Prado Junior para fazer uma série de conferências sobre o desenvolvimento e a remodelações das cidades.

O Senhor Prefeito desejava, effectivamente, que as obras a serem empreendidas sob a sua administração, fossem englobadas num programa geral de remodelação que interessasse o futuro da cidade no seu conjunto, estabelecendo este último, de modo a ser continuado pelos seus successores. Mas para realisá-lo era preciso fazer levantar uma PLANTA DIRECTRIZ de Extensão, de Remodelação e de Embellezamentos. [...]

Achamos acertado, antes de tratar do relatório, propriamente dito relativo á planta E.R.E. do Rio de Janeiro, de dar, como introdução a este estudo, os extratos principaes das ditas conferencias.

Alfred Agache.

Na sua primeira palestra, Agache divulgou as habilidades e qualidades que um urbanista deveria desenvolver profissionalmente. Dessa forma, quis conquistar o maior número de seguidores à causa do urbanismo, e colocou “[...] ênfase na defesa de uma conceituação do urbanismo e de um método amadurecido ao longo da sua formação acadêmica” (RODRIGUEZ; SEGRE, 2013, p. 91).

O urbanista, nessa primeira conferência, analisou a cidade do Rio de Janeiro “[...] à luz da metáfora organicista e do procedimento terapêutico em que veementemente acreditava”, partilhando do conceito organicista da cidade difundido na época conforme as teorias do biólogo Patrick Geddes. Agache assumiu o trabalho do urbanista “[...] similar àqueles dos médicos, ou seja, a missão do urbanista seria diagnosticar; além disso, trata o caso patológico das cidades focalizando as funções urbanas” (RODRIGUEZ; SEGRE, 2013, p. 91). Ele assim descreveu a cidade como um paciente doente que demandava cuidados médicos:

[...] é necessário, então, prescrever um remédio: A Senhorita Carioca, de ante do rápido desenvolvimento da sua circulação, disso se ressentia. A sua respiração, a sua circulação e a sua digestão dentro em pouco, estarão ameaçadas. Que fazer? O médico precisa lhe prescrever um regime severo, uma norma de progresso e de disciplina, e dar-lhe com urgência um plano regulador que lhe permita desabrochar favoravelmente. (AGACHE, 1930, p. 21).

Na segunda conferência, foram descritas as etapas de estudo necessárias à elaboração de um plano da capital. Por sua vez, na terceira palestra, Rodriguez e Segre (2013, p. 91) observam

que essa “[...] se mostrou especialmente reveladora de certas fragilidades na forma como Agache dialogou com a realidade carioca”.

Em tal palestra intitulada “Cidade jardim e favela”, Agache “[...] traçou um paralelo que confrontava diretamente teoria e realidade, assumindo uma postura de racionalidade e simplificação extrema. [...] mesmo com sua aguçada lente social, foi difícil para Agache entender a distinta e complexa realidade da capital do Brasil” (RODRIGUEZ; SEGRE, 2013, p. 91).

Destaca-se o trecho no qual o urbanista compara as cidades-jardim com as favelas cariocas de forma inapropriada:

As "cidades-jardins" são pequenas aglomerações satélites criadas perto de grandes centros e completamente autônomas, cuja extensão é restrita, sendo limitado o número de seus habitantes. [...] A "favela" é também uma espécie de cidade satélite de formação espontânea, que escolheu, de preferência, o alto dos morros, composta, porém, de uma população meio nômade, avessa a toda e qualquer regra de higiene. (AGACHE, 1930, p. 19).

Na quarta palestra, Agache discorreu sobre as novas técnicas de levantamento dos sítios urbanos, a aerofotogrametria e a fototopografia, ambas possíveis depois dos avanços aeronáuticos, derivados da Primeira Guerra Mundial (RODRIGUEZ; SEGRE, 2013, p. 91). A última conferência, “Ensino e propaganda do Urbanismo na França”, teve um caráter mais acadêmico, uma vez que seu principal objetivo era divulgar as escolas de urbanismo da França, como também as ações urbanísticas em curso na Europa. Agache apontou para as possibilidades de atuações e atribuições da nova profissão, sugerindo a implementação do curso de Urbanismo nas universidades brasileiras.

Ao finalizar a correspondência, Attilio C. Lima fez um paralelo entre as condições da higiene das habitações francesas e brasileiras, na qual ele afirmou que “[...] no Brasil toda casa tem ar, luz e banho!”¹³³ e assegurou que seu país estava mais adiantado sobre essa questão. Ao mesmo tempo, a admiração dedicada a Corbusier era indicativa do momento de transição entre duas expressões urbanísticas distintas: de um lado aquela apoiada numa linguagem clássica e outra que mirava em direção ao futuro, propondo a ruptura com a morfologia da cidade tradicional.

¹³³ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 2 de agosto de 1927, anteriormente referida.

Os temas recorrentes nas correspondências tratavam do trabalho de seu pai, à frente da direção da ENBA, da reforma do ensino na Escola e as encomendas de esculturas, mas o assunto mais presente eram os contratempos e complicações com a moradia e a manutenção da vida com os minguados recursos da bolsa de estudos. O arquiteto dedicava alguns parágrafos para se queixar das condições nas quais ele e sua esposa “sobreviviam” em Paris.

Nas cartas, estão presentes informações sobre os diversos cursos, aulas e conferências que Attilio C. Lima frequentou. O tema de tese desenvolvido no IUUP foi abordado, bem como a solicitação constante do material para pesquisa, os mapas, os livros que seus pais enviaram.

As cartas eram escritas diariamente, após o jantar. Algumas vezes Attilio C. Lima dava continuidade à redação no dia seguinte. Não faltavam menções aos empregos para completar o orçamento doméstico do pensionista. Notícias como a doença da esposa, a gravidez e o nascimento do filho Bruno também foram abordadas. As notícias do Brasil comentadas, os relatos sobre a vida cotidiana, as aventuras e descobertas intelectuais eram transmitidas aos pais em longas cartas redigidas à mão.



Figura 85 - Attilio C. Lima em Paris 1929.
Fonte: acervo da família Corrêa Lima.

4.1.1 Paris pós-guerra e a crise habitacional

[...] depois de passar muitas vezes de metrô pelo Boulevard Garibaldi foi que eu consegui descobrir o seu Atelier... Ele já não mais existe, no seu lugar juntamente com os terrenos dos fundos até o outro quarteirão foram transformados em barracão para depósitos de materiais. Só aquele jardim na frente está intacto, e eu conheci por aquele muro coberto de hera. [...].¹³⁴

Attilio C. Lima circulava pela capital francesa à procura dos lugares e lembranças da sua infância, da Paris *Belle Époque*, período em que seu pai executou o monumento ao Almirante Barroso. Descreveu uma cidade transformada pela guerra, seja no seu aspecto físico, como também no econômico e principalmente atingida por uma crise habitacional. Suas observações são marcadas por um tom que se referem a Paris como uma cidade em decadência.

Durante o primeiro ano que ali residiu com sua esposa, ele expôs nas correspondências as dificuldades para alugar uma moradia, uma vez que os valores eram abusivos, as instalações precárias, nas quais muitas vezes não havia água encanada. Ele buscou ajuda de conhecidos estabelecidos na cidade, como D. Luiza,¹³⁵ amiga da família:

Paris, 2 de setembro de 1927.

Meu querido Pai e querida Mãe,

Estivemos na semana passada em casa de D. Luiza, que nos recebeu muito bem e ficou muito satisfeita em nos ver. E marcou logo o dia seguinte para procurarmos casa, e todo dia seguinte andou conosco. E apresentou-nos a família de Anita Malfatti, a pintora paulista que está aqui como pensionista do E. de São Paulo e que é uma gente muito agradável! No dia 30 almoçamos com D. Luiza, e no dia 5 ela virá jantar conosco. O Cláudio formou-se agora em arquitetura, e é aqui bem conhecido no meio Artístico Moderno, e me está enfronhando bem neste Ambiente de Arquitetura ultramoderna, onde só se emprega processos novos de construção. E possivelmente irei fazer um curso técnico na Sorbonne ou outra qualquer Escola...

¹³⁴ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 2 de agosto de 1927.

¹³⁵ Esposa de Luís Edmundo de Melo Pereira da Costa (Rio de Janeiro 1878-1961), jornalista, poeta, cronista, teatrólogo e orador. Típico personagem da vida literária e boêmia da *Belle Époque* carioca. Seu maior destaque foi como cronista histórico e memorialista, publicando livros como *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*, 3 vols. (1940), *Recordações do Rio Antigo* (1950) e *Memórias*, 5 vols. (1958/1962/1968), em parte publicados postumamente. Também foi conferencista e, durante muitos anos, corretor de companhias francesas de navegação. Eleito para a cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras (1944), na sucessão de Fernando Magalhães.

D. Luiza e seu filho Cláudio estiveram presentes em alguns momentos nos quais o casal Corrêa Lima precisou de assistência, seja dando apoio moral, em situações práticas do dia a dia, procurando apartamento para alugar, como também cuidando da saúde quando adoeciam. Segundo Bruno Corrêa Lima, seus pais moraram inicialmente em um hotel.¹³⁶ Logo depois conseguiram alugar um apartamento que dividiram com Paulo Antunes Ribeiro na Rue du Commandant Léandri, no décimo quinto distrito, mas achavam muito grande e trabalhoso mantê-lo. Quando o amigo voltou para o Brasil de férias, eles se mudaram para uma unidade menor na Avenue Mozart, no décimo sexto distrito. No mesmo ano em que chegaram a Paris, 1927, em outubro, alugaram um apartamento na Rue Boussingault no décimo quarto distrito. As mudanças foram constantes. Em quase cinco anos residindo em Paris, o casal teve seis endereços diferentes marcados no mapa da cidade (Figura 86).

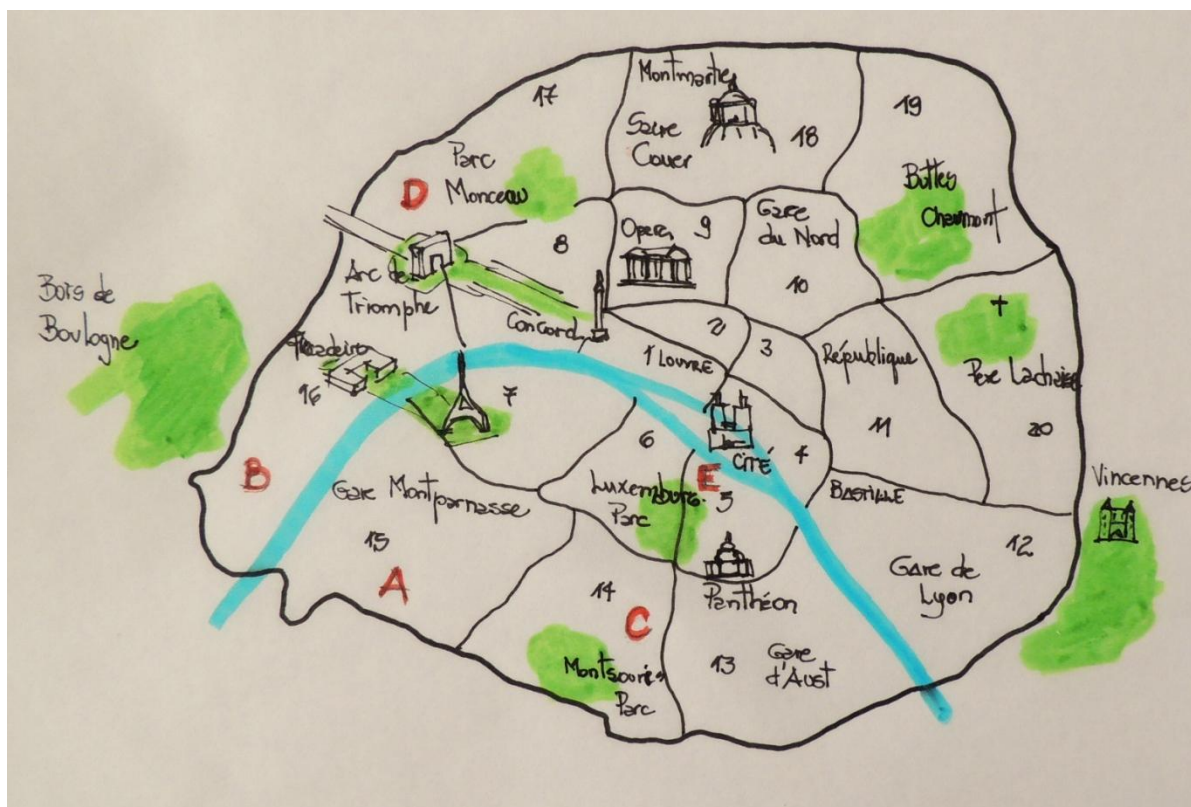


Figura 86 - Mapa de Paris com os locais em que Attilio C. Lima morou entre 1927 e 1931. Na seqüência: A= Rue du Commandant Léandri ; B= Avenue Mozart; C= Rue Boussingault e D= Rue Bayen e E= Rue des Écoles próximo à Sorbonne.
Fonte: correspondências de Attilio C. Lima (elaborado pela autora).

¹³⁶ As cartas pesquisadas estavam sem os envelopes. Não se sabe do primeiro endereço do hotel onde residiram. Porém os outros locais estão identificados ao final das correspondências.

D. Marzia expressou em uma de suas correspondências sua preocupação com o fato de o filho e a nora morarem sempre distantes da área central de Paris, e Attilio C. Lima de forma espirituosa assim respondeu: “[...] achei muita graça na recomendação que mamãe me fez de não nos afastarmos muito, pelo perigo do Apache!¹³⁷ Os apaches hoje só existem no teatro, não há mais apaches em Paris, a guerra acabou com eles. E quanto à antipatia que os franceses têm pelos estrangeiros é só quando não se paga, pagando, vai tudo bem”.¹³⁸

Quando moraram na Rue Boussingault¹³⁹ (Figura 87), apesar da distância do centro de Paris, Attilio C. Lima apreciava a localização: “[...] nosso apartamento fica afastado do centro da cidade, mas podemos desfrutar de um belo parque próximo daqui, o Parc Montsouris. Assim aproveitamos os dias de sol [...]”.



Figura 87 - Vista do conjunto de apartamentos onde Attilio C. Lima morou na Rue Boussingault.
Foto: Anamaria Diniz.

¹³⁷ Os Apaches eram gangues de jovens do subúrbio de Paris que cometiam crimes durante a *Belle Époque*.

¹³⁸ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 2 de setembro de 1927.

¹³⁹ Essa região foi ocupada por programas de construções de Habitation à Bon Marché (HBM) após a Primeira Guerra.



Figura 88- Cartão-postal do Parc Montsouris.
Fonte: acervo da família Corrêa Lima.

No final do primeiro ano, o casal mudou-se para um apartamento na Rue Bayen (Figura 89). Attilio C. Lima realizou serviços de reforma para tornar a moradia mais “habitável” e como sempre, com seu olhar positivo, exaltou as vantagens da localidade:

Paris, 4 de novembro de 1927

Nestes últimos tempos nada tenho feito senão tratar de complicações de casa. Estes dias tenho raspado chão com palha de aço e já reboquei o gesso da nossa entrada, que era toda esburacada e forrada com um papel de listras pretas e amarelas. E pretendo forrar toda a casa, pois o papel que existe é imundo e horripilante. Na cozinha já mandei o *Concierge* destruir o forno que era uma imundice e que era do sistema ainda do tempo de Francisco I, só com isso a cozinha já ganhou uns 3 metros quadrados e ela só tem 5. A casa depois de toda forrada e pintada ficará muito boazinha. O lugar é esplêndido, basta dizer que a nossa rua é um mercado permanente, e estamos a 20 passos da Avenida de Ternes a uns 100 metros da Place de Ternes que por sua vez, em linha reta, pela Avenue Wagan está uns 250 metros do Arco do Triunfo. Temos muitos restaurantes, bares, cinemas, teatros, grandes “*Magasins*” e com condução para qualquer ponto de Paris [...].



Figura 89 - Edifício na Rue Bayen.
Foto: Anamaria Diniz

Poucos meses depois de instalados na Rua Bayen, Olga adoeceu e Attilio C. Lima já não via tantas vantagens no apartamento:

[...] eu acho bom a Mamãe escrever sempre para o consulado que é o mais seguro. Eu não garanto de ficar na casa da Rua Bayen, porque é muito sem conforto e consequência é que a Olga anda doente, apanhou uma nefrite que não é grave, mas é aborrecido. Fomos a dois médicos baratos que nada adiantaram. Afinal descobrimos um médico que é uma sumidade, um professor de radiologia que está fazendo um tratamento por eletricidade (diatermia) e que garantiu não só curá-la em pouco tempo como também fortalecer todos os órgãos para evitar complicações futuras [...].¹⁴⁰

Mais uma vez o casal contou com a ajuda de D. Luiza:

¹⁴⁰ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 18 de dezembro de 1927.

A Dona Luiza tem vindo diariamente cá para casa cozinhar, ela tem muito boa vontade e vinha às vezes até mesmo doente. Mas ela é uma atrapalhada e muito desajeitada. O que a Olga gastava em três dias, ela gastava só num jantar. Olga já está muito melhor só com suas aplicações de diatermia. Espero que em breve fique completamente curada [...].¹⁴¹

Ele apontava as péssimas condições de moradia como uma das razões da esposa adoecer, situação agravada pelo pouco que recebia como pensionista:

[...] tudo isso foi em consequência de que aqui chegar com intenção de ter casa vazia e mobílias, hoje está tudo mudado, não há as mesmas facilidades de antigamente. Ninguém quer mais saber de casa vazia e velha, todo mundo procura duas peças mobiliadas com "chauffage central", ou o que ainda é melhor aqui são as pensões de famílias que é o que eu tenho vontade de fazer. A Dona Margarida tem morado numa no B.F Michel que ela diz ser esplêndida e barata. Com esse negócio de ter casa nós nunca mais passeamos e nem se quer fomos mais aos museus. No tempo da Avenida Mozart é que passeamos um pouco fora de Paris e conhecemos os museus, mas isso era porque nós tínhamos uma casinha mobiliada, bem arranjada, com água quente e fria, banheiro, etc. Aqui onde estamos agora basta dizer que só temos uma bica na cozinha, onde se lava pratos, lava a cara, lava pés e etc. Eis aí a razão porque eu estou sempre malhando na "ajuda de custo" [...].¹⁴²

Os trabalhos de reforma e reparos no apartamento da Rua Bayen continuaram:

Paris, 17 de janeiro de 1928

Esta carta está sendo escrita a prestações porque aqui em casa anda tendo desordem, devido às pinturas que estamos fazendo. Encontramos um rapazinho que é pintor e está em Paris há oito dias só, e sem trabalho vindo do interior ele está me fazendo pinturas e forração, enceração e limpeza da casa. Agora sim a casa tomou jeito e está bonita. Forrei-a toda de papel liso claro só com uma barra, pois nós tínhamos na parede um papel que era igual àquele que tinha naquela casa que moramos no Rio na Rua São Roberto, imaginem!!! E tão sujo que eu nem tinha coragem de me encostar na parede. No quarto que dá para os fundos mandei forrar de branco para ficar bem claro, pois será o meu escritório...

No final de 1928, Attilio C. Lima já não achava o local "esplêndido" como o considerara a princípio. Cansado da imundice e do cheiro de peixe, reclamou:

[...] a nossa casa é uma vergonha, fede tanto a escada que a Olga chega até ficar doente do estômago. Essa escada nunca foi varrida nem nunca viu o sol, todos os vizinhos são vendedores do mercado e sobem e descem trazendo nos pés gordura, peixe, sebo, e tudo isso fica no chão e apodrece, o resultado é o cheiro...¹⁴³

¹⁴¹ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 18 de dezembro de 1927.

¹⁴² Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 18 de dezembro de 1927.

¹⁴³ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 20 de novembro de 1928.

Ao descer na estação do metro de Ternes, refazendo o caminho em direção à Rue Bayen número 4, avistaram-se a feira permanente e a mesma banca de peixes na porta do prédio em que o arquiteto morou. Depois de oitenta e cinco anos, o cenário era exatamente o descrito por Attilio C. Lima: inúmeras barracas de alimentos, carnes e peixes, numa rua estreita e movimentada (Figura 90).



Figura 90 - Peixaria na porta do edifício da Rue Bayen, nº 4
Foto: Anamaria Diniz.

O arquiteto confessou aos pais o desejo de mudar-se para um quarto ou um hotel, o que era um pensamento constante, por tudo que havia ocorrido nas complicadas instalações dos apartamentos e das privações que se submetiam após pagar o aluguel:

Paris 28 de Janeiro de 1929

Queridos Pais,

Eu não perco a mania de me mudar para um quarto, onde teríamos mais tempo aproveitável, esse negócio de casa dá muito trabalho, e não traz nenhuma vantagem. Este mês só porque tivemos de pagar a casa (pois só se paga adiantado, e de 3 em 3

meses) e da festa etc., se é obrigado a passar o resto do mês a comer isto ou aquilo porque é mais barato. Mas enfim Mamãe não gosta muito que se fale de miséria, eu mudo de assunto, apesar de ser este o único assunto de grande fertilidade...

Esgotado com os aborrecimentos do apartamento da Rue Bayen, Attilio C. Lima justificou mais uma mudança. Contabilizando as despesas, as distâncias e o tempo de locomoção para chegar aos locais, ele assim especificou:

[...] agora uma novidade, aliás, que estão já velhas, que volta à cena, é a mudança! Agora é inevitável, já estou farto da casa com carvão e as *femmes de ménage*, etc. É uma hora e meia por dia que perco em viagem para o Instituto, tanto perde Olga que tem aulas práticas fora de Paris, em Boulogne. Não querendo falar do que se gasta em passagem, e do tempo perdido com a casa e a cozinha. Estamos já convencidos que morando em hotel, comendo em restaurante dos estudantes, que é muito barato, que vive muito melhor. De resto é assim que todos os estrangeiros vivem aqui. Já tenho visto muitos hotéis nas imediações da Sorbonne, que são quase que exclusivamente de estudantes estrangeiros. Fica muito mais em conta para nós pagar o dobro do que pagamos pela nossa casa porque a casa só tem de barato o aluguel de 250 francos, mas junta-se a isso: gás, eletricidade, carvão, *femmes de ménage* (só lava pratos), gorjeta da *Concierge*, água, banho a 100 metros da nossa casa e a 2,50 francos. Escusado dizer que só tomo um por semana e assim mesmo porque minha mulher reclama do fedor e disse que tenho cascão no pescoço! Não temos onde nos lavar em casa, somente uma bica na cozinha com uma piazinha esburacada de cimento. Só com a casa e a comida vão 2 mil e poucos francos, o que sobra é para passagem, livros, roupas e etc. Só de passagem por exemplo em média 150 francos; um livro para mim, bem modesto, custo de 100 francos para cima! [...].¹⁴⁴

Attilio C. Lima reconheceu que ele e a esposa tiveram uma visão equivocada de Paris, associada às condições anteriores à Guerra, o que conseqüentemente levou-os às frequentes mudanças de endereço e às dificuldades financeiras, e assim concluiu:

[...] quanto à mudança está por pouco, infelizmente só no fim de quase dois anos que descobrimos que atualmente em Paris o meio mais prático e econômico de viver é no pequeno quarto mobiliado com água quente e fria e comer em restaurantes baratos que é fácil de encontrar. E nós que viemos com as ideias de *antes da Guerra* de ter casa vazia, e comprar móveis! Oh, quantos aborrecimentos! [...].(Grifo nosso).¹⁴⁵

O frio, a falta de carvão, de banho, e outras chateações provocaram desânimo no arquiteto, e o desejo de viver como um parisiense tornou-se tênue:

¹⁴⁴ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 8 de fevereiro de 1929.

¹⁴⁵ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 14 de fevereiro de 1929.

[...] apesar de uma onda de frio que por aqui passou (como nunca foi registrado, tudo gelou até o Sena), tivemos a falta d'água devido ao gelo e ainda mais a falta de carvão por estarem os navios presos no gelo e assim por diante. Eu tenho as mãos como de um carvoeiro, apesar de racharem e sangrarem com o frio, não há luva que resista. Há duas semanas que não sei o que é um banho ou *coisa parecida*, e o pior de tudo: não faço nada, nem tenho vontade de trabalhar no que eu já tinha começado, mas vem um aborrecimento depois outro, eu acabo por não fazer nada. Se ainda fosse possível ter uma criada, vá lá, mas isso aqui é para milionários. Bom esta carta já está grande demais é melhor parar por aqui.

Lembranças a todos, muitos beijos e abraços. (Grifo nosso).

Attilio¹⁴⁶

No início do mês de março de 1929, o casal desfez-se do mobiliário e dos utensílios do apartamento da Rua Bayen, preparando a mudança para um hotel. O arquiteto relatou como se organizaram para essa nova experiência:

Paris, 4 de março de 1929.

Queridos pais,

Estamos nós em véspera de mudarmos pela quinta vez, é última! E felizmente que resolvemos isso agora e não no momento de partir para o Brasil, pois temos tido uma série de aborrecimentos. Queríamos desses 6 mil francos, como queríamos pelas nossas coisas, encontramos com facilidade, mas tudo está na mão do *Concierge* que manda e desmanda aqui e tem feito toda a sorte de implicância conosco e seria muito longo enumerar aqui. Ele quer a casa vazia porque tem quem lhe dê muito dinheiro por ela. É escusado de ver que atualmente os *Concierges* fazem o que entendem nas casas. O nosso é quem aluga e desaluga as casas, e põe até para fora se quiser, a proprietária nada faz. O resultado disso é que temos de vender nossos cacarecos por partes. Assim que o Galvão ficou com a salamandra e talvez fique com a louça. Eu não quero saber de coisa nenhuma para levar para o Brasil. Eu de hoje em diante quero ter somente roupa para vestir e os livros e mais nada. Eu não tenho (aliás, nós) coisa nenhuma para vestir, mas já tinha louças, panelas, etc. para quando fosse para o Brasil! Foi um grande erro esse de alugarmos casa vazia e comprar móveis, pensamos que era o mais prático, pelo contrário é o mais difícil.

As coisas estão muito mudadas, não é a mesma coisa do que no tempo de mamãe. Já tenho visto muitos quartos mobiliados em pequenos hotéis com conforto onde se poderá viver com uma inteira liberdade, comendo onde bem quiser. Tendo assim, dessa maneira, o dia inteiro livre para trabalhar.¹⁴⁷

Uma semana depois o casal Corrêa Lima estava hospedado em um hotel (Figura 91) como planejado e Attilio C. Lima satisfeito escreveu:

Paris, 12 de março de 1929.

Queridos pais,

Já estou escrevendo de outra casa, finalmente largamos a cocheira que morávamos! Já posso ao invés de carregar carvão... lavar ao menos o rosto!! Não querendo repetir

¹⁴⁶ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 14 de fevereiro de 1929.

¹⁴⁷ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 4 de março de 1929.

as amolações já ditas em outras cartas, basta dizer que eu saía de casa 5 horas em ponto para poder chegar ao Instituto às 6!!! Agora saio faltando 5 minutos para as 6, e ainda chego cedo, pois estamos aqui bem ao lado da *Sorbonne*, no *Quartín Latin*. Não sei se vocês se lembram da *Rue des Écoles* onde tem a entrada principal da Sorbonne, que fica na frente do Museu Cluny. Quanto a nossa casa da Rua Bayen, eu encontrei diversas pessoas que ficaram com a casa, móveis, louças etc., etc., mas o *Concierge* por questões antigas aproveitou a ocasião para se vingar e nos estragou todos os negócios. O resultado é que resolvemos vender tudo separado, assim é que o Galvão me deu 1000 francos pela salamandra e pela louça. Dona Luiza comprou-me um guarda vestido, a mulher do Viana ficou com as panelas e etc. Quero ver se consigo quem fique com a casa e me restitua o dinheiro que gastei com as instalações elétricas, com a pintura e a forração. E nunca mais quero saber de casa, de louças, móveis, etc. Nem mesmo de coisas que já tinha comprado para levar para o Brasil, como por exemplo, a louça que era de Limonges, muito simples e bonita. Torrei tudo! Um sujeito que ainda anda com as calças furadas, não precisa de louças! Estamos resolvidos a só comprar livros, ter roupas e mais nada. Estamos agora muito mais folgados, e assim que tudo estiver mais ou menos em ordem eu já poderei trabalhar em paz.

Por aqui perto tem restaurantes para todos os preços, inclusive um da associação de estudantes onde se come por 5,50 francos. Não é tão ruim, mas quando se sai dali... é preciso entrar num café e tomar uma xícara de café com leite, pão e manteiga e alguns doces! Mesmo assim a gente fica cismado sempre que ainda não jantou!! Mas há onde se comer por todos os preços.

O grande inconveniente no nosso quarto é de ser no quinto andar, assim mesmo por causa da escada, que temos uma sacada que dá para rua e é bem ventilada. Temos uma pia com água fria e quente! Que era coisa que eu não sabia que existia. Ficamos livres das visitas, dos jantares e do chá. A Olga ficou livre da cozinha!! Quanto às cartas e os jornais, eu não sei se será conveniente mandar para cá, ou ficar definitivamente para o consulado. Em todo caso eu mando os dois endereços para uma era melhor receber em casa, mas suponhamos que eu tenha que mudar, pois em hotel é mais fácil. Sem muito mais assunto por hoje, lembranças a todos e muitos beijos e abraços, Attilio

Contrário às expectativas iniciais do casal Corrêa Lima, as adversidades e dificuldades foram imensas. Somente após dois anos morando em Paris é que se organizaram financeiramente, concluindo que o melhor era viver em um quarto de hotel próximo à universidade, diminuindo o tempo nas locomoções e economizando com as tarefas domésticas diárias.

A vida como pensionista recebendo uma ajuda de custo de 3.000 francos foi assunto constante de Attilio C. Lima nas correspondências, ora descrevendo as privações diárias, ora para pedir um aumento ou fazendo comparações com colegas que tinham bolsas mais generosas. Mas elas também são representativas das dificuldades de adaptação, dos enfretamentos culturais pelos quais o casal passou. A impressão que se tem ao ler as cartas do arquiteto é que talvez ele houvesse nutrido o desejo de viver na “Cidade Luz” como um de seus cidadãos, mas não foi o que se deu. Seus comentários sobre a cidade, as precariedades das habitações encontradas que sua pensão lhe permitia alugar sugerem o aparecimento de uma estigmatização do “Outro”, como uma reação ao próprio deslocamento: Paris já não era tão bela, tampouco se mantinha como o centro irradiador de civilização.



Figuras 91, 92 e 93 - Figura 91: Hotel na Rue dès Écoles; Figura 92: Mapa com percurso que Attilio realizava do Hotel em que morava até a Sorbonne; Figura 93: Faculdade de Direito da Sorbonne.

Fonte: Google.

4.1.2 Vida de pensionista

Bruno Corrêa Lima afirmou no documentário *Attilio: traços, arquitetura e cidades*¹⁴⁸ que a bolsa de estudos recebida por seu pai “[...] mal dava para manter uma pessoa, imagina duas!” Attilio C. Lima recebia 3.000 francos por mês como ajuda de custo¹⁴⁹ pagos pela ENBA, uma quantia módica, comparada à de outros estudantes brasileiros que também estavam em Paris como pensionistas. Assim declarou o arquiteto:

Paris, 20 de novembro de 1928

[...] hoje é o dia em que o Paulinho deve estar chegando aí. Este mês como já disse em outra carta foi o mês das matrículas e por isso passamos o resto do mês em casa a contar os dias que faltam para o “31”, aliás, é o dia mais triste da minha vida, pois vou ao banco ver uma quantidade enorme de vagabundos que vão receber do tesouro brasileiro dezenas de mil francos, enquanto eu sempre pingando os três mil! Sou o único a receber essa quantia, e tem muita gente que fica admirada olhando para minha cara. Aqui tenho vários amigos oficiais do exército que estão na Comissão estudando Aviação, pois bem, o que ganha menos de todos ganha 9.000 francos e recebe em papel, agora ele acaba de fazer um requerimento pedindo para receber em ouro e foi deferido estes 9.000 e sem contar uma comissão que ele tem de compras de material. E a mulher dele que, aliás, não faz luxo nenhum, diz sempre que já está farta desta vida de miséria... imagina nós o que não diríamos [...].

O amigo e colega Paulo Antunes Ribeiro era como um irmão para Attilio C. Lima. Os dois compartilharam não só moradia, mas também as dificuldades financeiras:

[...] a respeito da pergunta que Papai me fez a respeito das dívidas que eu porventura tivesse com o Paulinho, não há dívida nenhuma, com a ajuda de custo eu acabei de pagar a última que tinha. Apesar de nós vivermos aqui sempre a pedir dinheiro um ao outro conforme a pindaíba de cada um nas ocasiões apertadas [...]¹⁵⁰

No final de 1928, o arquiteto enviou uma correspondência comentando de forma cômica como ele usava as camisas de seda de seu amigo “Paulinho”:

Paris, 28 de dezembro de 1928

Queridos Pais,

Esta é a última carta que escrevo este ano! E naturalmente a recebi, já instalados na nova casa, quanto a nós tudo continua como sempre: na mesma. Tenho agora 15 dias de férias, e há mais 15 dias que não saímos de casa, somente para fazer o mercado

¹⁴⁸ *Attilio: traços, arquitetura e cidades*. Direção e produção executiva: Juca Fernandes, 2009; 77 min.

¹⁴⁹ Conforme correção monetária, devido à inflação, o poder de compra de 3.000 francos em 1928 é a mesma que a de 1.839,31€ em 2014. Fonte: <http://www.insee.fr/>.

¹⁵⁰ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 12 de fevereiro de 1928.

na nossa rua. Enfim é bom porque só assim meu “único” já velho e alquebrado terno descansa um pouco.

Por falar em miséria, eu me esqueci, numa das últimas cartas que escrevi a propósito da pouca abundância em que vivemos, de contar que de toda aquela coleção de camisas que trouxe do Rio, só existem *tiras*. Felizmente, o meu afortunado amigo Paulinho lembrou-se de deixar cá em casa seis camisas de seda com punhos rasgados para *botar fora* porque só assim, só com a rara habilidade de minha mulher em transformar roupa velha em nova, transformando camisa n°. 35 em camisa n°. 37!!! Só assim das camisas velhas que tinha, só passei a usar camisas de seda.

Attilio C. Lima solicitou ao pai um emprego com comissão, em razão de sua bolsa de estudos ser insuficiente para manter uma vida razoável:

Papai precisava me arranjar uma comissão aqui na Europa, eu sou o único que aqui vive sem comissões. Eu há muito tempo ando com vontade de arranjar um emprego no Consulado ou na Embaixada na missão militar, na propaganda do café ou em qualquer lugar, só faltando é ocasião.

Da maneira que se vive aqui, eu perco muito tempo, e eu já estou velho demais para perder anos...

Tudo que eu poderia fazer em um ano faço em dois ou três, tudo por causa da vida rudimentar e primitiva que se leva neste *atrasadíssimo* País, piorando ainda com as 25 libras e 10 shillings! Só uma pessoa viu e sabe como se vive aqui com os 3000 francos, é o Paulinho. Os outros não acreditam [...].¹⁵¹

Numa carta posterior, ele compara a sua pensão à de outros amigos de áreas diferentes e solicitava equidade ao seu pai, pois ele era diretor da ENBA:

Paris, 8 de fevereiro de 1929.

[...] a respeito do aumento da pensão eu lembro a papai que desta vez será melhor adaptar uma política contrária ao invés de propor um pequeno aumento que parecerá sempre que ganhamos é suficiente; propor logo de uma vez o dobro ou mais, pois assim despertará atenção de que é pouco e não pense que é nenhum absurdo porque o dobro do que recebemos dará para viver modestamente, mas sem misérias. E assim mesmo somente na França e na Bélgica que tem a moeda bem baixa. Aqui eu tenho uma quantidade enorme de colegas que recebem nos dias primeiros 200 libras, quer dizer 25 mil francos! Não sei o que fazem.

Eu tenho um amigo que foi um colega no Anglo e no Paula Freitas e atualmente é oficial do exército aviador está aqui com diversos colegas em comissão para fazer o curso da Escola Superior da Aeronáutica, pois ele ganha 35 a 40 mil francos por mês! E, no entanto, eu estou nas mesmas condições do que ele: tenho uma profissão e estou aqui me aperfeiçoando, portanto pedindo o aumento de 5 libras parecerá que estamos muito bem e que as 5 libras era como que uma ação de equidade por ter sido feito o aumento dos funcionários. Ao passo que o dobro fará os homens pensarem e verificarem o porquê. Por minha conta, peço 50 libras para os pensionistas, porque senão devem tanto melhor renderem [...].

¹⁵¹ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 28 de dezembro de 1928.

O arquiteto conseguiu um trabalho na missão militar brasileira na França, que segundo Bellintani (2009, p. 321, desde janeiro de 1927, quando foi “[...] criada a arma de aviação no Exército Brasileiro” abriu crédito para a compra de material de 115 milhões de francos, “a serem gastos em cinco anos, no programa de organização da aviação”. Attilio C. Lima descreveu sua nova atividade:

Paris, 13 de abril de 1929.

Queridos pais,

[...] Quanto a nossa miséria, é como o “jogo da bolsa”, têm altos e baixos. Por exemplo, agora o câmbio subiu, recebi os 3 mil francos “do papai”, consegui apurar ainda 2 mil da casa. Arranjei um emprego na missão militar em que ganho 1500 francos por mês e trabalho só de manhã. “Eu já estou virando uma enciclopédia”. Imagine que agora é com a mecânica!! Urbanismo, arquitetura, filosofia, ciências econômicas, motores de aviação etc.

Imagine que tenho o pomposo título de “Contrôleur” e nada mais é que um “perito” (um perito! em língua indígena) da missão brasileira, que verifica e submete a exame todas as peças de um motor, e aceita ou rejeita conforme for. Esse trabalho não exige conhecimentos técnicos do assunto, é preciso somente com que se conheça desenho e praticar com delicadíssimos aparelhos micrométricos para verificar as peças. Esse trabalho em um dia se aprende. Como a missão tem a incumbência de comprar motores em diversas fábricas, é preciso que tenha um Contrôleur para cada uma. [...] numa semana já controlei algumas milhares de peças que compõe dois possantes motores de 500 cavalos cada um. Esses motores são para um avião do exército! Que contra senso! Motores para o exército! Enquanto que Mato Grosso continua inexplorado! Ele daria um bom avião de transporte para 20 passageiros, imagine que o avião tem dois motores e que cada motor custa simplesmente 180 mil francos [...].

Ele relacionou o seu trabalho como técnico de motores à arquitetura, sob os aspectos da racionalidade, dialogando com o conceito racionalista do modernismo de Le Corbusier. O novo trabalho foi visto como uma oportunidade para melhorar seus conhecimentos de aspectos da arquitetura que estavam na ordem do dia e que não fizeram parte de sua formação clássica. O mundo das máquinas e motores começava a encantar o arquiteto hábil em desenhar aquarelas e aguadas. Racionalidade, precisão a beleza da máquina estão anunciados no trecho da carta a seguir:

[...] Essa minha passagem por uma usina muito me adiantará, não só para ficar conhecendo bem o motor de explosão, como principalmente por certificar-me de uma coisa que há muitos anos anda bolando da minha cabeça: é que tem se chegado à perfeição em tudo com a racionalização, ao passo que só a arquitetura tem ficado para trás com falsos preconceitos e pontos de vistas falsos. Na construção de um automóvel chega a formas dela pela perfeição e aperfeiçoamento de todos seus elementos, enquanto na arquitetura já de saída se visa o belo [...].¹⁵²

¹⁵² Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 13 de abril de 1929.

Como pensionista pela ENBA, conforme as instruções recebidas quando ganhou o Prêmio de Viagem, Attilio C. Lima deveria “[...] enviar durante cada ano uma série de estudos do natural dos edifícios característicos de cada localidade”, o que lhe tomava tempo e não tinha nenhuma relação com os estudos que o arquiteto realizava em Paris. Aborrecido por ter de se dedicar à elaboração desses desenhos o arquiteto escreveu:

Paris, 19 de novembro de 1929

Queridos Pais,

Estou aproveitando uma folguinha para poder escrever, pois agora minha vida está mais complicada do que nunca, não tenho tempo para nada. Ontem fui cortar o cabelo porque já não dava mais para andar na rua: todo mundo parava para me olhar, pensavam que eu por extravagância usava cabelo à Inglesa!

De dia trabalho naqueles cacetíssimos trabalhos da Escola, tenho aulas das 5 às 6, venho jantar em casa para voltar a aula das 8 às 10 da noite. Assim que acabar os trabalhos da Escola preciso pegar firme na Tese, que parece mais uma tese à prestação, tal a maneira como vem sendo feita [...].

Encontraram-se no ano de 2006, na ocasião em que se realizava a pesquisa para o mestrado, somente duas aquarelas, enviadas por Attilio C. Lima para ENBA, guardadas no Núcleo de Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ (Figuras 94 e 95). Outro trabalho desse mesmo período foi encontrado no acervo da família Corrêa Lima (Figura 96).

Durante os quase cinco anos que residiu em Paris o casal nunca voltou ao Brasil. Relizaram apenas uma viagem à Itália para conhecer os avós maternos de Attilio Corrêa Lima. Numa das correspondências o arquiteto relatou essa visita:

Paris, 18 de setembro de 1928

Queridos Pais,

Na última carta que recebi de Mamãe vem uma choradeira porque eu não escrevo. Na verdade quando eu estive na Itália não escrevi com regularidade porque era impossível, mas nem por isso eu deixei de escrever. Numa delas até mandei fotografias da viagem, inclusive de Ferenza. A última carta que mandei da Itália foi em Roma, na hora de embarcar, como não tive tempo de botar na caixa deixei com o Giovanni que me prometeu não se esquecer. Daqui de Paris tenho escrito regularmente como de costume, ainda ante ontem a Olga escreveu para Mamãe [...].



Figura 94 - Aquarela de Attilio C. Lima quando pensionista em Prêmio de Viagem.
Fonte: Núcleo de Documentação da FAU – UFRJ.



Figura 95 - Aquarela de Attilio C. Lima quando pensionista em Prêmio de Viagem.
Fonte: Núcleo de Documentação da FAU – UFRJ.



Figura 96 - Aquarela de Attilio C. Lima quando pensionista em Prêmio de Viagem.
Fonte: acervo da família Corrêa Lima.

Attilio C. Lima, nas correspondências, descreveu sua vida como pensionista definida por frustrações e impedimentos, o que influenciou nos seus estudos no IUUP. As constantes mudanças de endereço, as dificuldades econômicas e os trabalhos em atividades que não eram da área de arquitetura e urbanismo são relatados nas cartas ao seu pai. Observa-se também nessas correspondências como o arquiteto estava interessado nos temas propostos pelas vanguardas da arquitetura moderna.

Pode-se dizer que Attilio C. Lima é um homem de transição entre dois momentos da história da arquitetura. Poder-se-ia compreendê-lo como um homem de fronteira entre o século XIX e o XX, representando, assim, as tensões de seu tempo. Formado nos moldes da arquitetura clássica na ENBA, ele percebeu que as transformações tecnológicas do mundo pós-guerra exigiam outra expressão para além dos belos frontões e ornamentos.

4.1.3 Attilio no IUUP (1927 a 1930)

Depois de conhecer e analisar algumas instituições de ensino de arquitetura, Attilio C. Lima decidiu pelo curso de urbanismo no IUUP. O arquiteto, quando ganhou o Prêmio de Viagem, poderia estudar em qualquer escola de arquitetura para aperfeiçoar seus conhecimentos. No entanto, ele avaliou que as escolas tradicionais de ensino não tinham nada mais a acrescentar a sua formação, pois, na sua visão, elas estavam em decadência.

A realidade de Paris pós-Primeira Guerra, as dificuldades enfrentadas em consequência dessas transformações, as discussões sobre as reconstruções das cidades arrasadas e a ocupação dos novos territórios foram assuntos muito próximos ao arquiteto, além do reatamento desses novos conhecimentos no Brasil, que com certeza influenciaram na sua escolha pela nova ciência, o Urbanismo.

Attilio Corrêa Lima é o primeiro brasileiro a estudar urbanismo no IUUP, abrindo caminho para outros colegas que vieram depois. No mês de outubro de 1927, decidiu-se pelo curso de Urbanismo na Sorbonne, no IUUP, e logo escreveu aos seus pais contando sua intenção:

Paris, 9 de outubro de 1927

Agora vou à Embaixada para obter uma certidão e um certificado do meu curso para poder matricular-me na Sorbonne, e fazer o curso de Urbanismo que é dado na Faculdade de Direito, das 6 à 7 da noite, e me permite assim frequentar também o Instituto Moderno Politécnico, que é onde se faz o melhor curso de construção em cimento armado. Junto aqui vai um programa sumário do curso.

M. Marcel Poete: Evolução das Cidades

M. Eduard Fuster: Organização Social das Cidades

M. Guilhaud: Higiene das Habitações

M. Gaston Jèze: Organização Administrativa das Cidades

M. Heriri Sellier: Organização dos Grandes Serviços Públicos do “Banlieue” Parisiense

M. José Barthelény: A Organização das Capitais.

M. Rolland: A Autonomia Comunal e a Manutenção da Ordem da Cidade.

M. A. Bruggeman: Organização Econômica das Cidades.

M. W. Oualid: O Municipalismo

M. L. Jaussely, M. J. Greber: Arte e Técnica da Construção das Cidades

M. Sentenac: Arte do Engenheiro Municipal.

Decidido o arquiteto providenciou sua documentação, porém a sua dupla nacionalidade trouxe problemas inicialmente:

Paris, 18 de outubro de 1927

Fui hoje tratar de informar-me ao certo da matrícula na Sorbonne. Lá me disseram que é preciso certidão de idade e o diploma de arquiteto, mas facultam ao candidato estrangeiro de apresentar um documento do embaixador alegando a idade, nascimento e etc., e ser formado etc. Mas em todo o caso eu creio que é preciso no fim de três meses ter apresentado a certidão, por isso eu peço a Papai que se puder retirar a certidão que serviu para o casamento e que está na Pretoria. E se me pudesse arranjar alguma que dissesse “natural do Rio de Janeiro” ainda seria melhor, porque de qualquer maneira vou me inscrever como Brasileiro nato. Estou cansado de amolação da minha encrencada nacionalidade.

O curso que vou fazer é muito bom, mas é muito puxado e no fim dos dois anos de curso terei que defender a tese, que é o maior buraco.

Mas a maior novidade que há é que não vou mais estudar no Instituto Moderno Politécnico [...].

Após comunicar que a questão da documentação foi resolvida junto à embaixada, Attilio C. Lima informou também que, além de fazer o curso no IUUP, iria defender tese, cogitando desenvolver o tema sobre a nova capital do país em Goiás:

Paris, 25 de outubro de 1927

Para matrícula da Sorbonne já arranjei a certidão e o atestado do diploma com Cônsul, que é muito meu camarada, muito prestativo. No dia 10 começam as aulas no Instituto de Urbanismo e eu estou disposto a cursar os dois anos do curso e no fim defender a Tese.

Para o ano que vem quando do fim do 2º ano tiver que defender a Tese eu creio que meu assunto será o Projeto da futura capital em Goiás. Parece-me que o negócio de embelezar o Rio já está muito batido. Mas para isso creio que nem cartas existam [...].



Figura 97 - Carteira de matrícula de Attilio Corrêa Lima no IUUP.
Fonte: acervo da Família Corrêa Lima.

No dia 5 de novembro de 1927 finalmente ele participou aos pais: “[...] hoje fui matriculado na Sorbonne, onde paguei 275 francos e amanhã começarei o curso com o Lubetkin.” Encontraram-se nos *fonds historique* os livros de registros de matrículas dos alunos no IUUP, no qual se constatou o registro de Attilio C. Lima (Figura 98).

INSTITUT D'URBANISME
de
L'UNIVERSITÉ DE PARIS

REGISTRE D'INSCRIPTIONS

DIPLOME Année scolaire 1927-1928 Semestre

NUMÉROS	DECLARATION D'INSCRIPTION	DROITS d'INSCRIPTION
857 577 832	Du 5 novembre 1927 Je soussigné, <i>Alex. Zoungorop</i> né à <i>Brousse</i> dep. <i>Roumanie</i> , le 25 octobre 1898 déclare prendre la <i>deuxième</i> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <i>lettres</i> de Paris, sous le N° <i>3234</i> . <i>Alex. Zoungorop</i> Signature de l'Étudiant.	175
858 578 833	Du 4 septembre 1927 Je soussigné, <i>Robert. Piau Charles Jacques</i> né à <i>Paris</i> dep. <i>—</i> , le 14 avril 1902 déclare prendre la <i>1ère</i> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <i>3. Lettres</i> de Paris, sous le N° <i>3256</i> . <i>Robert Piau</i> Signature de l'Étudiant.	175
859 579 834	Du 5 novembre 1927 Je soussigné, <i>Avrieh Cohen</i> né à <i>Jerusalem</i> dep. <i>Sabastine</i> , le 14 mai 1907 déclare prendre la <i>1ère</i> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <i>3. Lettres</i> de Paris, sous le N° <i>3257</i> . <i>Avrieh Cohen</i> Signature de l'Étudiant.	175
860 580 835	Du 5 novembre 1927 Je soussigné, <i>Ororo Reyes Zambrá</i> né à <i>Bati - rue du canal</i> dep. <i>Columbia</i> , le 6 novembre 1905 déclare prendre la <i>1ère</i> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <i>3. Lettres</i> de Paris, sous le N° <i>3258</i> . <i>Ororo Reyes Zambrá</i> Signature de l'Étudiant.	175
861 581 836	Du 5 novembre 1927 Je soussigné, <i>Clauddhauni da Costa</i> né à <i>Rio de Janeiro</i> dep. <i>Brésil</i> , le 3 avril 1900 déclare prendre la <i>1ère inscription</i> en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <i>lettres</i> de Paris, sous le N° <i>3261</i> . <i>Clauddhauni da Costa</i> Signature de l'Étudiant.	175
862 582 837	Du 5 novembre 1927 Je soussigné, <i>Attilio Corrêa Lima</i> né à <i>Rio de Janeiro</i> dep. <i>Brésil</i> , le 8 avril 1901 déclare prendre la <i>1ère inscription</i> en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <i>Lettres</i> de Paris, sous le N° <i>3263</i> . <i>Attilio Corrêa Lima</i> Signature de l'Étudiant.	175
863 583 838	Du 7 novembre 1927 Je soussigné, <i>Ostrea Abram</i> né à <i>Kremenokrug - Ukraine</i> dep. <i>—</i> , le 14 août 1899 déclare prendre la <i>1ère inscription</i> en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <i>Droit</i> de Paris, sous le N° <i>3264</i> . <i>Ostrea Abram</i> Signature de l'Étudiant.	175
864 584 839	Du 7 novembre 1927 Je soussigné, <i>Noel Jean Jura</i> né à <i>Choisy 3e</i> dep. <i>—</i> , le 24 avril 1898 déclare prendre la <i>3e</i> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <i>lettres</i> de Paris, sous le N° <i>3265</i> . <i>Noel Jura</i> Signature de l'Étudiant.	175

Figura 98 - Registro de matrícula de Attilio Corrêa Lima no IUUP.
Fonte: *Fonds historique* do IUUP – 2013.

Nas correspondências de Attilio C. Lima o assunto sobre o tema da tese é mais presente do que descrições sobre o curso no IUUP. Sempre que o arquiteto comentava sobre o curso de Urbanismo ele o comparava com sua formação na ENBA. Em uma das cartas ele apresentou sua nova visão sobre a construção de cidades:

Paris, 21 de novembro de 1927

No Instituto é que a gente vê como a construção de uma cidade é uma coisa complexa. E as últimas coisas que se deve pensar são justamente nas perspectivas e as avenidas bonitas.

Das poucas aulas que tive já consegui aprender que uma cidade moderna não é mais um monumento, mas sim uma máquina [...].

Attilio C. Lima inicia sua trajetória pioneira no IUUP durante quatro anos, de 1927 a 1930, cursando as disciplinas obrigatórias e defendendo sua tese ao final do curso. O arquiteto inaugurou com sua escolha um novo caminho de conhecimento para outros brasileiros que vieram em seguida, como Paulo Antunes Ribeiro. Novas experiências foram somadas àquelas de sua formação tradicional da ENBA, através das disciplinas do curso de Urbanismo, das conferências, de trocas entre colegas de outros países e de outros percursos que o arquiteto buscou em paralelo.

4.2 O INSTITUTO DE URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE PARIS (IUUP)

4.2.1 Antecedentes históricos

O Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (Institut de Urbanisme de Université de Paris – IUUP) originou-se do Museu Social (Musée Social), uma instituição privada reconhecida de utilidade pública, constituída de um ambiente organizado como uma biblioteca especializada em seções de estudos e pesquisas em higiene urbana e rural, seguro social, instituições de empregadores, de cooperativas e trabalhadores rurais. Entre suas atividades promovia palestras públicas gratuitas. Fundado em 1894, por Jules Siegfried¹⁵³, Leon Say,¹⁵⁴ Émile Cheysson¹⁵⁵ e o Conde Aldebert de Chambrun,¹⁵⁶ tendo este último a ele dedicado sua fortuna, o Museu Social teve uma grande influência no final do século XIX e início do século XX na formulação de ideias e na divulgação de experiências no domínio social com o objetivo de promover a "paz social" defendida por Frédéric Le Play como uma alternativa de propostas revolucionárias da época. O Museu Social desempenhou também um papel preponderante no nascimento do Urbanismo e no desenvolvimento das primeiras leis de planejamento após a Segunda Guerra Mundial, como as leis Cornudet¹⁵⁷ de 1919 e 1924. Além disso, foi a partir dele que as ideias de cidades-jardins, elaboradas por Ebenezer Howard, foram introduzidas na França.

¹⁵³ Jules Siegfried (Mulhouse, 1837 – Le Havre, 1922) foi comerciante e político francês que atuou no campo da saúde pública e do planejamento urbano. Teve uma ação decisiva (1889) na presidência do comitê da Exposição Mundial de Paris, dedicada à economia social. Jules Siegfried presidiu o Museu Social até a sua morte.

¹⁵⁴ Jean-Baptiste Say-Léon (Paris, 1826 – Paris, 1896) foi um estadista e diplomata francês. Um dos economistas notáveis do século 19, foi ministro das Finanças de 1872 até 1883.

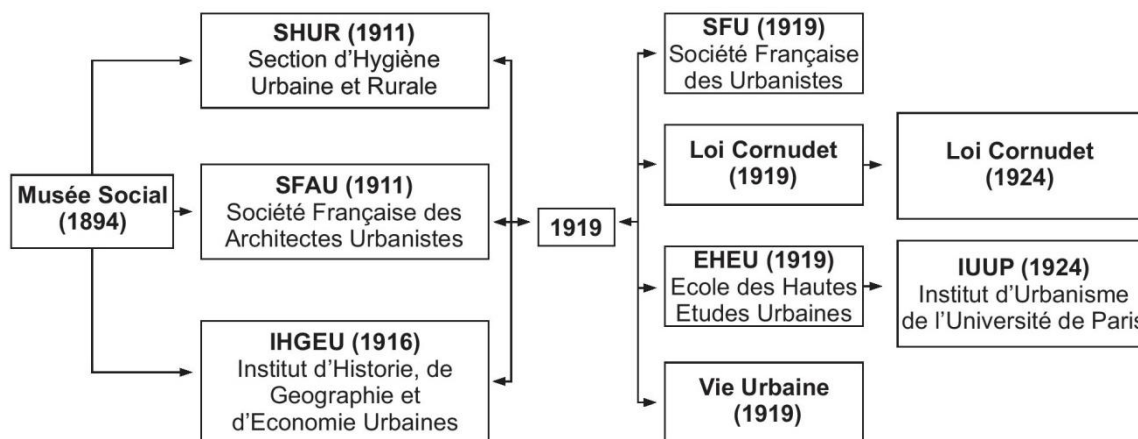
¹⁵⁵ Jean Jacques Émile Cheysson (Gard, 1836 – Leysin, 1910) engenheiro e reformador social francês.

¹⁵⁶ Aldebert de Chambrun (Saint-Chely, 1821 – Nice, 1899) foi um alto funcionário e político francês. Aderiu às ideias de Le Play e buscou convencer o mundo político sobre a necessidade de transformação do sistema autoritário paternalista vigente para outro baseado na justiça e no direito, através da ideia de criação um "Conselho dos empregadores".

¹⁵⁷ As leis Cornudet de 19 de março de 1919 e 12 de julho 1924, em cuja elaboração os membros do Museu Social participaram efetivamente, determinaram o nascimento do Urbanismo. Além de lidar com a reconstrução as cidades destruídas pela Primeira Guerra Mundial no norte e no leste da França, essas leis definiram dois conjuntos de requisitos: o estabelecimento de direito à terra ligado à parcela de terra, garantindo lotes para os compradores devidamente atendidos com abastecimento de água, rede de esgotos, fornecimento de energia, construção de estradas pavimentadas; o estabelecimento de planos de gestão, embelezamento e expansão das cidades e o estabelecimento progressivo de uma lei de terras que definia as regras para a utilização e construção para cada parcela cadastral. Estabeleceu a obrigatoriedade de elaboração de "Projetos de Melhoramento, Embelezamento e Extensão" para todas as cidades com mais de 10.000 habitantes.

O diagrama abaixo esclarece as origens do IUUP, desde a criação do Musée Social em 1894, a sua constituição final em 1924.

Diagrama 2 - Estruturação das entidades francesas desde o Museu Social ao IUUP.



Fonte: PIRES (2005).

No início do século XX, em quase toda a Europa elaborou-se um conjunto de ideias e práticas operacionais novas em matéria de planeamento urbano. Na França, este debate é encabeçado principalmente pelo problema da região parisiense. As primeiras iniciativas em matéria de habitação social (“*habitation à bon marché*” – moradias de baixo custo ou HBM) apareceram no final do século XIX. Diziam respeito às reflexões sobre a aglomeração e a presença de equipamentos urbanos no subúrbio (o sistema de transporte coletivo com o canteiro de obras do metrô), sobre a destruição das fortificações em Paris que culminaram na questão dos espaços livres, renovando consideravelmente as perspectivas futuras da cidade.

O aparecimento do vocábulo “urbanismo”¹⁵⁸ em 1910 na língua francesa é outro indicador do interesse dedicado à cidade e aos seus problemas, bem como a constituição da Sociedade Francesa dos Arquitetos Urbanistas (Société Française des Architectes e Urbanistes – SFAU) em 1911, que se tornaria em 1921 a Sociedade Francesa dos Urbanistas (Société Française des Urbanistes – SFU).

¹⁵⁸ A própria palavra “urbanismo” só apareceu então em francês, importada do espanhol. Na língua de Cervantes, o vocábulo aparecera antes, com a obra do arquiteto-engenheiro Ildefonso Cerda, *Teoria general de la urbanization*, publicada em 1867 (DUBY, 1987, p. 163).

Em 1916, Marcel Poëte,¹⁵⁹ Louis Bonnier, arquiteto e inspetor-geral dos serviços técnicos de arquitetura e de estética da Prefeitura do Sena, Jules Siegfried e Charles Beauquier, este último inspirador de um primeiro projeto de lei sobre a proteção das paisagens, fundaram o Instituto de História, de Geografia e de Economia Urbanas (Institut d’Histoire, de Géographie et d’Economie Urbaines – IHGEU). Esse instituto dedicou-se a assuntos sobre a evolução urbana de Paris, referindo-se às condições, aos acontecimentos da vida e ao desenvolvimento histórico da cidade, abrangendo os fenômenos urbanos em geral.¹⁶⁰

Em 1919, a Escola de Altos Estudos Urbanos (École des Hautes Études Urbaines – EHEU) tomou o lugar do IHGE, mas sob bases diferentes. Mais ambiciosa, teve como objetivo principal fundar uma verdadeira “ciência das cidades”. Mais institucional, ela foi apoiada pela administração da Prefeitura do Sena, que lhe ofereceu o aporte ao ensino e dispôs de um quadro pessoal competente para a elaboração dos projetos de planejamento urbano.

A criação da EHEU insere-se no contexto do pós-Primeira Guerra Mundial. A necessidade de reconstrução das cidades e a escassez de habitação levaram a uma grande causa nacional na França e geraram a oportunidade de reflexão sobre o planejamento urbano. A maior parte dos fundadores da EHEU participou ativamente das diferentes instâncias que acompanham o nascimento do urbanismo na França, como Marcel Poëte e Henri Sellier.¹⁶¹

Em 1924, a EHEU associou-se administrativamente à Sorbonne e adotou um novo título, melhor adaptado à pluralidade de suas missões: Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris – IUUP). O ensino ministrado pela antiga escola gozava, a partir de então, de um reconhecimento universitário, sem, todavia, deixar de manter os elos com a administração da Prefeitura e do Conselho Geral do Sena, ao qual se reservou o direito à participação na administração do Instituto, com a anuência do reitor e dos membros da Universidade de Paris. Sua estrutura não foi, no entanto, modificada. No decorrer dos anos 1920 a organização da área científica registrou apenas mudanças de pessoas na grade de ensino.

A apresentação das origens do IUUP mostra o caminho percorrido para a institucionalização do Urbanismo como uma disciplina autônoma a demandar uma formação específica capaz de

¹⁵⁹ Marcel (César) Poëte (Rougemont, 1866 – Paris, 1950) foi bibliotecário, historiador e urbanista. Fundou juntamente com Henri Sellier o IUUP, deixando um legado da história de Paris e do planejamento urbano.

¹⁶⁰ Ver: Institut d’Histoire, de Géographie et d’Economie Urbaines de Paris. In: Bibliothèque de l’école des chartes. 1916, tome 77. p. 514-516. Disponível em: <http://www.akademiktarih.com/tarih-dergileri/479-bibliotheque-de-lecole-des-chartes/18509-1916---77-.html>. Acesso em: 13/11/2014.

¹⁶¹ Henri Sellier (Bourgese, 1883 – Suresnes, 1943), figura central da Escola de Altos Estudos Urbanos, uma personalidade política nas questões sociais e urbanas no período entreguerras.

preparar profissionais competentes para responder às inúmeras questões postas pelas cidades. Essas questões abrangiam conhecimentos de engenharia, das artes, a história, do direito administrativo e de sanitarismo, anunciando um campo de saber multidisciplinar, que ao longo do século XX adquiria relevância.

4.2.2 Estrutura e Organização do IUUP

Entre os documentos encontrados nos *fonds historique*, entre caixas e prateleiras, há uma publicação rara de 1925 do IUUP apresentando sua Estrutura, Organização e Regulamento. Uma obra importante e esclarecedora sobre o IUUP do período no qual Attilio C. Lima cursou urbanismo.

O IUUP foi constituído e fundido à Universidade de Paris (Faculdades de Direito e de Letras) sob proposta do Ministro da Instrução Pública e das Belas Artes, por um decreto do Presidente da República, em 29 de dezembro de 1924. Na convenção definitiva de 1925, o conselho da Universidade de Paris, na pessoa de Raymond Poincaré,¹⁶² interveio e substituiu a expressão “vinculado à”, por “colocada sob o apoio oficial” da universidade. A definição “fundido à Universidade”, adotada para o IUUP, tinha como subtítulo Escola Nacional dos Altos Estudo Urbanos e da Administração Municipal. Esses dois subtítulos lembravam assim o nome que o Instituto levava antes de sua fusão à Universidade, de modo a manter, ao mesmo tempo, o legítimo benefício do renome adquirido e a tradição histórica das instituições anteriores.

As intenções de fazer do IUUP um centro de formação de administradores públicos eram claras:

[...] um centro de formação de administradores especializados, profissionalizados, indicando o papel das seções preparatórias e complementares do Instituto que são seções de preparação e de administração e que têm por objetivo a formação de secretários de prefeitura e de funcionários municipais ou departamentais. (IUUP, 1925).¹⁶³

¹⁶² Raymond Poincaré (Bar-le-Duc, 1860 – Paris, 1934) foi um político francês, ministro da Educação e da Fazenda, chefe do governo em cinco ocasiões e presidente da França (1913-1920) durante a Primeira Guerra Mundial.

¹⁶³ Documento: Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris – Organisation et Fonctionnement – Tradução: Ana Cláudia Rodovalho.

O IUUP, sob a direção da Universidade de Paris, definiu-se em três vertentes: científica, utilitária e divulgadora. Relacionava um conjunto de matérias e estudos das cidades, envolvendo sua organização administrativa, econômica e social, seu planejamento, embelezamento e sua extensão. Sua sede era na Sorbonne e as aulas eram ministradas na Faculdade de Direito.

Entre os fundadores do IUUP encontram-se os nomes importantes do urbanismo francês do início do século XX, como o economista Charles Gide, membro da comissão administrativa do Institut de France, professor de Economia Social na Faculdade de Direito e militante conhecido das questões sociais e da habitação, o higienista Paul Juillerat, os arquitetos Louis Bonnier, Léon Jaussely, ou ainda o paisagista Jean-Claude Nicolas Forestier. Todos faziam parte do comitê de aperfeiçoamento da EHEU, eram ligados às administrações parisienses e participavam também das redes reformadoras através do Museu Social.

Dentre a geração fundadora, é preciso destacar os papéis desempenhados por Marcel Poëte e Henri Sellier, profissionais engajados no ensino do urbanismo, sendo um “o erudito de Paris” e o outro “o militante do subúrbio” –, ambos constituindo uma imagem forte desta síntese de competências promovida pelo IUUP.

Refere o Regulamento do IUUP (1925):

[...] a união com a Universidade permitiu ao Instituto selecionar mais facilmente os alunos e recebê-los em maior número. Ela fornece aos alunos a vantagem considerável de ter acesso às coleções e às bibliotecas da Universidade e de participar de suas pesquisas, trabalhos e exercícios práticos.¹⁶⁴

A direção-geral era confiada a um Conselho de Aperfeiçoamento composto por 25 membros sob a presidência do Reitor. Os membros deste Conselho eram assim designados: seis membros pelo Conselho Geral do Sena; um pelo Prefeito de Polícia; seis pelo Conselho da Universidade dentre os membros da Universidade e seis pelo Conselho da Universidade, pessoas sem vínculo empregatício, mas que faziam parte dos Conselhos de Vigilância ou Administrativo da Câmara de Comércio, das Secretarias de Habitação de Baixo Custo da Cidade de Paris e do Sena, do Instituto de História da Cidade de Paris, da Secretaria de Higiene Social e da Secretaria Departamental de Investimento.

¹⁶⁴ Tradução: Ana Cláudia Rodovalho.

Para deixar uma porta amplamente aberta para as competências, foi previsto que o Conselho de Aperfeiçoamento poderia apresentar ao Reitor pessoas que se fizessem conhecidas por seus trabalhos ou pelo interesse que tinham pelos estudos urbanos. Esta seleção por cooptação foi limitada a seis membros. Neste Conselho, uma representação podia ser acordada aos poderes públicos, às administrações públicas de Paris, dos departamentos ou das colônias, ou às instituições privadas que contribuiriam com o IUUP e que lhe trouxessem um benefício efetivo.

A administração do Instituto era confiada a um conselho Administrativo que deliberava sobre todas as questões interessantes ao seu funcionamento, desenvolvimento e orçamento. Determinava também os abonos do quadro pessoal, fazia as contratações, designava os membros da banca examinadora e ratificava os processos de exame. Todas as deliberações relativas às questões financeiras eram submetidas à aprovação do Reitor.

A direção dos estudos era confiada à Assembleia dos professores dos cursos de formação básica, à qual todas as questões relativas ao ensino eram submetidas com aviso prévio e cujas execuções estavam a cargo do diretor de ensino. Os Diplomas e Certificados do Instituto eram emitidos pela Universidade de Paris e assinados pelo Reitor e os professores dos cursos de estudos básicos. A admissão no IUUP e as provas para a obtenção dos diplomas e certificados eram objeto de um regulamento especial a seguir apresentado.



4.2.3 Regulamento

O regulamento do IUUP foi aprovado sob parecer da Seção permanente do Conselho Superior de Instrução Pública pelo Ministro da Instrução Pública e das Belas Artes em 1º de dezembro de 1925. Esse documento estabelecia em seu Artigo Primeiro que “[...] o Instituto de Urbanismo está aberto a franceses e estrangeiros maiores de 18 anos, emitindo um diploma de estudos especiais de urbanismo. A obtenção deste diploma está condicionada às quatro inscrições semestrais no Instituto e aos exames de fim de estudo” (IUUP, 1925, p. 18).

Quanto às condições para matrícula no curso, as pessoas que desejassem nele se ingressar deveriam:

- 1º Estar matriculadas em uma das Faculdades da Universidade de Paris;
- 2º Fornecer sua certidão de nascimento ou qualquer outro documento oficial que a substitua;
- 3º No caso de franceses justificarem o grau de bacharel em estudos secundários, ou possuir o brevê superior do ensino primário ou diploma de fim de estudos secundários para moças ou o certificado de estudos administrativos e financeiros da Faculdade de Direito da Universidade de Paris, (IUUP, 1925, p. 19).

No caso de estrangeiros era necessário “[...] justificar com um diploma, título ou certificado estrangeiro admitido pela Assembleia dos Professores do Instituto como equivalente a um dos diplomas, títulos ou certificados franceses citados” (IUUP, 1925, p. 20).

Para serem admitidos no 2º ano de estudos, os alunos do IUUP deveriam se submeter a um exame oral, que consistia de entrevista sobre as matérias dos cursos do primeiro ano. A banca examinadora compunha-se dos professores dos cursos de formação básica e daqueles que deram aulas ou exercícios práticos. Cada entrevistado recebia uma nota de 0 a 20. O mínimo exigido para cada entrevista era 10, porém o aluno que obtivesse uma nota pelo menos igual a 6 estava autorizado a fazer uma nova prova na data fixada pelo Conselho Administrativo. Essa autorização só era concedida aos alunos que fizessem com sucesso pelo menos cinco provas, das quais três eram relativas aos cursos de formação básica. O estudante que não obtinha êxito em todas as provas correspondentes ao primeiro ano de estudos ficava em dependência e não podia se inscrever no ano seguinte.

O exame de fim de estudo compreendia as provas orais, a redação e a defesa de uma tese. No decorrer do quarto semestre de estudos, o estudante devia escolher um tema de tese com

autorização do Conselho de Administração. Este tema era aprovado pelo professor escolhido pelo estudante para presidir a banca examinadora, sendo que esse não precisava pertencer obrigatoriamente ao quadro de professores do IUUP.

A tese, na verdade um trabalho de graduação, se constituía em um documento destinado a permitir à banca examinadora ficar a par dos conhecimentos adquiridos pelo estudante durante seus estudos. A defesa da tese ocorria em sessão pública, diante de uma banca examinadora composta pelo presidente escolhido pelo candidato, três professores designados pelo Conselho Administrativo e pelo Diretor. As notas variavam entre 0 e 20. O mínimo exigido era 13. As teses só podiam ser publicadas sob os auspícios do IUUP com a autorização do Conselho de Administração.

Os diplomas levavam as seguintes menções: *Aceitável* quando o candidato obtinha nota 13; *Suficiente* quando o candidato obteve 14 ou 15; *Bom* quando o candidato obtinha 16 ou 17 e *Muito bom* quando o candidato obtinha nota maior ou igual a 18. A banca examinadora das teses podia propor a atribuição, em favor dos estudantes que o merecessem, de prêmios para as teses, de bolsas de viagem que podiam chegar a 500 francos, 1.000 francos e 2.000 francos.

Pelo exposto, para chegar à defesa de seu trabalho de conclusão de curso o candidato ingresso no IUUP passava por várias etapas de avaliação. Para um aluno estrangeiro as dificuldades deveriam ser ainda maiores para a elaboração de um trabalho de qualidade. Não só o idioma deveria ser uma dificuldade a mais, mas as próprias pesquisas e materiais a ele relacionados implicavam um esforço maior, nos casos em que os temas versavam sobre países que não a França. Este foi o caso de Attilio C. Lima que, como demonstram as correspondências trocadas com o pai, solicitou desse as informações que lhe permitiriam desenvolver o trabalho. É possível que a posição do pai na ENBA e a rede de amigos a que pertenciam tenham colaborado para que as informações chegassem a Attilio Corrêa Lima, permitindo-lhe concluir o que se propusera fazer ao escolher como destino o IUUP.

4.2.4 Disciplinas e professores

O plano de ensino do IUUP pretendia compreender um conjunto de problemas geralmente representados pela expressão “urbanismo”. De acordo com o Regulamento:

[...] seu programa constituía uma verdadeira síntese da organização da cidade, pesquisando os exemplos do passado com vistas a constatar o estado presente e indicar as soluções futuras em questões infinitamente complexas concernentes ao fenômeno moderno da urbanização. (IUUP, 1925, p. 55).

O curso do IUUP formava simultaneamente construtores e administradores de cidades, e isso de tal forma que as matérias das duas ordens de conhecimento correspondentes eram familiares a todos. Qualquer que fosse a especialidade que o diplomado do Instituto quisesse adotar, “[...] sua preparação era suficientemente completa para que ele não comprometesse seus trabalhos pelo desconhecimento de elementos tão importantes quanto numerosos que interessem o planejamento da cidade e sua administração” (IUUP, 1925, p. 56).

A concepção de urbanismo para o IUUP não era de uma ciência nova que representasse um campo exclusivo do arquiteto, dos construtores de cidades, e menos ainda admitia que ele se resumisse “[...] à elaboração de mapas de bairros de cidades, de mapas de cidades, de mapas de extensão de cidades ou à concepção de projetos de embelezamento de cidades” (IUUP, 1925, p. 18). Para os idealizadores do IUUP “[...] o problema se estende a todas as condições infinitas e múltiplas da existência humana, principalmente, mas não exclusivamente, nas aglomerações superpovoadas e sufocantes que a indústria desenvolve” (IUUP, 1925, p. 19).

No IUUP as disciplinas eram divididas em cinco seções. Aulas práticas, exercícios práticos e visitas técnicas eram organizados como apoio ao ensino, e conferências extraordinárias sobre as grandes correntes da vida urbana na França e no exterior eram dadas por pensadores e homens de ação. Os planos de ensino das disciplinas (seções) estavam assim estruturados:

1 - Seção Evolução das Cidades – O curso de formação básica dessa seção era dedicado ao estudo da origem e das transformações sofridas pelas cidades. A continuidade da vida da cidade constituía um dado essencial deste curso. A cidade era vista como um “ser” em constante evolução. O plano de ensino assim detalhava a concepção de análise da cidade:

[...] um ser vivo que convém estudar em seu passado, de modo a poder discernir o seu grau de evolução. Seu destino está ligado a condições geográficas e econômicas que é importante destacar, e que falam das próprias origens da aglomeração para chegar ao estágio atual da evolução urbana. Um estudo assim fornecerá a explicação da cidade que se estende sob nossos olhos, e bem mais: permitirá preparar-lhe o futuro. No decorrer do tempo, nossos olhos acomodam-se à paisagem; importa então procurar no passado as razões do presente que, por sua vez, influenciam o futuro. E é preciso ligar essas coisas umas às outras: não se poderia separar o estado econômico do estado social de uma cidade, o último dependendo do primeiro; nem separar o aspecto que uma cidade apresenta de suas condições de vida econômica e social, pois a função cria o órgão e, na espécie, a fisionomia de uma aglomeração é a resultante dessas condições de existência; em outros termos, sua forma expressa sua própria natureza. Estes princípios definem o curso de Evolução das Cidades e delimitam-lhe o método. (IUUP, 1925, p. 20).

Nessa disciplina estudava-se a formação de uma cidade em relação ao quadro geográfico e o sítio topográfico e correlacionava-a com os fenômenos econômicos da região. Comparando a um médico que tem necessidade de conhecer os fatos anteriores para estabelecer um diagnóstico, “[...] o urbanista não poderia prescindir dos antecedentes para julgar o estado de uma aglomeração” (IUUP, 1925, p. 21). Este curso era ministrado pelo professor Marcel Poëte e algumas aulas eram dadas por ocasião do estudo *in loco* em diversos bairros de Paris.

2 - Seção Organização Social das Cidades – Depois das observações preliminares relativas à necessidade da informação, aos métodos a serem empregados na observação dos fatos, o professor abordava o estudo da população urbana, suas necessidades e suas dificuldades. O curso tratava da origem, da composição, das características da população das cidades, questionando as carências sob os pontos de vista demográfico sanitário, econômico, mental e moral. Os alunos pesquisavam as condições nas quais se exercia a ação social (preventiva e paliativa) necessária para a situação estudada. Buscavam-se respostas no âmbito sanitário, econômico e cultural. Eles elaboravam suas conclusões, sobretudo quanto à possível influência da grande urbanização no estado físico, econômico e mental dos franceses. Eram propostos exercícios práticos (estabelecimento de estatísticas, de diagramas etc.) e visitas a diversas instituições da cidade de Paris. A este curso de formação básica eram associadas conferências sobre a Higiene da Habitação, dirigidas a todos os alunos. Para os administradores elas destacavam a importância da boa disposição da cidade para assegurar a salubridade das moradias; indicavam as regras a serem seguidas para escolher um local salubre e para conservar suas qualidades. Conforme descrições na abordagem sobre o lugar e a moradia:

[...] a rua, o pátio, para os quais se abriam as moradias, devem, antes de tudo, assegurar aos moradores ar puro e o bem-estar da luz solar. Isso só pode ser obtido por uma orientação conveniente das ruas, pela supressão de todos os obstáculos à circulação do ar, pelo distanciamento tão rápido quanto possível das águas e resíduos. Daí, a exposição das noções gerais dos vários meios reconhecidamente eficazes para a obtenção destes resultados: largura das ruas, altura das casas, natureza do revestimento do solo, sistemas de escoamento das águas e resíduos, plantio do alinhamento das árvores cuja influência sobre a salubridade das casas é considerável. Em seguida vem a apresentação dos perigos e meios de atenuação do barulho e das trepidações causadas pela circulação dos veículos. A poeira e os meios para a sua redução são igualmente examinados. Sobretudo, parece indispensável insistir de modo especial na ação onipotente da luz solar, o mais eficaz destruidor de micróbios patogênicos. (IUUP, 1925, p. 22).

Também era estudada a residência. Havia uma preocupação com os ambientes que não recebiam ventilação e iluminação naturais, como se constata nas descrições sobre as adegas e subsolos:

[...] têm um papel na salubridade da casa; mas não se deve, sob nenhum pretexto, destiná-los à habitação humana, mesmo que temporariamente. As moradias e as oficinas no subsolo são sempre extremamente perigosas para a saúde daqueles que moram ali. Trata-se a seguir das regras a serem seguidas para o planejamento das adegas, para que elas preencham suas várias funções. Após um exame das vantagens e inconvenientes dos dois tipos de moradia – individual e coletiva – são expostas as condições impostas às partes comuns da casa, escadas, vestíbulos, casa do zelador, estábulos etc. (IUUP, 1925, p. 22-23).

Os alunos estudavam a composição e a distribuição das moradias (ambientes destinados a um uso específico, entrada independente de cada ambiente para o vestíbulo etc.). Os quartos eram projetados de modo que os raios solares penetrassem diretamente através das aberturas. A disciplina orientava que “[...] as janelas devem ser dimensionadas em relação à área, à altura do teto e à profundidade dos quartos. A ventilação dos cômodos é indispensável a sua salubridade” (IUUP, 1925, p. 23).

Um capítulo especial era destinado ao planejamento das cozinhas e estudavam-se os vários tipos de aquecimento, individuais ou coletivos; os melhores sistemas para assegurar a evacuação das águas e resíduos; a necessidade de aprovisionar a casa com água em abundância e, sobretudo, com água potável; os vários sistemas de drenagem.

O curso de formação básica da seção era dirigido pelos Sr. Edouard Fuster, professor no Collège de France; as conferências eram confiadas a Dr. Georges Guilhaud, Inspetor dos Serviços de Higiene da Cidade de Paris.

3 - Seção Organização Administrativa das Cidades – Esta seção era dirigida pelo Sr. Gaston Jèze, professor da Faculdade de Direito. O curso de formação básica abordava a organização administrativa das cidades através do estudo dos problemas políticos e administrativos oriundos da concentração da população sobre certos pontos do território.

As aulas do primeiro ano tinham como objeto a apresentação dos trâmites administrativos pelos quais as questões municipais eram estudadas e resolvidas bem como os meios financeiros de que as cidades dispunham.

Durante o segundo ano, eram expostas as soluções dadas aos grandes problemas levantados pela vida nas cidades; pelo funcionamento dos serviços públicos municipais. Em primeiro plano aparecia a polícia, no sentido amplo da palavra: manutenção da segurança, da tranquilidade e da salubridade públicas. A ordem, os poderes da polícia, suas manifestações e as limitações formuladas pela jurisprudência eram estudadas aprofundadamente.

As redes viárias (constituição, planejamento e conservação) e a extensão das cidades eram também objeto de pesquisas minuciosas. O curso terminava com as proposições teóricas da responsabilidade dos agentes municipais pelo funcionamento dos serviços públicos, com a apresentação das regras relativas às ações judiciais e processos com quais as cidades estacam comprometidas.

Eram realizadas conferências por Henri Sellier, conselheiro-geral e prefeito de Suresnes, sobre a “Organização dos grandes serviços públicos no subúrbio parisiense”, e de Joseph Barthélemy, professor da Faculdade de Direito e do IUUP de ciências políticas, tratando das “Questões relativas à organização das Capitais”.

O IUUP organizou ainda, em cada um dos dois anos de estudo da seção Organização Administrativa das Cidades, conferências relativas à “Vida Municipal no Exterior”. A disciplina era ministrada por Louis Rolland, professor da Faculdade de Direito.

4 - Seção Organização Econômica das Cidades – A primeira parte do curso trazia à luz os inconvenientes resultantes da ocupação irracional do solo e as vantagens que uma gestão econômica do solo traziam para a cidade.

Depois de pesquisar sobre os esforços impetrados no passado, com vistas a facilitar a vida em comunidade tendo como exemplos as colônias, os falanstérios e os familistérios, eram analisadas as consequências do desenvolvimento industrial moderno que acumulava os erros dos grandes centros urbanos e tornavam evidentes os males que resultavam de uma demasiada concentração humana nas cidades.

Durante o curso, pesquisavam-se as causas do crescimento das cidades em direção à periferia e seus efeitos sobre o valor da terra, como a “mais valia” excessiva dos terrenos e o elevado preço dos aluguéis que contribuíram para estender o campo de ação da renda da terra e o domínio da especulação. O modelo ideal apresentado pela disciplina para responder a essas questões era “[...] a cidade-jardim inglesa, verdadeira experiência econômica cujo resultado deve ser o de reservar aos moradores da cidade o produto da mais valia adquirida pela terra, valorizada por sua presença” (IUUP, 1925, p. 27). O professor expunha a influência exercida por este modelo, principalmente no que diz respeito ao planejamento das cidades em geral e às adaptações no continente europeu e nos Estados Unidos. Este curso era ministrado por A. Bruggeman. A seção Organização Econômica das Cidades era completada por conferências sobre o “Municipalismo” ministradas por W. Oualid, professor adjunto da Faculdade de Direito de Paris. Sob o termo municipalismo, organizavam-se as múltiplas manifestações da atividade municipal do ponto de vista industrial e comercial. Medir o alcance da extensão crescente do papel das municipalidades e analisar suas causas, descrever seus aspectos e estudar seus problemas jurídicos, econômicos e financeiros constituíam a matéria de ensino do primeiro ano. O curso permitia iniciar os estudantes no uso dos índices estatísticos e financeiros oriundos das fontes oficiais cuja existência, conteúdo e valor – juntamente com seus procedimentos de manejo, de emprego e de interpretação – lhes eram apresentadas. Os diversos problemas do municipalismo constituíam um exemplo da complexidade dos aspectos de um fenômeno social, bem como da prudência e das diversidades a serem observadas em seu estudo e sua resolução. Este exame, conduzido metodicamente, passava em revista as cinco grandes categorias de serviços municipais, industriais ou sociais: água, iluminação e energia, transportes, moradia popular e serviços diversos.

Assim exposto em seus traços principais, o tema municipalismo era retomado detalhadamente e ilustrado de maneira concreta no segundo ano pelo estudo de seus aspectos particulares e sua extensão variável em diversos países cujos exemplos podiam ser sugestivos ou fecundos para o ensino.

5 - Seção de Arte Urbana (Arte e Técnica da Construção das Cidades) – Esta seção, dirigida pelos Srs. Louis Bonnier, inspetor-geral honorário dos Serviços de Arquitetura e Estética da Extensão de Paris, Jaques Gréber, arquiteto e Heri Prost, Grande Prêmio de Roma, arquiteto-chefe dos prédios civis, compreendia um curso de formação básica dedicado à técnica do traçado e da construção das cidades.

A história das cidades antigas e as análises de seus mapas eram mostradas por vários elementos (a circulação, o parcelamento do solo, o estudo dos locais apropriados para certas construções e, sobretudo, a estética). A abordagem dessas cidades salientava que seus construtores preocupavam-se, quando tinham de continuar a obra de seus predecessores, em compor e prever com o existente, enquanto criavam e mesmo "corrigiam" problemas urbanos. Segundo os conceitos estudados na disciplina "A Arte Urbana", devia-se adotar um desenvolvimento correspondente às necessidades do homem moderno. Na ementa há uma descrição sobre as transformações que as cidades sofreram com o crescimento urbano e como foram afetadas em sua qualidade estética:

[...] a indústria, a era do capitalismo, a vida voltada para a produção, a loucura da velocidade, a capitalização sistemática do tempo, o desenvolvimento dos meios de transporte rápido, enfim, tudo o que os homens do século XX chamam de "progresso", fez das aglomerações urbanas e modernas organismos utilitários dos quais o encanto e a beleza natural das cidades antigas pareciam absolutamente banidos. A noção da estética artificial nasceu; a necessidade de um planejamento dito de "embelezamento". (IUUP, 1925, p. 28).

Outro foco da disciplina era o crescimento desordenado das cidades, a preocupação com a especulação sobre a valorização fundiária, os "negócios" industriais e o parasitismo comercial. Faziam parte do conteúdo disciplinar os problemas advindos das circulações, a mobilidade urbana e entre cidades:

[...] a estrada, até o fim do século XIX, era um lugar de passagem de carros lentos de tração exclusivamente animal. O acesso às cidades, por vias radiais, dava, portanto, lugar a problemas relativamente simples de circulação moderada. Em vinte e cinco anos, o que aconteceu? A rede de estradas tomou, por causa da circulação de veículos automotivos, uma importância quase igual à das redes férreas! As distâncias entre as cidades são, por assim dizer, suprimidas. O problema da circulação, em seu conjunto, encontra-se, portanto e por esse motivo, em primeiro plano no estudo da organização dos mapas das cidades. (IUUP, 1925, p. 31).

A higiene e a saúde eram também temas discutidos nas aulas:

[...] desconhecida nos primeiros centros urbanos, porque a densidade da população era pequena e as causas de epidemias menos numerosas – torna-se um fator vital para o futuro urbano. A luta contra a tuberculose e outras enfermidades dos centros superpovoados é uma das principais preocupações das Municipalidades modernas. (IUUP, 1925, p. 31).

Nessa disciplina, o tema sobre habitação popular também era abordado em virtude do agravamento dos problemas habitacionais decorrentes da inércia da construção após o início da Primeira Guerra Mundial, além de problemas financeiros. Em virtude desse quadro, era necessário que as cidades tivessem uma política municipal de construção, sobretudo para as residências dos trabalhadores.

Para os professores, a questão da estética urbana e do embelezamento das cidades era fundamental. Assim eles comparavam: “[...] as cidades prósperas tornaram-se feias. Apenas os centros urbanos que não progrediram guardaram seu caráter, sua beleza, seu aspecto pitoresco” (IUUP, 1925, p. 33). A partir da comparação, questionavam:

[...] uma cidade em completo desenvolvimento não pode então ser agradável, inspirar o desejo de morar e de passear? Estamos condenados então a admirar somente as belezas das cidades antigas. E, assim, tocamos o ponto mais delicado talvez do estudo das cidades, o problema da estética urbana. Os outros: circulação, distribuição dos diversos organismos urbanos, higiene, habitação são de ordem técnica. O estudo metódico das necessidades e a aplicação dos meios que a ciência coloca à disposição dos construtores podem resolvê-los sem muita dificuldade. (IUUP, 1925, p. 33).

As grandes linhas do curso resumiam-se neste conjunto de temas, conforme as diretrizes curriculares:

Circulação – reunir, com uma documentação precisa, todos os elementos do problema das vias públicas. Traçar-lhes as redes baseadas na própria razão das necessidades colocadas à luz pelo estudo dessa documentação;

Parcelamento do solo – sempre em seguida ao exame das necessidades especiais do lugar, dividir logicamente os diversos centros e os diversos bairros da cidade para evitar, no futuro, as desordens orgânicas que afetam todas as nossas cidades construídas sem previsão; onde as usinas, as escolas, os hospitais, os centros de comércio, as casas se avizinham na mais completa anarquia;

Higiene – mostrar, na organização da cidade, a mesma preocupação com a higiene que se mostra no estudo do planejamento de uma casa. Da mesma forma que se pesquisa para a casa a melhor orientação, a exposição ao sol, o ar puro e uma disposição correta das canalizações de fornecimento e de evacuação, a cidade deverá ser traçada com vistas a uma perfeita exposição ao sol, uma boa aeração e um saneamento completo de seu solo;

Áreas verdes livres – o parcelamento das áreas verdes livres será constituído em todo o seu território como pontos de respiração, repouso e alegria.

Enfim, o estudo da estética previa a conservação ou a proteção dos sítios ou dos monumentos interessantes, orientando-se pelas leis de harmonia que eram aplicadas no estudo da arquitetura, e que eram apontadas como composição de um conjunto urbano. Os alunos trabalhavam com mapas, com fotografias aéreas, e a execução dos trabalhos previstos constituía um dossiê urbano.

O curso de Arte da Técnica da Construção das Cidades, como todos os cursos que constituíam o ensino do IUUP, “[...] tinha por objetivo dar-lhes essa noção e os preparar para a tarefa comum, num estado de espírito exclusivamente voltado para a defesa dos interesses superiores da comunidade, frequentemente em oposição aparente aos interesses privados” (IUUP, 1925, p. 36).

As conferências sobre a “Arte do Engenheiro Municipal”, organizadas na seção, proporcionavam noções gerais sobre questões tão numerosas quanto variadas às quais o engenheiro municipal deveria conhecer, tanto para solucioná-las diretamente quanto para exercer o controle das concessões ou das regras que lhe assegurassem o aproveitamento. Essas conferências abordavam primeiramente o estudo geral de mapas das cidades, mostrando a relação intrínseca entre o planejamento do solo e do subsolo, adaptando a solução escolhida às circunstâncias do lugar, do relevo, dos rios, evidenciando a importância da colaboração permanente entre o engenheiro municipal e o arquiteto urbanista. Elas eram seguidas pelo estudo dos planos transversais para as vias públicas, de acordo com a relevância da localidade, a natureza do tráfego e para a limpeza. Esta apresentação relatava os diversos procedimentos de recolhimento de dejetos urbanos, bem como os melhores métodos para tratá-los, de acordo com as regras de higiene, subordinando igualmente sua escolha a considerações econômicas. Eram estudadas as várias soluções, tanto para os transportes de superfície quanto para os subterrâneos, mostrando em quais casos de relevo, de tráfego, de circunstâncias econômicas, um ou outro modo de circulação que deveria ser utilizado.

Os modos de geração e de distribuição da eletricidade e do gás eram objeto de interesse, em virtude de sua crescente e indispensável necessidade de consumo nas cidades modernas, bem como as diferentes regras que permitem sua exploração, tanto do ponto de vista técnico quanto do ponto de vista econômico. Noções detalhadas eram dadas sobre a natureza dos diferentes fornecimentos de água, seu modo de captação e de tratamento; capítulos especiais tratavam das canalizações, das máquinas elevadoras e dos diferentes órgãos de distribuição.

Enfim, as conferências terminavam com o estudo dos meios de evacuação das águas usadas de toda natureza (sistema unitário, sistema separador, esgotos de diferentes seções) e pela apresentação dos diferentes modos de tratamento das águas do esgoto (distribuição, tratamento biológico, tratamento por iodo ativado). Além disso, indispensável assinalar que cada um dos problemas eram estudados não somente do ponto de vista teórico, mas sobretudo do ponto de vista prático e econômico, a fim de determinar em cada caso a solução que poderia melhor adaptar-se às circunstâncias.

O programa do curso de urbanismo no IUUP era compatível com as questões da época: cidades convulsionadas pela indústria e pelo pós-guerra, densidade populacional sem precedentes nas principais capitais europeias.

Segundo Lamas (2004, p. 231), inicialmente o urbanismo praticado pela escola francesa adquiriu

[...] uma autonomia em relação à arquitetura, embora conservando estreitas relações, quer pela importância do desenho urbano quer por ser obra de arquitectos, cuja formação académica provinda das *Beaux-Arts* não diferenciava, senão pela escala, a composição urbanística da composição arquitectónica.

Nas primeiras décadas do século XX existiu uma continuidade entre os processos da nova ciência, o urbanismo e as realizações anteriores do século XIX. Contudo, para Lamas (2004, p. 231), “[...] as cidades então planejadas não foram simples repetições das cidades oitocentistas”, uma vez que buscaram “[...] novas soluções espaciais [...] pela atenção ao conjunto de problemas urbanos e socioeconômicos”. Essas respostas às novas situações provocadas pela Primeira Grande Guerra e a ocupação de novos territórios em colônias francesas, apesar de manter as morfologias urbanas tradicionais, responderam às inovações de outros campos disciplinares que constituíam o urbanismo no seu nascimento. Não reduzindo a escola francesa a uma simples “aparência visual dos seus planos”, pois o urbanismo era “encarado como ciência”, Lamas (2004, p. 259) esclarece:

A escola francesa seria caracterizada pela utilização de traçados clássicos, de quadrículas, praças e perspectivas – trabalhadas em aquarelas e carvão, em impressionantes desenhos que fixavam o ordenamento visual. Estas características fariam do urbanismo um artigo de exportação, prestigiando a irradiação da cultura francesa.

A escola francesa discutia matérias pluridisciplinares, ocupando-se “[...] com o ‘ser’ (*l'être urbain*) que considerava distinto da forma – mas aceitava a ‘forma’ como produto final do urbanismo, privilegiando o desenho como método de trabalho” (LAMAS, 2004, p. 260).

O IUUP exportou urbanistas que elaboraram os planos de várias cidades do mundo, seja para novas cidades ou mesmo orientando intervenções nas colônias francesas, onde alguns dos professores do Instituto trabalharam difundindo os conceitos urbanísticos da escola formal.

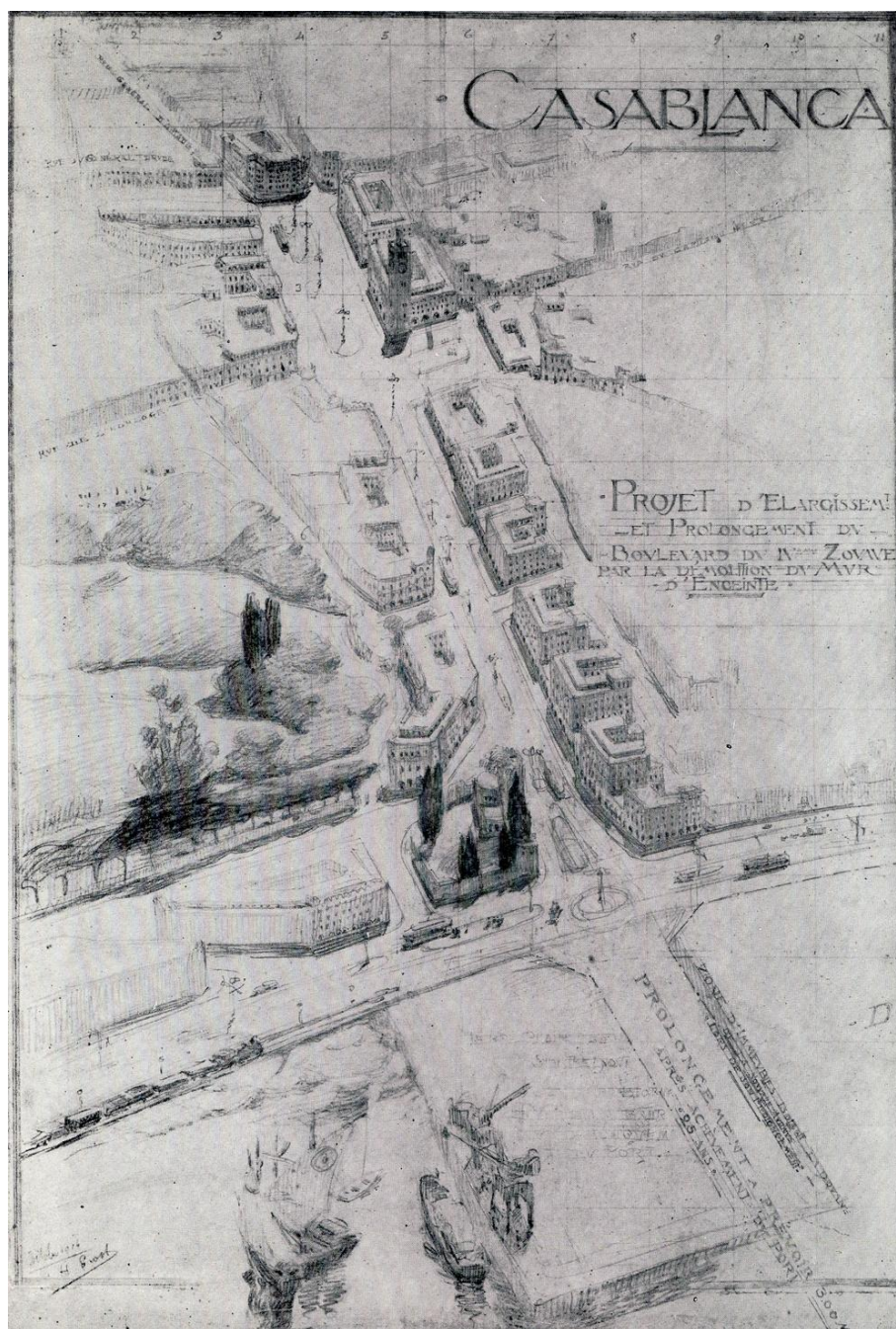


Figura 99- Projeto para Casablanca. Henri Prost (1915).
Fonte: <https://bertrandterlindeninarchitecture.wordpress.com>

4.3 CONSTRUINDO A TESE

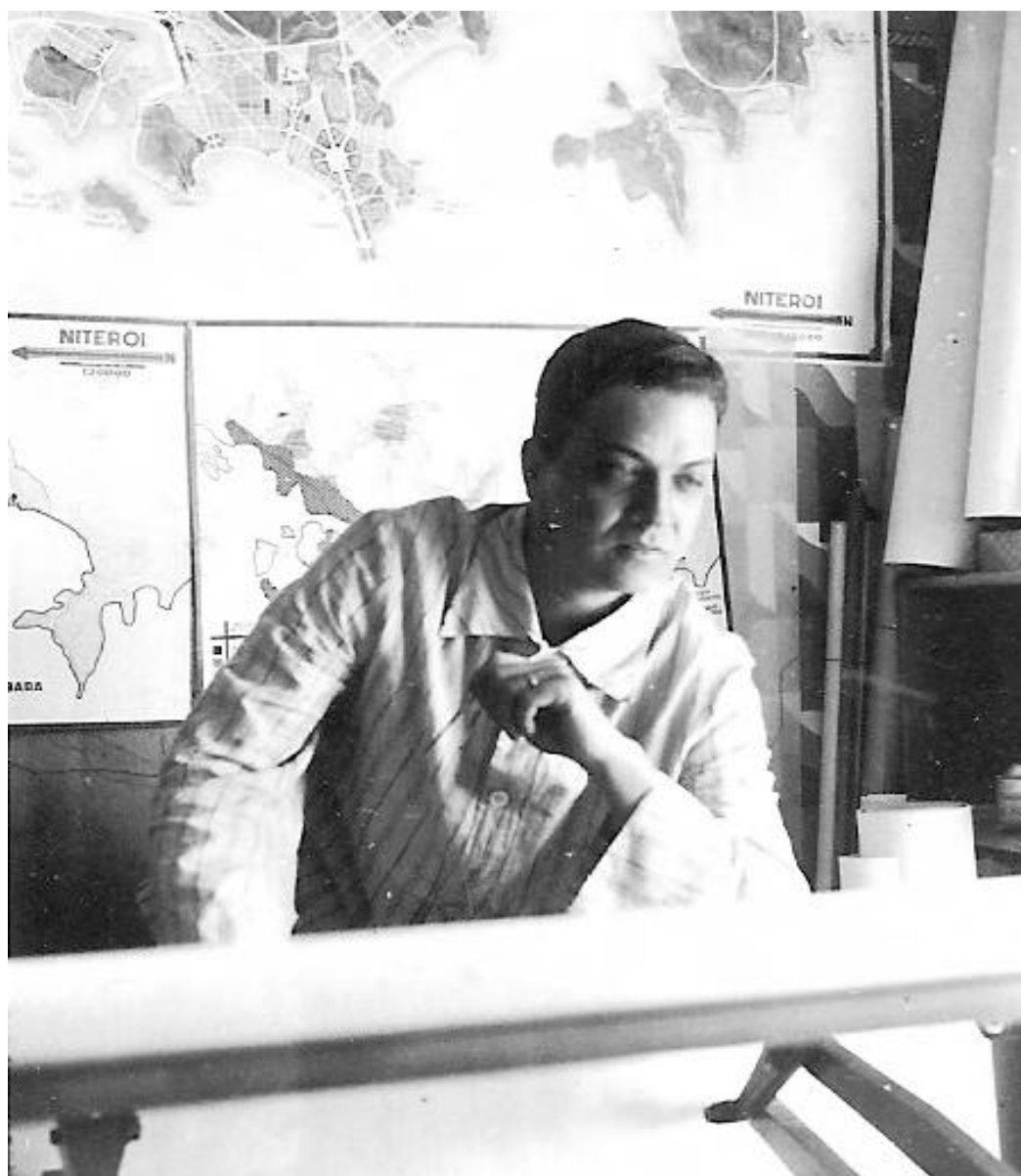


Figura 100 - Attilio C. Lima elaborando a tese sobre Niterói em Paris.
Fonte: Acervo da família Corrêa Lima.

Iniciando o curso no IUUP, logo Attilio C. Lima preocupou-se em definir o tema da tese que deveria desenvolver e solicita ajuda ao pai, levantando várias possibilidades. Em algumas correspondências ele citou a alternativa de estudar a nova capital do país em Goiás, mas temia pela falta de mapas e documentação. Cogitou vários lugares, mas sempre esperando resposta do pai sobre a escolha pretendida e assim explanou:

Paris, 12 de dezembro de 1927

Eu estou na dúvida, não sei o que faço a respeito da minha tese na Sorbonne. Um dos professores já pediu que cada um começasse a estudar o seu assunto. Eu não sei se faço o melhoramento do Rio, ou a Nova Capital em Goiás, que são coisas muito grandes, ou arranjo de uma cidade operária em Amorim no novo Aterro, ou em outro qualquer lugar em Jacarepaguá, etc., ou mesmo o arranjo de Santa Tereza. Papai bem podia ouvir do prefeito qual é o problema mais importante neste momento ou mesmo conversar com Agache que aí está. Eu creio que o caso de Amorim é bem interessante e prático, e foi sempre uma coisa que muito me preocupou desde quando morava em Ramos. O local é esplêndido para uma zona fabril ou operária, mas eu creio que já existe um arruamento aprovado. Aí na nossa terra se projeta logo o arruamento sem se cogitar de ver se a zona é boa para isto ou aquilo. Se o Agache aqui estivesse eu perguntaria a ele o assunto, porque ele deve conhecer bem o que tem mais de interessante. O Prefeito também poderá dar bons assuntos, e até poderá se interessar e fornecer a todos os documentos indispensáveis. Apesar de tudo isto, pode mandar os mapas que pedi. Ai a minha ajuda de custo!!!

Seu trabalho no ateliê de Agache levantou outra possibilidade para o tema da tese e então colocou a opção da Ilha do Governador:

Paris, 15 de janeiro de 1928.

Me agradou muito o que vi no ateliê do Agache, lá tive também o prazer de ver uma infinidade de mapas, plantas e relevos do Rio de Janeiro. Uma outra coisa que me acudiu a cabeça é de fazer o estudo da Ilha do Governador que já foi lembrado para ser o porto franco do Rio de Janeiro. Seria interessante estudar a questão do porto franco e a cidade futura que será a Ilha do Governador, pois ela tem uma área considerável [...].

Após a resposta do pai informando-o sobre a cidade de Niterói e o interesse de Pio Borges¹⁶⁵ no trabalho acadêmico de Attilio C. Lima, o arquiteto com firmeza definiu:

Paris, 19 de fevereiro de 1928

Querido Pai e querida Mãe

[...] Recebi há dias uma carta do Papai e um dia depois a carta registrada expressa. Muito surpreendido fiquei com a notícia a respeito de Niterói, pois eu já tinha pensado muito a esse respeito e estava quase decidido a estudar Niterói, de maneira que aquela carta veio somente para firmar a resolução. Se tem uma pessoa que se interessa como o Pio Borges, me facilitará muito. Eu estudei a questão, não como faz o Agache, aterrando parte da Lagoa Rodrigo de Freitas para fazer um Bois de Boulogne com lagos artificiais...!!! (estupendo!). Mas prevendo o futuro, quer dizer, transformar Niterói numa cidade satélite, de recreio e de caráter puramente residencial, pois mais cedo ou mais tarde terá que se mudar a capital para Goiás e

¹⁶⁵ José Pio Borges de Castro, engenheiro-militar e professor Catedrático da Escola Militar. Engenheiro-chefe da Seção de Terraplanagem e Construção em Niterói (1913-1914) e engenheiro do serviço de arrazamento do morro do Castelo (RJ). Duas vezes secretário de Agricultura e Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro.

neste caso o Rio de Janeiro passará a ser a capital do estado. É por isso que eu digo que terá para o futuro um caráter residencial [...].

Attilio C. Lima comparou a situação física de Niterói à de Manhattan:

[...] por outro lado, estamos na mesma situação que New York, que está em face de Manhattan. Quando depois de muito saturado New York lançou pelo fundo do mar sete linhas do Metropolitano. Manhattan, que era então como Niterói é hoje, ficou com desenvolvimento igual de centro comercial de New York. Naturalmente Niterói está nas mesmas condições que Manhattan, logo que for ligada ao Rio por uma linha submarina de Metrô, ela será como que o prolongamento do Rio, mas eu creio que será de caráter residencial, porque a cidade é muito acidentada [...].

Finalizando suas explicações iniciais sobre a ligação entre a cidade do Rio de Janeiro e Niterói como uma solução possível tecnicamente, o arquiteto apontou a travessia entre as duas cidades através das barcas, administrada pelo Visconde de Moraes,¹⁶⁶ como um meio ultrapassado, comparando-a à posição de Marianno Filho na direção da ENBA. E assim ironizou:

[...] essa ligação do Rio a Niterói não é coisa absurda não. Até o próprio Agache já previu isto. É preciso acabar com as barcas “coloniais”, pois o Visconde de Moraes é o “Marianno” da Viação. Vou mandar a lista dos dados necessários, pois em março de 1929 eu já devo entregar a tese ao Instituto, para ser defendida em julho [...].

Logo que estabeleceu seu tema de tese, solicitou vários mapas e documentos para seu pai:

Paris, 12 de fevereiro de 1928
De tudo aquilo que eu pedi a Papai aereamente, vão aqui já algumas especificadas: Carta do Distrito Federal (feita pelo serviço Geográfico Militar) na escala de 1:50.000 esta eu conheço porque tem no Agache. Outra que me interessava, mas que eu não sei em que escala existe, é a Carta do Estado do Rio de Janeiro (Militar também, pois são as únicas que existem e prestam). Outra coisa que eu queria é uma carta de Niterói e também queria saber se Papai tem boas relações no novo governo do Estado do Rio, para o caso em que eu peça algumas documentações sobre Niterói.
Outra coisa são os volumes relativos ao recenseamento que se encontra na repartição de estatística. Essas coisas Papai poderá mandar algum empregado da Escola fazer. E depois mandar por qualquer um dos Prêmios de Viagem [...].

¹⁶⁶ Da fusão da Companhia das Barcas Ferry com a Empresa de Obras Públicas do Brasil, organizou-se, em outubro de 1889, a Companhia Cantareira e Viação Fluminense, que passou a explorar o abastecimento d'água de Niterói, o serviço de bondes na mesma cidade (tração animal) e a navegação a vapor entre o Rio de Janeiro e a capital fluminense. O Visconde de Moraes administrou a Companhia Cantareira nos primeiras décadas do século XX.

Ansioso para iniciar os estudos sobre Niterói, Attilio C. Lima fez outras encomendas de livros e publicações a respeito da evolução histórica da cidade:

Paris, 26 de fevereiro de 1928

Querido Pai e querida Mãe.

Apesar de ainda faltar um mês para começar a primavera, já os dias aqui são bonitos, e não faz mais frio. Hoje por exemplo foi um dia de sol lindo, até parecia o Rio de Janeiro! Mas não temos aproveitado, porque tenho ficado em casa para fazer os trabalhos que Papai me pede, para a Escola.

Eu já estou ansioso à espera do que Papai me prometeu sobre Niterói, pois preciso começar a estudar, desde já. E preciso também ver o que vão me mandar, para pedir os documentos que faltar. A par disso tudo eu tenho uma série de encomendas para Papai. Uma é um estudo do engenheiro Saturnino de Britto, intitulado: "*Etude sanitaire de places de Ville*". Outra é cronografia do Distrito Federal, de Delgado de Carvalho. E a "História da cidade do Rio de Janeiro" de Delgado de Carvalho. Este último é muito interessante, porque se pode acompanhar a evolução da cidade. Se Papai encontrasse, nesse mesmo gênero, qualquer coisa sobre Niterói seria muito útil para mim, porque eu preciso saber como ela nasceu, e como se desenvolveu, para com os documentos que mostram o que ela é hoje, poder estudar o desenvolvimento futuro.

Eu de Niterói só sei que é a terra do Arariboia, e mais nada. Esses livros Papai mandará pelo prêmio de Viagem que vier primeiro [...].

Após receber as primeiras plantas da cidade de Niterói, o arquiteto reclamou a falta de legibilidade do material e especulou sobre outros mapas que poderiam existir:

Paris, 18 de setembro de 1928

Quanto aos meus negócios de Niterói, eu bem sei que é impossível obter tudo, mas há muita coisa que com boa vontade é possível arranjar, como horários de bondes e barcas, e movimento de passageiros, porque isso a Companhia tem na certa. Fotografias? Será que também não existiam? Será que não existe uma outra planta da cidade embora muito antiga? Porque aquela que Papai mandou só vê bem se for decalcada sobre outra. O Pio Borges construiu o novo cais e para semelhante construção era necessária uma planta muito exata, mas como esta planta não existe, forçosamente, ele mandou fazer o levantamento de toda aquela região. Não era possível ele fazer o cais sem ter o levantamento, a não ser que ele faz engenharia de Jeca-Tatu. Portanto, ao menos daquela zona aterrada ele terá alguma coisa. E assim como essa, muitas outras coisas com boa vontade eles poderão arranjar. Prometo 10 por cento dos lucros de quando eu fizer Niterói, que todos arranjarão! [...].

Quando finalmente recebeu sua encomenda dos mapas, Attilio C. Lima trabalhou na reprodução das plantas de Niterói:

Paris, 1º de novembro de 1928.

Sobre Niterói eu estou sempre trabalhando, já consegui reproduzir a planta de Niterói em 3 escalas diferentes: 1 para 10.000, 1 para 20.000 e 1 para 40.000.

Aquelas folhas soltas do livro do recenseamento sobre a indústria do Estado do Rio está incompleta. Se foi papai que rasgou dos livros vê se pode mandar o resto. Quanto às fotografias de avião só é possível obter na aviação naval ou militar. Lembranças a todos, e muitos beijos e abraços do filho. Attilio.

Os pedidos de material para sua tese foram constantes e Attilio C. Lima contou com ajuda de seus colegas, principalmente de Paulo Antunes Ribeiro, que sempre nas férias acadêmicas retornava ao Brasil e assim trazia suas encomendas:

Paris, 8 de novembro de 1928.

[...] quanto a papai peço entregar ao Paulinho os livros de estatística cuja lista segue abaixo, pois o Paulinho deixou os dele comigo, que são População do Brasil por estado; População do Rio de Janeiro, Distrito Federal – agricultura e indústrias do Brasil; Estatística predial e domiciliar no Distrito Federal e o volume de introdução que é sobre a geologia, a fauna e a flora do Brasil. Se papai tiver outras a não ser essas, poderá depois mandá-los.

Quanto ao mais o Paulinho pessoalmente contará mais detalhadamente a nossa vida aqui. Muitos beijos e abraços do Attilio.

Mesmo com parte do material solicitado em mãos, o arquiteto expôs as dificuldades em desenvolver um trabalho de tese cujo objeto estava distante, demandando levantamentos e conhecimentos de dados que apareceram à medida que a pesquisa aprofundava-se:

Paris, 20 de novembro de 1928

Sobre Niterói eu já fiz o que pude, mas por qualquer lado que eu começo sempre esbarro com uma dificuldade por falta de um documento, às vezes tão insignificante como, por exemplo, a divisão administrativa do Município, que impossibilita de saber a densidade de população por distrito, que é um dos elementos essenciais. Bem como as plantas que possuo de Niterói só trazem o centro urbano, quando por um pouco mais eles podiam representar todo o município de Niterói que não é grande. Como se pode prever a “extensão” da cidade sem conhecer seu terreno? E prever a extensão é o principal problema a resolver. Talvez que tudo isso se resolvesse com fotografias panorâmicas ou aéreas [...].

Em função das dificuldades financeiras, Attilio C. Lima apontou a demora em desenvolver a tese a contento, uma vez que:

[...] aqui qualquer coisa que preciso, é preciso sempre deixar para o mês seguinte, porque o regime aqui é assim: se este mês eu compro um livro, só poderei comprar outro no mês seguinte, e se porventura no mês seguinte o sapato furar, só poderei comprar o livro dois meses depois. E assim é tudo mais, o que quer dizer que tudo que podia ser feito em um ano será feito em três [...].¹⁶⁷

¹⁶⁷ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 20 de novembro de 1928.

Com a falta de mapas e plantas atualizadas de Niterói, Attilio C. Lima especulou a chance de obter dados através de fotografias e também incumbiu sua mãe a tarefa de encontrá-las:

Paris, 4 de dezembro de 1928.

Queridos pais,

A vida aqui continua no mesmo. Nenhuma novidade. Estou agora parado a ver se me vem alguma coisa a mais que me possa auxiliar. Uma coisa que papai poderá pedir é uma cópia da carta de Niterói cuja fotografia tem em um livro do porto de Niterói, carta essa que tem o pomposo título de: *Planta de conjunto dos embelezamentos projetados e em execução durante a administração* do excelentíssimo (etc.) Feliciano Sodré, comemorativa do primeiro aniversário da comissão de saneamento da enseada de São Lourenço. Outra coisa que muito me adiantará e que está a cargo de mamãe são fotografias, qualquer que seja, já uma servirá. Se fosse possível ao menos uma coleção como aquela que mamãe mandou do Rio. Já servia muito [...]. (Grifo nosso).

Com o trabalho de tese em andamento, o arquiteto levantou duas hipóteses sobre a ligação das cidades do Rio de Janeiro e Niterói e pediu que seu pai consultasse um de seus professores, Fellipe dos Reis:

[...] outra coisa que eu queria era que papai perguntasse ao Fellipe dos Reis o seguinte: de qualquer maneira para o futuro terá que se fazer uma ligação direta do Rio a Niterói e eu queria a opinião de um técnico especializado a propósito das duas soluções possíveis. Um túnel por baixo da baía ou uma ponte. Se for o túnel, perguntar se é viável um túnel à semelhança do que foi inaugurado recentemente com 3 km de comprimento ligando Nova York a Nova Jersey sobre o Rio Hudson. Se for uma ponte, qual o sistema de construção a empregar? E qual o sistema aconselhável para dar passagem aos navios que demandam ao porto. Eu quero saber qual dos dois é mais aconselhável: econômica e tecnicamente? Se ele puder dar uma resposta por escrito ainda será melhor [...].

O arquiteto contou com a dedicação do pai para pesquisar e enviar toda documentação que pedia, mas nem sempre as respostas vinham no tempo desejado e as listas eram extensas:

[...] eu só quero que me mande as encomendas que faço. Desta vez, por exemplo, vai uma lista bem regular. Papai deve procurar numa biblioteca e ver se vale à pena comprar. O livro do Backeuser me interessa muito. A *Revista do Instituto Histórico*, Papai procurará o índice geral publicado em 1897 e verá se foi publicada alguma coisa sob os títulos: Niterói, Maricá, São Gonçalo, Vila Real da Praia Grande, ou mesmo sobre os seguintes personagens: Arariboia, Pedro Martins Namorado, José Adorno, D. Antonio Marins, Braz de Pinna, que tiveram doações de terras após a fundação do Rio de Janeiro. E também o Marquez do Lavradio reformou Grogotá e Boa Viagem em 1769. O Intendente da Polícia: Paulo Fernandes Vianna fez melhoramentos e construiu a estrada Niterói-Maricá em 1811.

Assim poderei indiretamente colher dados para ajuizar e escrever com alguma base a evolução da cidade, quais foram os fatores sociais ou geográficos, políticos, etc. que determinaram seu desenvolvimento, isto é de suma importância.

Talvez Papai conseguisse no Instituto Histórico, com alguns dos membros, informações que pudessem orientar [...]. (Grifo nosso).¹⁶⁸

Recebendo parte do material histórico sobre Niterói, Attilio C. Lima descreveu alguns dados referentes à origem da cidade, mas também levantou algumas dúvidas:

Paris, 16 de janeiro de 1929

Queridos Pais,

Hoje a maior novidade que tenho a contar, que caiu uma grande chuva de neve, e assim pela primeira vez vimos a neve de verdade. Mas durou pouco, não chegou a ficar uns dois dedos de altura.

Na outra carta já disse que recebi todos os livros direitos, e não paguei nada de extraordinário como pensavam. Veio um volume de estatística, a Indústria do Distrito Federal, que muito útil, mas não interessa para o caso de Niterói. Eu não sei se já disse que em Niterói tem um Instituto Histórico e Geográfico; creio que lá se poderá obter alguma informação sobre a fundação de Niterói. Estou na dúvida, pois não sei se a cidade nasceu em S. Lourenço como “rezam as crônicas”, pois pela carta parece que S. Domingos é que é o ponto de partida. Ou talvez nasceram diferentes núcleos mais ou menos na mesma época? São estes pontos que precisam ser esclarecidos, para evitar que um fluminense apaixonado, mais tarde, venha a me chamar de burro. Além disso, Niterói, depois da fundação até a chegada de D. João VI, é completamente desconhecida. Nunca vi nem de leve qualquer toque a esse respeito. A única coisa que sei é que o Marquês do Lavradio “mandou fazer uns reparos na fonte de Grogotá” e mais nada.

Só em 1819 que vamos encontrar qualquer coisa a respeito. E em 1839 segundo aquela carta que me mandaram a cidade já tinha quase o mesmo desenvolvimento de hoje! Outra coisa que me parece útil é o livro do Backheuser que já falei noutra carta; “A faixa litorânea do Brasil Meridional”. Se não for muito volumoso. Não compre sem verificar se pode me interessar. É um estudo Geológico e Geográfico da região, abrangendo Niterói [...].

Preocupado com a fidelidade dos dados históricos da origem da cidade de Niterói, Attilio C. Lima especulou e conclui sobre alguns fatos:

Paris, 14 de fevereiro de 1929.

Queridos pais,

[...] A documentação histórica serve para se deduzir certos fenômenos urbanos como, por exemplo, saber por que existe uma concentração de indústrias de estaleiros navais na ponta da Armação e pelas ilhas adjacentes. Por que se concentram nesta região? É a história que vai nos esclarecer contando que em 1583, em vista da abundância de baleias existentes da Guanabara, o rico negociante traje fina (o mesmo que deu nome à estação, pois aquelas terras lhe pertenceram, obteve privilégio para uma armação para pesca da baleia na ponta de São Lourenço, hoje ponta da Armação). Com a abolição do privilégio mais tarde outros naturalmente se

¹⁶⁸ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 28 de dezembro de 1928.

estabeleceram nas proximidades. No meados do século XVIII quando as baleias desapareceram por completo essas armações passaram a ser provavelmente construções de barcos unicamente, com o progresso hoje chegou a ser o local de maior importância para construção de navios. Outro exemplo: O que o Arariboia fundou a cidade de São Lourenço e não em São Domingos, que era o ponto de desembarque preferido, dadas as condições do litoral? Esta questão, por exemplo, não me auxiliou em nada a história. Nenhum dos documentos que tenho fala nisso, o resultado é que eu tiro conclusões minhas, nesse caso, por exemplo: eu concluí que a razão da escolha do local fosse a proximidade da foz do rio de Incensa à direita e à esquerda um riacho cujo nome não sei e hoje creio que secou ou canalizaram que desaguava no fundo da Baía de São Lourenço. E assim por diante. Ora, à falta de provas comprobatórias eu posso tirar alguma conclusão errada, e nesse caso mais tarde me meterem o pau.

O arquiteto achou muito importante obter mais mapas da cidade para prever sua extensão. Também correlacionou alguns bairros de Niterói e do Rio de Janeiro:

Paris 16 de fevereiro de 1929.

[...] Continuando com o mesmo assunto eu queria chegar à conclusão que a documentação técnica me será mais proveitosa. Assim, quanto ao centro de Niterói e no seu porto eu já tenho mais que o suficiente. Falta-me somente o que ainda seria mais útil, são cartas (ou fotografias aéreas) das regiões circunvizinhas ainda inabitadas para prever a extensão futura da cidade, pois isto é o mais interessante e tem muito mais valor que o conserto daquilo que já existe. Sobre este assunto o Paulinho me escreveu dizendo que tinha encomendado na Escola Naval diversas fotografias, mas nunca mais me falou sobre o caso. Eu creio que em outras cartas já contei que Niterói tem um praia fora da Barra maior que Copacabana ao lado de uma belíssima lagoa. Essa praia fica distante do centro de Niterói, 2/3 da distância que fica Copacabana da avenida, portanto, de um futuro “risonho”. Mas como pensar nisso se não tenho nada que me oriente a esse propósito. O recurso será fotografias aéreas da Escola Naval e papai lembrará isso ao Paulinho. Outro ponto fraco é São Gonçalo! Respeitando as devidas proporções São Gonçalo está para Niterói assim como os subúrbios da Central Leopoldina para o Rio [...].

Quanto às soluções para as áreas livres, como as praças, o arquiteto é categórico e criticou os projetos de Agache:

Ora, eu não quero absolutamente fazer obra “Agachiana” porque para isso eu não precisaria estar estudando urbanismo, quando saí da escola estava perfeitamente apto a fazer *praças monumentais* ainda maiores e mais bonitas do que o *Agache!* (pelo menos não seriam tortinhas e com contas de chegada) [...]. (Grifo do autor).

Finalmente Attilio C. Lima recebeu os últimos documentos para desenvolver sua tese:

Paris, 1 de março de 1930

Queridos Pais

Recebi ontem o célebre esgoto de Niterói, e penso ter fechado aqui o ciclo de amolações. A planta geral dos esgotos é a coisa que mais me interessa, quanto aos detalhes das elevatórias, francamente eu não entendo nada. Eu estava ansioso para saber qual o tratamento que davam aos detritos, pois o tal chefe tinha dito ao Lucas que o sistema adotado para Niterói era uma novidade sensacional. Qual não foi minha surpresa em ler nas plantas que: “os detritos são lançados ao mar em natura”! Não vejo aí nenhum sistema novo, mas em todo caso podia ser pior: podia ser ainda o sistema de barricas na cabeça de negros.

Outra coisa que recebi foi um código de posturas, o qual Papai diz ter custado muito a conseguir, mas onde é que Papai está com a cabeça? Este já é o segundo que ele me manda. Papai deve tomar nota de tudo para não estar perdendo tempo [...].

O trabalho-tese do arquiteto Attilio C. Lima está inserido no contexto daqueles defendidos no IUUP caracterizados por temas de domínio dos estudantes no que se refere às análises e proposições de locais, cidades e regiões de suas origens.

As informações solicitadas por Attilio Corrêa Lima ao pai são indicativas de como o urbanismo aos poucos assumia uma conotação científica mais do que artística. Os documentos técnicos considerados indispensáveis para as proposições do plano para Niterói testemunham a complexidade com que a disciplina nascente assumia seu objeto de estudo. As fotografias aéreas, o relevo, a história do assentamento urbano, os raios de suas abrangências, suas atividades econômicas, as possibilidades técnicas elencadas, tudo isso é sintetizado no trabalho de conclusão de graduação do urbanista.

4.3.1 Alunos e teses

Nas pesquisas realizadas nos *fonds historique* do IUUP, entre 2011 e 2013, foram encontrados documentos, livros em prateleiras e caixas sem catalogação. Esse fundo documental iniciou-se no IHGEU (Instituto de História, de Geografia e de Economia Urbanas da Cidade de Paris), como afirmado em um dos folhetos de divulgação do curso em 1925:

[...] o Instituto de Urbanismo trabalha para constituir um fundo documental de referência sobre o urbanismo: a coleta sistemática de trabalhos que comprovam os saberes e as práticas neste campo é fundamental tanto para a estruturação desta nova ciência quanto para seu ensino. Este empreendimento não faz mais que retomar a iniciativa engajada por Marcel Poëte, que tinha começado este importante trabalho de verificação das publicações sobre as cidades no seio do Instituto de História, de Geografia e de Economia Urbanas da Cidade de Paris. (IUUP, 1925, p. 62).

Inicialmente o material era organizado e catalogado, trabalhos e revistas eram adquiridos e todos os anos meticulosamente inventariados em catálogos bibliográficos de acordo com o tamanho da obra. A aquisição de revistas comprova também a diversidade do acervo: “[...] revistas francesas, notadamente com *Urbanisme*, vinculada em vários pontos com a equipe do Instituto, como também as revistas estrangeiras” (IUUP, 1925, p. 62).

No meio do material sem qualquer sistematização, a pesquisa nos diversos registros de alunos, fichas de inscrições, registros das aulas, diplomas e teses foi realizada de forma aleatória, vasculhando tudo que se encontrava. Caixas com o histórico escolar dos alunos (Figura 97) foram verificadas. As fichas contêm o período de ingresso no Instituto, nome, sobrenome, nacionalidade, data de nascimento, a naturalidade, endereço de residência, titulação, a assinatura do estudante, registros de pagamentos realizados com datas das matrículas de cada período. No verso das fichas constavam as avaliações das disciplinas nos dois anos de curso, a data de entrega do projeto de tese, as datas de defesa e diplomação.

Na caixa das fichas dos históricos dos alunos dos anos de 1920 a 1930, achou-se o registro do arquiteto brasileiro Paulo Antunes Ribeiro (Figuras 101, 102 e 103), porém não foi encontrada a ficha de Attilio C. Lima. Acredita-se que em decorrência de várias mudanças de

endereço do IUUP muito dos documentos do acervo foi perdido, agravando-se ainda pela falta de controle do acesso à documentação, pois não há bibliotecários ou funcionários no local.¹⁶⁹



Antunes Ribeiro.		
Inscription Année scolaire 192 -192		
à l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris		
Nom : <u>Antunes Ribeiro.</u>		
et prénoms : <u>Paulo</u>		
Nationalité : <u>Breuilienne</u>		
Date : <u>1^{er} Septembre de 1905</u>		
et lieu de naissance : <u>Rio de Janeiro</u>		
Données de l'étudiant : <u>Antunes Ribeiro</u>		
332 8^{me} RASPAIL		
Titres ou grades : <u>Ingénieur architecte</u>		
Inscription en 1 ^{re} année		Inscription en 2 ^e année
<u>1927-1928</u>		<u>1928-1929 par C/O</u>
Depuis quand l'étudiant réside-t-il dans le département de la Seine?		
Signature de l'étudiant : <u>Paulo Antunes Ribeiro.</u>		
VERSEMENT		
N° du Bulletin	Date	N° Quittance
<u>5-11</u>	<u>3 Octobre 1927</u>	<u>719</u>
<u>619</u>	<u>26</u>	<u>721</u>
<u>961</u>	<u>3 Septembre 1928</u>	<u>867</u>
<u>960</u>	<u>5 Septembre 1929</u>	<u>968</u>
OBSERVATIONS		

1 ^{re} ANNÉE	
Date examen cours fondamentaux :	<u>28 Juin 1927</u>
Date examen cours annexes :	<u>27 Juin 1928 et 3 Juin 1929</u>
2 ^e ANNÉE	
Date examen cours fondamentaux :	<u>28 Juin 1929</u>
Date examen cours annexes :	<u>27 Juin 1929</u>
Projet déposé le	_____
Mémoire déposé le	_____
Soutenance	_____
Diplôme délivré le	_____

Figuras 101, 102 e 103 - Figura 101: caixa com fichas de registros dos históricos dos alunos do IUUP de 1920 a 1930; Figuras 102 e 103: ficha do aluno Paulo Antunes Ribeiro.

Foto: Anamaria Diniz.

¹⁶⁹ De 1919 a 2015 o EHEU, depois o IUUP, e ainda o IUP após sua afiliação à Universidade de Paris 12 em 1972, ocupou oito endereços diferentes: de 1919 a 1924 na Rue Sévigné, de 1924 a 1933 na Sorbonne em Paris 5, de 1933 a 1968 no Institut d'Art et d'Archéologie em Paris 6, de 1969 a 1972 na Université Dauphine em Paris 16, de 1972 a 2000 na Université Paris 12 Créteil, de 2000 a 2005 em Quartier de l'Echat (La Pyramide), de 2005 a 2014 na Rue Poëte et Sellier em Mail-des Mèches, Créteil, e atualmente depois da fusão com o Instituto Francês de Urbanismo –IFU–, o Instituto de Urbanismo de Paris – IUP – passou a ser nomeado Escola de Urbanismo de Paris,

Carrasco (2009), em seu trabalho de pesquisa realiza uma análise detalhada do perfil dos alunos e as teses defendidas no IUUP entre 1922 e 1937.¹⁷⁰ Segundo o pesquisador, a partir do registro de diplomados foi possível apontar a naturalidade dos estudantes do Instituto, tratando-se

[...] de duas categorias diferentes, a nacionalidade implicando o pertencimento a “uma comunidade territorial, de língua, de tradição, de aspirações”, mas que não implica necessária ou obrigatoriamente o fato de se ter nascido neste território; a naturalidade implicando uma origem geográfica. (CARRASCO, 2009).¹⁷¹

Para Carrasco (2009, p. 45), ambas contribuem na compreensão da escolha de um terreno de trabalho no decorrer da tese, assim, “[...] os alunos de origem francesa estudam a França e os alunos estrangeiros se dão por objeto de estudo seus países ou a cidade em que nasceram”.

O continente com a maior representação é a Europa, com 76% dos estudantes. Em seguida vêm a Ásia, com 12%, a América, com 7,3 % e finalmente a África, com 4,7%. Do ponto de vista dos países representados, a França permanece de longe o país com o maior número de estudantes que defenderam tese. Carrasco (2009, p. 47) aponta que a porcentagem de trabalhos defendidos entre alunos franceses era baixa, se “[...] levarmos em conta o fato de que a EHEU e o IUUP foram criados justamente para acolher uma população francesa”.

O pesquisador destaca que 42% dos estudantes que defenderam tese de 1922 a 1937 nasceram no exterior e a partir desse dado indaga:

[...] a questão que se coloca é de saber até que ponto estes estudantes foram tocados pelo ensino e se propuseram ou foram enviados em missão para introduzir o urbanismo em seus países, ou então se, já na França, eles buscaram encontrar um lugar no mercado de trabalho da demanda de urbanismo. Mesmo que não se possa responder a estas questões, podemos notar [...] que uma parte dos estudantes provém de países não industrializados, e, no caso contrário, os países industrializados tais como a Inglaterra e a Alemanha não são representados e os Estados Unidos e a Itália sub-representados. A Bélgica e a Holanda permanecem as exceções, com três estudantes e um estudante tendo defendido uma tese respectivamente. Além disso, vários são os países assinalados como já possuidores não somente de um ensino em urbanismo, mas também de uma literatura sobre a higiene e o urbanismo. (CARRASCO, 2009, p. 53).

¹⁷⁰ Recorte temporal que interessa analisar por tratar-se do período que Atílio C. Lima frequentou o IUUP.

¹⁷¹ Tradução de Ana Cláudia Rodvalho.

Dos cento e cinquenta alunos que defenderam tese no período entre 1922 e 1937, oitenta e sete eram franceses, correspondendo a 58% do total de estudantes, dez eram romenos (6,7%), oito eram chineses (5,3%) e seis eram egípcios (4%). Menos importante é a representação dos estudantes provenientes da Palestina, atual Israel, com três estudantes, da Colômbia, com quatro estudantes, da Bélgica, com três estudantes, e a Iugoslávia, com quatro estudantes, dos quais três originários da atual Sérvia e um da atual Bosnia-Herzegovina. Um último grupo está representado pelos estudantes de origens diversas. Neste último grupo, a Turquia, a Argentina e a Polônia são representadas por dois estudantes, enquanto o resto lista apenas um estudante, é o caso do Brasil, do qual Attilio Corrêa Lima é o único representante.

A diversidade de nacionalidades dos estudantes do IUUP é confirmada quando se analisa a lista da turma do primeiro ano de 1927-1928 da qual Attilio C. Lima faz parte. Dos sessenta e quatro estudantes inscritos, vinte e seis eram franceses, sete chineses, quatro palestinos, quatro poloneses, quatro brasileiros, três romenos, dois colombianos e têm-se ainda estudantes oriundos da Grécia, do Egito, do Equador, da Colômbia, da Bulgária, da Rússia, entre outros (Figuras 104 e 105).

UNIVERSITÉ DE PARIS
INSTITUT D'URBANISME

LISTE DES ÉTUDIANTS 1ère ANNEE D'URBANISME INSTITUT (1927-1928)

ANAMARIA 17

NOMS	PRENOMS	NATIONALITE.
Anastasiadis	Panayottis	Ottomane
<u>Azevedo</u>	<u>Washington</u>	<u>Brésilienne</u>
Belaïnek	Georges	Ethiopienne
Bouchet	Henri	Française
Calsot	André	Française
Chen	Idoh	Française
Chen	Feng Cheng	Chinoise
Cohen	Trich	Chinoise
Colin	Anais	Palestinienne
Comandré	Patrice	Française
Corbie	Geoy	Française
<u>Corrêa Lima</u>	<u>Attilio</u>	<u>Français</u>
<u>Da Costa</u>	<u>Claude</u>	<u>Brésilien</u>
Démaret	Jean	Brésilien
Dialeon	Teufic	Française
Dub	Leon	Syrien
Enakak	Jeseph	Polonaise
Frager	Henri	Egyptienne
Ghendrieh	Alexandre	Française
Gilles	Robert	Roumaine
Gogobriandé	Jean	Française
Corodocki	Stomilas	Georgien
Gremeret	Maurice	Idthunien
Guerbigny	Georges	Français
Hofer	Ferdinand	Français
Jalbeau	Louis	Roumaine
Joresco	Rianna	Estonien
Karu	Fahann	Polonaise
Koolikowski	Walter	Française
Lebrousse	Maurice	Française
Lembrin	Eguy	Française
Leason	Charles	Française
Li	Shao Han	Chinoise
Mabarsou	Paul	Française
Methelin	Daniel	Française
Osman	Abdul	Egyptien
Ostrow	Abraham	Polonais
Pallares	Cyristotil	Quartorien
Papandou	Georges	Grec
Pasquier	Henri	Française
Passeau	Loïen	Française
Fréquille	Henri	Française
Radomovitch	Michailo	Russe
Reyas	Evero	Colombien
<u>Rinnes</u>	<u>Pauls</u>	<u>Brésilienne</u>
Riset	Jacques	Française
Rebert	Elvire	Française
Remneoff	Sira	Palestinienne
Remnoff	Maximilien	Palestinienne
Rettor	Dumtru	Française
Roussel	Fernand	Française
Song	Son	Chinoise
Soss	Toussi	Libanaise
Thong	Aoon	Chinoise

373

Figura 104— Lista de alunos do primeiro ano do curso de Urbanismo do IUUP de 1927-1928.

Foto: Anamaria Diniz.

	NOMS	PRENOMS	NATIONALITE
	Janusz	Tlomakowski	Polonais
	Toneff	Labain	Bulgare
	Vaysse	Henri	Française
	Velasco	Hermando	Colombienne
	Vignier	Pierre	Française
	Wé	Pin Tsun	Chinoise
	Yan Zeck	Zeck ^{Ming}	Chinoise
	Yarnola	Baril	Russe
TOTAL GENERAL: dont	26	FRANCAIS	
64	1	OTTOMANE	
	4	<u>BRETELLIENS</u>	
	1	ESTHILOPTENNE	
	4	PALESTINIENS	
	7	CHINOISES	
	1	SYRIEN	
	4	POLONAIS	
	2	EGYPTIENNES	
	3	ROUMAINES	
	1	GEROGIEN	
	1	LITHUNIEN	
	1	ESSONIEN	
	1	EQUATONIEN	
	1	GREC	
	1	SERBE S.H.S.	
	2	COLOMBIE	
	1	ALBANAISE	
	1	BULGARE	
	1	RUSSE	

Figura 105 - Lista de alunos do primeiro ano do curso de Urbanismo do IUUP de 1927-1928.

Foto: Anamaria Diniz.

Carrasco (2009) listou as teses defendidas no IUUP no período definido pelos anos de 1921 e 1941 (Anexo B). Além do nome, sobrenome, orientador, há o título dos trabalhos e o número de registro. Do grupo de brasileiros que estudaram urbanismo no IUUP, somente Attilio C. Lima defendeu tese. Constatamos também que outros brasileiros frequentaram o IUUP, cursando as disciplinas, porém até o início dos anos 1950 o único a concluir sua formação foi Attilio C. Lima.

Segundo a análise de Carrasco (2009), do ponto de vista estatístico dos objetivos principais das teses, das cento e cinquenta teses defendidas, quarenta e cinco trabalhos tratam de um projeto, ou seja, projeto de cidade, projeto de planejamento ou um projeto regulamentador (correspondendo a 30%); quarenta e duas dedicavam-se à evolução de uma cidade, ou seja,

28% dos exercícios; cinquenta e quatro trabalhos referiam-se a outro tema, ou 36% dos exercícios; e nove teses, ou 6% dos trabalhos analisados, não foram encontradas.

A única sessão organizada e catalogada dos *fonds historique* é a das teses defendidas. Elas estão numeradas, respeitando uma sequência cronológica de defesa (Figura 106). A tese de Attilio C. Lima é a de número 50. Analisando todo material pesquisado, inclusive arquivos de matrícula de alunos das décadas de 1940, 1950 e 1960, nenhum outro aluno brasileiro, apesar de cursar as disciplinas no IUUP, defendeu tese. Confirmando que, por muito tempo, Attilio C. Lima além de um urbanista pioneiro, foi uma exceção.



Figura 106 - Sessão das teses no *fonds historique* do IUP.

Foto: Anamaria Diniz.

4.3.2 O orientador Henri Prost



Figura 107 – Henri Prost orientador de Attilio C. Lima.
Fonte: <https://bertrandterlindeninarchitecture.wordpress.com>.

Henri Prost (Saint-Denis, 1874 – Paris, 1959) foi o orientador da tese de Attilio C. Lima no IUUP. Arquiteto formado pela École Spéciale d'Architecture e pela École des Beaux-Arts, foi vencedor do Grande Prêmio de Arquitetura de Roma em 1902.

O general francês Hubert Lyautey em 1913 convidou Prost para trabalhar em várias cidades marroquinas, entre elas Casablanca, Fez, Marrakech, Rabat, além dos projetos em Argel e Istambul. O urbanista também realizou planos para a Costa de Varoise (1922) e para a região de Paris.

Frey (2004) em suas pesquisas afirma que “[...] os planos urbanísticos de Prost realizados nas colônias, em especial no Marrocos, caracterizavam-se por uma abordagem indissociável da arquitetura, possibilitando a construção de uma paisagem urbana controlada em seus menores detalhes” (apud PEIXOTO, 2010).

Henri Prost, segundo Frey, respondeu com seus planos de intervenção às expectativas de um poder político centralizador nas colônias francesas, projetando *villes nouvelles* segundo as abordagens do urbanismo preconizadas no IUUP. A atenção às pré-existências era cuidadosa, todavia, não foi suficiente para evitar “[...] um *habitat* fragmentado entre um patrimônio levado em consideração, mas posto um pouco a distância de uma modernidade colonial preferencialmente reservada a uma minoria de privilegiados” (apud PEIXOTO, 2010).

O urbanista também elaborou edifícios com características arquitetônicas franco-marroquinas que delineavam os espaços urbanos de forma monumental. Os alinhamentos das construções, o uso da topografia como recurso para destacar as perspectivas, pontuadas por jardins, o parcelamento e organização dos quarteirões, “segundo uma estética controlada por arquitetos”, reforçavam uma arquitetura associada às soluções urbanísticas, ao modo da tradição da École des Beaux-Arts.

Frey afirmou que, entre seus alunos, os mais conhecidos em virtude da proximidade direta com ele, em função de suas diplomações, eram André Gutton, Jean Lebreton e o brasileiro Attilio Corrêa Lima. A influência do professor e orientador Henri Prost na tese de Attilio C. Lima é expressiva, tal qual Agache para os Planos do Rio de Janeiro. Os três profissionais reproduziram sobre os territórios os paradigmas da escola francesa de urbanismo: as avenidas que convergem para um Centro Cívico, administrativo, a avenida monumental ligando o Centro Cívico ao Portal da Cidade, as praças rotatórias como subcentros, o zoneamento, as áreas verdes como cinturões. Esses mesmos conceitos estariam presentes no planejamento da nova capital de Goiás realizada pelo jovem urbanista brasileiro no início dos anos 1930.

4.3.3 Avant-Projet D'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil

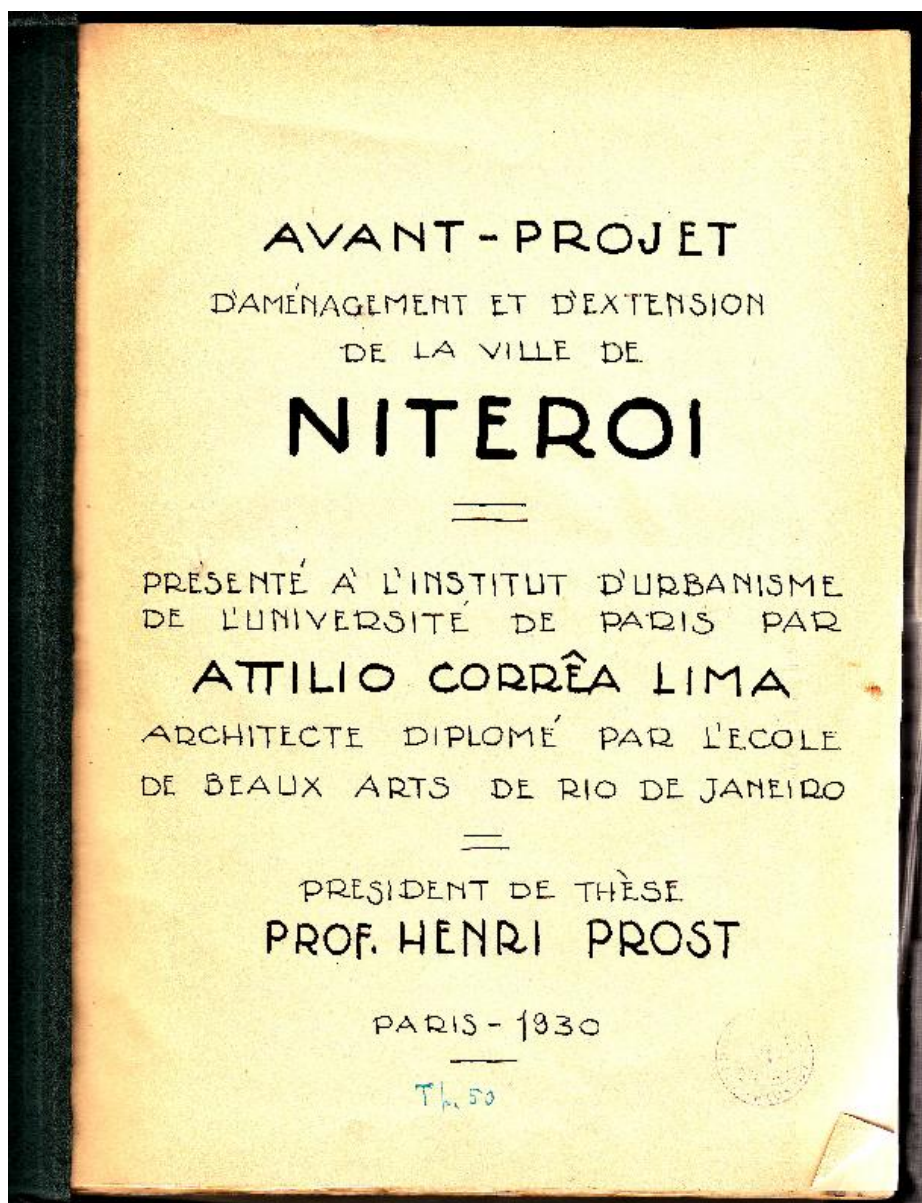


Figura 108 - Folha de rosto da tese de Attilio C. Lima.

Fonte:

Foto: Anamaria Diniz.

O trabalho final de A. Corrêa Lima para o curso de urbanismo no IUUP teve como título: *Avant-Projet D'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil*. Henri Prost escreveu o prefácio da publicação elogiando seu aluno, pela maneira racional e talentosa como abordou o tema do desenvolvimento urbano. Destacou a abordagem do plano, cuja escala era regional, “[...] permitindo fazer importantes previsões para o futuro dentro das

melhores condições de higiene moral e física”. O orientador salientou a “[...] concepção ideal que finaliza brilhantemente os estudos”, e ainda sublinhou a importância do trabalho apresentado para os futuros governantes da cidade de Niterói.

Segundo London (2002, p. 27), as teses de urbanismo defendidas no IUUP, “[...] apesar de sua pretensão científica, não se apresentavam como um trabalho estritamente universitário, inscrevendo-se, em primeiro lugar, na bagagem cultural de cada aluno”. Em decorrência da escolha dos locais de intervenção feita pelos alunos do IUUP, como explicitado, os resultados obtidos são considerados pelo autor como restritos a problemas urbanos locais. Mas crê-se que a avaliação de London não considera que o mais significativo na experiência dos alunos da instituição era a forma de apreender a cidade e o método que adquiriam para descrevê-la, reconhecendo seus limites e problemas, para em seguida partir para propostas de intervenção no seu mais *lato sensu*. Basta lembrar em quantos aspectos a cidade era abordada – relevo, transporte, redes de abastecimento e sua imprescindível condição estética. Esse método determinava a constituição das teses que eram apresentadas seguindo normas para o desenvolvimento dos trabalhos. Metodologicamente eram divididas em três partes. Na primeira encontravam-se as ideias gerais sobre o tema escolhido, análise histórica, referências bibliográficas e teóricas. Logo após, na segunda parte, eram feitos um estudo estatístico com leitura de documentos administrativos e uma análise das legislações francesa e estrangeira. Finalmente, a terceira parte era reservada às proposições, elaboradas para atender aos problemas apontados nas análises anteriores.

Seguindo a tradição do IUUP, o trabalho de Atílio Corrêa Lima sobre a cidade de Niterói enquadrava-se nos modelos de teses defendidas, seja pela escolha do território da pesquisa, um sítio conhecido pelo autor, seja pela metodologia empregada pelo arquiteto. O trabalho-tese foi apresentado à banca examinadora em 13 de dezembro de 1930, conferindo a Atílio Corrêa Lima o *Diplôme d’Etudes Speciales d’Urbanisme*.

A estrutura da tese constituía-se de duas partes. A primeira parte era composta três capítulos. “A Terra” versava sobre a situação do objeto de estudo, descrevendo a superfície do local, seu clima e os aspectos de terreno. Caracterizou detalhadamente a topografia, destacando as semelhanças entre os relevos, montanhas e baías, do Rio de Janeiro e de Niterói como rebatimento físico da capital. O arquiteto ilustrou essa parte do trabalho com uma foto aérea feita pelo serviço geográfico militar brasileiro. “O Homem” dedicava-se a pormenorizar a população de Niterói a partir de dados sobre o ensino, a agricultura, a indústria, o comércio, divisão administrativa, estatística sanitária e finanças. O arquiteto Corrêa Lima apresentou

dados e tabelas do crescimento populacional e da mortalidade, gráficos sobre as epidemias do início do século, como a varíola e a gripe espanhola,¹⁷² e moléstias transmissíveis, como a tuberculose. Em “A Cidade”, Corrêa Lima recuperou a história de Niterói desde as conquistas marítimas, sua emancipação política do Rio de Janeiro (1819) e sua evolução com a chegada dos jesuítas, destacando a importância de José de Anchieta para a fundação de São Paulo, Rio de Janeiro e também Niterói.

A segunda parte do trabalho destinava-se a expressar as soluções por ela propostas. Compunha-se de “As proposições”, onde abordava a possibilidade de um sistema contínuo de comunicação entre o Rio de Janeiro e Niterói, levantando duas hipóteses: a construção de um túnel submarino ou de uma ponte. “O traçado geral”, segundo capítulo da segunda parte, apresentava o planejamento da cidade com a construção da conexão Rio-Niterói a partir da proposição de uma ponte descrevendo as modificações no terreno, a criação de um centro de irradiação dos fluxos. Conjecturava também sobre a construção do túnel, estabelecendo a hierarquia das vias, artérias e vias secundárias. No item “O zoneamento”, apresentou o zoneamento geral da cidade distinguindo as seguintes zonas: Industrial, Comercial, Centro Cívico, Habitacional, Universitário e Cultural, Lazer e Esportes, Espaços Livres e o Bairro Jardim de Piratininga. É também neste item que apresentou as sugestões para a regulamentação e para loteamentos, e em um macrozoneamento distingue as zonas: Comercial, Industrial, Habitacional e Rural. Os transportes e a infraestrutura foram também considerados, compreendendo as rodovias, as barcas, o metrô, os trens, ônibus, esgoto, água, inundações e sistema limpeza da cidade.

Um dos princípios fundamentais do plano para Niterói foi considerá-la uma extensão da cidade do Rio de Janeiro, assim enfatizando a necessidade de um sistema de comunicação contínua, e para ele ponderou sobre a melhor forma de realizá-lo, argumentando a favor de uma ponte metálica ligando as duas cidades, em detrimento da proposição de um túnel que atravessasse o mar (Figuras 109 e 110).

¹⁷² A gripe espanhola devastou o mundo entre setembro e novembro de 1918, deixando pelo menos vinte milhões de mortos, 1% da população do planeta e cerca de 300 mil no Brasil, incluindo o presidente da República, Rodrigues Alves.

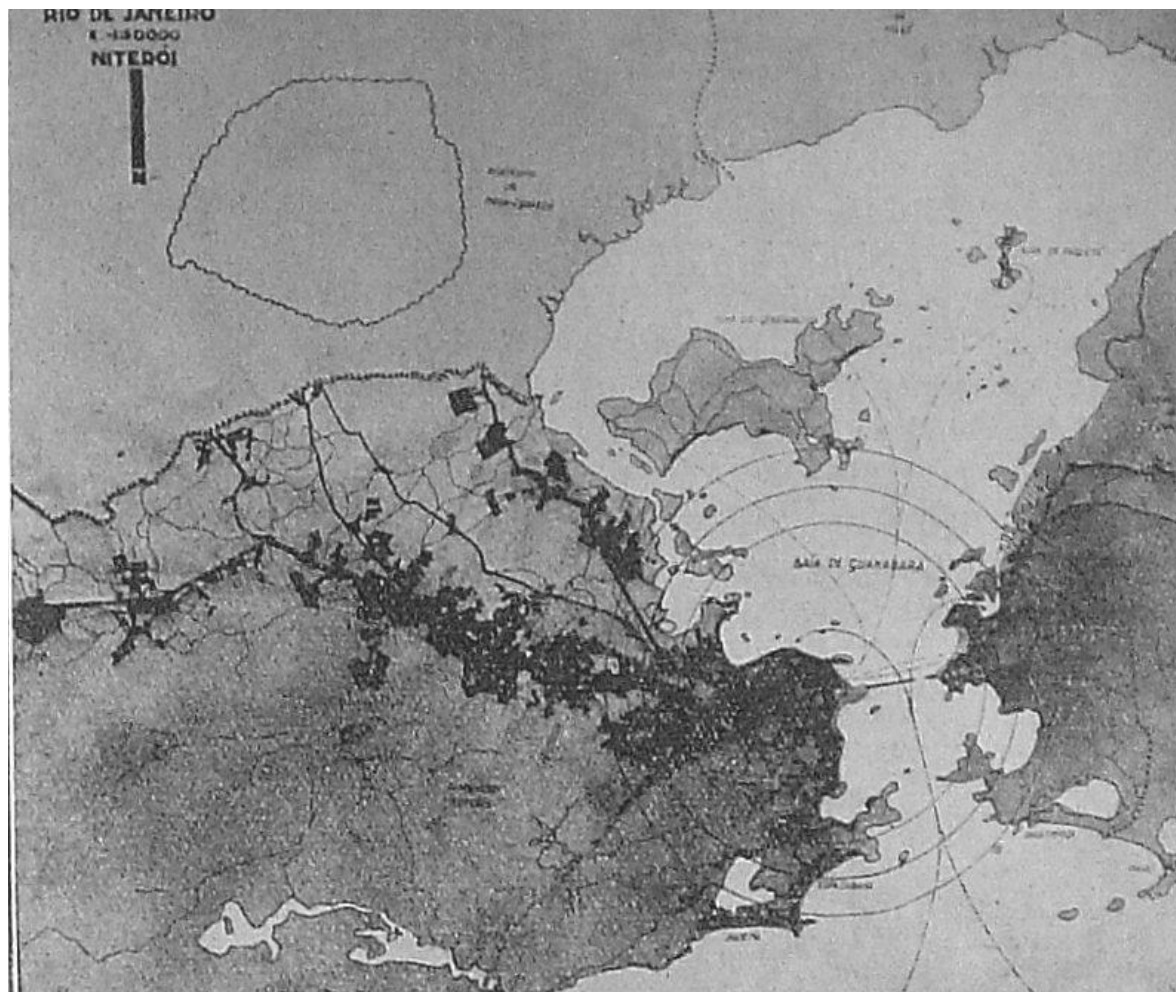


Figura 109 - Mapa de Niterói apresentando a ligação com a cidade do Rio de Janeiro.
 Fonte: Tese de Attilio C. Lima (1930).

Attilio C. Lima, ao levantar a hipótese da construção de um túnel de ligação entre o Calabouço, no Rio de Janeiro, e Gragoatá, em Niterói, tomou como referências os estudos anteriores de Lindsay Buchnat, que, em 1876, teve a concessão para a construção de um túnel semelhante. Alertou sobre as dificuldades para escavação do túnel em rocha a 35 metros de profundidade no mar, as questões de estancamento de água, dos sistemas preventivos e corretivos de aeração. Descartou então a ligação das duas cidades através do túnel, justificando ainda, “[...] após o trabalho, quando os homens ainda serão castigados, todos os dias, a qualquer hora, depois de terem respirado o ar da cidade, devendo ficar confinados em um túnel com ventilação forçada” (LIMA, 1930, p. 36).

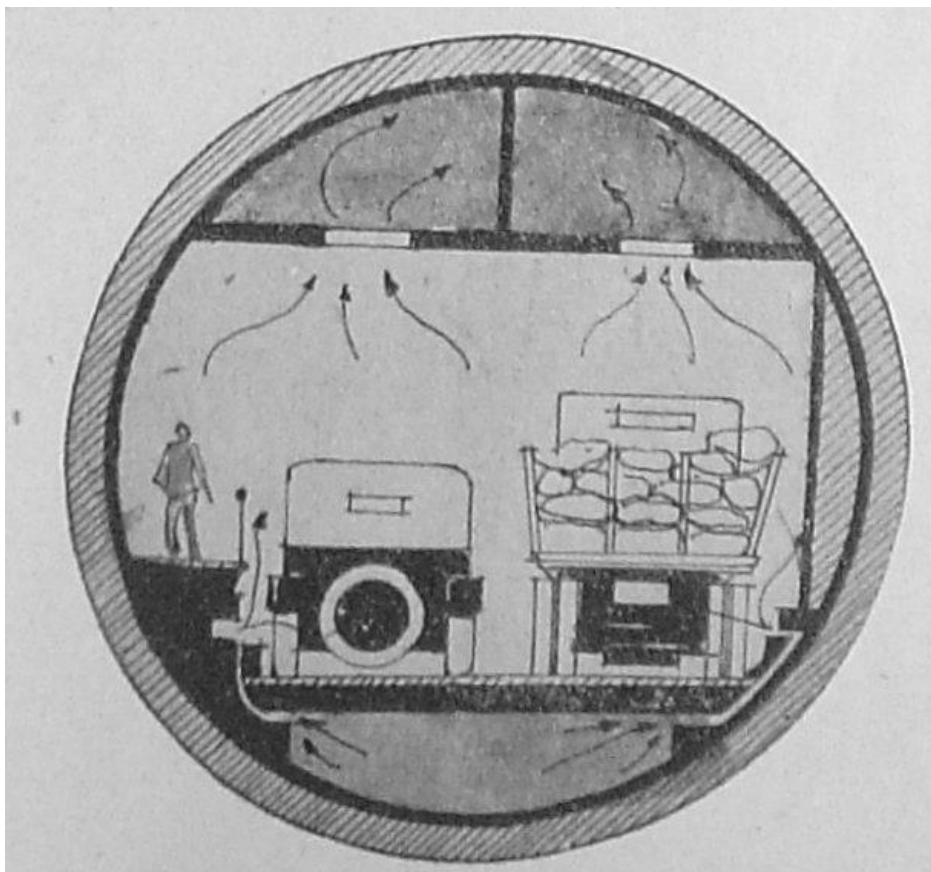


Figura 110 - Esquema do túnel de ligação entre Niterói e o Rio de Janeiro.
Fonte: Tese de Attilio C. Lima (1930).

Assim, Corrêa Lima defendeu a conexão Rio-Niterói através da construção de uma ponte suspensa, conforme estudos do engenheiro Alpheu Diniz.¹⁷³ O arquiteto apresentou os custos financeiros, argumentando que os investimentos aplicados teriam retorno na valorização de 12 milhões de metros quadrados da área urbana de Niterói e concluiu assinalando o valor estético da solução: seria um “[...] orgulho que irá gerar à nossa geração. Ela fará com que possamos acreditar no homem, diante dos desafios da natureza” (LIMA, 1930, p. 37).

Na segunda parte do trabalho, Attilio C. Lima propôs um novo traçado para Niterói (Figura 111), sendo que o ordenamento urbano e as novas circulações, vias e artérias, atenderiam à necessidade de expansão da cidade. A partir de uma avenida principal, de caráter monumental e com oitenta metros de largura, o arquiteto propôs a continuidade do tráfego vindo do Rio de Janeiro. Para enfatizar seu partido, definiu

¹⁷³ Projeto de uma ponte metálica teria 2.700 metros de extensão com um vão livre de 1.100 metros e sustentada por duas torres de 208 metros de altura.

seu paisagismo: “[...] nas bordas das duas pistas principais, serão plantadas palmeiras reais de 25 metros de altura, que conformarão uma via triunfal” (LIMA, 1930, p.39).

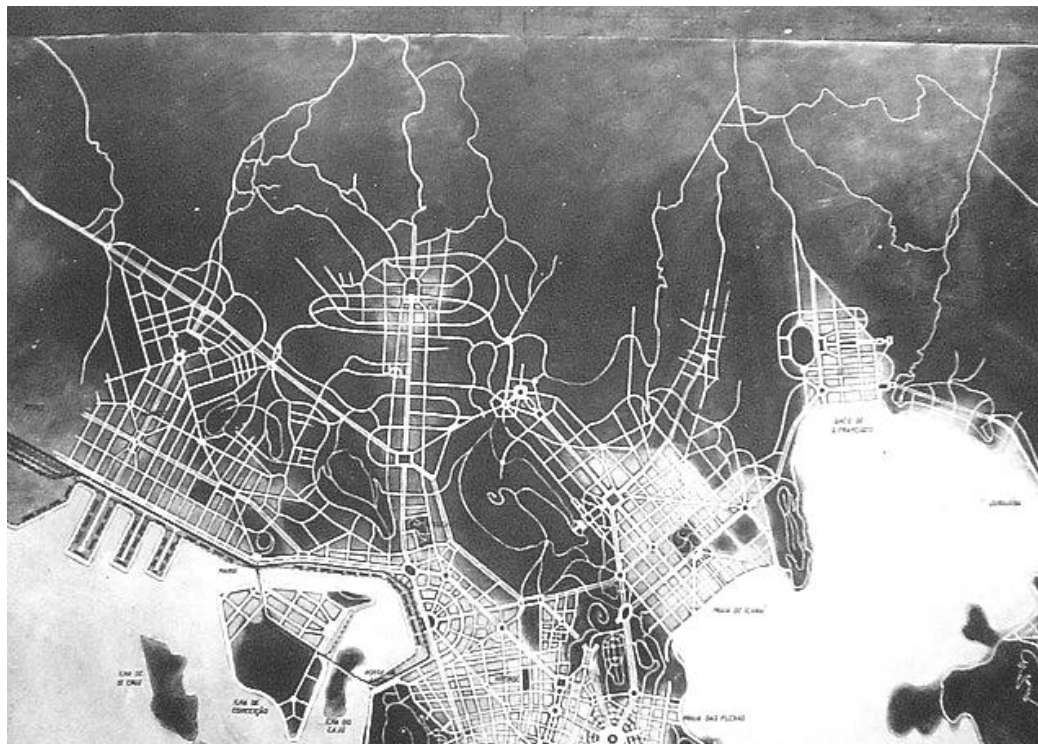


Figura 111 – Plano viário para Niterói.
Fonte: Tese de Attilio C. Lima.

A avenida “triunfal” convergiria para uma praça rotatória de vinte e quatro metros de largura, que seria um ponto de irradiação de fluxos. Para projetá-la, Attilio C. Lima utilizou em seus estudos as fórmulas de Hénard.¹⁷⁴

No que se refere ao traçado da cidade, o arquiteto propôs modificações na configuração dos terrenos, através de aterros, desmorte de quatro morros para a obtenção de novas áreas urbanas. As intervenções físicas proporcionariam um ganho de cem hectares sobre o mar, ampliando a região portuária e a zona central.

Quanto ao zoneamento da cidade, Corrêa Lima diferenciou as funções urbanas, propondo um Centro Cívico (Figura 112), formado por uma praça quadrada, onde a prefeitura seria construída, e outra praça em forma de pentágono, onde haveria o Palácio do Presidente do

¹⁷⁴ Eugène Hénard (1849-1923) foi um urbanista francês, formado pelas École des Beaux-Arts em 1880. Desenvolveu o conceito de circulação giratória em torno de uma ilha central. Tornou-se pioneiro na associação das questões urbanísticas às de circulação. Atuando no exercício da arquitetura na cidade de Paris, projetou as primeiras rotundas urbanas.

Estado.¹⁷⁵ Ambas seriam interligadas por uma avenida-parque de seiscentos metros de extensão, com um canteiro central arborizado, e todos os prédios públicos seriam localizados ao longo dessa via, que constituiria um eixo administrativo.

No Centro Cívico, o arquiteto valorizou o Palácio Presidencial, implantando-o no centro da praça. Ao seu redor, edifícios das Secretarias de Finanças, de Justiça e da Agricultura e Obras. Em frente ao Palácio, no encontro das avenidas, no centro da Praça Monumental, Attilio C. Lima projetou um monumento comemorativo da fundação da cidade.

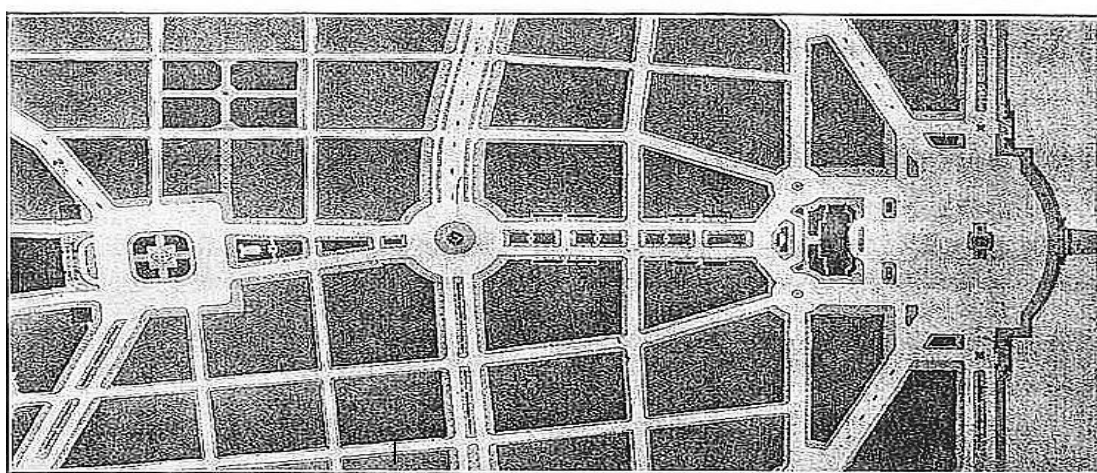


Figura 112 - Centro Cívico e avenida-parque de Niterói.
Fonte: Tese de Attilio C. Lima (1930).

Em frente ao conjunto dos edifícios cívicos, conforme descrição de London (2002, p. 120): “[...] avançaria ao mar um embarcadouro para desembarque de honra nos dias de festas oficiais, configurando-se um dos portais da cidade”.

A Zona Comercial traçada para Niterói por Attilio C. Lima localizava-se ao redor de uma praça circular (Figura 113), numa área resultante da demolição de montes. Destacava-se como outro portal da cidade, uma vez que o seu eixo principal era um prolongamento da via de ligação com a ponte.

¹⁷⁵ Niterói era a capital do Estado do Rio de Janeiro.

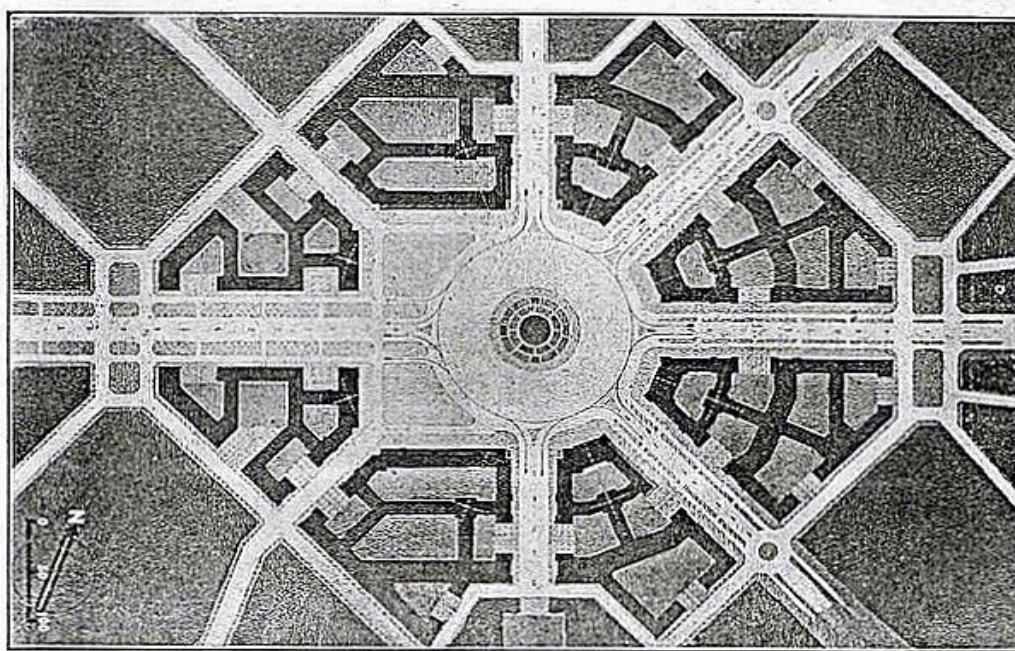


Figura 113 - Zona Comercial ao redor da praça circular.
Fonte: Tese de Attilio C. Lima (1930).

A arquitetura idealizada para a Zona Comercial de Niterói seria composta de oito prédios escalonados¹⁷⁶ de vinte, cinquenta e cem metros de altura, com recuos progressivos, conforme Figura 114, formando pátios internos destinados a estacionamento de veículos, com ligação direta para as ruas através de galerias e passagens cobertas para pedestres. Além desse centro comercial localizado e irradiante, Corrêa Lima não restringiu o uso somente a essa praça, criou outros centros comerciais em subcentros satélites.

A. Corrêa Lima projetou um centro cultural, composto por museus e universidade, numa parte mais elevada do sítio. Foram pensados os museus de História Natural, de Belas Artes, História, Higiene e Esportes, e Tecnologia, além das universidades localizadas na praça em forma de octógono.

Quanto ao zoneamento, o arquiteto determinou duas grandes zonas, a Zona Urbana e a Zona Rural. Propôs também uma Zona Industrial na área norte da cidade, incluindo a área portuária. Para a Zona de Habitações, dividiu-a em três categorias: alta densidade, edifícios de

¹⁷⁶ Na primeira comissão de zoneamento da América do Norte, 1917, E. Bennett determinou que os edifícios deveriam guardar uma relação entre a largura e a altura das ruas, adotando um ângulo de 60° para permitir as ruas, ar e luz. O escalonamento dos prédios é resultado dessa aplicação de proporção. “Até 1930 não se falava aqui no Rio de Janeiro em recuo de pavimentos, foi com Agache que surgiram os primeiros edifícios no Castelo escalonados” (notas de aula da disciplina: Urbanismo, Escola Politécnica da Universidade Católica – PUC/RJ. 1952. Professor Stelio Morais).

apartamentos; habitações individuais e a terceira categoria com as casas populares em pequenos lotes.

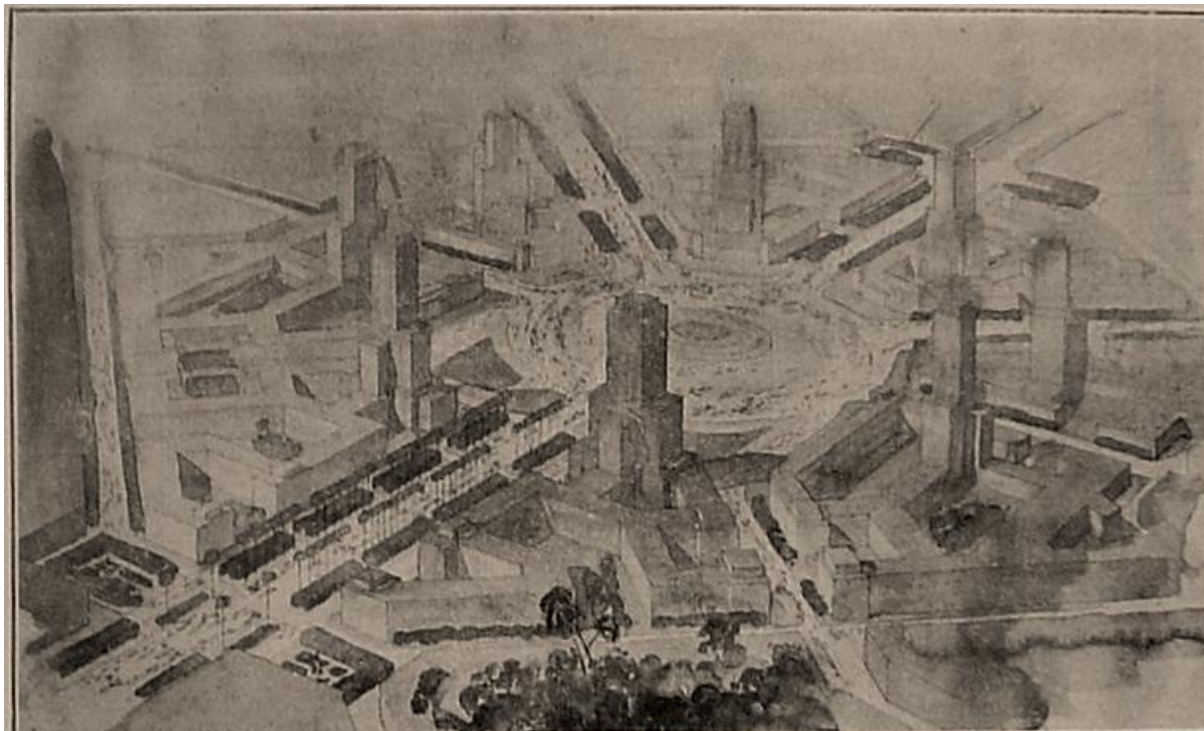


Figura 114 - Edifícios escalonados da Zona Comercial ao redor da praça circular.
Fonte: Tese de Atílio C. Lima (1930).

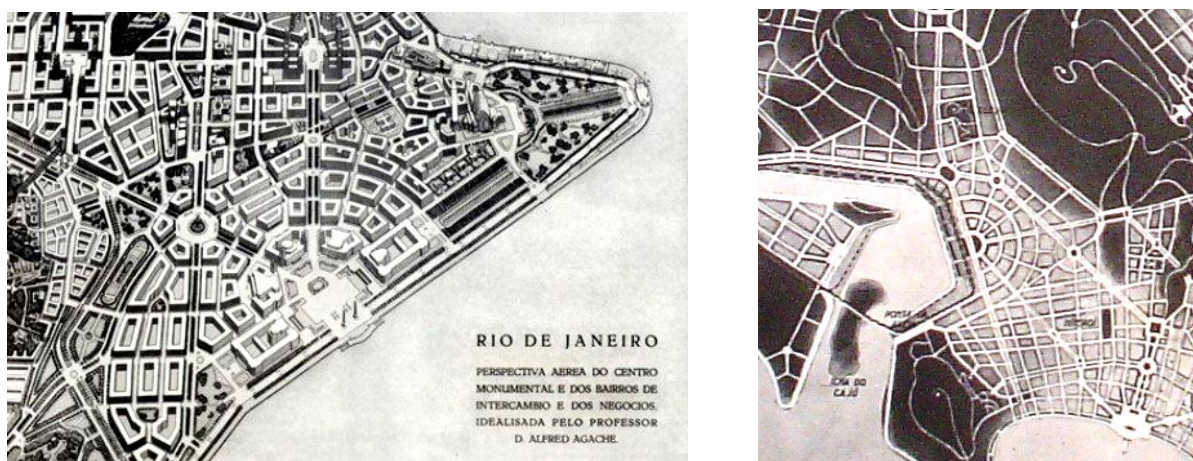
Para o bairro-jardim de Piratininga, Atílio Corrêa Lima inspirou-se nos modelos de cidades-jardins de Howard, propondo um plano de saneamento para a Lagoa de Piratininga, conforme aquele realizado por Saturnino de Britto para a Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro. O arquiteto descreveu as suas intervenções:

[...] sobre a faixa de terra limitada pelos dois canais se estabelecerão exclusivamente as habitações. Uma praça formará um pequeno centro. Este centro atravessado por uma via de 30 metros de largura, onde se fará toda a grande circulação. Paralelamente, à beira-mar, uma grande avenida de 60 metros de largura, permitirá estabelecer os grandes hotéis e as ricas habitações. (LIMA, 1930, p.53).

Não houve um desenho para o bairro-jardim, só conceitos e diretrizes, mas Corrêa Lima admitiu que, para a “Cidade-Jardim-Balneária”, eram necessários vários estudos para ver a sua aplicabilidade e adaptação no Brasil.

No capítulo quarto, Corrêa Lima sugeriu a regulamentação para os loteamentos e a ocupação do solo. E finalizou a pesquisa com a análise do sistema de transporte e de infraestrutura da cidade.

No projeto-tese de Attilio C. Lima existe uma estreita relação entre o traçado urbano proposto para Niterói e aquele proposto para a remodelação do Rio de Janeiro de Alfred Agache (Figuras 115 e 116). Durante sua estadia em Paris, Corrêa Lima atuou como arquiteto no ateliê de Alfred Agache, no plano de Remodelação e Embelezamento do Rio de Janeiro, contribuindo com informações valiosas, uma vez que tinha conhecimento de dados técnicos da cidade.



Figuras 115 e 116 - Plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro e Plano de Niterói de Attilio Corrêa Lima respectivamente.

Fonte: LONDON (2002).

Attilio C. Lima criticou o modo como Agache desenvolveu os Planos do Rio de Janeiro, no que diz respeito à ordenação dos espaços na tradição das perspectivas monumentais, típicas da *Beaux Arts*. Apesar de sua crítica, o arquiteto conduziu de forma semelhante às soluções para Niterói, conservando o conceito haussmanniano de vias radiais concêntricas, os *boulevards* e os sistemas de áreas verdes.

Não poderia ser diferente, o trabalho tese de Attilio C. Lima espelha sua formação tanto da ENBA em arquitetura como do IUUP em urbanismo, no qual o arquiteto-urbanista aplicou os conhecimentos adquiridos nas duas instituições.

Attilio C. Lima, após defender sua Tese, escreveu aos pais contando o resultado:

Paris, 20 de dezembro de 1930

Na carta precedente já escrevi contando os meus sucessos, de fato só eu e um outro tivemos nota tão alta, 18, os outros todos tiveram de 16 para baixo. No dia seguinte à da Tese, o Diretor do Instituto me chamou a parte e me aconselhou de publicar o trabalho e que ele poderia me auxiliar. Fui procurá-lo outro dia, e ficou combinado da seguinte forma: ele mandará imprimir para ser publicado na *La Vie Urbaine*, revista oficial do Instituto. Ficando eu encarregado de fazer os clichés das gravuras, pois são umas 30. Tendo assim o texto e os clichés pode-se fazer uma edição à parte por minha conta, caso queira. Não sei se terei dinheiro para tanto, mas a publicação na revista já é um bom negócio para mim, pois se trata de uma revista muito sisuda e a colaboração é muito seleta [...].

O arquiteto afirmou que sua tese foi comparada à dos projetos que Agache realizava para o Rio de Janeiro e em nada deixava a desejar:

[...] O diretor deu-me a entender que para fazer “cosquinhas” ao Agache, este é inimigo do Instituto. Eles compreenderam bem a importância que terá para mim isso tudo, que por sua vez põe em relevo o valor do Instituto. Mesmo no dia da Tese em público o diretor disse: quem sabe o seu projeto não será executado antes do Agache? Eu protestei por modéstia etc.. mas eles responderam que guardando as devidas proporções o meu estudo nada tinha de inferior!!! Que eu tinha feito em pequena escala aquilo que o Agache fez em grande, com muitos recursos etc. etc. Essa gente aqui é muito engraçada, eles tomam tudo a sério, eles estão crentes que eu vou fazer mesmo Niterói. Se eles soubessem o que isso aí?!!!

Para dizer da importância da publicação da tese de Attilio, torna-se necessária uma digressão sobre a revista que o publicaria. Fundada em 1919, a revista *La Vie urbaine* foi uma iniciativa empreendida inicialmente pelo Instituto de História, de Geografia e de Economia Urbanas da cidade de Paris, sob a direção de Louis Bonnier e Marcel Poëte. Alguns meses após a sua criação, ela se associou à Escola de Altos Estudos Urbanos que acabara de ser criada. Henri Sellier juntou-se então ao comitê de direção da revista. A partir de 1924, ela torna-se um “órgão” do Instituto, que a publica até 1977, com uma interrupção, entretanto, de 1940 a 1950.

Ao mesmo tempo ferramenta de divulgação das técnicas sobre o planejamento urbano e de publicação das pesquisas sobre a cidade, ela guardava a vontade de se situar na interface dos saberes acadêmico, técnico e de decisão. Podia-se ler, assim, na nota de apresentação do primeiro número da revista:

[...] visa a aglomeração urbana considerada como um organismo vivo em constante evolução; ela a estuda simultaneamente no passado e no presente e tem por objetivo contribuir para tirar da observação e da comparação dos fatos um método e uma doutrina para o uso de todos aqueles que, por várias razões, estão encarregados dos interesses das cidades. Ela abraça em seu campo de ação o planejamento, o embelezamento e a extensão das cidades; sua organização administrativa, econômica e social, sua evolução no decorrer do tempo”.

Ela publicava majoritariamente textos dos membros das instituições e associações colaborativas (União Internacional das Cidades, União das Cidades e Municípios da França, Prefeitura, Instituto de História, de Geografia e de Economia Urbanas etc.), e depois, progressivamente, dos professores e estudantes do Instituto, a partir de suas “teses”. (IUUP, 1925, p. 63).

Amplamente aberta aos outros países e cidades estrangeiras, leem-se aí, lado a lado, trabalhos históricos sobre a forma da cidade, exposições sobre os textos jurídicos em matéria de urbanismo, retratos de cidades, relatos de operações urbanas e de habitação.

No decorrer de sua história, ela afirma mais seu caráter universitário e perde uma parte de sua originalidade a partir de 1932, momento de criação da revista *Urbanisme*, que emana do mesmo lugar, em seguida, a partir de 1950 sob a tutela de Pierre Lavedan e com o subtítulo *Urbanisme et Habitation*, e depois, *Aménagement du territoire*. Enfim, a partir de 1968 ela desenvolveu uma perspectiva mais crítica sobre o campo do urbanismo, sem jamais abandonar os estudos de caso.

Por ser estrangeiro, Attilio C. Lima não pôde receber o prêmio em dinheiro pelo resultado obtido em sua defesa de tese. Em contrapartida foi-lhe oferecida a publicação de exemplares do trabalho. Animado ele descreveu todo o trabalho que realizava e a importância da divulgação de sua tese:

Paris, 12 de março de 1931

A respeito da publicação da minha tese, eu tenho retardado porque preciso entrar com dinheiro para fazer os clichês. Eu não posso me comprometer sem ter certeza que a bolada vem. Resumindo, a história é a seguinte: o diretor do Instituto apresentou-me ao editor, que faz o serviço mais barato. Isto é, ele edita a minha tese em bom papel com mil exemplares e alguns exemplares de luxo para ser distribuído às altas autoridades. Eu tenho 30 clichês que serão reproduzidos em papel couché. Garantiu-me o editor que de maneira alguma passará de 6.000 francos, o que já é muito barato. Dessa vantagem que me dá o diretor do Instituto, no preço da edição, eu retribuí dando a eles os clichês para ser publicado num número da *La Vie Urbaine* com o texto resumidíssimo feito por ele [...].

Attilio C. Lima sabia a dimensão que seu trabalho de tese conquistaria com a publicação na revista *La Vie Urbaine*, pela seriedade científica do corpo editorial e também pela divulgação de seu nome como urbanista formado pelo IUUP.

Quanto à impressão especial de exemplares da sua tese, o jovem urbanista afirmou: “[...] mas a principal importância é poder dispor de exemplares bem impressos para enviar a todas as principais municipalidades do Brasil, que já é um reclame [...]”.¹⁷⁷

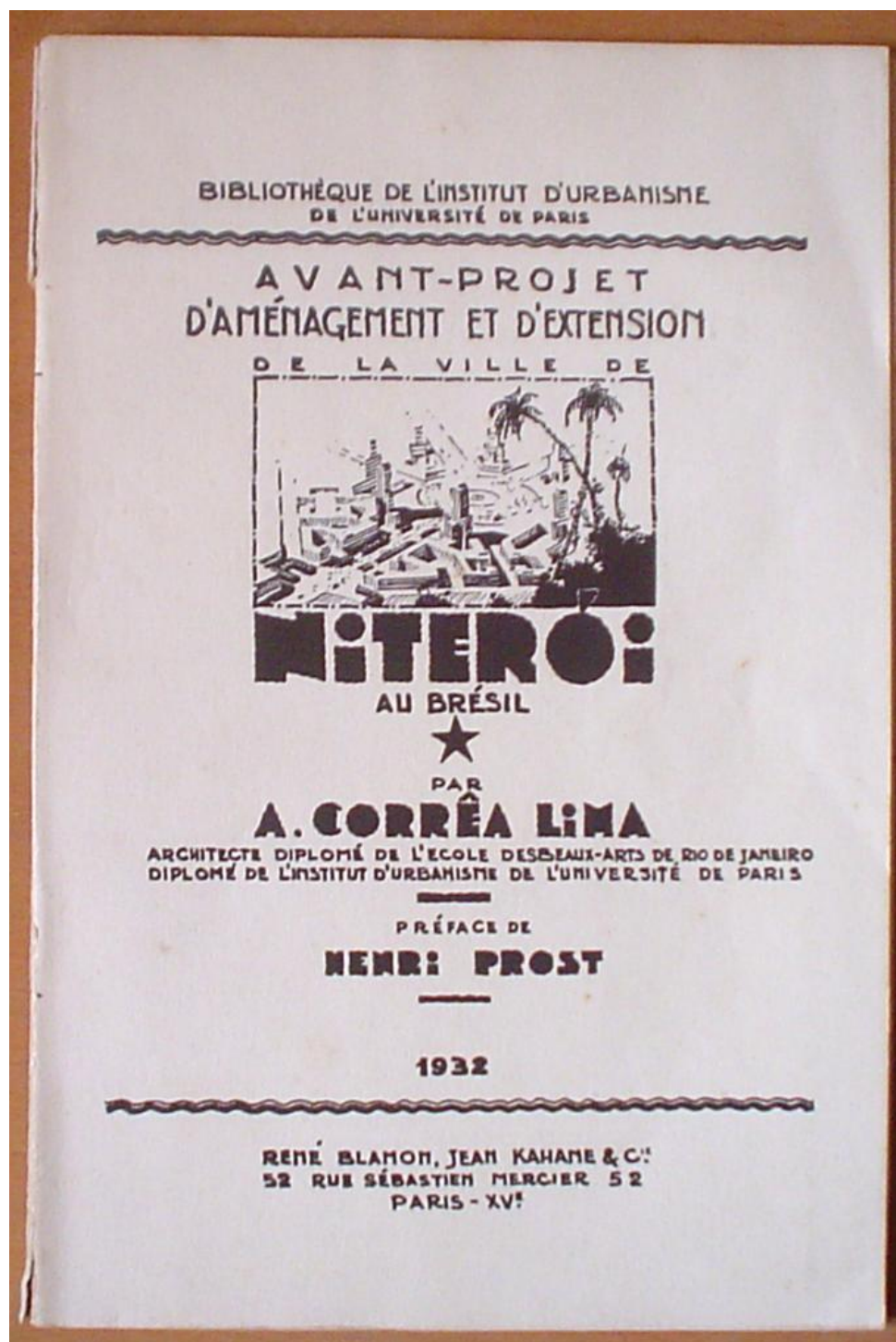


Figura 117- Exemplar da publicação da tese de Attilio C. Lima.
Fonte: acervo da família Corrêa Lima.

¹⁷⁷ Em carta escrita aos seus pais em 12 de março de 1931.

5.1 ATTILIO DESCOBRE O MODERNO

Attilio C. Lima, enquanto morou em Paris, aproveitou as oportunidades que lhe foram proporcionadas, não somente no IUUP, mas também buscou atividades complementares, tais como as aulas de desenho na L'Académie de la Grande Chaumière, as leituras de jornais de outros países e ainda as trocas culturais e de conhecimentos entre colegas de diferentes lugares do mundo. Ele não mediu esforços para se atualizar com as novas ideias da arte e da arquitetura moderna.

O arquiteto descreveu em uma das cartas seu entusiasmo pelo comunismo na Rússia pós-Revolução e as transformações positivas desse país, opondo-se ao que era noticiado pela imprensa brasileira:

Paris, 2 de setembro de 1927.

[...] Breve mandarei uma carta mais detalhada sobre arte moderna, e o movimento renovador da Rússia, motivada pela nova forma social de governo. Aqui é que eu estou sabendo quanta fantasia existe nas notícias que dizem que os comunistas jogam bombas etc. É pura fantasia, as bombas são colocadas pela própria polícia para desacreditar o partido Comunista. Para só citar um exemplo, basta dizer que em 1928 a Rússia vai inaugurar o décimo ano do governo Bolchevista, anunciando ao mundo que na Rússia não existe mais nenhum analfabeto.

Ora isso só pode se dar onde houver muita ordem e muita disciplina. A produção da Rússia hoje ultrapassa a dos Estados Unidos. Eles estão pagando 25.000 francos por mês a todo arquiteto que quiser trabalhar lá na construção, não de casas, mas de cidades como, por exemplo, em Nidji-Novgorod, que será a futura capital da Rússia e que é uma obra formidável. Tive ocasião de ler num jornal Russo a situação política de todos os países inclusive o Brasil, onde fiquei pasmo em ver como toda nossa política é conhecida pelo partido. Até as revoltas de 5 de julho com todos os detalhes!! Sem nenhum exagero. Eles são senhores do mundo! O comunismo infiltrou-se por toda parte, é fatal para breve uma revolução mundial. Chega de Comunismo!

Muitas lembranças a vovó e a todos de casa, a todos do atelier e muitos beijos e abraços do filho que muito quer.

Attilio.

Em 1928 o pai de Attilio C. Lima iniciou uma reforma no seu ateliê situado no centro da cidade do Rio de Janeiro¹⁷⁸ (Figuras 118 e 119), acrescentando mais três pavimentos de apartamentos para alugar, no terreno adjacente, como forma de melhorar a renda familiar.¹⁷⁹

¹⁷⁸ O projeto original de 1921 foi do arquiteto Raul de Saldanha da Gama (1882-1945) e depois foi contratado o arquiteto Raul Penna Firme para os acréscimos.

¹⁷⁹ O imóvel encontra-se descaracterizado, porém ele foi tombado pelo Patrimônio Municipal do Rio de Janeiro, Decreto nº 12.275 de 15/09/93 – DOM – de 16 de setembro de 1993.

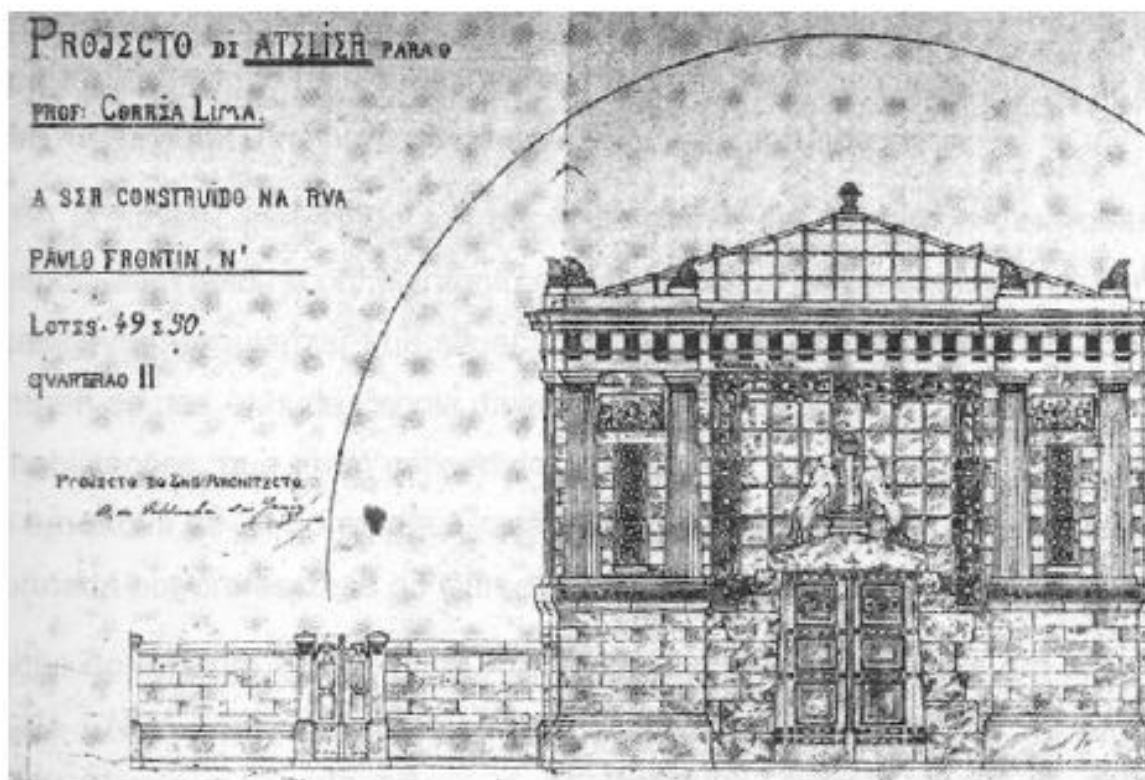


Figura 118 - Projeto do ateliê de José Octávio Corrêa Lima (1921).
Fonte: CZAJKOWSKI (2000).



Figura 119- Situação atual do antigo ateliê de José Octávio Corrêa Lima, na Rua Washigton Luis, 10, Centro do Rio de Janeiro, com os acréscimos realizados por Penna Firme.
Fonte: Google view.

Attilio C. Lima elogiou a escolha do colega Penna Firme¹⁸⁰ para elaborar os projetos e acompanhar a obra, contudo fez várias observações sobre o conforto de uma residência e os equipamentos que ela deveria receber para proporcionar praticidade e modernidade aos seus habitantes:

Paris, 18 de dezembro de 1927.

Querido Pai e querida Mãe,

Muito contente fiquei com a notícia da construção da casa. Apesar de ver que papai continuará eternamente a trabalhar para pagar dívidas. Mas o que querem é sina dele. Tenho confiança no Pena Firme porque é o único colega que tenho confiança tanto pela honestidade como pelo valor. Diga a ele que não sacrifique nenhuma razão de conforto por motivo estético. Ao meu ver a melhor estética em arquitetura é o conforto. Deve haver toda economia possível na fachada para poder comprar as melhores instalações como sejam banheiros com sistemas americanos de chuveiro lateral. Todas as instalações sanitárias brancas e da melhor. Cozinha também toda branca com fogão Prometheus (Alemão) ou outro qualquer tão bom e bonito como este. Não se esquecer de reservar o lugar para uma “Frigidaire”, ou outra marca do mesmo sistema [...].

O arquiteto destacou a importância do aproveitamento da iluminação natural e o dimensionamento correto para a iluminação artificial, mencionando a Société du Perfectionnement de l'Éclairage:

[...] Sobre iluminação é preciso muito cuidado, porque aqui na Europa se faz atualmente sérios estudos para aproveitamento máximo de luz e evitar os inconvenientes de estragar a vista. Para isso, eu vou mandar uns folhetos da Société du Perfectionnement de l'Éclairage onde dão explicações muito proveitosas sobre iluminação. Hoje se fabricam lustres e globos luminosos de vidro leitoso, estudados para cada compartimento e alguns até com rendimento de 50% de luz. É preciso acabar de uma vez com abajur de renda e seda que são inimigos do progresso e anti-higiênicos e usar os produtos de homens civilizados que saem de uma usina estudados por especialistas. Se for possível luz “indireta”, mas como é pouco econômica deve se empregar o que falei acima [...].

Durante toda a obra, mesmo distante, Attilio C. Lima informava sobre as últimas descobertas de materiais e técnicas que aprendia e repassou aos seus pais para serem aplicadas na nova construção:

¹⁸⁰ Raul Penna Firme atuou em vários projetos na cidade do Rio de Janeiro. Um deles foi o Liceu Literário Português (1929) em arquitetura Manuelina. Também participou do projeto para Vera Cruz (1955), primeiro nome dado para a cidade de Brasília.

[...] Como últimas novidades, posso citar o último invento alemão que é de vidro que tem a propriedade de ser transparente de um lado e do outro ser opaco. Esses vidros estão sendo empregados por Corbusier nos hospitais de clínica, onde o doente é examinado pelo médico só numa sala. A sala é circular e em toda volta é desse vidro, o doente só vê o médico, e as paredes de vidro que o cerca são opacas como uma parede de tijolos, mas pelo lado de fora estão todos os estudantes apreciando o doente e o médico como se estivessem vendo através de um vidro comum. Que tal acham disso? Além dessa tem outra propriedade: deixa passar os raios ultravioletas quando no vidro comum não passam [...].

Além de vidros especiais, o arquiteto sugeriu a aplicação de um novo revestimento para aplicação em piso, o Terrazzolite:¹⁸¹

Paris, 24 de janeiro de 1928

E a propósito da casa? Já começou a construção? Eu queria que Papai dissesse ao Penna Firme para procurar se no Rio já existe o “Terazzolite” para fazer o revestimento do chão. O Terazzolite, que é um preparado moderno feito com cortiça e misturado com óleos vegetais, forma uma pasta que é aplicada mole sobre uma camada de asfalto, que serve de isolante, entre o concreto e o Terazzolite. O Terazzolite é aplicado com uma espessura de 1 cm e meio.

Logo depois de aplicado seca, e depois se emprega então um instrumento especial, uma espécie de plaina, que serve para alisar a superfície. A vantagem desse material é que ele é impermeável, não tem juntas, por conseguinte higiênico, é macio, insonoro. Eu estou procurando o representante aqui, para mandar catálogo com amostras. Eu acho que ai no Rio não tem. Quando a França emprega, é porque todo resto do mundo já conhece [...].

Em uma das correspondências, Attilio C. Lima declarou a vontade de criar uma escola para formar mão de obra especializada para trabalhar com as novas técnicas do concreto armado. Ele indagou se no Brasil havia alguma iniciativa a respeito e ironizou as construções ainda neocoloniais e a resistência em aceitar o modernismo no país:

Paris, 29 de dezembro de 1929.

[...] Há muito tempo que eu venho alimentando a idéia de criar uma escola profissional para formar operários especializados na construção, especialmente em cimento armado. O Pedro Paulo me disse que já estão cogitando disso aí [...] Eu queria que papai indagasse o que há a esse respeito aí e quais são as idéias. Naturalmente a principal preocupação será de preparar operários especializados em *estilo colonial*?

Que impressão não estará causando aí o de Le Corbusier? Imagino como não estão apavorados os indígenas! [...].

O pai de Attilio C. Lima sugeriu ao filho o acompanhamento de alguma obra em Paris, mas o arquiteto citou as dificuldades burocráticas para se trabalhar num canteiro:

¹⁸¹ Terrazzolite é composto de resina não saturado, misturado com aditivos de pedra em pó que dão um revestimento de pedra.

[...] O conselho que Papai dá para acompanhar uma obra é muito difícil. O geral das construções que aqui se fazem está abaixo da crítica (refiro-me ao cimento armado). As coisas boas mesmo são raras e geralmente de companhias construtoras que têm seus segredos e, além disso, só se pode atravessar a porteira de um *chantier* estando munido de seguro de vida, acidente de trabalho e uma série enorme de amolações muito úteis aliás, mas que vão me obrigar a fazer declarações se sou assalariado para pagar impostos, e infinidade de outros caceteações [...].¹⁸²

Ao mesmo tempo expressou com entusiasmo o que ocorria na Alemanha, na Bauhaus:

[...] Na Alemanha essas coisas são coisas mais fáceis e por todos os cantos existem agremiações para facilitar justamente essas coisas. Sendo que o principal é o Bauhaus fundado pelo chefe da Escola Moderna que é Walter Gropius. Dessa escola é onde saem todos os estudos da matéria e da forma dos produtos estandarizados da construção, desde latrinas, maçanetas, portas, janelas, habitações, móveis, etc. até os debastadores de escultura e desse centro fazem parte os maiores arquitetos modernos, artistas, industriais, técnicos de toda a espécie [...].

Attilio C. Lima detalhou o processo de pré-fabricação que era desenvolvido por Walter Gropius na Bauhaus:

[...] Há lá também um sistema de construção muito interessante em concreto armado, as paredes são feitas no chão em formas especiais já ficando embutidas portas e janelas. Depois de prontas um guindaste as põe em pé e elas são amarradas umas às outras, em sistema de formas sumárias as ligam, enchendo-se pelos cantos e assim em um dia de trabalho tendo-se o terreno e os alicerces constroem-se uma casa inteiramente, só faltando o acabamento. Claro que esse sistema só dá resultados para a construção em série, em grupos de casas. E assim como este há uma infinidade de outros sistemas interessantes. O próprio francês que não tolera o seu vizinho alemão não pode deixar de conhecer o valor deste e já o proclama em reconhecer, salvo no Brasil onde se fala em colonial!! [...].¹⁸³

O sistema construtivo descrito por Attilio C. Lima foi o utilizado por Walter Gropius na construção das unidades habitacionais do bairro operário Törten (Figura 120), onde foram aplicados todos os meios para diminuir os custos da obra, tais como a racionalização do canteiro de obras, utilização de materiais pré-fabricados e estandarização. As casas e apartamentos foram construídos com elementos padronizados, os pisos foram feitos diretamente no local, em um processo parecido aos das linhas de produção, permitindo reduzir o tempo de execução e, conseqüentemente, diminuindo o seu custo para a venda.

¹⁸² Correspondência de Attilio C. Lima de 1º de agosto de 1930 para seus pais.

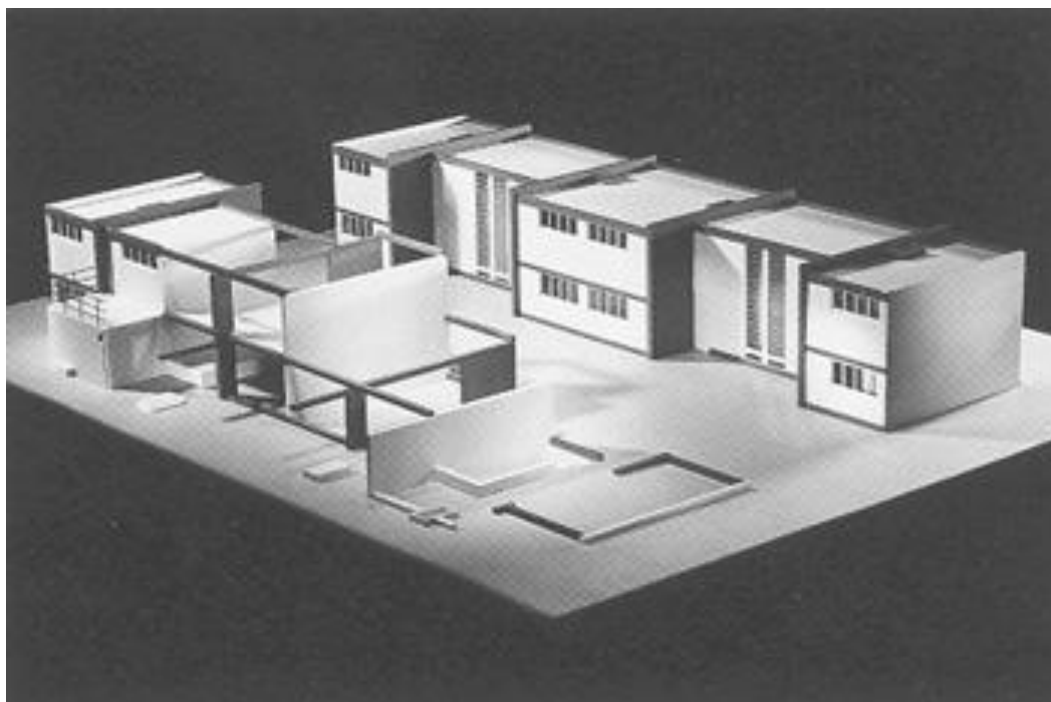


Figura 120 - Bauhaus-Siedlung Dessau-Törten, 1926–1928
 Fonte: <http://cms.ifa.de/>.

Da mesma forma que Walter Gropius dedicou-se a responder à produção industrial baseada em princípios artisticamente unificados,¹⁸⁴ seja com sua exposição de casas para a Bauhaus de Weimar (1923), ou ainda com as *Weissenhoff Estate* em Stuttgart (1927), Le Corbusier por outro lado, com sua *Dom-ino House* ou *Casa Dominó*¹⁸⁵ (Figura 121), relacionou diretamente o seu partido espacial de módulos empilhados com o surgimento da produção fordista, levando a hipótese de aplicação para a *Maison Citrohan*¹⁸⁶ e para a *Ville Radieuse*.¹⁸⁷

¹⁸⁴ Walter Gropius descreveu essa unificação das artes: "[...] elas [a arte e a arquitetura] se encontram numa situação de auto-suficiência singular, da qual só se libertarão através da consciente atuação conjunta e coordenada de todos os profissionais. Arquitetos, pintores e escultores devem novamente chegar a conhecer e compreender a estrutura multiforme da construção em seu todo e em suas partes; só então suas obras estarão outra vez plenas de espírito arquitetônico que se perdeu na arte de salão" (CONRADS, 1970, p. 49).

¹⁸⁵ "[...] o Dom-ino pode ser definido como sistema construtivo constituído por lajes planas, pilares e fundações em concreto armado, que propõe uma ordem racional entre seus elementos e sua construção, através da aplicação de subsistemas de organização, visando dotar os edifícios que empregam o sistema de atributos formais modernos, concretos (pisos em balanço, planta e fachadas livres, pilotis, etc.) e abstratos (como economia de meios, rapidez, rigor e precisão na construção, universalidade)" (PALERMO, 2006, p. 7).

¹⁸⁶ Casa Citrohan (1920-1922), chamada assim em analogia à marca de automóveis. Le Corbusier defendia a produção em série das habitações como a dos automóveis.

¹⁸⁷ Le Corbusier dedica a década de 1930 à divulgação do conceito para a sua nova cidade funcional. As discussões tomadas durante o IV congresso dos CIAM seriam incorporadas ao livro *A cidade radiante*, publicado em 1935, que por sua vez exerceria influência na elaboração da Carta de Atenas.

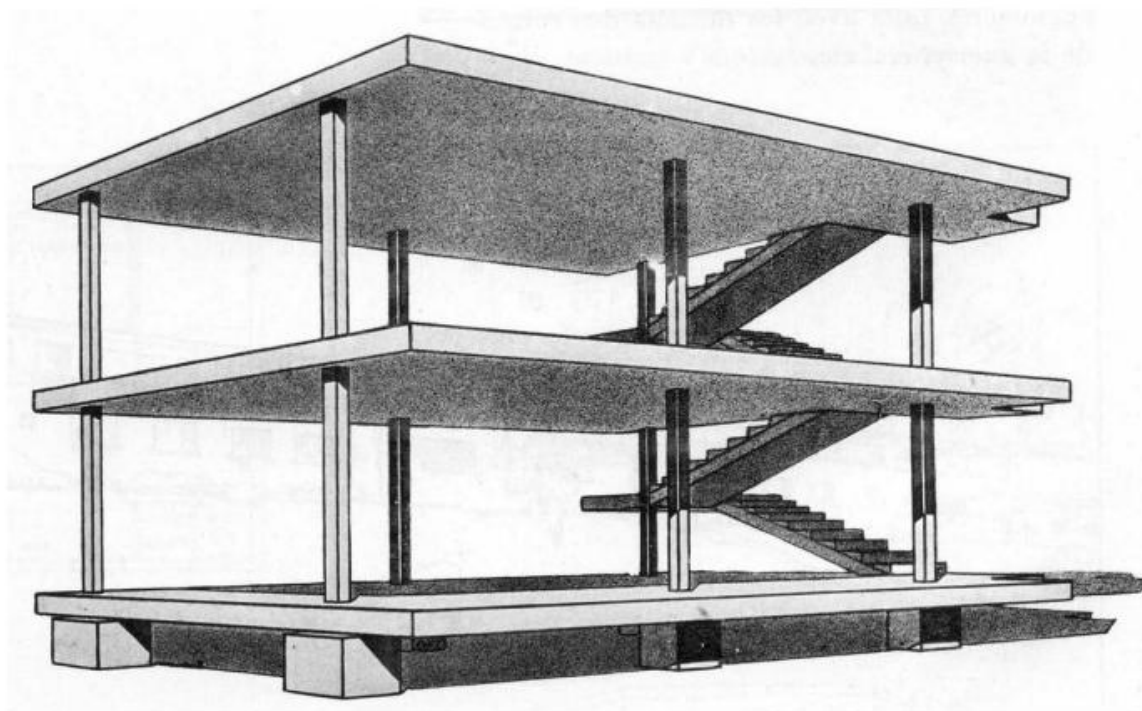


Figura 121- Casa Dominó- Le Corbusier.
Fonte: <http://issuu.com/>

Pelo exposto observa-se que Attilio C. Lima encaminhava-se para a arquitetura moderna. As referências feitas aos ícones do modernismo são entusiasmadas. A questão da ênfase à funcionalidade traduzida na ideia de conforto, o interesse pelos novos materiais, a recusa a ornamentação são demonstrativos do que posteriormente seria sua adesão ao movimento moderno.

5.1.1 Berthold Lubetkin: o colega e professor



Figura 122 - Berthold Lubetkin.
Fonte: <http://design.designmuseum.org/>

Attilio C. Lima teve como colega, entre os estudantes de curso do IUUP, o russo Berthold Lubetkin, por quem nutria muito respeito e assim o apresentou aos seus pais:

Paris, 17 de outubro de 1927
Existe aqui um rapaz russo que se chama Lubetkin que tem o curso da Escola Politécnica e atualmente cursa o Instituto de Urbanismo e onde é conhecidíssimo pelo seu formidável talento e preparo, os seus exames são conhecidos porque por diversas vezes já fez com que os examinadores ficassem na situação de examinados. É a personificação do método e da organização e como tal conseguiu fazer um método para o ensino da Arquitetura Moderna, não é o “estilo moderno” é a Arquitetura baseada cientificamente em todas as invenções modernas da Física, da Química e na... economia Política! Esse método ele quer aplicar, pois é um fruto da sua experiência e ele diz que com a metade do tempo ele consegue mais que pelos processos acadêmicos.

No seu método ele começa por examinar o terreno química e geologicamente e vai por aí afora até a iluminação, onde se calculará a voltagem, amperagem, etc. E tudo isso acompanhado de demonstrações práticas dos representantes de todas as espécies de invenções modernas da construção, como seja: sistema de iluminação moderna estudada cientificamente. Portas e janelas, patentes (sistema em séries em que fala o

Corbusier!). Elevadores etc. etc. Processos químicos para o super endurecimento do cimento a ponto de se conseguir fazer paredes com a espessura de 2 cm, e mais resistente do que a parede comum de 25 cm etc.[...].

Attilio C. Lima percebeu a importância do contato com Lubetkin. A bagagem técnica que o colega trazia como conhecedor de inovações nos processos construtivos em série, da racionalização da arquitetura, do emprego do concreto armado e da pré-fabricação, muito diferente da sua formação clássica na ENBA, enriquecia seu repertório. Dessa forma ele e seus colegas brasileiros aproveitaram a oportunidade e compartilharam das aulas ministradas por Lubetkin:

[...] Lubetkin organizou um curso que só admitirá no máximo seis alunos para eficácia do ensino. Estes seis alunos já estão inscritos – são quatro brasileiros: eu, o Paulo, o Cláudio e um rapaz que chegou da América; Washington de Souza, e mais dois franceses que ainda não conheço. O curso terá lugar na casa do Lubetkin, que é pertinho da minha, em frente à estação da *Glacière*. Ao entrarmos para o curso assumimos o compromisso de trabalhar das 12:30 às 17:30, diariamente exceto aos domingos, Natal, Ano Novo, Páscoa e só, sem férias sem nada. Ele diz que assim em um ano de trabalho conseguiremos estar aptos a tomar a peito qualquer problema. Às 17:30 sairemos todos juntos e iremos para o Instituto de Urbanismo assistir à aula que é das 18 às 19. O preço do curso é de 200 francos por mês e começa a funcionar no 1º de novembro. O que é que acham de tudo isso? [...].

O arquiteto pronto para iniciar seu curso com Lubetkin emitiu mais informações sobre seu colega e professor, transparecendo sua grande consideração e respeito:

Paris, 25 de outubro de 1927

No dia 1º começaremos as aulas com Lubetkin, eu já comprei um esplêndido cavalete com prancheta tipo patente que toma todas as posições e é durável e muito bem construído, e quando se fecha fica “chatinho” para se poder carregar. No curso do Lubetkin (todos terão material igual, porque ele é um apologista da estandarização).

Agora estou trabalhando muito, pois trabalho 5 horas com Lubetkin, e das 18 às 19 da noite no Instituto de Urbanismo. O Lubetkin está fazendo um curso magistral de construção de concreto armado, pois apesar dele ser da minha idade é o sujeito mais conhecido nos meios escolares.

Ele já trabalhou nas companhias de construção em Moscou, Leningrado e Berlim, e está a par de todos os processos modernos.

Na Sorbonne ele é conhecido pelos exames que tem feito e que muita gente vai assistir. Este curso que ele faz conosco é somente porque ele quer aplicar um novo método de ensino e ao mesmo tempo continuar a estudar [...].

Attilio C. Lima destacou a coerência do discurso e da prática de seu colega no que se referia a ser um cidadão comunista e um arquiteto do Construtivismo russo:

[...] Lubetkin é filho de um ex-almirante do Czar que hoje é comissário de compras do governo soviético da Polônia e como o pai envia 225 rubros a que todo o russo tem direito, ele não recebe o dinheiro do pai, porque considera esse dinheiro roubado do proletariado, apesar do pai fazer tudo para que ele receba. Em consequência disso ele já passou um ano descarregando carroças de verduras nos Halles à noite para estudar de dia.

Ele hoje é casado com uma Russa, Pácha, que é filha do engenheiro que construiu a maior estrada de ferro do mundo, a Transiberiana. Ela é formada pela Universidade de Oxford, e aqui é professora de Física e Química. Tem uma filhinha de 10 meses, Marisha, que é muito engraçadinha [...].

Quando soube as notícias de seu professor Archimedes Mémoria, Attilio C. Lima, quando percebeu o quanto sua formação na ENBA era distante das novas técnicas de construção e projeção, ironizou:

Paris, 1º de dezembro de 1927

[...] O que me conta Papai de novidades da Escola, como vai o Concurso do Memória? Terá ele já conseguido dos alunos obter pranchas de 10 metros?!! Que tal as inúmeras aquarelas? [...] É preciso fazer uma revolução naquelas aulas; são três anos perdidos só de aquarelas e mais nada. Projetos formidáveis de assuntos como eu fiz, que já nem era mais arquitetura e sim urbanismo, plantas colossais de exposições, quando a gente não sabe nem o que é o cimento [...].

O arquiteto comparou os dois métodos de ensino, o de Lubetkin e o de Memória, e o quanto eles eram opostos. Citou a Alemanha e a Rússia como países onde as inovações tecnológicas estavam à frente do que acontecia na França:

[...] O método do Lubetkin é oposto ao do Memória. Ele não pode admitir grandes projetos, por isso ele começa por ensinar: a areia, pedra e cimento; e só sobre isto já escrevemos mais de um caderno e já estamos a par de todas as experiências modernas, que se tem feito na Alemanha sobre estes materiais, porque a própria França está tão atrasada em matéria de construção, a ponto [que o] regulamento de construções de cimento armado ainda data de 1906. Enquanto que, na Alemanha, todos os anos sai um novo regulamento com inovações da ciência e da prática. A Rússia é também o país onde se tem visto surgir uma série de inovações e onde se constrói fantasticamente. Tenho ocasião de ver revistas russas nas quais tenho visto coisas assombrosas, inclusive um estúdio cinematográfico, que é o maior do mundo, e que de acordo com o regime pertence ao Estado [...].

No material pesquisado nos *fonds historique* foram encontradas o histórico¹⁸⁸ de Berthold Lubetkin, como também seu registro de matrículas durante o período de 1927 a 1932 (Figuras

¹⁸⁸ Lubetkin cursou as seguintes disciplinas: Evolução das Cidades, Organização Social das Cidades, Organização Administrativa das Cidades, Organização Econômica das Cidades, Higiene da Habitação, Organização das Capitais, Estrutura Coletiva, Manutenção da Ordem, Municipalismo e Arte do Engenheiro Municipal. As disciplinas que ele alcançou as melhores notas são: Higiene da Habitação (171/2), Organização

123 e 124); no entanto, o arquiteto não defendeu tese no IUUP. Quando se pesquisam sua biografia e sua trajetória acadêmica, não há nenhuma citação a respeito da sua formação como urbanista no IUUP. Talvez por ele não ter apresentado o trabalho final e defendido a tese. Consequentemente, não obteve o diploma e nem o título de urbanista.

Inscription Année scolaire 192...-192...
à l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris

Nom : LUBETKIN
et prénoms : BERTHOLD
Nationalité : RUSSE
Date : 14-XII-03
et lieu de naissance : WARSAWA
Domicile de l'étudiant : 108 B. AVENUE DE LA SÈVE, 13^e
Titre ou grades : ARCHITECTE
Inscription en 1^{re} année : 1926-1927 Inscription en 2^e année : 1927-28
Depuis quand l'étudiant réside-t-il dans le département de la Seine? _____
Signature de l'étudiant : BERTHOLD LUBETKIN
VERBEMENT
N^o du Bulletin : 886 Date : 14-XI-26 N^o Quotidien : 821
824 10-11-1927 832
814 10-11-1927 886 (Anticible)
686 10-11-1927 913
2093 10-11-1927 1093
OBSERVATIONS

MATIÈRES D'EXAMEN	DATE DE L'EXAMEN	
	1 ^{re} ANNÉE	2 ^e ANNÉE
Évolution des villes	juin 1928 14	juin 1928 8 - 11
Organisation sociale des villes	10	10
Organisation administrative des villes	5-11	10
Organisation économique des villes	11	11
Théorie	13	14
Composition générale	15	12
Composition particulière	14	12
Hygiène de l'habitation	17 1/2	
Services de la banlieue parisienne		
Organisation des capitales		16
Autonomie communale	12	
Maintien de l'ordre		12
Municipalisme	10	10
Art de l'ingénieur municipal	12	14 <i>faillit</i>

Projet de mémoire déposé le _____
Mémoire déposé le _____
Soutenance _____
Diplôme délivré le _____

Figura 123 - Ficha de inscrição de matrícula e histórico de Berthold Lubetkin no IUUP.
Fonte: *Fonds historique* do IUUP.

das Capitais (16) e a Arte do Engenheiro Municipal (14), confirmando sua maior aptidão para as disciplinas práticas, ou de assuntos que ele dominava pelas suas experiências anteriores.

INSTITUT D'URBANISME
DE
L'UNIVERSITÉ DE PARIS

REGISTRE D'INSCRIPTIONS

DIPLOME Année scolaire 1927-1928 Semestre

NUMEROS	DECLARATION D'INSCRIPTION	DROITS D'INSCRIPTION
DE L'INSCRIPTION 287 DU BULLETIN DE VERSEMENT 888 DE LA QUITTANCE 861	<p style="text-align: center;">Du 10 Novembre 1927</p> <p>Je soussigné, <u>Louiseo Stiemu</u>, né à <u>Bucarest</u> dep^t <u>Roumanie</u>, le <u>12 Mars 1902</u> 18... déclare prendre la <u>premiere</u> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <u>Letres</u> de Paris, sous le N° <u>3763</u>.</p> <p style="text-align: right;">Signature de l'Étudiant, <u>Stiemu</u></p>	175
DE L'INSCRIPTION 290 DU BULLETIN DE VERSEMENT 886 DE LA QUITTANCE 862	<p style="text-align: center;">Du 10 Novembre 1927</p> <p>Je soussigné, <u>Calbe</u>, né à <u>Flaesti</u> dep^t <u>Roumanie</u>, le <u>18 Janvier 1903</u> déclare prendre la <u>premiere</u> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <u>Letres</u> de Paris, sous le N° <u>3771</u>.</p> <p style="text-align: right;">Signature de l'Étudiant, <u>T. Tosse</u></p>	175
DE L'INSCRIPTION 291 DU BULLETIN DE VERSEMENT 889 DE LA QUITTANCE 863	<p style="text-align: center;">Du 10 Novembre 1927</p> <p>Je soussigné, <u>Radovanvitch Michailo</u> né à <u>Zayetkhae - Serbie</u> dep^t <u>Zayetkhae</u>, le <u>21 novembre 1899</u> déclare prendre la <u>premiere</u> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <u>Letres</u> de Paris, sous le N° <u>3767</u>.</p> <p style="text-align: right;">Signature de l'Étudiant, <u>Radovanvitch Michailo</u></p>	175
DE L'INSCRIPTION 292 DU BULLETIN DE VERSEMENT 890 DE LA QUITTANCE 864	<p style="text-align: center;">Du 10 Novembre 1927</p> <p>Je soussigné, <u>Catin Andrei Jean Augustin</u>, né à <u>Pitesti</u> dep^t <u>Vième</u>, le <u>24 Juin 1901</u> déclare prendre la <u>premiere</u> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <u>Letres</u> de Paris, sous le N° <u>3768</u>.</p> <p style="text-align: right;">Signature de l'Étudiant, <u>Catin</u></p>	175
DE L'INSCRIPTION 293 DU BULLETIN DE VERSEMENT 891 DE LA QUITTANCE 865	<p style="text-align: center;">Du 10 Novembre 1927</p> <p>Je soussigné, <u>Gorodecki Stanislas</u> né à <u>Tarmino (Tamboff)</u> dep^t <u>Russie</u>, le <u>26</u> 1903 déclare prendre la <u>I</u> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <u>Letres</u> de Paris, sous le N° <u>3766</u>.</p> <p style="text-align: right;">Signature de l'Étudiant, <u>S. Gorodecki</u></p>	175
DE L'INSCRIPTION 294 DU BULLETIN DE VERSEMENT 892 DE LA QUITTANCE 866	<p style="text-align: center;">Du 10 Novembre 1927</p> <p>Je soussigné, <u>Berthold Lubetkin</u> né à <u>Woloss</u> dep^t <u>RUSSIE</u>, le <u>14 XII</u> 1802 déclare prendre la <u>troisieme</u> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <u>Letres</u> de Paris, sous le N° <u>3769</u>.</p> <p style="text-align: right;">Signature de l'Étudiant, <u>Berthold Lubetkin</u></p>	175
DE L'INSCRIPTION 295 DU BULLETIN DE VERSEMENT 893 DE LA QUITTANCE 867	<p style="text-align: center;">Du 10 Novembre 1927</p> <p>Je soussigné, <u>Balainich Zeonide</u> né à <u>Adais - Alaba</u> dep^t <u>Ethiopie</u>, le <u>12 avril</u> 1905 déclare prendre la <u>premiere</u> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <u>Letres</u> de Paris, sous le N° <u>3761</u>.</p> <p style="text-align: right;">Signature de l'Étudiant, <u>Z. Balainich</u></p>	175
DE L'INSCRIPTION 296 DU BULLETIN DE VERSEMENT 894 DE LA QUITTANCE 868	<p style="text-align: center;">Du 10 Novembre 1927</p> <p>Je soussigné, <u>Roller Demitriu (dit Demetru)</u> né à <u>Bucarest</u> dep^t <u>Roumanie</u>, le <u>30 novembre</u> 1878 déclare prendre la <u>premiere</u> inscription en vue du Diplôme de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris. Je déclare être immatriculé à la Faculté de <u>Letres</u> de Paris, sous le N° <u>3768</u>.</p> <p style="text-align: right;">Signature de l'Étudiant, <u>Roller</u></p>	175

Figura 124 - Caderno de registro de matrícula do IUUP. Em destaque matrícula de Berthold Lubetkin em 1927.
Fonte: CZAJKOWSKI (2000).

Embora seus documentos certificassem que seu nascimento foi em Varsóvia, em 1903, Lubetkin afirmou mais tarde ter falsificado a documentação para esconder o tempo que serviu

no Exército Vermelho. Na verdade ele nasceu em Tbilisi, capital da Geórgia, em uma família judia. Lubetkin estudou em Moscou e Leningrado, onde testemunhou a Revolução Russa de 1917 e também o surgimento do Construtivismo, tanto como participante em festivais de rua e também como aluno na VKhUTEMAS.¹⁸⁹

Influenciado pelo Construtivismo e seus conceitos como o de “artista-engenheiro”, Lubetkin manteve-se devoto à crença construtivista da arquitetura e tecnologia como meio de transformação social.



Figuras 125 - Projeto da fachada da Vkhutemas para o 10º aniversário da revolução comunista.

Fonte: <http://www.dw.com/>

¹⁸⁹ Após os acontecimentos de outubro de 1917 na Rússia, transformações começaram a ocorrer em diversas áreas da cultura e das artes. As instituições antigas foram abolidas ou reorganizadas. A primeira experiência em artes foi a reorganização do ensino em Moscou através dos Ateliês Artísticos Livres Estatais (SVOMAS), nos quais os professores e alunos tinham total liberdade e flexibilidade no ensino. A tarefa de criar um novo modelo de ensino, aprendizado e convivência era gigantesca. Começava o período construtivista na arte russa. A experiência foi a base para o desenvolvimento posterior do VKhUTEMAS, a escola de vanguarda do ensino soviético, formada pelos dois SVOMAS. Todas as novas ideias e experiências pensadas foram tentadas ou formuladas pelo VKhUTEMAS, mas a base para tudo isso foram os Ateliês Livres. Embora de duração curta, eles foram importantes ao apontarem os caminhos e abrirem espaço para novas formas de organização educacional, sob o controle dos professores e dos estudantes, em uma inédita gestão compartilhada de uma instituição de ensino (MIGUEL, 2006).

Em 1922, mudou-se para Berlim para trabalhar como assistente em uma exposição de arte. Considerou estudar na Bauhaus, mas chegou à conclusão de que pouco acrescentaria em sua experiência com a VKhUTEMAS. Preferiu, assim, matricular-se na Academia Têxtil de Berlim, para estudar com o historiador de arte Wilhelm Worringer.¹⁹⁰

Berthold aproveitou sua estadia na capital alemã para também aprender técnicas de construção moderna, especialmente em concreto armado, consideravelmente mais avançadas na Alemanha que na Rússia. No ano seguinte transferiu-se para a Polônia, onde foi estudar arquitetura na Universidade Politécnica de Varsóvia e dois anos depois, em 1925, para Paris, onde completou seus estudos na Escola de Belas Artes.

Após realizar o projeto de decoração para uma boate, a *Trapèze Volant* (Figura 126), passou a ser visto como uma promessa de grande potencial. Em 1928, junto com seu colega Jean Ginsberg,¹⁹¹ executou seu primeiro projeto de maior repercussão, um edifício de nove pavimentos na 25ª Avenida de Versailles (Figura 127), fortemente influenciado pelos conceitos de Le Corbusier.



Figura 126 - *Club Trapèze Volant*, Paris, 1927. Projeto: Berthold Lubetkin
 Fonte: <http://design.designmuseum.org/>

¹⁹⁰ Wilhelm Worringer (1881-1965), historiador e teórico da arte alemã, discípulo de Alois Riegl. É conhecido pela sua teoria da *Einfühlhuh* (empatia ou projeção sentimental), pela qual o impulso de satisfação culmina-se na beleza do orgânico; enquanto isso, o impulso abstracionista encontra a sua felicidade na beleza inorgânica, no que é regido por leis e por necessidades abstratas.

¹⁹¹ Ernest Jean Ginsberg (Polonia, 1905 – Paris, 1983). Filho de um grande químico industrial de origem judaica, começou a estudar arquitetura na Varsóvia, em seguida, chegou à França em 1924 para estudar na Escola Especial de Arquitetura. Graduou-se em 1929. Trabalhou alguns meses no estúdio de Le Corbusier. Fez suas primeiras projetos com o arquiteto russo Berthold Lubetkin (que ele conheceu na Escola de Arquitetura de Varsóvia) até 1931.



Figura 127 - Vista da cobertura do edifício da 25 Avenue de Versailles (1928-1931).

Projeto: Berthold Lubetkin + Jean Ginsberg

Fonte: <http://design.designmuseum.org/>

Seu plano, quando jovem ao sair da Rússia, era obter o ensino superior necessário na Europa para prepará-lo para voltar para casa e assumir seu lugar na construção da primeira sociedade socialista, mas pelo tempo que estava fora, quando voltou dez anos depois, a URSS de Stalin apresentou uma perspectiva completamente diferente.

Em 1931, decidiu mudar-se para Londres, após o convite para projetar uma residência na capital inglesa. Percebeu que a arquitetura inglesa ainda era predominantemente conservadora e até então insensível ao modernismo, já propagado pela Europa. A utilização do concreto

armado era comum em construções menores como lojas, garagens e galpões, mas a maior parte das grandes edificações ainda utilizava materiais tradicionais. Lubetkin estava convencido de que o patrimônio científico e de engenharia da Inglaterra, somados a experiências igualitárias como o movimento das cidades-jardim no século XIX, que ele antevia confiantemente o fim da aristocracia latifundiária, proporcionariam a ascensão do modernismo no país.

Pouco depois de sua chegada à Inglaterra, o arquiteto uniu-se a alguns jovens colegas, incluindo Skinner e Lasdun, além de Godfrey Samuel e Lindsay Drake, para formar um grupo chamado Tecton, tornando-se os precursores da arquitetura modernista nesse país. Eles abriram um pequeno escritório e, enquanto se esforçavam para realizar projetos, um debate entre tradicionalismo e radicalismo dividia a arquitetura britânica. Lubetkin fez seu nome produzindo artigos e proferindo palestras a favor do modernismo.

O primeiro projeto assinado pelo Tecton foi a Casa do Gorila no Zoológico de Londres, um projeto inovador que uniu Lubetkin a um jovem brilhante engenheiro, Ove Arup. Compartilhando o mesmo entusiasmo de Lubetkin pela experimentação, Arup deu uma contribuição inspiradora ao projeto da Casa do Gorila e a partir daí iniciaram uma parceria eterna. A partir do sucesso deste primeiro projeto, o grupo foi convidado a projetar a Piscina do Pinguim (Figura 128) também no Zoológico de Londres e ainda dois zoológicos inteiros, um em Bedfordshire e o outro em Warwickshire.

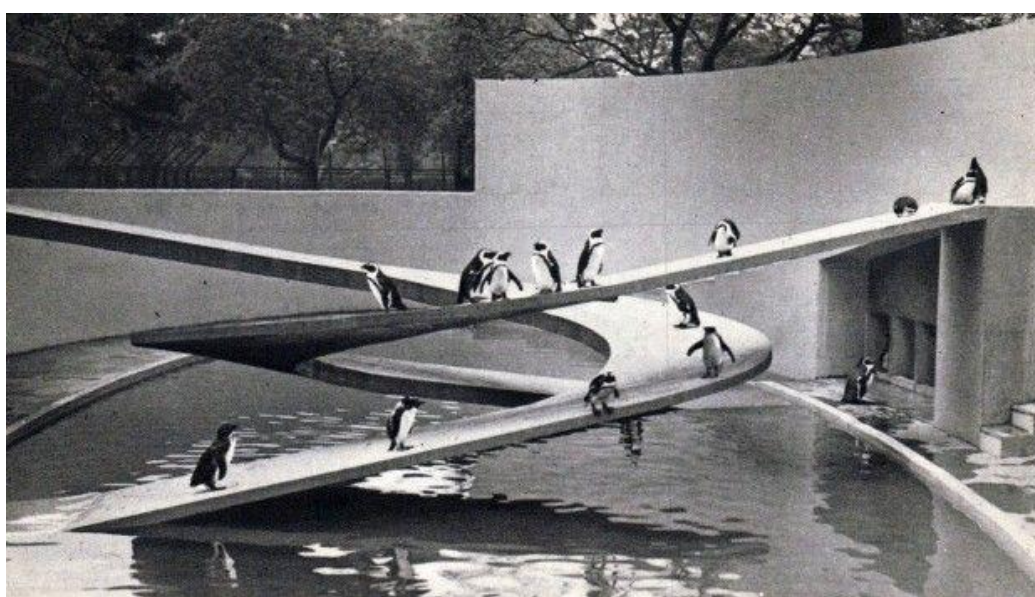


Figura 128 - Penguin Pool, London Zoo, Regent's Park, 1933-1934
Projeto: Berthold Lubetkin, Lindsay Drake, Tecton.
Fonte: <http://theimportanceofbeingmodernist.tumblr.com/>

Em 1935, Lubetkin desenvolveu suas ideias de moradia em uma escala mais ambiciosa, projetando um novo complexo de apartamentos luxuosos para a Zona Norte de Londres, o *Highpoint I* (Figura 129), que tinha por objetivo definir um novo ideal de moradia urbana. Pouco tempo depois, quando o lote vizinho ficou vago, Lubetkin e seu grupo projetaram um edifício adjacente ainda mais luxuoso, o *Highpoint II*.



Figura 129 - Highpoint I – Londres, 1935.
Projeto: Berthold Lubetkin, Lindsay Drake, Tecton.
Fonte: <http://theimportanceofbeingmodernist.tumblr.com/>

Highpoint I foi um edifício inovador em vários aspectos no que diz respeito à tecnologia e exemplar no uso do concreto armado. As paredes e pisos são monolíticos e não deixam aparecer nenhum tipo de junta. Para a construção das paredes, foram utilizadas plataformas móveis, descartando os andaimes comuns. Destacam-se, entre outras coisas, os painéis radiantes no teto do edifício para o aquecimento por radiação da água e do próprio edifício, tecnologia incomum para a época.

O edifício é composto por várias aberturas de janelas, valorizando a luz natural e a ventilação cruzada.

O edifício *Highpoint I* possui características dominantes do modernismo. Suas fachadas são valorizadas pelas linhas puras, volumes de geometria simples, utilização de concreto e do vidro. De volume cruciforme, há nele uma simetria em ambos os eixos, vertical e horizontal, prevalecendo os cheios sobre os vazios. Em alguns planos da fachada, há a presença de aberturas de janelas em alumínio e vidro.

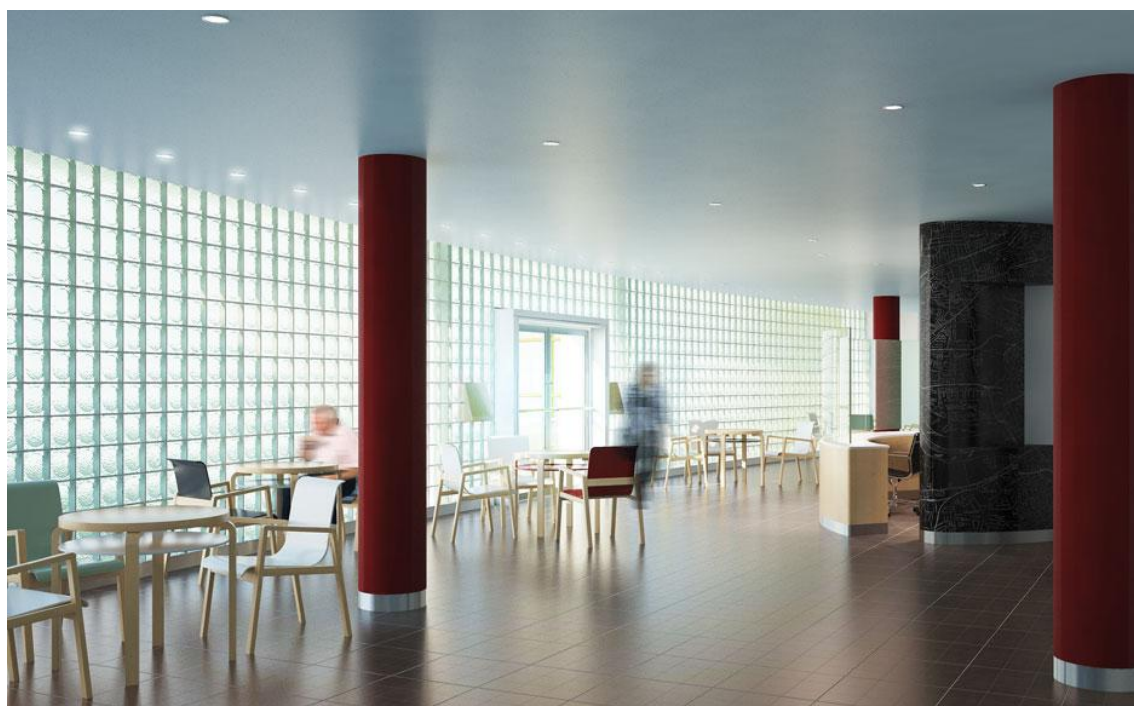
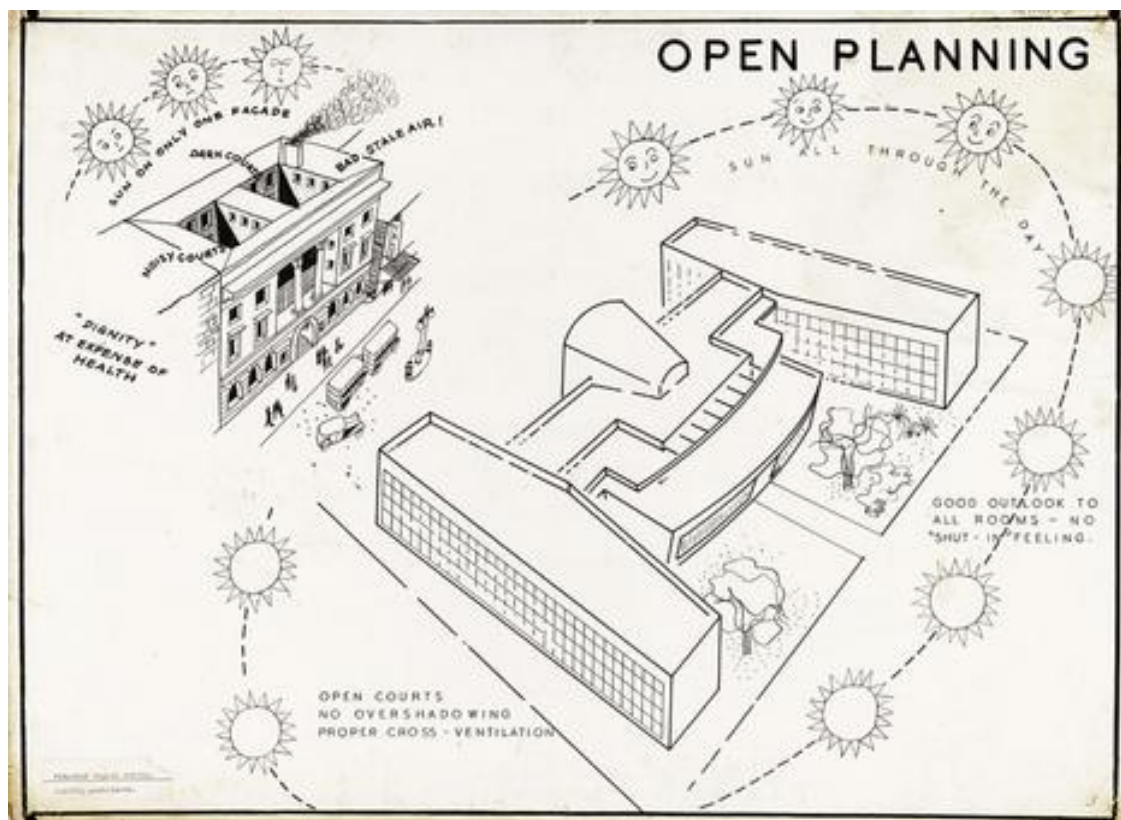
A estrutura do edifício representa os ideais modernistas da época, inspirado principalmente nos princípios construtivos de Le Corbusier. Lubetkin sustentou todos os seis pavimentos do edifício cruciforme através de uma rede de pilotis no térreo, cujos pilares geram uma planta livre. Os seis pavimentos acima são tipos idênticos, também seguindo ao máximo o conceito modernista de planta livre. A tecnologia construtiva foi proposta por Ove Arup. Em consenso com o arquiteto, o engenheiro aplicou um sistema de escalada de cofragem,¹⁹² já comum na engenharia civil, mas até então não utilizado em construções residenciais.

Um ano após iniciar o projeto do *Highpoint I*, o Tecton foi escolhido para projetar um novo Centro de Saúde em Londres, o *Finsbury Health Centre* (Figura 130), num bairro pobre da cidade. Foi a primeira vez que um grupo de vanguarda foi selecionado para um projeto municipal na Grã-Bretanha e foi uma ótima oportunidade para Lubetkin usar publicamente a arquitetura como fomentadora de inovações, aplicando seus preceitos modernistas. O arquiteto acreditava que o propósito da arquitetura moderna era melhorar as condições de vida da sociedade, para criar uma linguagem de formas arquitetônicas que transmitisse a mensagem otimista daquele tempo: “o século do homem comum”.

Para Lubetkin, o projeto do *Finsbury Health Centre* deveria traduzir um espaço aberto para a comunidade, aproveitando o máximo da insolação natural e da ventilação cruzada, liberando os blocos hospitalares. Sua implantação deu-se em forma de “H” possibilitando uma área central de circulações horizontais e verticais interligando os dois blocos.

No *hall* de entrada (Figura 131) há uma grande parede de tijolos de vidro, colunas pintadas de vermelho, tetos azul-celeste, uma recepção aberta e um mobiliário moderno, apresentando uma ambiência incomum em hospitais públicos.

¹⁹² Escalada cofragem é um tipo especial de fôrmas para estruturas de concreto vertical, que sobe com o processo de construção. Embora relativamente complexo e caro, pode ser uma solução eficaz para os edifícios que são ou muito repetitivos em forma (como torres e arranha-céus) ou que exigem uma estrutura de parede sem costura, usando fôrmas deslizantes, um tipo especial de trepante.



Figuras 130 e 131 - *Finsbury Health Centre*.
 Projeto: Berthold Lubetkin, Lindsay Drake, Tecton.
 Fonte: <http://issuu.com/bs906/docs/finaldocfhc>

Após a construção do Centro em 1938, o Conselho de Finsbury convidou o escritório a criar um plano urbanístico para reconstrução de uma área decadente do distrito, ocupada por cortiços do século XIX. Os vereadores buscavam no Tecton soluções progressistas para os problemas da região, mas com o início da Segunda Guerra Mundial, no ano seguinte, restou ao grupo de Lubetkin um projeto muito menos ambicioso, infelizmente necessário: o dos abrigos antiaéreos.

Após a guerra, o Conselho de Finsbury pediu para que terminassem o projeto e o resultado foi uma série de conjuntos habitacionais, o *Spa Green State* (1943-1950) e o *Priory Green State* (1943-1957). Em ambos os projetos Lubetkin foi capaz de aplicar muitas das ideias desenvolvidas para o luxuoso *Highpoint*, mas, desta vez, em uma habitação social de baixo custo (Figura 132).



Figura 132 - *Priory Green Estate*, 1952. Tecton.
Fonte: www.pinterest.com

O grupo Tecton chegou ao fim em 1948, esperando ser responsável pela reconstrução arquitetônica da Grã-Bretanha. Seus membros desiludiram-se com o clima conservador dos

projetos pós-guerra. Lubetkin ainda executou mais alguns projetos de moradia, porém sem o entusiasmo anterior.

Quando recebeu a Medalha de Ouro atribuída pelo Royal Institute of British Architects, em 1982, Berthold Lubetkin resumiu seu percurso profissional como: “nascido em um mundo, testado em outro e abandonado num terceiro”. O primeiro mundo foi o pré-revolucionário na Rússia, onde ele cresceu; o segundo foi o nascimento do movimento moderno em Paris em 1920 e Londres em 1930; e o terceiro foi a conservadora Grã-Bretanha depois da II Guerra Mundial, em que Lubetkin, um dos arquitetos mais prolíficos do país nos anos pré-guerra, sentiu-se abandonado.

O percurso da formação e da produção de Berthold Lubetkin é importante para reafirmar sua relevância como precursor da arquitetura moderna na Europa, principalmente na Inglaterra, e indicá-lo como um arquiteto em sintonia com os movimentos de arquitetura moderna, o modernismo de Le Corbusier, a Bauhaus na Alemanha e o Construtivismo Russo.

Toda essa bagagem que Lubetkin carregava ele a transmitiu e influenciou seus alunos Attilio Corrêa Lima e Paulo Antunes Ribeiro por meio das lições do curso de concreto armado. Pode-se observar como Paulo Antunes Ribeiro aplicou esse aprendizado de influências modernistas em suas obras no Rio de Janeiro e Salvador, assim como Attilio Corrêa Lima no projeto da Estação de Hidroaviões do Rio de Janeiro (1937).

5.1.2 Notícias do Brasil

Durante os anos de permanência na capital francesa, Attilio Corrêa Lima não perdeu o contato com o Brasil, inteirava-se do que estava na ordem do dia no campo profissional. Mais uma vez seu pai cumpria o papel de lhe transmitir os acontecimentos recentes e dele recebia os comentários, as críticas e as posições assumidas diante de debates importantes. Além das cartas da família, a mãe lhe enviava os jornais que o auxiliavam a não se distanciar do país.

Por sua vez, o pai também solicitava informações sobre a ENBA para que Attilio C. Lima pudesse contribuir com críticas. O interesse de Corrêa Lima pela ENBA era, assim, dúbio: se existia o olhar enviesado, ele era, todavia, acompanhado da vontade de participação nas mudanças que visassem melhorar a instituição, e essas deveriam se realizar a partir de caminhos criativos e não seguindo os modelos parisienses. Seu ponto de vista fica claro na carta escrita ao pai em resposta ao pedido de informações sobre as escolas de arquitetura e Belas Artes de Paris:

Paris, 16 de fevereiro de 1929

[...] Quanto à pergunta que papai me faz a respeito dos concursos daqui, eu não estou muito a par, mas vou me informar, apesar de estar convencido [de] que é não um caminho procurar se guiar na França. Na Escola Especial de Arquitetura onde estudou o Cláudio é a maior das *bagunças* que se possa imaginar, pudesse mesmo dizer que os trabalhos são quase que a maioria feitos em casa (e por outros! Pagos a 100 francos o metro quadrado).

[...] Da escola de Belas Artes é mil vezes pior, e parece mesmo que a gente mais ordinária e mais baixa é que lá vai. Quanto ao que fazem é quase nulo como valor, qualquer dos nossos mais medíocres alunos de arquitetura fazem melhor.

[...] Quão isto aqui está uma decadência! O que mais me aborrece não é ver esse estado, é ver que no Brasil se dá tanta importância ao que vai daqui. Em todo caso vou procurar o que me pede [...].

Importante perceber o quanto Attilio C. Lima reforçava sua visão negativa da capital francesa durante o pós-guerra. O arquiteto apontava constantemente as situações de declínio da sociedade e de suas instituições tradicionais, como a Escola de Belas Artes de Paris. Para opor-se à francofilia de seus conterrâneos não lhes poupava adjetivos, nomeando-os “bocós” diante do deslumbramento com a cidade e por julgarem incompreensível que Olga também estudasse, em vez de fazer compras e circular nos endereços refinados da cidade. Entre “bocós” e *nouveau riche*, o casal transitava entre dois mundos – aquele de poucos recursos do bolsista da ENBA e o da burguesia brasileira em Paris:

Paris, 10 de abril de 1929

Queridos Pais,

Vai esta com relativo atraso devido à vida um tanto complicada que aqui levamos. Ou passamos longos períodos sem sair de casa, só trabalhando, ou então de repente desandamos a fazer uma vida de boêmios. A causa de tudo isso é estar eu parado com Niterói à espera de *rendez-vous* com o professor, se bem que tenho aproveitado o tempo adiantando o curso de cimento armado, assim é que acabei o estudo de Aritmética e a Álgebra e estou agora entrando na Geometria. Mas de uns dias para cá temos levado uma vida de não parar um instante, começou com a chegada de uma tia do Mayerhofer, depois o dia dos meus anos que culminou numa verdadeira farra, e ontem o nosso quarto se encheu como nos velhos tempos da Rua Bayen, parece até um verdadeiro centro cosmopolita onde se misturam todos os credos políticos. É de se ver a quantidade de cinza e pontas de cigarro que tenho que botar para fora depois da festa!

Esta gente toda está convencida que somos boêmios, eles estão acostumados com os brasileiros que vivem no *boulevard*, de polainas e chapéu-coco, de maneira que a mim que não tenho dinheiro para comprar chapéu e que por isso desde que aqui cheguei adaptei ao sistema do “sem chapéu”, o meu bigode a La John Gilbert, a Olga eternamente com a mesma roupa, morando no *Quartier Latin*, frequentando os restaurantes e cafés onde se encontram cabeleiras à inglesa, gravatões, sujeitos de botas, outros de sandálias com barbas “passa piolho”, turcos, gregos, russos, etc... As mulheres é aquele tipo que vocês devem estar fartos de conhecer pelo cinema: olhos pintados de azul, chapéu meio de banda, com uma das mãos sempre nas cadeiras, um arzinho de riso teatral, um inseparável cigarro no canto da boca. Isso é coisa de todos os dias para nós, mas para os outros constitui um atrativo, é uma novidade sensacional.

De vez em quando um dos nossos conhecidos marca um encontro para vir conhecer o *Quartier*. Eu verdade vos digo que os nossos patrícios são muitos “bocós”. Só o fato da Olga fazer um curso aqui constitui uma loucura, eles não podem compreender como é que uma senhora casada em Paris, esposa de um arquiteto Urbanista Artista etc., prefira ouvir umas aulas a ir às casas de modas e dos chás elegantes. Nós somos três bichos raros, porque o Mayerhofer é uma espécie de aprendiz nosso.

Isto tudo não deixa de ter suas vantagens, pois de vez em quando logramos ser convidados para algum jantar em casa de algum dos nossos amigos *nouveau riche* et *parvenus*, que, querendo mostrar aos amigos qualquer coisa de novo, nos exhibe como bichos raros, o que retribuo com minhas ideias revolucionárias escandalizando-os bastante, dando assim o prazer que eles querem, enquanto vou engolindo penes assados, comidas finas, vinhos velhos etc. Mas a verdade é que nós, depois de tudo isso, rimos bastante dessa gente toda. É pena que não tenha ainda descoberto um meio de ter casa paga por eles! [...]. (Grifo nosso).

Os comentários de Attilio C. Lima permitem presumir que a tolerância dedicada aos “bocós” e *nouveau riche* era parte de códigos de sociabilidade exigidos de um profissional liberal que necessitava do apoio e suportes sociais para a realização de uma carreira bem-sucedida.

Nesta mesma correspondência Attilio C. Lima comentou as notícias do seu grande amigo Paulo Antunes Ribeiro, que havia retornado ao Brasil e participou de um concurso no qual foi vencedor, demonstrando a atenção dedicada às oportunidades profissionais. Aproveitou mais uma vez para fustigar Marianno Filho e Adolfo Morales de los Rios, ambos membros do júri:

[...] Recebemos ontem uma carta do Paulinho contando-nos a vitória do concurso para a Construção da Sociedade Sul Grandense, depois de uma série de patifarias do Rafael Galvão concorrente, e do Marianno e Morales da Comissão Julgadora, o que vem nos mostrar que as coisas ai não mudam. Essa construção é na Avenida, tem dez andares e é lá para uns 1.500 contos. Ele agora está em vistas de arranjar a construção do parque e do Cassino de Caxambú ou Cambuquira, não me recordo bem agora qual deles [...].¹⁹³

Em meados de 1930, Attilio C. Lima dedicou uma carta exclusivamente para comentar as notícias sobre o IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos que ocorria no Rio de Janeiro. Esse congresso, sob a presidência do arquiteto Nestor Egydeo de Figueiredo, foi marcado por polêmicas que trouxeram para o centro das discussões o antagonismo entre o estilo Neocolonial e as tendências do Modernismo. Esse embate era representado por José Marianno Filho e pelo arquiteto paulista Flávio de Carvalho.

O tema central do encontro foi “[...] a questão do moderno na paisagem da cidade, por meio da análise de aspectos como a pertinência dos arranha-céus”. Foram também discutidos o papel do ensino da Arquitetura e do Urbanismo nesse novo cenário e o lugar do regionalismo e internacionalismo nas linguagens artísticas (CERASOLI, 2012, p. 1).

Sanches cita em sua pesquisa como Paulo Santos memorou o Congresso, do qual ele era presidente da Comissão de Propaganda, durante o Encontro Nacional de Arquitetos, em 15 de novembro de 1971. Assim lembrou o arquiteto:

[...] No Rio vive-se um momento de vibração. Precedido de grande propaganda por todo o Brasil e no estrangeiro, vai ter lugar o IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos que será o palco do conflito entre as duas tendências principais da arquitetura na década que findava: a Neo-Colonial e a Moderna. Os pontos de contato que no fundamental as aproximavam não impediam na prática antagonismos formais inconciliáveis. [...] Na delegação de Minas se alinham os desenhos academizantes do Luiz Signorelli e na de S. Paulo, além das contribuições de Christiano das Neves, vice-presidente do Congresso e ferrenho partidário do Luiz XVI, se incluem as de Warchavchik, Flavio de Carvalho e Jaime da Silva Teles, os três arquitetos que os jornais da Paulicéia apresentavam como líderes da Corrente Moderna. Mas Jaime não compareceu; Warchavchik, que só veio para fazer a arrumação dos seus trabalhos na Exposição, compareceu apenas à sessão inaugural e embora mandando uma tese muito boa desertou dos debates transferindo a Flavio – que apresentou também uma tese, a mais discutida do Congresso – a missão de sustentá-los.

[...] Por isso, quem ganhou a partida foi José Mariano, figura central do Congresso, que assumiu a posição simpática de defesa da classe dos arquitetos na sociedade e em relação à Arquitetura, como se fossem as próprias nações do Continente, cada qual com os seus valores tradicionais, a sua cultura, a sua personalidade, que

¹⁹³ Correspondência de Attilio C. Lima de 10 de abril de 1929 para seus pais.

estivessem em jogo e cumprisse defender, como herança sagrada a ser transmitida às gerações vindouras. Tratava-se de um tema que entusiasmaria qualquer auditório. [...] Podiam divergir os caminhos, mas era inegável entre a maioria dos congressistas o apreço pelos valores tradicionais e pelas maneiras de preservá-los e estudá-los, como se evidencia das teses apresentadas – para só citar a contribuição brasileira –, por Angelo Brunhs e Paulo Thedim Barreto, cujas idéias se acrescentaram às de Ricardo Severo, José Mariano e tantos outros, para formar nos poderes públicos um estado de espírito de que resultaria poucos anos depois a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (SANTOS, 1971 apud SANCHES, 2005, p.101).

Apesar da consagração do neocolonial, o conjunto de teses apresentadas na IX Secção de Estudos do Congresso Pan-Americano denominada "Como julgar a tendência da moderna architectura: decadência ou ressurgimento?" foi aprovado por unanimidade. O que se viu nos anos que sucederam foi a afirmação do movimento moderno, contrariando aqueles que acreditavam no neocolonial como expressão única de identidade nacional.

Outro tema discutido no congresso e que mobilizou Attilio C. Lima foram as atribuições e a regulamentação das profissões de arquitetos e engenheiros. Mais uma vez a verve irônica do arquiteto encontrou uma oportunidade de expressão ridicularizando as proposições de Marianno Filho, sustentadas pelo Código de Guadet,¹⁹⁴ que observa ser um documento ultrapassado:

Paris, 15 de julho de 1930

Queridos Pais,

Novidades aqui nenhuma, a não ser as notícias do Congresso Pan-Americano de Arquitetos, que como amostra já vi uma série de disparates, a começar pela tese do Marianno regulando a profissão do Arquiteto e que propõe que se separe a Arquitetura da Construção, ficando o Arquiteto impedido de Construir, *por ser a profissão do Arquiteto incompatível com empreendimentos comerciais*, segundo o Código de Guadet. Ora enquanto nos países civilizados se esquece do Guadet que viveu no meio do século passado, o Brasil faz um grande benefício para a classe do Arquiteto, adaptando-o em 1930. As consequências dessa reforma seriam que os Engenheiros se dedicariam exclusivamente à construção por ser mais rendosa e também por serem mais capazes para tomarem responsabilidade dessa ordem. Ora

¹⁹⁴ “[...] ‘O Código Guadet, adotado pela Sociedade Central dos Arquitetos Franceses (1895), documento redigido pelo arquiteto Julien-Azaïs Guadet (1843-1908), professor de teoria na Escola Nacional Superior de Belas-Artes de Paris e colaborador de Charles Garnier, na Ópera de Paris, [...] se funda essencialmente sobre a busca de legitimação de um estatuto específico [*para a profissão*]: o estatuto liberal que, por essência, deve se distinguir do estatuto de comerciante’ (*Droit*, p. 18). Pode-se acrescentar: ou do empreendedor, empresário ou do construtor. Sua atuação é autônoma e “desinteressada” [...], pautando-se por deveres éticos que o código consagra assim como consagra, de outro lado, toda dedicação do arquiteto aos interesses que lhe foram confiados pelo cliente. Daí inclusive a ideia que está na origem do termo “honorários” para designar sua remuneração, termo latino derivado, é evidente, de ‘honorífico’: aquilo que é dado para honrar e não como salário ou propriamente pagamento pelo trabalho de alguém. [...] Embora sem nenhum caráter legal, o Código de Guadet na prática regeu a profissão dos arquitetos na França até 1940, quando ela foi disciplinada pela lei e encerrou-se a possibilidade de seu exercício livre, sem diploma, que começara em 1793” (CASTILHO, 2014).

como todo projeto terá que trazer assinatura de um Arquiteto, segue-se que o pobre do proprietário terá que pagar bem caro os dois profissionais, que, estando assim garantidos pela lei, poderão esfolar bem o freguês [...].

O arquiteto fez previsões a respeito do que ocorreria no caso de contratar profissionais distintos, um para projetar e outro para construir: "[...] Segue-se aí uma série de outros inconvenientes, por exemplo, aquele que quiser projetar e construir pagará a um arquiteto novo, saído da Escola para assinar e assim formar-se-á uma indústria rendosa de assinaturas a cinquenta mil réis".

Sobre a posição de Mariano Filho, Attilio C. Lima concluiu que aos arquitetos sobraria somente a concepção de projetos “aquarelados”:

[...] Um outro artigo diz que bem o sujeito se inscreve como construtor ou bem como arquiteto, sendo que sob qualquer uma dessas condições ele não poderá de forma alguma exercer a outra.

Isso se estende também às firmas que tem arquitetos e construtores, que ficarão impedidos de exercer ou uma ou outra dessas funções. Essa reforma onde se vê tem o dedo do Marianno, evitando de todas as maneiras que o Engenheiro projete, para garantir assim a profissão do Arquiteto burro e incapaz que ficará dessa maneira tranquilo para prover sua subsistência e terá a liberdade plena de dar expansão aos céus e nuvens aquareladas [...].¹⁹⁵

De maneira sarcástica o arquiteto traçou as modificações que ocorreriam no mercado da construção civil com a regulamentação da profissão de engenheiros e arquitetos, caso elas fossem colocadas em prática:

[...] De hoje em diante quem sofrerá é o idiota do proprietário (pois não tomou parte do Congresso!) que antes tinha o recurso do português que lhe fazia um bangalô colonial, mas que para o futuro terá que se haver com um arquiteto medalha de ouro etc. etc. que tomará uns dez por cento para uma aquarela, e mais um engenheiro que com outro dez ou vinte por cento acabará de arruiná-lo [...].¹⁹⁶

Concluindo de maneira radical, Attilio C. Lima afirmou que José Marianno determinava com sua tese que os arquitetos só sabiam fazer aquarelas e desqualificou os outros assuntos que foram discutidos no Congresso, valorizando apenas a exposição de projetos:

¹⁹⁵ Carta de Atillio, anteriormente citada, enviada a seus pais.

¹⁹⁶ Idem.

[...] Em resumo o Marianno traz como benefício para a classe é colocá-la no seu justo lugar, quer dizer: Arquiteto só sabe fazer aquarela, pois bem, garante-se por lei o direito do arquiteto de fazer aquarelas e obriga-se a todo proprietário a servir-se do dito.

Esse Congresso só deve ter valido pela exposição, quanto ao assunto das teses e seus relatores são simplesmente risíveis. Pelas notícias que tenho tido o único que disse alguma coisa de sensata foi justamente um Arquiteto de São Paulo, mas que não faz parte do Congresso!! É um tal de Wladimir Constantinowski, que escreveu uma carta aberta ao Congresso. Isso tudo para não falar nos grandes inconvenientes como, por exemplo: a obrigação do Papai vestir uma casaca e ficar numa cadeira espetado num colarinho de palmo e meio a ouvir Exmo. Sr. Isso, Ilmo. Sr. Aquilo, Senhor delegado d'aquilo outro, Dignos representantes etc. etc. e finalmente minhas senhoras e meus senhores. E aí então começa uma xaropada...

[...] Aqui as Conferências e os Congressos quando se realizam pode estar presente quem estiver que o conferencista diz simplesmente Mesdames, Messieurs. O defeito dos discursos daqui é a mania de patriotismo, pois acabam sempre demonstrando que foi a França quem criou, quem inventou, ou quem fez melhor [...].¹⁹⁷



Figura 133 - Dr. José Marianno Filho.
Óleo sobre tela. Rodolpho Chambelland, 1912.
Fonte: <http://www.dezenovevinte.net/>

¹⁹⁷ Carta de Atillio, anteriormente citada, enviada a seus pais.

José Octávio C. Lima enviou mais notícias sobre o IV Congresso Pan-Americano e seu filho respondeu indignado sobre a postura dos arquitetos:

Paris, 1 de agosto de 1930

Queridos Pais

[...] As notícias que papai me dá sobre o Congresso eu já esperava, nem podia deixar de ser assim, eu hoje já me convenci que *os nossos arquitetos são tão burros* que são incapazes de fazer alguma coisa de útil, *eles têm tanta convicção de sua inutilidade que tomam como anjo protetor para advogar a causa da classe... um médico falido na profissão e que anda em busca de notoriedade*. Essa chaminé ambulante que soube aproveitar o ouro de um feliz casamento em qualquer coisa útil quer empregá-lo em benefício de uma classe, que ele desmoraliza cada vez mais, com essa mania de engrandecimentos. O conceito da classe só pode subir quando o nível intelectual da classe subir também [...]. (Grifo do autor).

Attilio C. Lima não poupava Marianno Filho e se irritava com a sua influência sobre os colegas:

[...] Essa mania que ai há de querer levantar uma barreira entre o Engenheiro e o Arquiteto é uma prova do pavor que os arquitetos têm daqueles, pois por mais ignorante que seja um engenheiro este sempre tem os preparatórios que já é alguma coisa. É por esta razão que os meus colegas batem palmas ao Mecenas de Cascadura por fazer este serviço, e em troca desse serviço os arquitetos votam obediência ao “Yoyo” prometendo só fazer Colonial [...].¹⁹⁸

Na finalização dos debates no Congresso Pan-Americano, sobre o ensino, decidiu-se pela criação de disciplinas ou cursos de urbanismo nas escolas superiores de arquitetura assim como o aprendizado especializado da Arquitetura Paisagista, enfatizando ainda: “[...] o Urbanismo, por sua importância, constitua tema obrigatório dos futuros congressos” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940, p. 29), proposta que foi conduzida para o V Congresso, em 1940.

O assunto sobre a criação do curso de urbanismo interessou muito a Attilio C. Lima e ele refletiu como seria a implantação da disciplina na ENBA. A questão era apropriada, pois por esta ocasião Lucio Costa preparava a reforma da ENBA. Attilio C. Lima organizava-se para voltar ao Brasil e muito lhe interessava um posto como professor de urbanismo nos quadros da instituição. É surpreendente observar como se posicionava diante da nomeação de Costa para o cargo de diretor da instituição. Primeiramente, o que era muito previsível, manifestou surpresa, em ver nomeado o antigo colega, que não pertencia aos quadros acadêmicos, ao

¹⁹⁸ Carta de Atillio, anteriormente citada, enviada a seus pais.

posto maior da ENBA. Costa havia sido nomeado diretor por Getúlio Vargas, sendo sua indicação sugerida por Manuel Bandeira a Rodrigo Melo Franco de Andrade, então chefe de gabinete do ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos.¹⁹⁹

Muitas foram as polêmicas sobre a nomeação de Lucio Costa e elas polarizaram a Escola Nacional de Belas Artes.

Para Costa, um dos problemas maiores no ensino da arquitetura era a desvinculação entre o ensino artístico e o técnico-científico, presente no modelo academicista. Na sua visão, era necessária uma reavaliação no curso de arquitetura para superar as deficiências e para torná-lo o mais completo possível e também com qualidades técnico-científicas, orientando os ensinamentos artísticos em harmonia com as construções. Dessa forma, os clássicos seriam estudados como disciplina, os estilos como orientação crítica e não para aplicação direta como ocorria na disciplina de Composição de Arquitetura.

Com o intuito de trazer a arte e a técnica de forma integrada para ensino da arquitetura, Lucio Costa convidou os arquitetos Alexander Buddeus e Gregori Warchavchik, o pintor Léo Putz e o escultor Celso Antonio para lecionarem cursos paralelos. A contratação dos profissionais causou polêmica porque quase todos eram estrangeiros.

Durante o período de Lucio Costa na diretoria da ENBA foram realizadas apenas duas reuniões: uma inicial, na qual é apresentado ao corpo docente, e a de 26 de agosto de 1931, em que foi afastado do cargo. Lucio Costa não sendo professor da ENBA não poderia ser seu diretor, pois o decreto recém-formulado relativo a qualquer ensino superior era categórico, como mostra Pinheiro (2005, p. 13):

[...] ora, o artigo 27 do Decreto 19.850 de 11/04/1931 determinava que “o Diretor dos Institutos Universitários Federais – órgão executivo da direção técnica e administrativa – será nomeado pelo Governo, que escolherá, de uma lista tríplice na qual serão incluídos os nomes de 3 professores catedráticos, em exercício, do mesmo Instituto, 2 deles eleitos por votação uninominal pela respectiva Congregação e eleito o terceiro pelo Conselho Universitário”.

¹⁹⁹ “Em 1931, vários decretos efetivaram a legislação educacional conhecida como Reforma Francisco Campos, que estruturou e centralizou para a administração federal os cursos superiores, o ensino secundário e o ensino comercial (ensino médio profissionalizante). Essa reforma restringiu-se aos níveis de ensino secundário e superior, os mais procurados pelas elites, não contemplando o ensino primário ou elementar e o ensino normal que permaneceram da alçada dos Estados. Francisco Campos foi ministro do recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública, entre 1930 e 1934, durante o Governo Provisório instaurado com a Revolução de 1930” (ROMANELLI, 1978).

Lucio Costa foi então de fato afastado e seu substituto foi Arquimedes Memória, escolhido por meio do voto da Congregação de acordo com os novos estatutos.

Enquanto Lúcio Costa comandava a reforma, Corrêa Lima posicionava-se em relação a ela. Estava ansioso e desconfiado, como indica a carta de março de 1931:

Paris, 12 de março de 1931

Queridos Pais,

Tenho recebido diversas cartas de Papai reproduzindo as notícias já anteriormente dadas, sobre a questão do dinheiro. O atraso de correspondências atualmente é devido à falta de vapores, que no inverno são reduzidos.

Atualmente vivo ansioso à espera do resultado da reforma da Escola, vivo conjecturando o que poderá sair daí? Afinal das contas Papai não me diz se há alguma comissão encarregada disso, ou se é o próprio Lúcio sozinho que está elaborando o projeto. Se há uma comissão quem são os membros? [...].

Suspeitava que a reforma fosse um ato autoritário de Costa. Depois das explicações dados pelo pai, manifestou-se:

Paris, 8 de maio de 1931

Recebi a carta de Papai que fala sobre a Reforma, o que está me parecendo é que o Lúcio está deslumbrado com o poder, e que quer dar vazão às suas fantasias. Um dos arquitetos, o Gregory Warchavchik!!.. eu já o conheço, ele colabora aqui em várias revistas francesas modernas. E veio até representar o Brasil num congresso que se realiza todos os anos dos arquitetos modernistas. Não sei se ele é modernista porque compreende bem a razão de ser da Arquitetura Moderna, ou se é por esnobismo [...].

Os comentários sobre os convidados de Lucio Costa para assumirem posições no quadro de professores da ENBA não se restringiram a Warchavchick:

[...] Como é que se contrata ultramodernistas, se não consta no programa da Escola cadeira de “cimento armado” que em todas as escolas do mundo já foi oreada? O outro arquiteto, Buddeus, nunca vi mais gordo? Quanto ao Celso Antônio... tem servido para estabelecer em mim uma dúvida: serão os outros da mesma marca? Que espécie de economia é essa de ter dois professores de escultura para um só aluno? Sem mais espaço, muitos beijos e abraços do Attilio.²⁰⁰

Ainda sobre a reforma na ENBA e a inclusão da cadeira de urbanismo, Attilio C. Lima demonstrou seu interesse como professor:

²⁰⁰ Carta de Atillio, anteriormente citada, enviada a seus pais.

[...] Sobre a possibilidade de reforma da Escola e a criação da cadeira de Urbanismo, isso é assunto que muito me interessa. Pode desde já me considerar candidato ao concurso da cadeira de Urbanismo. É a única coisa de que me sinto capaz de falar um pouco [...].²⁰¹

O arquiteto esmiuçou como seria implantada a disciplina de Urbanismo e candidatou-se como o único professor habilitado:

[...] Embora o Urbanismo atinja a todos os ramos da atividade, a cadeira que se criar na escola será estudada na parte que toca o arquiteto, mesmo só nessa parte a tanta coisa a dizer que no mínimo 2 anos serão preciosos para ao menos encaminhar os alunos nessa ordem de coisas. Eu queria que papai me dissesse em que condições será feito o curso, se criar a cadeira de Urbanismo. Se é a congregação da Escola que estabelece o programa do curso, a duração, etc. Não vejo aí na escola (modéstia à parte) ninguém com as aptidões para organizar o programa de um assunto absolutamente desconhecido dos “*indígenas*”. Já estou vendo papai tirar os óculos, esfregando com o papel higiênico e dizer assim para mamãe com um tom meio desanimado: Qual este meu filho está ficando muito pretensioso! Naturalmente candidato a cadeira é quem expõe o programa que pretende dar, e a orientação da matéria [...].²⁰²

Attilio C. Lima solicitou apoio ao seu pai, que participava da reforma na Escola, para que a disciplina de Urbanismo ocorresse em dois anos, na finalização do curso de arquitetura:

[...] Quanto à duração eu peço que papai se bata para que seja um curso desdobrado em 2 anos, menos do que isso é impossível e até ridículo. Não posso compreender o que se pode fazer em 1 ano? Penso ser o mais viável fazer o curso de Urbanismo no quinto e sexto ano de Arquitetura, por ser o menos sobrecarregado e mesmo porque com a desculpa da aula do Memória, nada se faz esses 2 anos [...].²⁰³

Para justificar a nova carga horária que seria acrescentada com a disciplina de Urbanismo na ENBA, Attilio C. Lima apontou a École de Travaux-Publics como exemplo:

[...] Eu vejo aqui como se trabalha na “École de Travaux-Publics”: entra-se de manhã e os portões se fecham até o meio-dia, depois da uma e meia até as seis, e ainda conferência até às dez da noite, e só se sai em caso de moléstia, no fim do ano são 15 os exames, enquanto que nós passamos 6 anos a berrar, sem nada a fazer. Assim são todas as escolas superiores aqui, exceto a de Belas Artes, que é um pouco pior do que a nossa [...].²⁰⁴

²⁰¹ Carta sem data.

²⁰² Carta sem data.

²⁰³ Carta sem data.

²⁰⁴ Carta sem data.

Refletindo mais sobre o assunto, Attilio C. Lima expressou que o urbanismo não seria mais uma disciplina acrescentada à grade curricular da ENBA, mas um curso independente, uma especialização, após o término dos cursos de arquitetura ou engenharia:

[...] Penso também que esse curso deveria ser facultativo, fosse uma espécie de aperfeiçoamento do arquiteto para que fosse acessível também aos que já teriam escola e até mesmo para os engenheiros. Ou mesmo que o aluno tivesse a faculdade, de completar o curso de Arquitetura e depois que estivesse formado visse então reforçar o título com o Urbanismo [...].²⁰⁵

O arquiteto esboçou um programa para o curso de Urbanismo, semelhante à estrutura do IUUP. Ele assim especificou:

[...] Como programa eu penso que no primeiro ano deveria ser: generalidades, os fatores que determinaram a formação das aglomerações urbanas, a evolução das aglomerações através dos séculos, as características, aglomeração moderna consequência da Revolução Industrial do século XIX, a necessidade de resolver esse novo fenômeno, quais os meios que se dispõem: a demografia, a série de fenômenos que a demografia nos revela e a série de problemas a resolver: higiene, circulação, zoning (repartição da população em zonas), regulamentação de construções, etc., etc. No segundo ano, os meios de resolver os problemas urbanos, o funcionamento de diversos serviços urbanos, algumas concepções como Cité Jardin, os fins econômicos/ sociais visados, os resultados obtidos em Letchworth (Inglaterra) pelo criador Howard. Tudo isso entremeado com exercícios práticos, sendo que no fim do curso um problema sobre Urbanismo a resolver, eminentemente prático sobre um trecho de nossa cidade a modificar ou a criar. Cada um desses assuntos que acima fale, dá margem a fazer outros tantos cursos, como vê 2 anos ainda parecem pouco. Mas já dá para fazer 2 anos bem puxados. Vou pensar bem nesse programa e mais tarde um pouco mandarei para orientá-lo [...].²⁰⁶

À distância, Attilio Corrêa Lima participava assim do que se passava na ENBA, emitindo opiniões sobre os professores e sobre a estrutura do curso, em especial quando a questão era o ensino do urbanismo.

Não só seus enfrentamentos com Mariano Filho e as reformas da ENBA ocupavam as páginas de suas cartas para o pai. Os comentários sobre a arquitetura recentemente construída no Rio e em São Paulo eram objeto de comentário e análise. Attilio C. Lima apresentou a construção do Teatro João Caetano no Rio de Janeiro como um caso de “esnobismo, ou de uma arquitetura moderna com aspectos superficiais:

²⁰⁵ Carta sem data.

²⁰⁶ Carta sem data.

[...] O esnobismo dá como resultado o Teatro João Caetano. A falsa compreensão das idéias modernas faz com que os arquitetos orelhudos procurem apenas modernizar o aspecto superficial da Arquitetura.

Assim é que esse teatro que finge ser moderno é pior que todos os antigos porque o arquiteto não sabe que a finalidade do teatro é “ver e ouvir” e não “épater”, a principal coisa é a acústica e a visibilidade, e nenhuma dessas coisas lá existe. As novas teorias de acústica descobertas por Gustavo Lyon levaram-no a criar uma forma nacional para teatros que revoluciona completamente a forma tradicional destes, e na prática deu resultado excelentes, como a Sala “Pleyel” aqui em Paris. Sala para concertos, conferências etc. Com grande lotação e que de qualquer ponto dela se ouve como se estivesse a um metro de distância. Imaginem que de toda a parte do mundo vêm comissões aqui estudar o sistema e o autor, que é um Físico e explica pessoalmente. É nesse ponto que o modernismo sincero está, isto é, servir-se da ciência, e da indústria aperfeiçoadíssima moderna para realizar os problemas de hoje, só assim existirá uma arquitetura característica do século [...].

Em julho de 1930, o *Correio da Manhã* (AZEREDO, 1930) publicou uma matéria sobre a inauguração do Teatro João Caetano (Figura 134) descrevendo exatamente as técnicas modernas que foram empregadas em sua construção:

[...] Conquanto os principais teatros do mundo sejam considerados obras de arte do primeiro renascimento arquitetônico, o nosso é, no século atual, um monumento de época. Como construção, encarado sob o ponto de vista técnico, é a última palavra no arrojado a quem tem chegado à engenharia moderna, utilizando-se do concreto armado, heterogêneo e monolítico. Assim, observa-se na estrutura óssea do novo edifício, como no indumento arquitetônico, a ausência absoluta de arcos. E as poucas vigas que se vêem apresentam originalidades de perfis. Os camarotes, balanceados em quase quatro metros, não são suportados por nenhuma coluna que embarece a vista nem vigas ou consolos, o que no campo da lógica dá a pensar até onde chegaremos. (AZEREDO, 1930).

Contrário às afirmações de Attilio C. Lima em sua correspondência, houve durante a construção do novo teatro a preocupação não só com as técnicas construtivas, como também com a acústica, e o mesmo exemplo que o arquiteto mencionou, a reportagem assim estampou: “[...] a questão da acústica foi baseada nos modernos análogos aos usados na construção do grande Salão de Música Pleyel, em Paris” (AZEREDO, 1930).

As críticas equivocadas feitas ao Teatro João Caetano por Attilio C. Lima talvez se justifiquem pelo estilo aplicado em suas fachadas, o *art déco*. A volumetria do edifício guardava semelhança com outros cinemas e teatros projetados no início do século XX, uma vez que o estilo propagou-se no mundo após a Primeira Guerra. Como Attilio C. Lima estava em contato com as ideias do modernismo de linhas puras, sem o decorativismo, o arquiteto julgou a obra pelas suas aparências externas, sem conhecer detalhadamente as soluções técnicas do projeto para o teatro.



Figura 134— Teatro João Caetano (1930).

Fonte: <http://www4.unirio.br/espacoteatral/arq-teatral-joao-caetano.asp>

Na mesma matéria do jornal, o autor do projeto arquitetônico, Augustino Alejandro Baldassini da empresa Gusmão, Dourado & Baldassini, contratada para executar a obra, descreveu os ambientes internos e como foram decorados:

[...] O teatro em si não é decorado. Somente o bar (foyer) apresenta ornamentação, misto de singeleza e extravagância e cujos bizzarismos de algum modo caracterizam assuntos regionais.

Conquanto achemos justo a sala de espetáculos despida de qualquer exagero decorativo, porque aí as atenções são para o palco. (AZEREDO, 1930).

No *foyer* o arquiteto Baldassini encomendou duas pinturas para Di Cavalcanti (Figuras 135 e 136) com temas nacionais,²⁰⁷ inaugurando precocemente a arte mural moderna no Brasil, o

²⁰⁷ “Painéis tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro – INEPAC. Os painéis de temática musical do pintor Emiliano Di Cavalcanti de 4,5 x 5,5m foram pintados a óleo diretamente sobre a parede do foyer superior. As datas 1931 e 1964, grafadas sob a assinatura, registram respectivamente o ano da pintura e o da intervenção feita pelo autor” (INEPAC. Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. *Guia de bens tombados*).

que só ocorreria posteriormente no prédio do Ministério da Educação e Saúde (1936-1945) com os painéis de Portinari, integrando arquitetura, pintura, escultura à arquitetura moderna.



Figura 135- Painel de Di Cavalcanti para o Foyer do Teatro João Caetano no Rio de Janeiro.
Fonte: <http://www.inpacnovo.rj.gov.br/>

Attilio C. Lima mencionou o artista Di Cavalcanti e o Manifesto Antropofágico em uma carta ao pai, demonstrando suas incoerências em assimilar o movimento da arte moderna no Brasil. Se, por um lado, o arquiteto era adepto aos preceitos da nova arquitetura, por outro, coerente com a sua formação clássica da ENBA, rejeitava as expressões da vanguarda modernista, representada pelos artistas brasileiros da Semana de Arte Moderna de 1922. O arquiteto então comentou:

[...] Quanto à ação aos antropófagos, eles só são úteis pelo fato de combater a tradição, que já é uma grande coisa porque quanto ao resto eles partem de um princípio errado, eles querem modificar a forma pela única razão de fazer diferente sem base nenhuma, assim é na literatura, na música, na poesia, etc.[...] Papai já deve conhecer. E como eles não têm base, qualquer analfabeto é artista, basta borrar qualquer uma tela como, por exemplo, Di Cavalcanti [...].²⁰⁸

²⁰⁸ Correspondência de Attilio C. Lima de 1º. de agosto de 1930.



Figura 136 - Painel de Di Cavalcanti para o Teatro João Caetano no Rio de Janeiro.
 Fonte: <http://www.inepacnovo.rj.gov.br/>

As contradições de Attilio C. Lima, que por um lado defendia a arquitetura moderna e por outro não assimilava a arte modernista brasileira, são próprias desse homem de transição. A sua formação clássica na ENBA contrapõe-se à arte modernista, e a proximidade dos acontecimentos assinala um julgamento de valor em tensão.

Quando retoma o assunto sobre a arquitetura moderna realizada no Brasil por Warchavchik, o arquiteto é categórico em afirmar que, apesar das intenções do colega em querer renovar, as condições tecnológicas ainda eram precárias. E assim indagou:

[...] Na falta de arquitetos verdadeiramente cultos e de uma indústria aperfeiçoada, o nosso modernismo resultará em *modernismo de fachada!!* Temo um pouco pelo Sr. Warchavchik!! Apesar de ser conhecedor do Movimento Internacional da Arquitetura, um meio como o nosso? [...].²⁰⁹

²⁰⁹ Correspondência de Attilio C. Lima de 8 de maio de 1931.



Figura 137 - Casa da Rua Santa Cruz em São Paulo, 1927-1928. Projeto de Warchavchik.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

A casa da Rua Santa Cruz, projetada por Gregori Warchavchik em 1927 e construída em 1928, é considerada o primeiro exemplo da arquitetura moderna no Brasil. As críticas feitas por Attilio C. Lima quanto ao “modernismo de fachada” podem ser observadas no projeto, que buscou uma estética modernista, mas ainda preso às técnicas de construções locais, tais como a telha colonial escondida pela platibanda e a utilização de alvenaria de tijolo de barro. Assim como Attilio C. Lima, Gregori Warchavchik estava em um período de transição e as contradições nessa obra são perceptíveis, uma vez que os recursos tecnológicos e de mão de obra ainda eram incipientes, não se podendo negar, por outro lado, o seu pioneirismo na arquitetura moderna no Brasil.

A respeito da reforma pretendida por Lucio Costa na ENBA, o arquiteto não só criticou a postura autoritária de seu colega, mas também as contradições propostas, como o desconhecimento da aplicação do cimento armado. Com relação à implantação da cadeira de urbanismo na ENBA, o arquiteto colocou-se como o único profissional habilitado e apresentou ao seu pai várias sugestões para que ele as encaminhasse a Lucio Costa.

Attilio C. Lima manteve sua rede de amigos e colegas estabelecida durante a sua formação na ENBA. Mesmo estando por cinco anos fora do país, ele permaneceu atualizado sobre os

assuntos que lhe interessavam e dessa forma construiu seu retorno profissional. Quando chegou ao Brasil assumiu a cadeira recém-criada de urbanismo na ENBA.



Figura 138 - Attilio C. Lima em Paris (1930).
Fonte: acervo da família Corrêa Lima.

5.2 ATTILIO COM AGACHE NOS PLANOS DO RIO

5.2.1 Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento do Rio de Janeiro

[...] Telegrama de Paris anuncia que o nosso embaixador ali acaba de firmar contrato com um urbanista francês para vir projetar o tão desejado plano de remodelação desta Capital. [...] Registramos o fato de, finalmente, ter sido dado o passo decisivo para aquela obra, com a assinatura do contrato com o urbanista francês Agache. O plano de remodelação desta cidade vem, sem dúvida, muito tarde, quando o seu progresso e desenvolvimento vão tornar difícil ou impossível corrigir muitos dos seus defeitos. (“A remodelação da cidade” (*Jornal do Brasil*, 5 de abril de 1927).²¹⁰

Foi durante a gestão do prefeito Carlos Sampaio²¹¹ que, pela primeira vez, cogitou-se sobre a necessidade de elaborar um Plano Diretor para a cidade do Rio de Janeiro, porém nessa ocasião as discussões ficaram restritas ao Clube de Engenharia e ao Instituto Central de Arquitetura. A questão foi retomada pelo prefeito que o sucedeu, Aloar Prata (1922-1926). O debate sobre o tema foi intensificado, criando-se um grupo de técnicos chamado de “Nova Comissão da Carta Cadastral”. Após várias reuniões, houve um consenso entre os engenheiros e os arquitetos sobre a necessidade de um projeto para o “remodelamento” e a reestruturação da cidade. As polêmicas sobre o assunto tomaram o espaço dos jornais. Debatia-se principalmente que profissional deveria tomar frente de tão importante tarefa e, ao mesmo tempo, se ele seria um brasileiro ou um estrangeiro.

Somente na administração do prefeito Prado Júnior (1926-1930) que os embates foram resolvidos e o urbanista francês Alfred Agache foi contratado para elaborar os planos da cidade. Para Moreira (2007), a contratação de Agache era justificada porque era reconhecido pelos projetos elaborados para Camberra e Dunquerque e também por estar a par das mais recentes questões de seu *métier*. A sua projeção “[...] nos meios profissionais parisienses conferiu-lhe a autoridade para representar uma síntese do urbanismo francês. Tudo isso ajudou a criar um consenso entre os brasileiros que prestigiavam a cultura parisiense” (MOREIRA, 2007, p. 98).

Houve quem questionasse se um estrangeiro seria capaz de compreender a complexidade de uma cidade brasileira e seus contrastes sociais, sua paisagem exuberante, muito diferente da

²¹⁰ Apud SILVA (2011).

²¹¹ Como prefeito do Distrito Federal (1920-1922), realizou obras importantes tais como o arrasamento do Morro do Castelo, o aterro da área onde se instalou a Exposição Internacional comemorativa do 1º Centenário da Independência do Brasil (1922), o saneamento e o aterro de grande área ao redor da lagoa Rodrigo de Freitas, a construção da Avenida Maracanã e a reconstrução da Avenida Atlântica, destruída pela ressaca de 1921.

realidade europeia, levantando se a escolha não seria um desprestígio para os profissionais brasileiros, certamente mais aptos para o problema.

Finalizadas as polêmicas em torno do nome do urbanista, Agache apresentou o Plano em três partes: a primeira tratou dos “Componentes antropogeográficos”, realizando uma “análise geral da situação urbana”, examinou a história da cidade desde sua fundação até o início da década de 20; na segunda, “O Rio de Janeiro maior”, desenvolveu o Plano Diretor, abrangendo a legislação e regulamentação pertinentes, utilizando o zoneamento e a estética como norteadores; em a “Ossadura do Plano Diretor”, apresentava o sistema viário, as novas conexões planejadas através de vias e artérias e a reorganização da malha ferroviária, rodoviária, além da proposição do metropolitano; finalmente, a terceira parte foi dedicada ao saneamento. O último item do plano dedicava-se às conclusões, na qual Agache propunha a criação de um departamento permanente responsável pela implantação do plano.

O zoneamento proposto por Agache associava-se diretamente com uma das singularidades da sua concepção de urbanismo: para o arquiteto, a cidade, assim como suas regiões, apresentava algumas funções principais. No caso do Rio de Janeiro, ela concentraria duas atividades primordiais: a político-administrativa, pois era a capital federal e a comercial-produtiva, dada a sua condição de cidade portuária e por possuir um parque industrial relevante.

A divisão da cidade em zonas (Figura 139) e a criação de regulamentações específicas foram desenvolvidas para atender aos cinco tipos de atividades estabelecidas: a Zona A compreendia os bairros comercial e negócios; a Zona B era destinada à atividades industrial; a Zona C era residencial; a Zona D era suburbana, e a Zona E constituía-se de áreas livres e/ou rural.

O centro da cidade foi planejado como financeiro e comercial cercado por regiões residenciais nobres e de classe média. A transferência das indústrias para a Baixada Fluminense respondeu aos interesses de diminuição de custos produtivos. Por outro lado, também colaborou com “[...] os projetos das elites dirigentes do Rio de Janeiro, que vinham desde a gestão Pereira Passos (1902-1906) expulsando populações pobres e unidades fabris do Centro e da Zona Sul, respectivamente as zonas comercial e residencial propostas por Agache (SILVA, 1996; REZENDE, 2002; OLIVEIRA, 2009)”.



Figura 140 - Entrada do Brasil. AGACHE.
 Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

O plano previu a ligação da cidade do Rio de Janeiro com Niterói por meio de lanchas e hidroplanos, além das conexões diretas da área central com outros pontos importantes. Agache nomeou-as como “conexão entre os cinco dedos” (Figura 141).

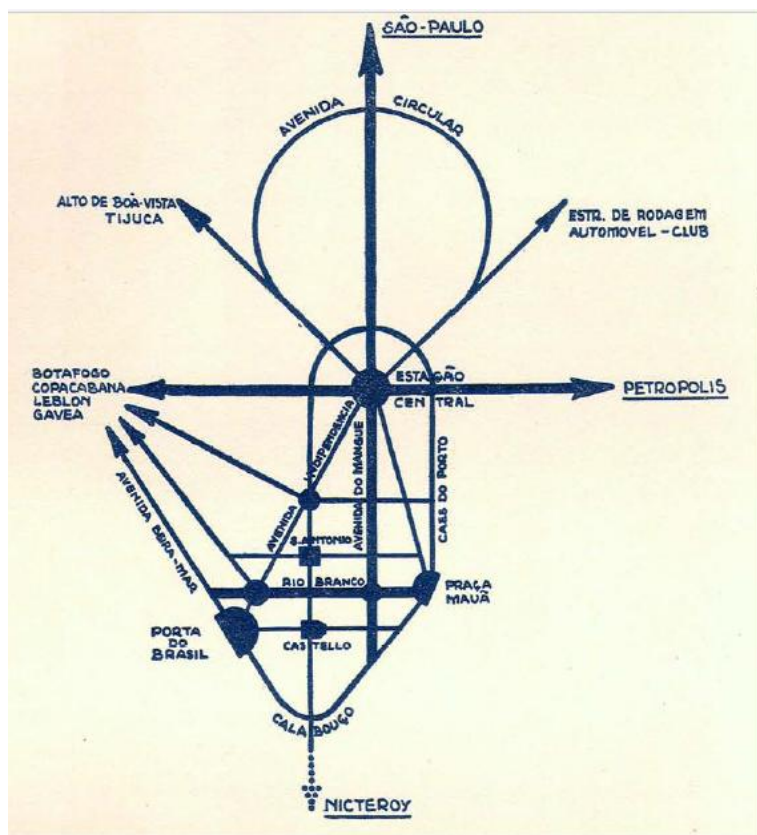


Figura 141 - Conexões da Cidade do Rio de Janeiro. AGACHE.
 Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

A questão estética e de embelezamento foi premissa para o detalhamento das tipologias arquitetônicas que seriam permitidas para cada bairro. No caso da ocupação das quadras comerciais da área central da cidade, foram propostos edifícios em altura, os arranha-céus (Figura 142). A ventilação de ar e a insolação seriam possíveis pelo escalonamento da altura das torres, e foram projetados pátios internos como área de estacionamento e descarga de mercadorias.

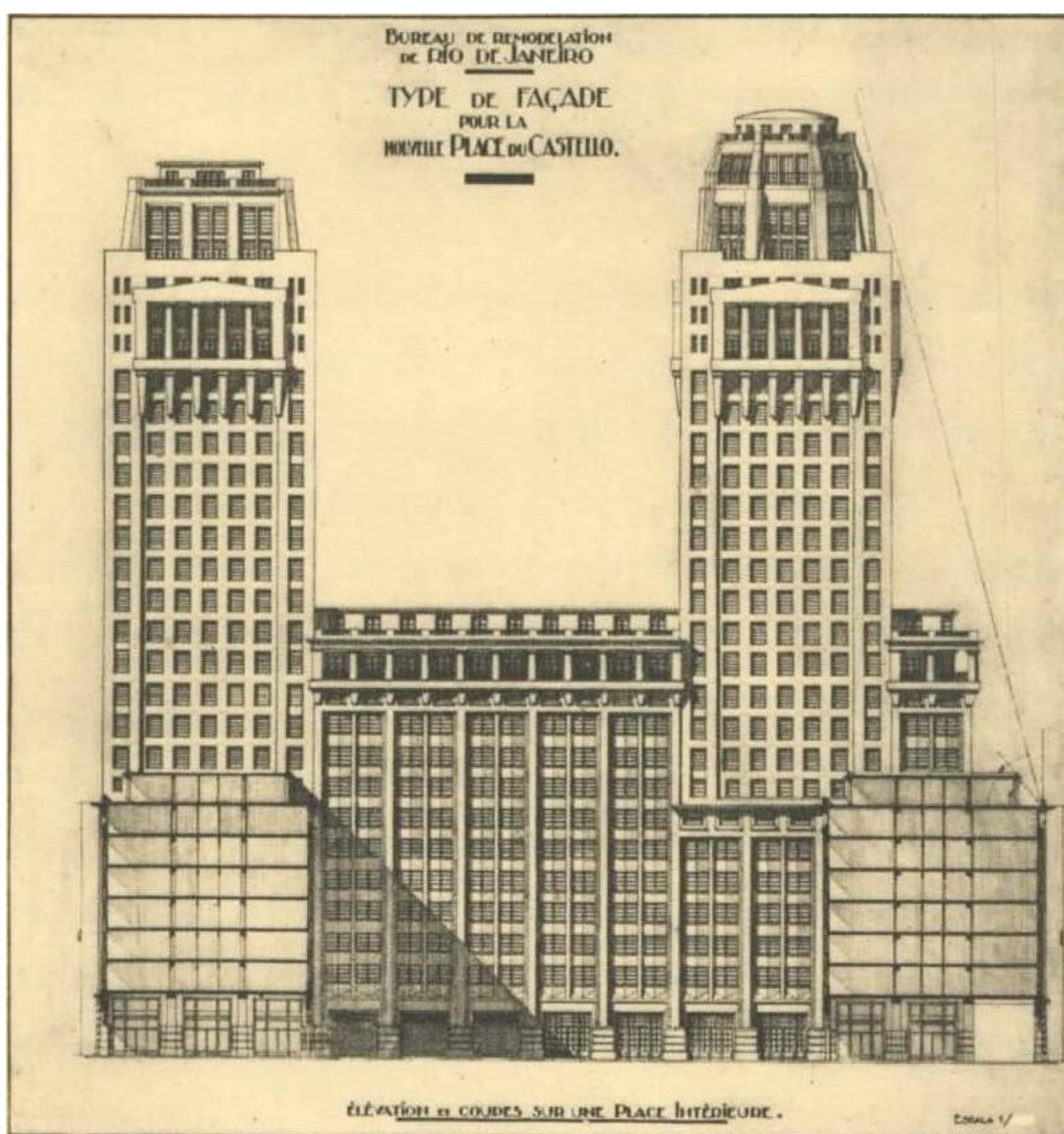


Figura 142 - Edifício em altura para a Praça do Castelo. AGACHE (1930, p.).
Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

Quanto às favelas, Agache defendeu a sua “destruição total”, afirmando que constituíam um perigo permanente de incêndio e infecções epidêmicas para todos os bairros através dos quais

se infiltravam. A solução apontada pelo urbanista era a “[...] construção de habitações populares a preços baixos, subvencionadas pelo estado” (LEME; FERNANDES; SAMPAIO, 2005, p. 364).

Agache considerava o sistema de áreas livres os “pulmões da cidade” e, para renovar o “ar fresco e puro”, foram criadas praças, jardins e parques arborizados para “[...] o campo faça penetrar tentáculos no interior da aglomeração edificada” (AGACHE, 1930, p. 208). O Jardim da Ponta do Calabouço foi projetado para fazer parte de um desses sistemas de áreas verdes na área central da cidade (Figura 143).



Figura 143 - Jardim da Ponta do Calabouço. AGACHE (1930, p.).
Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br>

O Plano elaborado por Agache, através de conceitos técnico-científicos de orientação, teve como objetivos principais a ordenação dos espaços urbanos e o controle da expansão urbana. Em relação às intervenções realizadas anteriormente, o plano se diferenciava pela escala de abrangência e a relação da cidade articulada com o entorno, pautada pelo zoneamento, circulação, sistema de transportes integrado e de áreas livres. Havia uma coordenação para responder ao desafio de ordenar e embelezar uma cidade capital como o Rio de Janeiro. As

variáveis consideradas por Agache na sua proposição para a cidade vinculam-se com nitidez ao que se propunha no IUUP. Mesmo que criticado por seus colegas de profissão, sua prática não se distanciava do que era corrente no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris.

5.2.2 O trabalho no ateliê de Agache

Após um ano de sua chegada a Paris e iniciado os estudos no IUUP, Attilio C. Lima, sabendo dos projetos para a remodelação do Rio de Janeiro em andamento no ateliê do Alfred Agache, vai visitá-lo à procura de trabalho.

Em correspondência enviada ao pai contou seu primeiro contato com o urbanista francês. Suas palavras estavam carregadas de entusiasmo e admiração pelo trabalho desenvolvido e pela oportunidade que teria como arquiteto e estudante de urbanismo em participar da equipe que elaborava os planos para o Rio de Janeiro. Ele assim descreveu o seu primeiro encontro com Agache:

Paris, 15 de janeiro de 1928.
Meu querido pai e querida mãe,

Recebi há 3 dias 2 cartas, uma de mamãe e outra de papai que muito me surpreendeu, pois não tenho o hábito de receber cartas do diretor. Nessa carta eu tive certeza [de] que o Agache estava em Paris, pois o meu colega Washington de Azevedo há meses me dissera que o Agache tinha ido para o Brasil e eu fiquei certo disso, quando na verdade ele só irá no próximo mês de abril. Pela carta fiquei também sabendo que o Mário Maia, que já estava de viagem para o Brasil, voltou para trás para pegar uma “casquinha”, eu também [...]. Assim que li a carta e que percebi que o Agache estava mesmo em Paris, fui logo no dia seguinte procurá-lo, pois ele mora e tem um escritório aqui no meu *arrondissement*, perto da “Place de Pereire”. Ele me recebeu com muita amabilidade, conversou muito, está deslumbrado com o Rio de Janeiro. Apresentou-me ao chefe dos trabalhos e disse-me para começar a trabalhar. Ele diz que só no dia 23 terá oficialmente o contrato com a municipalidade para a confecção da planta da reforma da cidade. Fiquei muito satisfeito, pois para mim é de grande vantagem, principalmente porque vou aprender praticamente aquilo que estudo no Instituto, ao mesmo tempo, que trabalhando com ele ficarei com uma certa consideração aí no Rio. Me agradou muito o que vi no ateliê do Agache, lá tive também o prazer de ver uma infinidade de mapas, plantas e relevos do Rio de Janeiro [...]. (Grifo nosso).

Posteriormente à visita ao ateliê do urbanista, Attilio C. Lima organizou seus horários compatibilizando-os com as diversas atividades às quais se empenhava:

Paris, 17 de janeiro de 1928

A respeito do Agache, ele já disse que eu poderei ir trabalhar com ele das nove da manhã à uma hora da tarde, desta maneira ficarei com o dia inteiro tomado porque, das duas às cinco e meia, tenho as aulas com Lubetkin e das dezoito às dezenove o Instituto, vejam que isso será o recorde do trabalho [...].

No dia 24 de janeiro de 1928, Attilio C. Lima confirmou o início de sua nova experiência “[...] Estive hoje no escritório do Agache, e hoje mesmo comecei a trabalhar, estou satisfeito porque muito terei a lucrar com isto”.²¹²

Preocupado com o novo vínculo de trabalho, o arquiteto perguntou ao pai se sua situação como pensionista o impediria de exercer outra atividade:

Paris, 4 de fevereiro de 1928

Querido Pai e querida Mãe

A respeito de Agache, continuo sempre trabalhando lá. Ele já me paga 10 francos a hora, o que já é o que se chama unir o útil ao agradável. É preciso que Papai me diga se existe algum tipo de artigo no regulamento que proíba ao pensionista trabalho remunerado. Porque a Anita Malfatti é pensionista do Estado de São Paulo e não pode trabalhar recebendo. Caso seja proibido Papai não dirá nada a ninguém, e eu arranjaré com o Agache de ficar tudo “entre nós” [...].

À medida que o trabalho evoluía no ateliê do urbanista, Attilio C. Lima manifestou dúvidas acerca da capacidade profissional de Agache, afirmou até mesmo que o Brasil não tinha feito uma boa escolha ao contratá-lo, mencionando as divergências que existiam entre ele e o IUUP, em especial, com Henri Prost, seu orientador:

[...] A impressão que tenho de Agache não é muito boa. Não acho que foi uma boa escolha que fizeram. Nos meios urbanistas ele não é considerado como tendo muito valor. Ele foi derrotado no projeto da Capital da Austrália (Camberra). E no Instituto havia uma vaga de “Técnica e construção de Cidades” e os candidatos inscritos eram Agache e Prost. Foi por unanimidade eleito Prost, que construiu Casablanca, está fazendo Barcelona e fez várias cidades nas colônias. Em consequência disto o Agache tem um ódio do Instituto e não gosta muito que se fale nele. Principalmente por causa do Prost, pois eles já eram inimigos fidalgais [...].²¹³

O arquiteto justificou sua opinião sobre Agache apontando a maneira como o urbanista pensava o urbanismo e como estava realizando as intervenções no Rio de Janeiro:

²¹² Carta de Attilio enviada a seus pais.

²¹³ Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

[...] O defeito do Agache é ser muito “Pompier”, se preocupa muito com monumentalidades, sacrificando a utilidade e o progresso. Ele é um homem que não é arrojado, não tem ideias modernas, é o homem que estuda ainda os traçados antigos. A preocupação de Agache é reproduzir no Rio as ruas e praças de Paris. Por exemplo, na esplanada do Castelo ele estuda atualmente uma praça semelhante à Praça Vendôme e até com as mesmas dimensões [...].²¹⁴

Para enfatizar a falta de funcionalidade da praça projetada por Agache na Esplanada do Castelo, contrapôs a solução aos ensinamentos do IUUP:

[...] Ora, dias antes eu ouvi no Instituto da boca de um professor (que apesar de ser velhinho tem idéias novas) *que uma cidade deve ter boas canalizações*, facilidade no trânsito, boa orientação, as praças bem calculadas para o trânsito etc. etc... E citava como exemplo de coisa inútil a Praça Vendôme, que foi construída para bajular Luiz XIV colocando sua estátua ao centro (hoje tem a coluna). Nesta praça não há nada que demonstre a necessidade dela existir. Não há cruzamentos de ruas! E como esta, muitas outras coisas [...].²¹⁵

Outro arquiteto brasileiro que também trabalhou no ateliê de Agache nos Planos do Rio de Janeiro foi Mário Santos Maia.²¹⁶ Como Attilio C. Lima, ele também era pensionista pela ENBA. Na visão de Attilio C. Lima, Santos Maia influenciava Agache com suas sugestões absurdas:

[...] Para cúmulo do azar temos, lá no Agache, o Mário Maia fazendo o trabalho de “cupim”, leva a atormentar o Agache que dê a cidade um aspecto *colonial* e que faça com que seja como que obrigatório nas construções futuras. O Agache foi aceitando e já está francamente a favor disso, e muitas outras asneiras [...].²¹⁷

A despeito de todos os conflitos que Attilio C. Lima observou nos projetos para o Rio de Janeiro, mesmo assim reconhecia a importância de continuar a trabalhar com Agache. O arquiteto vislumbrava, com a oportunidade, possibilidades futuras, inclusive de ajudar os amigos Paulo Antunes Ribeiro e Lucas Mayerhofer:

²¹⁴ Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

²¹⁵ Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

²¹⁶ Mário dos Santos Maia, além de funcionário do Ministério do Trabalho, possuía uma das firmas mais atuantes em prédios de escritórios no Rio de Janeiro, o Studio Santos Maia. Formou-se pela ENBA no início dos anos 10 e recebeu o Prêmio de Viagem em 1923.

²¹⁷ Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

[...] Apesar de tudo isso eu faço muita questão de continuar trabalhando lá porque me será muito útil para aprender a organização dos trabalhos e só. É principalmente porque, quando ele acabar com a cidade do Rio, deixará um Bureau de Urbanismo e os mais indicados para nele dirigirem são os que colaboraram na planta da cidade. Já consegui encaixar o Paulinho lá também, espero que quando o Mayerhofer vier também vá para lá, assim ficará a trinca (“tringa” como diz Mamãe) trabalhando junto [...].²¹⁸

As impressões negativas sobre Agache não paravam de ser emitidas. Pode-se supor que Attilio C. Lima comprara a defesa de seu orientador Henri Prost. O calcanhar de Aquiles de Agache era, na visão de Attilio C. Lima, a insistência de reproduzir Paris no Rio de Janeiro. O arquiteto foi enfático nos adjetivos destinados a Agache:

Paris, 12 de fevereiro de 1928

Querido Pai e querida Mãe

Eu continuo sempre com Agache, e cada vez mais firme na ideia de que ele é um zebroide. Ele é tão zebra que vai levar fotografias do Arco do Triunfo, Praça da Concórdia, etc... para o Rio em abril, e na conferência que fizer vai provar que o que ele está fazendo é muito “bonito”, porque de fato ele vai reproduzir no Rio todas as praças e monumentos de Paris e com as mesmas dimensões!! Eu acho que, de tudo isso, a única coisa que vai prestar é a Planta Cadastral, porque é o que vai servir para o futuro. O resto é dinheiro posto fora [...].

Na correspondência do final do mês de fevereiro de 1928, bastante envolvido nos projetos em andamento no ateliê de Agache para os Planos do Rio, Attilio C. Lima descreveu detalhadamente a produção de colegas brasileiros. O arquiteto destacou a valiosa colaboração de Mário Maia no levantamento histórico da cidade e assegurou que somente um brasileiro seria capaz de realizá-lo. Foi então que, convencido das habilidades de seus conterrâneos, escreveu:

Paris, 26 de fevereiro de 1928

Querido Pai e querida Mãe.

Continuo trabalhando sempre no Agache, onde cada vez me convenço mais que só uma pessoa da terra poderia fazer alguma coisa que prestasse. O serviço que nós brasileiros temos prestado, ele não pagaria com o todo dinheiro do mundo, por exemplo, o Mário Maia já fez um resumo de todos os projetos, artigos e crônicas que já se fez para a cidade desde mil e oitocentos e tanto, que é um documento precioso, pois tem uma infinidade de sugestões. Está fazendo agora um resumo da evolução da cidade, desde a fundação, com mapas da época, mostrando como as vias de comunicação foram se desenvolvendo, os aterros das lagoas, etc. etc. [...].

²¹⁸ Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

Lendo as correspondências nas quais Attilio C. Lima descreveu os trabalhos realizados no ateliê e comparando as descrições aos resultados publicados, verifica-se a presença de vários mapas, tabelas, pesquisas e textos produzidos pelos profissionais brasileiros, como, por exemplo, várias plantas com a evolução histórica da cidade elaboradas por Mário Maia (Figura 144).

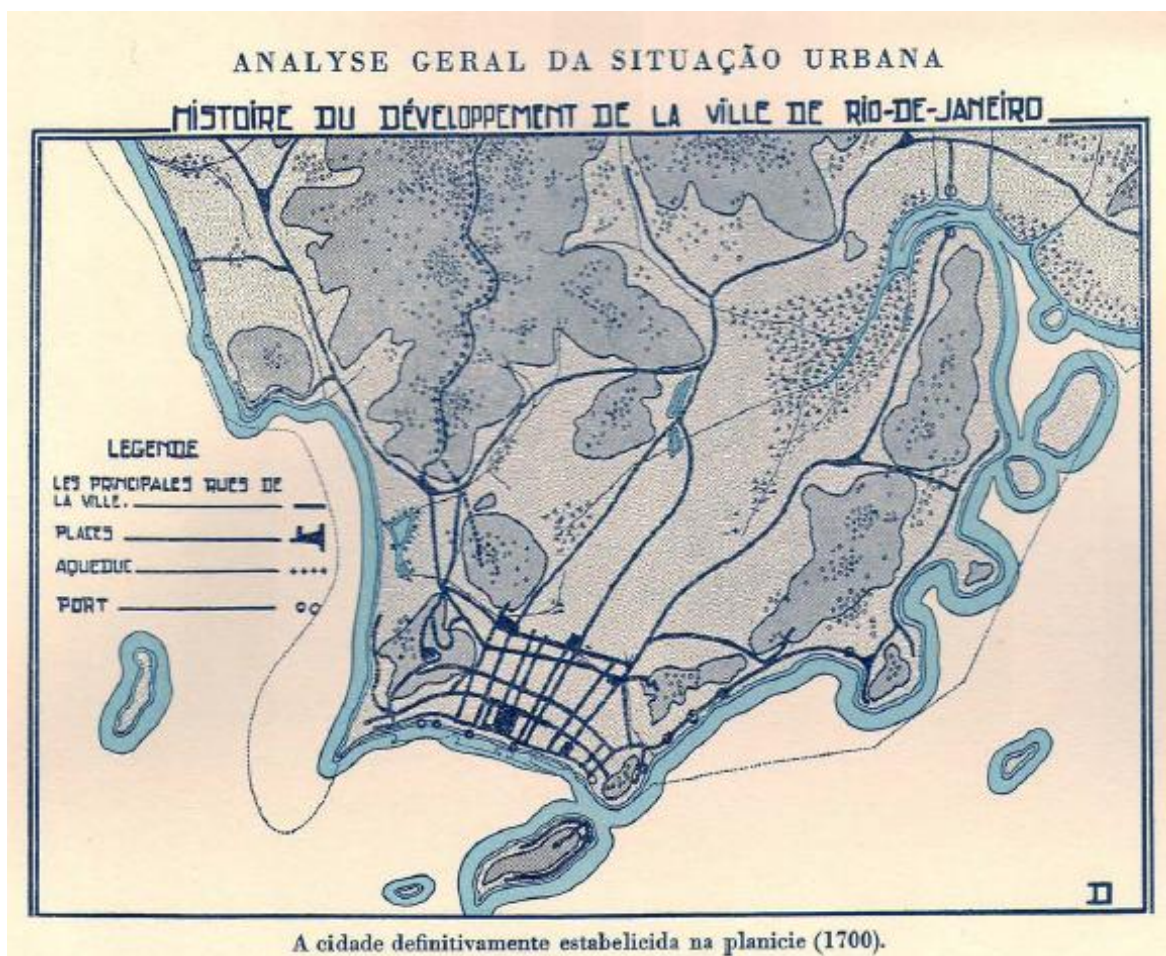


Figura 144 - Mapa com da evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. AGACHE (1930, p.).
Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

Attilio C. Lima especificou o trabalho que realizava nos Planos do Rio:

[...] Eu já fiz a divisão dos distritos, esquemas da densidade de população por distrito, densidade da população estrangeira, repartição da população por profissão, esquema das regiões isócronas, quer dizer são as zonas onde a população é servida respectivamente em 15, 30, 45, 60 minutos. Este esquema só uma pessoa que conhece os bondes e os tempos de percurso é que poderia fazer! [...].²¹⁹

²¹⁹ Correspondência de Attilio C. Lima de 26 de fevereiro de 1928 para seus pais.

Na parte do Plano dedicada à “análise geral da situação urbana”, há um minucioso levantamento demográfico da população da cidade por bairro (distrito), discriminando a população por sexo, idade, nacionalidade e profissão. Foi exatamente o trabalho mencionado e elaborado por Attilio C. Lima (Figuras 145 e 146).

ANALYSE GERAL DA SITUAÇÃO URBANA

	REPARTIÇÃO DOS EXTRANGEIROS PELOS DISTRICTOS			
	EM 1.000 HABITANTES			
	1906		1920	
	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros
Candelaria	512	488	616	384
Santa-Rita	617	383	642	358
Sacramento	504	496	498	502
S. José	594	405	554	446
Santo-Antonio	581	419	602	398
Santa Theresa	701	299	717	283
Gloria	715	285	732	268
Lagôa				
Gavea	749	251	465	535
Copacabana				
Sant'Anna	619	381	620	380
Gambôa	634	366	656	344
Espirito-Santo	747	253	777	223
S. Christovão	802	198	817	183
Engenho-Velho	778	222	827	173
Andarahy	795	205	824	176
Tijuca	755	245	755	245
Engenho-Novo	825	175	879	121
Meyer	859	141	891	109
Inhaúma	833	167	874	126
Irajá	820	180	883	117
Jacarépaguá	911	89	908	92
Campo-Grande	904	96	903	97
Guaratiba	973	27	971	29
Santa-Cruz	811	189	950	50
Ilhas: Paquetá			932	68
Governador			885	115
Outras			866	134
TOTAL	836	164	894	106
População terrestre.	741	259	793	207

Figura 145 - Planilha da população estrangeira por distrito (bairro). AGACHE (1930, p. 105).

Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

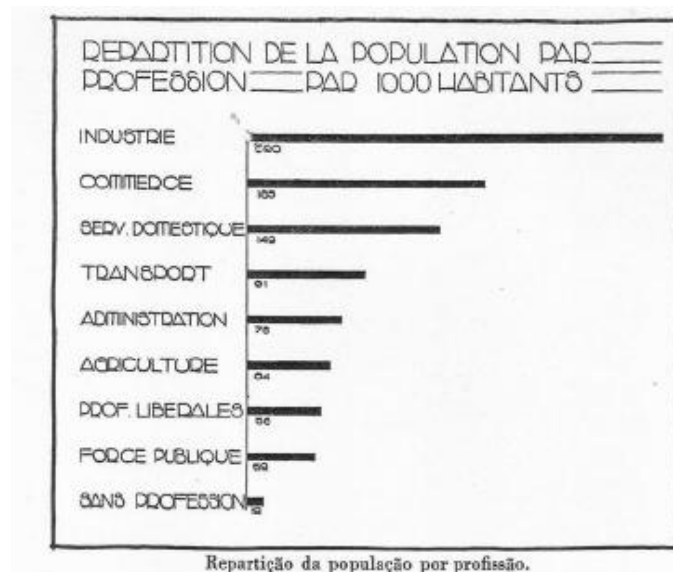


Figura 146 – Gráfico da população por profissão. AGACHE.
 Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

Na “ossadura do Plano Diretor”, analisaram-se a malha ferroviária e de bondes, os trajetos e o tempo das viagens existentes, para serem traçadas as proposições de reorganização do sistema de transportes integrados. Attilio C. Lima também citou a sistematização desses dados que foi por ele realizada (Figura 147).

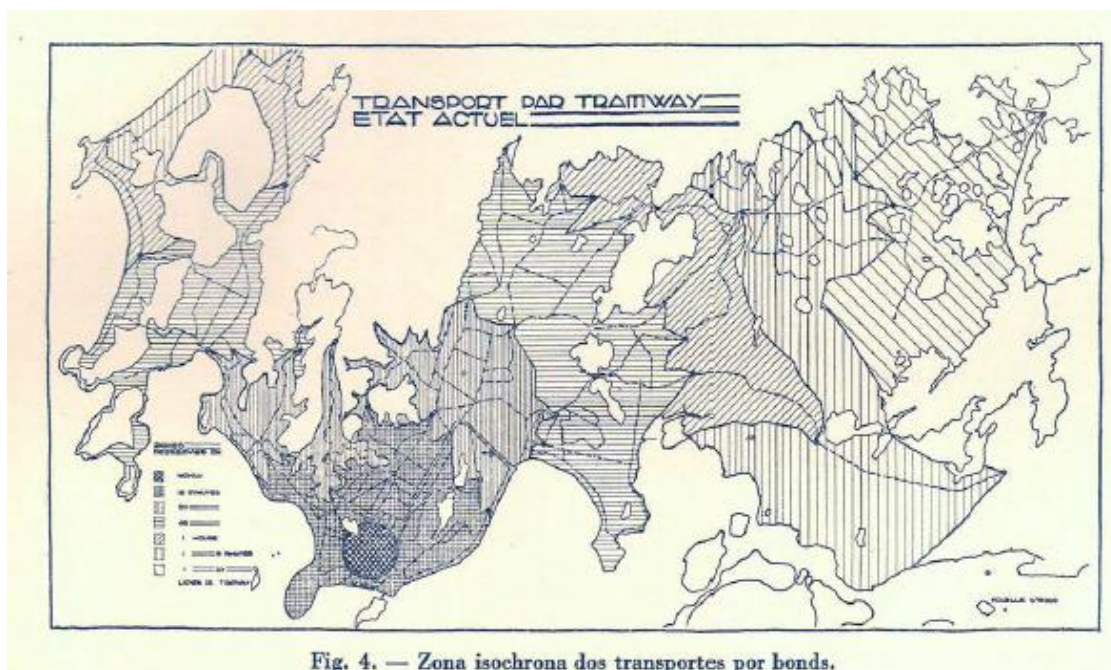


Figura 147 - Mapa trajeto dos bondes. AGACHE
 Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

O arquiteto relata ainda os últimos projetos elaborados (Figura 148): “[...] atualmente estamos fazendo trabalho material de ampliar cartas. E, no entanto, tem uma série de arquitetos recém-formados, que são umas negações, e que estão trabalhando no projeto da cidade”.²²⁰

Percebe-se, ao pesquisar o Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento para a cidade do Rio de Janeiro, que a contribuição dos brasileiros na sua elaboração, até então desconhecida, foi significativa e extensa. Somente conhecedores “da terra”, com suas informações preciosas e específicas, como afirmou Attilio C. Lima, estavam aptos para desenvolvê-la.

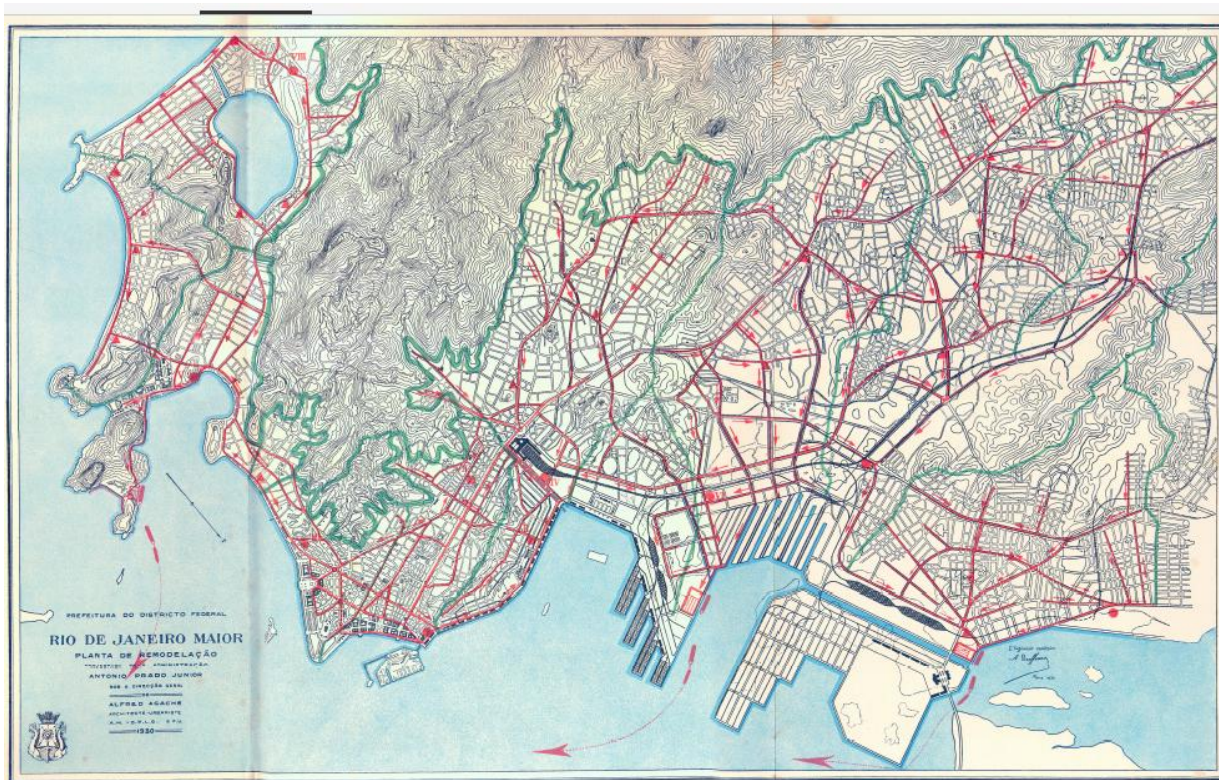


Figura 148- Projeto de saneamento para a cidade do Rio de Janeiro. AGACHE (1930, p. 307).

Finalizando a longa correspondência, Attilio C. Lima comentou sobre uma conferência proferida por Agache e da qual participou como ouvinte:

[...] Outro dia assisti a uma conferência do Agache onde ele disse uma série de asneiras, inclusive que no Rio tem pessoas de competência, mas incapazes de conceber um plano da cidade, mas que felizmente teve um Prefeito inteligente que

²²⁰ Correspondência de Attilio C. Lima de 26 de fevereiro de 1928 para seus pais.

chamou um Urbanista francês. E outras parvoices como: que quando ele fez a sua conferência, no Rio, veio gente de toda parte para ouvi-lo, e que mais de 1.600 pessoas encheram o maior teatro do Rio etc. Apesar de todas essas asneiras eu continuarei a trabalhar com ele até o fim, para aproveitar ao menos um bocadinho do dinheiro que nossa terra está botando fora!!²²¹

Ao receber o pagamento pelo trabalho realizado durante o primeiro mês no atelier do urbanista francês (Figura 149), Attilio C. Lima “[...] soube que no Agache só ganho oito francos por hora, o que vem a ser uma miséria. Ainda se aprendesse alguma coisa vá lá, mas lá só faz coisas que nenhum lucro trará, nem ao Rio de Janeiro, nem a mim.”



Figura 149 – Attilio Corrêa Lima (com marcação) no atelier de Alfred Agache em Paris.
Fonte: acervo família Corrêa Lima.

O fato de os arquitetos brasileiros, Prêmio de Viagem, pensionistas pela ENBA, trabalharem no ateliê de Agache nos Planos do Rio de Janeiro recebendo remuneração, contrariando o regulamento para bolsistas, provavelmente foi um dos motivos de seus pagamentos serem

²²¹ Correspondência de Attilio C. Lima de 26 de fevereiro de 1928 para seus pais.

inferiores aos dos profissionais franceses, uma vez que não estavam devidamente formalizados. Talvez, por esta razão, seus nomes não constam nos créditos dados aos colaboradores dos projetos.

Nas páginas iniciais da publicação do Plano de Agache para o Rio de Janeiro, na qual é citada a equipe de arquitetos, não há nenhuma menção aos brasileiros (Figura 150).

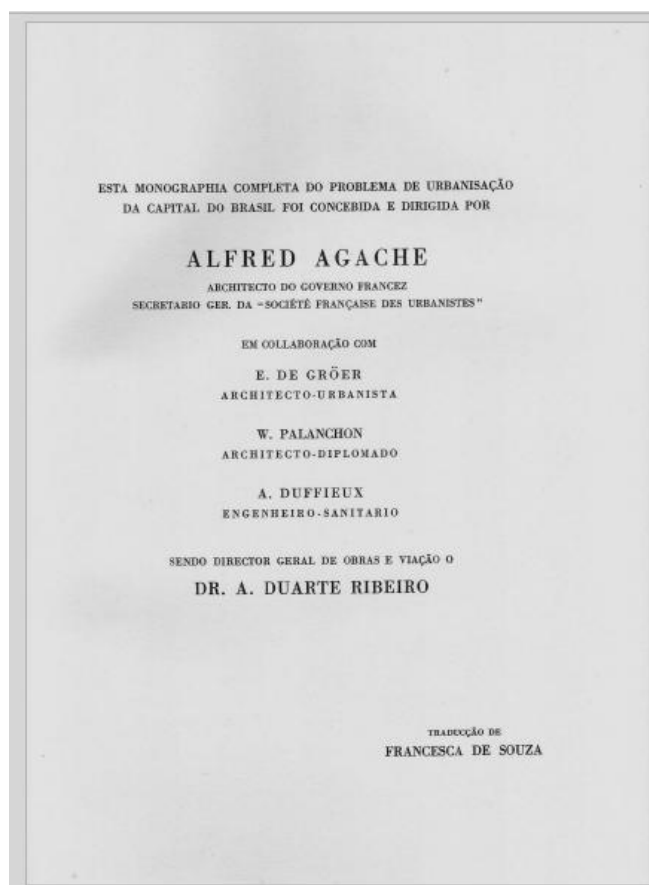


Figura 150 - Cidade do Rio de Janeiro, Extensão, Remodelação, Embelezamento. AGACHE.

Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

Attilio C. Lima, em meados de setembro de 1928, ainda trabalhando com Agache, ironiza a facilidade com que o urbanista conseguiu as diversas plantas, mapas, livros e informações sobre a cidade do Rio de Janeiro:

Paris, 18 de setembro de 1928

Queridos Pais

O Agache, que tem probabilidade de dar a ganhar a muita gente, num instante ficou com um armário de 4 metros de largura por 3 de altura cheio de livros sobre o Rio de Janeiro, sem contar as cartas. Quem já ouviu falar na planta dos esgotos do Rio?

Ninguém, mas quando foi preciso homenagear a grande celebridade, apareceu num instante. A mesma coisa com a planta do abastecimento de água, jardins, linhas de bondes, ônibus, trens, etc. O mesmo se deu com a planta da localização das escolas primárias que ninguém sabe se existe, mas lá está ela com o Agache indicando a posição das escolas, se é edifício próprio ou de aluguel, o número de alunos e de professores, frequência escolar, aproveitamento etc. O que é preciso é a gente se Agachar diante dessa gente que se Agacha para o Agache!

No final do mesmo ano, Attilio C. Lima participou em uma correspondência “[...] do projeto do Agache [...]. Ele modificou muito agora, está muito melhor, mas assim mesmo ainda tem muita *besteira*, vamos ver agora as críticas” (grifo do autor).

Os planos do Rio de Janeiro foram concluídos coincidindo com a Revolução de 1930 e com a interrupção administrativa. Apesar de avaliá-lo e aceitá-lo parcialmente, grande parte das propostas nunca saiu do papel. Vários autores destacam que, além da questão política do governo não continuar os projetos da Primeira República, o plano era “[...] muitíssimo caro com diversas obras vistas como cenográficas por parte de setores importantes da sociedade carioca (ABREU, 2008; PEREIRA, 1996, SILVA, 1996)” (LEME; FERNANDES; SAMPAIO, 2005, p. 117).



Figura 146 - O urbanista Alfred Agache
Fonte: <http://gw.geneanet.org/>

5.3 OUTRAS CONSTRUÇÕES

Além do Urbanismo no IUUP, das aulas desenho à mão livre na Grand Chaumiére com o professor A. Bourdelle e do curso de cimento armado com Lubetkin, Attilio C. Lima estudou alemão para poder ler os livros sobre concreto armado, pois acreditava que a Alemanha estava mais avançada tecnicamente sobre este assunto. Na carta a seu pai, do dia 20 de novembro de 1928, o arquiteto mostra sua motivação para estudar a língua germânica: “[...] é com a cabeça cheia de alemão que escrevo hoje. Já é a segunda lição que tenho e o professor já está admiradíssimo de ver que eu já falo o alemão corretamente!!”.

Attilio Corrêa Lima participou de conferências e congressos tais como uma palestra do arquiteto alemão Ernst May que Attilio cita em carta de 4 de fevereiro de 1928:

[...] há dias fui a uma conferência de um urbanista Alemão Ernst May que construiu diversas cidades satélites de Frankfurt. Que mentalidade diferente, que ideias, largas e sensatas, que gente prática e capaz de fazer alguma coisa. Imagina que eles chegaram ao cúmulo de construir a cidade, as casas e os próprios móveis práticos e fazendo parte da construção. É o sistema de standartização, e o espírito de ordem [...].

Ou o Congrès International de L’Habitation et de L’Aménagement de Ville, no qual o arquiteto acreditava ser o único brasileiro do evento:

[...] hoje me inscrevi no “Congresso de Habitação Econômica e Urbanismo” e entre os representantes de todas as nações do mundo não se encontra nenhum brasileiro, eu creio ser o único brasileiro inscrito no congresso como “ouvinte”, mas não “falante”. Este congresso me interessa muito, pois tem um caráter bem moderno, pois encara as questões do ponto de vista de construção econômica, uma das principais teses discutidas é sobre a “habitation de très pauvres” (casa para os muito pobres) que é o problema que mais nos interessa, é o que chamamos de favelas. São essas questões que mais interessam ao Urbanismo, e é esse o verdadeiro Urbanismo e não o de fazer grandes praças e avenidas para as grandes paradas [...] ²²².

Attilio C. Lima participou de um curso, em 1929, para organização de cooperativas com o importante economista francês Charles Gide. No mesmo ano, também frequentou aulas essenciais para sua formação como urbanista; o de sanitarismo, no qual explica:

²²² Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 2 de julho de 1928.

[...] vou fazer um curso no conservatório de *Arts et Metiers* para tirar o privê de técnico sanitário. Esse curso é um complemento dos estudos de Urbanismo, pois estuda o saneamento da cidade, abastecimento da água, esgoto, profilaxia, higiene das habitações, insolação, iluminação, aquecimento e resfriamento, etc. etc. Da outra vez mandarei o programa. Esse curso dura apenas 3 meses, por enquanto, foi o único curso que já resolvi fazer.²²³

No dia 19 de agosto de 1930, nasceu seu filho, Bruno Corrêa Lima. Nesse período poucas cartas são trocadas e muitas são extraviadas, como se pode observar “[...] Continuo até hoje sem cartas, como eu já disse na antecedente, a última carta que recebi foi do dia 7 de novembro e era apenas um bilhete que veio dentro dos jornais”.



Figura 152 - Olga Fernandes e Attilio C. Lima com o filho, recém-nascido, Bruno Corrêa Lima (1930).
Fonte: acervo da família Corrêa Lima.

²²³ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 29 de setembro de 1929.

Attilio C. Lima acreditava ser possível voltar ao Brasil no final de 1930, após a sua defesa de tese, ou no começo de 1931, mas a Revolução de 30 o faz adiar seus planos. Ainda em 1930, Corrêa Lima buscava articular seu retorno ao país. Em carta, dá-se a entender que o arquiteto já sabia dos trâmites políticos para a nomeação de Lucio Costa, o que ocorreria somente em 1931, para direção da ENBA. Na mesma carta Corrêa Lima busca uma ajuda de custo para viabilizar seu retorno:

[...] Ao mesmo tempo em que mandava esta carta para Lucio, mandei também um requerimento ousado ao Francisco de Campos, ministro da Educação. Nesse requerimento que continha quatro páginas de papel almaço, eu contava da minha situação aqui, os estudos que fiz, provando que com a miserável pensão consegui aproveitar o mais que pude. Não deixei de citar que o aproveitamento não se limitou na minha pessoa, e se estendeu a minha esposa Dona Fulana, que como professora diplomada fez curso do Instituto de Psicologia Aplicada, etc. etc. No fim de tudo acabava era pedindo que por misericórdia me concedesse duas passagens no Lloyd Brasileiro!... O argumento mais forte que arranjei foi que os oficiais do exército que aqui estiveram ao serem chamados recebem [...].²²⁴

No final de 1931, Attilio C. Lima, sua esposa, Olga Fernandes, e seu filho, Bruno C. Lima, voltaram para o Brasil levando um *container* de livros,²²⁵ apostilas, trabalhos acadêmicos e toda bagagem de conhecimentos para ser aplicado nos seus novos projetos.



²²⁴ Carta de Attilio C. Lima para seus pais de 23 de janeiro de 1930.

²²⁵ Bruno C. Lima, em entrevista, contou que logo que, seu pai faleceu, sua mãe, com medo das perseguições políticas, queimou muito dos documentos e livros que eles trouxeram da Europa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada em fonte primária, constituída pelo material epistolar, permitiu a leitura da trajetória acadêmica e profissional do arquiteto-urbanista Attilio Corrêa Lima, em suas diferentes escalas, identificando o singular de um percurso e o plural, corporificado pelo pensamento urbanístico que lhe foi contemporâneo. Pode-se dizer que as correspondências entre pai e filho não foram meras cartas trocadas, mas elas configuram importantes registros de uma época, expressos entre amigos confidentes, que se aconselhavam e compartilhavam experiências.

A infância de Attilio C. Lima foi marcada por viagens constantes entre o Rio de Janeiro e a Europa na primeira década do século XX, pois ele estava inserido em uma sociedade que vivenciou grandes transformações sociais, econômicas e de costumes. O arquiteto estudou em escolas prestigiadas da capital brasileira e realizou sua formação superior na ENBA no período de 1920 a 1926, nos moldes do academicismo e do neocolonial.

A trajetória percorrida pelos colegas de Attilio C. Lima, na qual se destacaram Paulo Antunes Ribeiro, Lucas Mayerhofer, Paulo Santos e Lúcio Costa, foi pontuada por uma produção profissional coerente com os ensinamentos da ENBA. Eram arquitetos situados entre a linguagem do neocolonial e o ideário do movimento moderno, representando uma geração de ruptura.

Attilio Corrêa Lima recebeu a Grande Medalha de Ouro e também o Prêmio de Viagem na finalização do curso de arquitetura, possibilitando o aperfeiçoamento de seus conhecimentos. Em Paris, após analisar várias possibilidades de cursos, decidiu pelo urbanismo no IUUP. A realidade de Paris pós-Primeira Guerra, as dificuldades enfrentadas em consequência dessas transformações, as discussões sobre as reconstruções das cidades arrasadas e a ocupação dos novos territórios foram assuntos que lhe interessaram. Ele estava atento aos debates sobre racionalização construtiva e novas tecnologias que permitissem a produção de habitações econômicas, eficientes e passíveis de serem realizadas no ritmo da produção industrial. Ao mesmo tempo, estava a par das discussões formuladas durante o século XIX provenientes das dificuldades a serem superadas pelas cidades da era industrial, envolvendo a contribuição dos reformadores sociais e dos higienistas. Consciente das mais relevantes exigências de seu tempo, escolheu o Urbanismo, a nova atuação do arquiteto, como campo de estudo e

aprofundamento. Attilio Corrêa Lima foi o primeiro brasileiro a estudar urbanismo no IUUP, abrindo caminho para outros colegas que o sucederam.

Contrário às expectativas iniciais do casal Corrêa Lima, as adversidades e dificuldades enfrentadas em Paris foram imensas. As riquezas nas descrições das experiências do cotidiano vivenciadas pelo arquiteto e a abordagem de temas tão relevantes para a história do urbanismo no Brasil foram tratadas em suas cartas. Os registros deixados por Corrêa Lima podem ser lidos como “um diário” que comentava os mais diferentes assuntos – as dificuldades de se viver em Paris no período pós-Primeira Guerra, a crise habitacional que abalava a França, a manutenção da vida com uma bolsa de estudos, as referências sobre as aulas de urbanismo na Sorbonne, o curso de Sanitarismo realizado no Institut de Techniques Sanitaire du Conservatoire National de Arts et Metiers de Paris, as lições de concreto armado com o arquiteto construtivista Berthold Lubetkin. Paralelamente, tecia críticas às realizações contemporâneas, posicionando-se em relação ao urbanismo de Agache proposto nos planos do Rio de Janeiro, ao ensino das Escolas de Belas Artes tanto no Brasil quanto na França. Não foi complacente com a elite brasileira em Paris e tampouco com seus colegas de profissão que ensaiavam os primeiros passos na realização de uma arquitetura moderna, sendo-lhe alvo Warchavick.

Pode-se dizer que Attilio C. Lima foi um homem de transição entre dois momentos da história da arquitetura, um homem de fronteira entre o século XIX e o XX, representando os conflitos e contradições de seu tempo. Formado nos moldes da arquitetura clássica, ele percebeu que as transformações tecnológicas do mundo pós-Guerra exigiam outras respostas, além daquelas de caráter estético.

Do grupo de brasileiros no IUUP, somente Attilio C. Lima defendeu sua tese de diplomação. Outros brasileiros também frequentaram o Instituto. Porém até o início dos anos 1950, ele se manteve o único brasileiro a concluir a formação de urbanista, confirmando que, além de um pioneiro nessa área, foi uma exceção por ter concluído seus estudos.

A influência do professor e orientador Henri Prost na tese de Attilio C. Lima foi expressiva, tal qual Agache para os Planos do Rio de Janeiro, existindo uma estreita relação entre o traçado urbano proposto para Niterói e aquele proposto para a remodelação do Rio de Janeiro. Apesar das críticas a Alfred Agache, particularmente ao modo como esse desenvolveu os projetos para o Rio de Janeiro, privilegiando as perspectivas monumentais típicas da *Beaux Arts*, ele conduziu de forma semelhante as soluções para Niterói. No seu plano conservou o

conceito haussmanniano de vias radiais concêntricas, os *boulevards* e o sistema de áreas verdes.

O trabalho-tese de Attilio C. Lima espelhou sua formação tanto da ENBA em arquitetura, como do IUUP em urbanismo. Mas ainda não se sentia seguro para dar um salto em direção à cidade moderna corbuseriana.

Corrêa Lima descreveu detalhadamente a valiosa colaboração de seus colegas ao plano para o Rio de Janeiro elaborado por Agache, defendendo o campo de trabalho que parecia ser promissor, assegurando a capacidade dos brasileiros. No seu relato, e ao pesquisar o Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento para a cidade do Rio de Janeiro, percebe-se que a contribuição dos brasileiros foi significativa e extensa, com informações preciosas e específicas que somente profissionais “da terra” eram aptos para desenvolvê-las.

Attilio C. Lima manteve sua rede de amigos e colegas estabelecida durante a sua formação na ENBA. Mesmo estando por cinco anos fora do país, ele permaneceu atualizado sobre os assuntos que lhe interessavam e dessa forma construiu seu retorno profissional. Quando chegou ao Brasil em 1931, assumiu a cadeira recém-criada de urbanismo na ENBA, inaugurando o ensino do urbanismo nas escolas de arquitetura.

Em 1932, foi convidado pelo interventor do Estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, para elaborar os planos da nova capital. Em Goiânia, o jovem urbanista aplicou seus conhecimentos na concepção do Plano da cidade. Como Agache e Prost, Attilio C. Lima utilizou-se dos preceitos da escola francesa de urbanismo, estabelecendo um Centro Cívico, Administrativo, espaço simbólico do poder centralizador: a Praça Cívica. Para o zoneamento, estabeleceu os setores por atividades e as vias foram planejadas de acordo com sua importância hierárquica: avenidas monumentais, vias arteriais de conexão, ruas e praças rotatórias locais, subcentros, sistema de áreas verdes, como parques lineares. Os projetos de Attilio C. Lima para Goiânia refletem uma dialética entre um urbanismo clássico e uma arquitetura numa vertente moderna. Enquanto para o traçado da cidade o arquiteto-urbanista utilizou-se da tradição *Beaux Arts*, para a arquitetura dos prédios públicos ele aplicou suas referências técnicas aprendidas nas aulas com Lubetkin, como o emprego do concreto armado, as lajes de cobertura planas. Pode-se afirmar que Attilio C. Lima, nas suas contradições, quando criticava Agache nos planos do Rio, projetava da mesma maneira, porém a arquitetura associada ao urbanismo demonstra a sua superação no que tange às questões técnicas e na aplicação das modernas soluções do concreto armado.

Da mesma forma que Warchavchik quando realizou a casa da Rua Santa Cruz, Attilio C. Lima experimentou as dificuldades locais para executar a arquitetura moderna para os prédios públicos em Goiânia, uma vez que o isolamento do canteiro de obras, as dificuldades dos materiais e a mão de obra rudimentar inviabilizaram sua pretensão. Como ele próprio afirmou sobre o trabalho do colega, o resultado era um “modernismo de fachada”. Os projetos originais do arquiteto foram modificados na sua execução, adequando-se à realidade local. Platibandas escondem coberturas em telha de barro, pequenas aberturas em janelas de madeira substituíram os panos de vidro, volumetria e adornos foram acrescentados. O resultado foi uma arquitetura improvisada, com adequações técnicas e formais que levaram a conclusões equivocadas.

Em 1936, o urbanista foi convidado para apresentar um plano de remodelação para o Bairro de Santo Antônio, em Recife. Attilio C. Lima trabalhou com a questão da pré-existência e com um sítio histórico. Dessa forma procurou alterar o mínimo possível o traçado da cidade. Semelhantemente às soluções de Agache para a área central do Rio, propôs quadras de formato retangular ocupadas por edificações com pátios internos. Para a entrada da cidade, ao modo “Agachiano”, o arquiteto projetou uma estação de passageiros para os transatlânticos.

Em 1937, o arquiteto abriu seu escritório particular e participou do concurso para elaboração da Estação de Hidroaviões do Aeroporto Santos Dumont. Nesse projeto aplicou os preceitos da arquitetura moderna aos moldes de Corbusier: o pilotis, as janelas em fita, a planta e a fachada livre, marcando a paisagem carioca com um dos edifícios pioneiros da arquitetura moderna no Brasil (Figura 153).



Figura 153 - Estação de Hidroaviões do Rio de Janeiro.
Foto: Augusto Malta.

O arquiteto-urbanista, após ganhar o concurso para a Estação de Hidroaviões, foi solicitado para diversos trabalhos. Entre eles, atuou na área de paisagismo desenvolvendo estudos para a Granja Comary em Teresópolis (1939), reforma para os jardins do Palácio Itaboraí, em Petrópolis (1939), jardins da residência do conde Francisco Matarazzo Júnior, na Avenida Paulista (1939), para a residência de Roberto Marinho no Cosme Velho no Rio de Janeiro (1940). Também realizou vários projetos residenciais e atuou como consultor do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN (1939-1941).

Attilio Corrêa Lima elaborou em 1941 o Plano Regional do Município de Barra Mansa no Rio de Janeiro, realizando, com a colaboração do arquiteto Aldary Toledo, o primeiro Cadastro Técnico Municipal, um documento fundamental para política urbana e tributária, tornando-se primordial nos planos diretores municipais desenvolvidos a partir dos anos 1960.

No mesmo ano participou do I Congresso Brasileiro de Urbanismo realizado na cidade do Rio de Janeiro, no moderno edifício da Associação Brasileira de Imprensa. Attilio Corrêa Lima representou o Instituto de Arquitetos do Brasil, fazendo parte da delegação formada pelos arquitetos Lucas Mayerhofer, Milton Roberto, Marcelo Roberto, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Hermínio de Andrade e Silva, Paulo Barreto, Raphael Galvão, Paulo Camargo de Almeida, e Roberto Magno de Carvalho. Neste evento Attilio C. Lima presidiu a Seção de História e Divulgação.

Em 1942, quando elaborou o plano da cidade operária de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, para a Companhia Siderúrgica Nacional – CSN –, pautou-se pelos paradigmas que Tony Garnier havia proposto para a *Cité Industrielle* (1904-1917). Ainda neste mesmo ano, integrou-se ao quadro de arquitetos do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários – IAPI. Aí, exercitou, por completo, os preceitos da arquitetura moderna, coordenando uma equipe de alto nível. Attilio C. Lima, mais uma vez, foi um pioneiro, projetando o Conjunto Residencial da Várzea do Carmo, o primeiro conjunto de habitação social construído pelo IAPI em São Paulo.

Nos doze anos de produção intensa, entre seu retorno da Europa em 1931 e a sua morte prematura e trágica aos 42 anos, em um acidente de avião, quando retornava para o Rio de Janeiro, no dia 27 de agosto de 1943, Attilio Corrêa Lima prometia a realização de uma carreira profícua, tão vasta e próspera como o de seus colegas de geração.

Um trabalho de pesquisa é infundável. Ele termina pelo tempo a ser cumprido. Marca-se o ponto final. A história de uma vida abre-se para uma infinidade de outras histórias,

construídas em tempo sincrônico ou diacrônico. Ideias, crenças, visões de mundo entrecruzam-se na história de homens e mulheres, permitindo uma visão mais afeita às sensibilidades e, portanto, mais próxima de nossa própria experiência.

Ao escrever esse recorte biográfico de Attilio Corrêa Lima, percebe-se o quanto “a porta permanece escancarada para sempre”, oferecendo possibilidades infinitas de revisitações. O material epistolar ofereceu um acesso privilegiado, proporcionando uma aproximação pessoal com o arquiteto durante o diálogo de “futuro passado”, ao exorcizá-lo para finalmente enterrá-lo, até que novas revisitações aconteçam.



Figura 154 - Propaganda do escritório de Attilio Corrêa Lima.
Fonte: acervo da família Corrêa Lima.

REFERÊNCIAS

- ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. *Attílio Corrêa Lima: um urbanista brasileiro (1930-1943)*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Mackenzie, São Paulo, 1996.
- ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. *Attílio Corrêa Lima: uma trajetória para a modernidade*. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- AGACHE, Donat Alfred. *Cidade do Rio de Janeiro: extensão, remodelação, embelezamento*. Paris: Foyer Brésilien, 1930.
- ALENCAR, Aurélia Tâmisia Silvestre de. *Archimedes Memória: o futuro ancorado no passado*. 2010. Dissertação (Mestrado) – UFRJ/FAU, Rio de Janeiro, 2010.
- ALFONSIN, Fabiana Batista. *Levantamento histórico e iconográfico do Monumento Funerário “Adalgisa, Amelinha e Octacianinho”*. Pelotas, RS: Universidade de Pelotas, 2011.
- ALMEIDA, Ângela Mendes de. *Pensando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, UFRJ, 1987.
- AMÂNDIO, Sofia. O fio constitutivo da sociologia empírica de Bernard Lahire. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 2014. Disponível em: <<http://spp.revues.org/1669>>. Acesso em :
- AMARAL, Aracy (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, EUA*. São Paulo: Memorial/Fundo de Cultura Econômica, 1994.
- ARQUITETURA E URBANISMO. Rio de Janeiro: Instituto de Arquitetos do Brasil, mar.-abr. 1940.
- ARAUJO, Ana Cláudia Condeixa de. *Sonhos em cena: histórias e memórias do Teatro Leopoldo Fróes*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008.
- ATIQUE, Fernando. Um sotaque disfarçado: a recepção de referências americanas no curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes. *19&20*, Rio de Janeiro, v. III, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_atique.htm>. Acesso em: 19 maio 2014.
- AZEREDO, J. Cordeiro. Teatro João Caetano. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1930.
- BAUDELLOT, Christian; CARTIER, Marie; DÉTRETZ, Christine. *Et pourtant ils lisent*. Paris: Seuil, 1999.
- BAUDOUI, Rémi. *La Naissance de l'École des Hautes Études Urbaines et Le Premier Enseignement de l'Urbanisme em France, des Années 1910 aux Années 1920*. Paris: A.R.D.U., 1928.

BELLINTANI, Adriana Iop. *O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

BENJAMIN, Walter. *Paris, capitale du XIXe siècle: le livre des passages*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1989.

BIBLIOTECA NM. Histórias e lendas de Santos. Santos em 1913. *Impressões do Brasil no século vinte: estabelecimentos de ensino*. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/>. Acesso em:

BORGES, Maria Eliza Linhares. A Exposição Nacional de 1908 e a produção da identidade nacional brasileira. In: LIBBY, Douglas Cole (Org.). *Cortes, cidades, memórias: trânsitos e transformações na modernidade*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 2010.

BORGES, Maria Elizia; SANTOS, Alcineia Rodrigues dos; GOMES, Laryssa T. S. *Estudos Cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos*. 1. ed. Goiânia: Cegraf, UFG, 2010. v. 1.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A excelência e os valores do sistema de ensino francês. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução: Sérgio Micele. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 296-336.

BOURDIEU, Pierre. *The field of cultural production*. Cambridge: Polity Press, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução: Mariza Correa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Capital cultural, escuela e espacio social*. México: Siglo Veinteuno, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. Tradução: Aparecida Joly Gouveia. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a. p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. Tradução: Magali de Castro. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002b. p. 70-79.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução: Daniela Kern; Guilherme. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *La reproduction: éléments pour la théorie du système d'enseignement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Le métier de Sociologue*. Paris, La Haye: Mouton-Bordas, 1983.

BRANDÃO, Zaia. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n.1, abr. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022010000100003>.

BRASIL. Decreto 11.749, de 13 de outubro de 1915. Reorganiza a Escola Nacional de Bellas Artes. In: *ACTOS do Poder Executivo*. Distrito Federal, DF, 1915, p. 372-397. Acervo do Museu D. João VI, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7179/7179_8.PDF>. Acesso em:

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CALABI, Donatella. *História do urbanismo europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CARRASCO, Daniel Matus. *La thèse en urbanisme de 1922 à 1937: les étudiants et les sources bibliographiques*. 2009. Master (Thesis) – Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, IUP, 2009.

CASTILHO, José Roberto Fernandes. O arquiteto como profissional liberal: o Código Guadet (1895). *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, maio 2014.

CAVALCANTI, Lauro. *Quando o Brasil era moderno: Guia de Arquitetura 1928*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CERASOLI, Josianne Francia. O lugar da América: por uma expressão arquitetônica moderna, panamericana e universal nos anos 1920. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, XXI., 2012, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPUH-SP, set. 2012.

COLIN, Silvio. Vivenda Elizabeth, de Pires e Santos. 4 set. 2011. Disponível em: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/04/09/>>. Acesso em: dez. 2014.

CONRADS, Ulrich. *Programs and Manifestoes on 20th-century Architecture*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1970.

CZAJKOWSKI, Jorge Paul (Org.). *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000 (Coleção Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro).

DAHER, Tânia. *Goiânia, uma utopia européia no Brasil*. Goiânia: IBC, 2003.

DAZZI, Camila. Pensionistas da Escola Nacional de Belas Artes na Itália (1890-1900): questionando o “afrancesamento” da cultura brasileira no início da República. 1920. *DezenoveVinte* (revista eletrônica), v. 1, n. 3, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.dezenovevinte.net/19e20/>>. Acesso em: 16 maio 2014.

DEL NEGRO, Carlos. *Um escultor fluminense: Corrêa Lima*. Rio de Janeiro: Serviço Industrial Gráfico – UFRJ, [s.d.].

DÉTREZ, Christine. *Le capitale culturel*, 2005. Disponível em: <<https://dpearea.files.wordpress.com/2014/01/le-capital-culturel.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

DIAS, Maria Olívia. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, Viseu, n. 19, p. 139-156, 2011.

- DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências. Tradução: Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. *Manuscrita* – revista de crítica genética, São Paulo, n. 15, 2007.
- DINIZ, Anamaria. Goiânia: modernismo sertanejo. *Revista Paranoá*, Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Brasília: UnB, v. , n. , 2007a.
- DINIZ, Anamaria. *Goiânia de Attilio Corrêa Lima, a cidade idealizada e não materializada*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 12., 21 a 25 de maio de 2007, Belém. *Anais...* Belém, PA, 2007b.
- DINIZ, Anamaria. *Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932 a 1935): ideal estético e realidade política*. 2007. 239 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007c.
- DOSSE, François; DELACROIX, Christian; GARCIA, Patrick. *Correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. São Paulo: FGV, 2008.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze & Felix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2010.
- DUBY, Georges. Histoire de la France urbaine: la ville de l'âge industrielle. In: _____. *Histoire de la France de 1852 à nos jours*. Paris: Larousse, 1987.
- DUQUE, Gonzaga. *Contemporâneos: pintores e escultores*. Rio de Janeiro: Benedicto de Souza, 1929.
- DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990. p. 7-16.
- ECHER, Isabel Cristina. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. *Revista Gaucha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul. 2001.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1999.
- ELIAS, Norbet. *Introdução à sociologia*. Tradução: Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.
- FAMÍLIA PAULA FREITAS. *Origens e legados: o Colégio Paula Freitas*. Disponível em: <http://familiapaulafreitas.blogspot.com.br/2015/05/origens-e-legados.html>. Acesso em:
- FICHER, Sylvia. *Ensino e profissão: o curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo*. 1989. Tese (Doutorado) – FFLCH-USP, São Paulo, 1989.
- FICHER, Silvia; MACEDO, Danilo. Três vinholas no Brasil do século 19. In: PROJETAR: Projeto como investigação: ensino, pesquisa e prática, IV., 2009, São Paulo: Fau-UPM, out. 2009.
- FOUCAUL, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Tradução: Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja/ Passagens, 1992.
- FREY, Jean-Pierre. Henri Prost (1874-1959), parcours d'un urbaniste discret (Rabat, Paris, Istanbul...). *Urbanisme*, Paris, n. 336, p. 79-87, 2004.

GALVÃO, Alfredo. *Subsídios para a história da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, 1954.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GIMENO, José. O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizadas. In: GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antônio F. (Org.). *Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 41-80.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *A construção do espaço urbano de Goiânia (1933-1968)*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

GRIGNON, Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Le savant et le populaire: misérabilisme et populisme en sociologie et en littérature*. Paris: Seuil/Gallimard, École des Hautes Études, 1989.

GROPIUS, Walter. *Bauhaus: nova arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência. Construção do espaço no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Peter. *Cidades do amanhã*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HOGGART, Richard. *La culture du pauvre, étude sur le style de vie des classes populaires en Angleterre*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970. (Coll. Le Sens Commun).

IUUP – Institut d'Urbanisme de L'Université de Paris. *École Nationale des Hautes Études Urbaines et de l'Administration Municipale: organisation et fonctionnement*. Université de Paris, 1925. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Institut_d_urbanisme_de_L_Universite_de.html?id=WY5Cmw>. Acesso em:

KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FERNANDES, Juca. *Attilio: traços, arquitetura e cidades*. [Filme-vídeo]. Produção e direção de Juca Fernandes. Goiânia 2009. DVD, 77 min.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LAMONT, Michèle. *La morale et l'argent: les valeurs des cadres en France et aux États-Unis*. Paris: Métailié, 1995.

LAVILLE, Chistian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

- LEME, Maria Cristina da Silva; FERNANDES, Ana; SAMPAIO, Antonio Heliodório Lima (Org.). *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2005.
- LIBBY, Douglas Cole (Org.). *Cortes, cidades, memórias: trânsitos e transformações na modernidade*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 2010.
- LIMA, Attilio Corrêa. *Avant-projet d'aménagement et extension de La ville de Niterói-au Brésil*. Paris: Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, 1932.
- LIMA, Attilio Corrêa. *Goiânia, a nova capital de Goiás: resumo de um estudo*. In: IBGE. *Goiânia*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico, 1942.
- LINS DE BARROS, Miriam Moraes de. *Memória e família*. *Estudos Históricos: Memória*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.
- LONDON, Marcos Zanetti. *A circulação de idéias urbanísticas no meio profissional e acadêmico e sua influência nas obras de Donat Alfred Aagache e Attilio Corrêa Lima*. 2002. Dissertação (Mestrado) – UFRJ/FAU, Rio de Janeiro, 2002.
- LOPES, Alberto Costa. *A aventura da cidade industrial de Tony Garnier em Volta Redonda*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.
- LOPES, João Teixeira. *Do politeísmo cultural contemporâneo ao trabalho escolar de eliminação da dissonância*. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, v. XX, p. 281-290, 2010.
- LORENZETTI, Fernanda Lorandi. *O desafio biográfico: François Dosse*. *Revista História em Reflexão*, Dourados: UFGD, v. 4, n. 7, jan.-jun. 2010.
- LUCAS, Agnaldo Leon. *Os cemitérios no bairro fragata: uma relação entre o antigo e o contemporâneo*. 2006. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Pelotas, 2006.
- MAGNAVITA, Pasqualino Romano. *Estilo funcional: expressão local do Movimento de Arquitetura Moderna Salvador-Bahia-Brasil-1946/1951*. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario>>. Acesso em:
- MALATIAN, Teresa. *Cartas: narrador, registro e arquivo*. In: PINSKI, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-223.
- MANSO, Celina Almeida. *Goiânia: uma concepção urbana, moderna contemporânea – um certo olhar*. Goiânia: Edição do Autor, 2001.
- MARTINS, Estevão de Rezende. *O enigma do passado: construção social da memória histórica*. UnB Dossiê: A Escrita da História: os desafios da multidisciplinaridade. *Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB*, Brasília: UnB, v. 15, n. 1-2, 2007.
- MAUGER, Gérard. *Sciences Humaines*, n. 36, mars-maio, 2002.
- MELLO, Márcia Metran. *Moderno e modernidade: a arquitetura dos primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e urbanismo, Universidade de São Paulo, 1996.
- MELLO, Márcia Metran. *Goiânia: cidade de pedra e palavras*. 2004. Tese (Doutorado) – Sociologia, Universidade de Brasília, UnB, 2004.

- MENDES, José Teles. O Plano Agache: Propostas para uma Cidade-Jardim Desigual. *Revista Habitus*: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.13-124, dez. 2012. Disponível em: www.habitus.ifcs.ufrj.br. Acesso em:
- MENDONÇA, Alzino Furtado de; ROCHA, Cláudia Regina Ribeiro; NUNES, Heliane Prudente. *Trabalhos acadêmicos: planejamento, execução e avaliação*. Goiânia: Faculdades Alves Faria, 2008.
- MIGUEL, Jair Diniz. SVOMAS (Ateliês Artísticos Livres Estatais): arte, liberdade, flexibilidade e novidade. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2., 2006, Campinas, SP. *Anais... 27 a 29 de março de 2006*, Campinas, SP: IFCH-Unicamp, 2006.
- MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano/IPHAN, 2000.
- MOREIRA, Fernando Diniz. Urbanismo e modernidade: reflexões em torno do Plano Agache para o Rio de Janeiro. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, v. 9, n. 2, nov. 2007.
- NASCIMENTO, Flávia Cristina de Souza. *Paris dans la litterature francaise des annees vingt*: contribution a l'histoire de la representation. 1997. Tese (Doutorado) – Paris 10.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. “*Para uma teoria da carta*”: as máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1988.
- NOBRE, Ana Luiza. A história entre os modernos. *AU*, São Paulo: Pini, n. 92, out. 2000. Disponível em: <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/92/a-historia-entre-os-modernos-24381-1.aspx>.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Pierre Bourdieu: escritos de Educação*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 71-79.
- NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Samir A. de; MONTENEGRO, Ludmylla M. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. *Cadernos Ebape.BR*, Rio de Janeiro: FGV, v. 10, n. 1, p. 130-145, mar. 2012.
- PALERMO, H. Nicolás Sica. *O sistema Dom-ino*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Porto Alegre: PROPAR, 2006. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/7917>>. Acesso em:
- PASSOS, Maria Consuêlo. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: FERES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.
- PEIXOTO, Elane Ribeiro. Urbanistas e fronteiras: Atílio Corrêa Lima. *Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, v. 11, n. 5, 2012.
- PEREIRA, Margareth da Silva. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. *ARQtexto*-Revista do PROPAR/UFRGS, p. 6-27, 2010. Disponível em: http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/fr_arqtexto16.htm>. Acesso em: 17 maio 2015.
- PETERSON, Richard. Changing highbrow taste: from snob to omnivore. *American Sociological Review*, v. 61, 1996.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Lucio Costa e a Escola Nacional de Belas Artes. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO, 6., 2005, Niterói. *Anais...* Niterói: ArqUrb/UFF, 2005.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. A história da arquitetura brasileira e a preservação do patrimônio cultural. *Revista CPC*, n. 1, p. 41-74, 2006.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate central dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

PIRES, Jacira Rosa. *Goiania: la ciudad premoderna del "cerrado" 1922-1938. Modernidad y ciudad jardín en la urbanística de la nueva capital del estado de Goias*. 2005. Tesis (Doutorado) – Universidade Politècnica da Catalunya, 2005.

PIRES, Jacira Rosa. *Goiânia: cidade pré-moderna do cerrado – 1922-1938*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009.

PIOVESAN, Greyce Kely. Para além do sábado: cartas entre Pedro Nava e os Sabadoylianos. *Revista Emblemas*, v. 7, n. 1, p. 157-176, jan.-jun. 2010.

RIBEIRO, Nelson Porto; LEITE, Luiz Eugenio. *O Rio que o Rio não vê: os símbolos e seus significados na arquitetura civil do Centro da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Aori Produções Culturais, 2012.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Exercícios críticos: leituras do contemporâneo*. Chapecó: Argos, 2008.

RODRIGUEZ, Marisol; SEGRE, Roberto. *O plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro (1927-1930): diálogos com a Escola Francesa de Urbanismo no final da década de 1920. Planejamento urbano no Brasil: conceitos. Diálogos e práticas*. 2. ed. rev. atual. Chapecó: Argos, 2013.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. *História da educação no Brasil 1930-73*. Petrópolis: Vozes, 1978.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANCHES, Maria Ligia Fortes. *Construções de Paulo Ferreira Santos: a fundação de uma historiografia da arquitetura e do urbanismo no Brasil*. 2004. Tese (Doutorado) – PUC, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Paulo Ferreira dos. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *História de vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVERO, Ricardo. A arte tradicional no Brasil. *Revista do Brasil*, São Paulo, v. IV, ano II, p. 394-424, jan.-abr. 1917.

SILVA, José Cláudio Sooma. Cidade maravilhosa: encontros e desencontros nos projetos de remodelação urbana da capital entre 1902 e 1927. *Sinais Sociais*, Rio de Janeiro, v.5, n. 17, dez. 2011.

SINGLY, François de. Savoir hériter: la transmission du goût de la lecture chez les étudiants. In: MARTINE, Poulain (Dir.). *Les étudiants et la lecture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

SOLANO, Alexandre Francisco. A biografia desafiada: os contornos de uma vida por François Dosse. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 7, ano VII, ago. 2010.

UZEDA, Helena Cunha. *Ensino acadêmico e modernidade: o curso da Escola Nacional de Belas Artes: 1890-1930*. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VEIGA, Cynthia Gleive. A civilização das crianças pela escola (Brasil, século XX): questões teóricas e conceituais. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, v. 12, 2009.

SANCHES, Maria Ligia Fortes. *Construções de Paulo Ferreira Santos: a fundação de uma historiografia da arquitetura e do urbanismo no Brasil*. 2005. Tese (Doutorado em História Departamento de História) – PUC, Rio de Janeiro, 2005.

SCHAPOCHNICK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 439.

SENDYNK, Fernando. *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. Org.: Jorge Czajkowski. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000.

SEVERO, Ricardo. A arte tradicional no Brasil. *Revista do Brasil*, São Paulo, v. IV, ano II, jan.-abril 1917.

SOUZA, Abelardo de. *Arquitetura no Brasil: depoimentos*. São Paulo: Livraria Diadorim Editora, 1978.

VEIGA, Cynthia Greive. *A civilização das crianças pela escola (Brasil, século xx): questões teóricas e conceituais*. UFMG; CNPq; FAPEMIG, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/>>. Acesso em:

WEBER, Regina; PEREIRA, Elenita Malta. Halbwegs e a memória: contribuições à história cultural. *Revista Territórios e Fronteiras*, v. 3, n.1, jan.-jun. 2010.

XAVIER, Alberto. *Depoimento de uma geração*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ANEXO 1

Entrevista realizada no dia de 10 de outubro de 2014 com Bruno Corrêa Lima por telefone.

Ana: Você está me ouvindo agora?

Bruno: Estou... longe, mas estou.

Ana: Longe? Estou colocando o gravador...

Bruno: Sou meio surdo né?

Ana: Eu vou fazer uma pergunta e vou deixar você responder e não vou interferir na sua resposta, ok?

Bruno: Acho complicado isso, mas tudo bem.

Ana: A primeira pergunta é a seguinte: O seu avô Jose Octávio Corrêa Lima nasceu em São João Marcos, no Vale do Paraíba, ele foi filho de José Francisco Corrêa Lima e Adelaide Pereira Corrêa Lima. O que você sabe sobre seus bisavós, os pais de José Corrêa Lima? Origem? O que eles faziam? Gostaria de saber o que você sabe sobre os pais de José Octávio.

Bruno: (...) os pais de José Octávio (...) vamos falar primeiro do pai. Ele era de Alagoas nasceu em Maceió. Resolveu vir para o Rio de Janeiro porque estava em dificuldades, era jovem. Ele era uma espécie de caixeiro viajante, comprava algumas coisas no Rio e vendia no interior, e nessas viagens... São João Marcos ficava na rota da entrada para ir para São Paulo e Minas, que era quase que obrigatória a parada em São João Marcos e ali conheceu Adelaide e mais tarde se casaram.

Ana: Ele conheceu então Adelaide. Adelaide não era de São João Marcos?

Bruno: Ela era de São João Marcos. O meu avô falava toda prosa, que ele descendia de índios, a mãe dele falava que ele era descendente de índios daquela região, então ele, lógico, uma família que casou com portugueses, ele sempre dizia descendente de índio, até acredito que seja de verdade... Mas ela era de São João Marcos. São João Marcos foi uma cidade importante por causa desta obrigatoriedade de parada. Naquele tempo iam de cavalo e carroça, mas os animais tinham que parar ou para trocar de animais, alimentação, era uma parada obrigatória.

Ana: Eu li e achei muito interessante que São João Marcos foi uma cidade inclusive era tombada porque era uma cidade muita rica de cafeicultores.

Bruno: É não, a cultura do café feita erroneamente na serra do mar aproveitando desmatamento, e tal... ela também entrou em decadência, como todas as cidades, e além disso foi na época de eletrificar o Rio de Janeiro, a Light a companhia de luz viu por conveniência fazer uma barragem em São João Marcos, a cidade de São João Marcos deveria ser demolida e não foi, deixaram a água subir, subir. Eu li sobre essa história até recentemente sobre isso, existe um livro muito interessante de um amigo meu arquiteto. Quando você vier para cá eu te mostro esse livro que fala sobre a decadência, sobre o término de São João Marcos, eles lutaram muito, apesar de ter sido uma cidade histórica...

Ana: O José Francisco Corrêa Lima, o pai de José Octávio era um homem de classe média, era isso?

Bruno: É eu acho que sim, porque ele inclusive tinha uma irmã que era madrinha de José Octávio e que era casada com dono do colégio, ela era professora também, ela era de uma classe média, não eram muito pobres, mas já o lado de cá, já como eu dizia, a cidade de São João Marcos estava em decadência, a família da Adelaide já estava decadente, a cidade não funcionava tão bem. Depois, pouco depois trocaram a passagem por São João Marcos obrigatória, fizeram uma subida pela Serra das Araras, e a cidade ficou completamente abandonada.

Ana: José Francisco Corrêa Lima era descendente de portugueses?

Bruno: É pelo nome, né?

Ana: E a Adelaide?

Bruno: A Adelaide também era descendente de portugueses, mas também tinha sangue indígena, porque os índios viviam no alto e depois desciam na época de caças, nos lugares mais baixo, a beira-mar. São João Marcos caminhando em direção ao mar não é muito longe, faziam esse trajeto.

Ana: Você tem fotos do José Francisco e da Adelaide?

Bruno: Foto? Não, eu tenho um busto.

Ana: Ah um busto dos pais? Interessante! O que você pode dizer sobre a infância e adolescência do José Octávio? Quem influenciou as esculturas de José Octávio? Quem influenciou?

Bruno: (...) O meu avô contava, o José Octávio contava que o pai já tinha uma habilidade, ele fazia cabos de bengalas, esculpia pequenas figuras, o pai dele, esculpia em bengalas, fazia as bengalas para se distrair com canivetizinho, o filho parece que via isso e gostou. Agora infância dele, até chegar a época do curso primário, como eles eram, já estavam pobres não tinham condições, ele resolveu mandar o filho para estudar na escola da irmã dele, do pai, da tia, né? E a tia, Zemira, a Zira, foi quem educou e alfabetizou, educou, até a idade de voltar ao Rio de Janeiro e entrar na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Ele passou a adolescência dele em Alagoas.

Ana: Inclusive no livro de Del Nero ele faz essa menção que foi estudar com a tia e aos 14 anos...

Bruno: Tia Zemira, isso ele tinha adoração pela tia, gostava mais dela do que da mãe talvez, teve mais contato com ela, quando a criança é muito pequena não recorda de tanta coisa, mas depois dos 7 anos em diante já começa, antes não... Ele teve muita proximidade com a tia.

Ana: Del Nero comenta sobre esse período que ele ficou com a tia e diz que aos 14 anos ele volta para Rio de Janeiro e estuda no preparatório do Colégio São Bento? Você sabe algo sobre isso?

Bruno: Eu sei que ocorreu isso, mas não sei de nenhum fato, eu não sei o que aconteceu lá, isso não sei, nunca conversei com ele sobre isso.

Ana: O que eu acho bastante surpreendente e que José Octávio me pareceu um rapaz precoce porque entrou muito jovem para a Escola de Belas-Artes

Bruno: A Escola de Belas-Artes naquela época, eu fiz Escola de Belas-Artes eu entrei na Escola de Belas-Artes com 15 para 16 anos,

Ana: Com que idade?

Bruno: 15 para 16 anos. Bastava você ter primário e secundário, depois quando eu estudava, tinha um tal de científico, mas aí eu já fazia o científico a noite, eu fiz a noite porque eu estava na ENBA. O curso de Belas-Artes exigia você ter...

Ana: O secundário? Exigia só o secundário, que você está falando?

Bruno: Exigia o primário e o secundário! O primário eram 4 anos, secundário eram 4 anos depois tinham 3 anos de científico na minha época, a dele eu não sei como era, por isso que ele entrou jovem. Acho que ele entrou na ENBA com 15 anos.

Ana: É isso mesmo... Ele foi discípulo de Bernardelli e foi prêmio de Viagem com escultura O Remorso apenas com 21 anos e ele foi pra Europa. O que você sabe do período que ele morou na Europa?

Bruno: Bom, quase nada. A escultura Remorso está lá em Friburgo. Agora a vida dele lá, ele falava muito pouco sobre isso. Agora lá ele conheceu a minha avó em Roma, mas ela não era de Roma ela tinha ido passear em Roma, ele gostou, começou a se aproximar, ela morava em uma cidade que não era perto, era no Norte da Itália.

Ana: Eu procurei pelo sobrenome dela, Benfaremo, ela era de Firmo, uma região no litoral da Itália.

Bruno: Não, a cidade dela era Fermo, cidade medieval, toda de muralhas, tudo branco, calcário puro aquilo lá. Ele foi lá, o sogro dele, o pai da... ele era joalheiro, fazia jóias, e já tinha feito uma réplica da cidade deles lá em material de joalheria, tinha premiado, era uma família grande, a Rachel conhece melhor que eu porque foi até lá, esteve lá com eles.

Ana: Você sabe o nome do sogro do José Octávio?

Bruno: Não, não sei, tenho que procurar.

Ana: É interessante que ele ficou só três anos em Roma, e ele logo conheceu a Marzia?

Bruno: Pois ele a conheceu, se apresentou, estava interessado em casar com ela, ela era gêmea.

Ana: A ela era gêmea?

Bruno: Era gêmea. Interessou por uma delas. Engraçado, elas as duas eram pequenininhas, os irmãos dela eram gigantes, e era engraçado porque meu avô era baixinho, se casasse com..., e se ela fosse do tamanho dos irmãos ou das irmãs... eram tudo grandalhão...a família dela toda era grande. O Attilio era alto. O pai e a mãe eram baixinhos. O Attilio era alto.

Ana: Você também é alto?

Bruno: Mas é eu saí ao meu pai, meu pai era alto, ele mais alto um pouco do que eu ele tinha 1,81, algo assim.

Ana: Eu vi pela data, é muito interessante, porque não era muito comum naquela época, ele na verdade um brasileiro que sai daqui muito jovem e casa com uma italiana...Quando ela vem para o Brasil ela chegou a voltar? Visitou os pais? Os pais vieram para cá?

Bruno: Não, ela veio pra cá... Casou, o Attilio nasceu lá em Roma, eles vieram para cá, o casal com o filho, mas nenhum dos parentes, nunca vieram aqui... acho que não. Ela ficou aqui... devagarzinho foi, ela falava muito enrolado, italiano, mas aos poucos foi perdendo, a pessoa vai perdendo...já falava um português italianado e era assim... mas ela veio para cá e talvez tenha voltado lá quando ele foi fazer estátuas, em foi mandar passar bronze, na estátua do Almirante Barroso, ele foi para lá, deve ter ido com ela lá visitar parentes, mas eles nunca vieram pra cá.

Ana: Como foi esse período que ele foi pra Roma e conheceu a Marzia? Você tem fotos de quando eles eram jovens e se casaram? Quando o Attilio nasceu?

Bruno: Essa fase... O que você gostaria de saber exatamente desta fase? Tem pouca coisa dessa fase.

Ana: Como você acha que foi o retorno do José Octávio para o Brasil com esposa e com Attilio? Porque quando ele foi para Roma, ele tinha uma pensão, quando ele voltou com filho e a esposa ele foi morar no Rio de Janeiro?

Bruno: Foi igual o Attilio, ele foi para estudar, estudante com uma bolsa... foi morar no Rio de Janeiro, deve ter ido morar com pai que morava na rua de São Cristovão no RJ. Deixa eu voltar atrás na história... A cidade de São João Marcos foi alagada, então a Light para indenizar as pessoas deu emprego, eles foram trabalhar, o pai e dois irmãos foram trabalhar no escritório da Light, aqui no Rio na Marechal Floriano, ali no Centro onde era a antiga Light. Foi um tipo de compensação... e eles compraram com dinheiro da indenização da casa, compraram na Rua São Cristovão, na Praça da Bandeira, a Rua São Cristovão vem até a Praça da Bandeira, passava por debaixo da estrada de ferro e atravessava a estrada de ferro e eles moraram ali muito tempo, (...), minha cabeça tem que parar pra pensar nas coisas... José Octávio morou com pai até conseguirem estabilizar um pouquinho, mas já veio, quando voltou logo depois, quando voltou foi convidado para trabalhar como professor, o Bernardelli, para trabalhar, para trabalhar mesmo na faculdade, na Escola de Belas-Artes, prestou concurso, entrou, mas aí ele alugou casa, começou a ganhar dinheiro...a casa devia estar entulhada de gente, outros irmãos?

Ana: Quantos irmãos José Octávio tinha?

Bruno: Ele era mais velho, depois tinha Ulisses, o Octávio, o Aldinho... duas irmãs (Ermila Araci)... então Ulisses,

Ana: Então ele era mais velho, aí vinha tinha Ulisses? E tinha mais duas irmãs?

Bruno: Tinha o Octávio e mais duas irmãs, a Ermila (a mais nova de todas) e a Araci, o mais novo deles todos era o João. O pai do Joãozinho que trabalhou com o Attilio.

Ana: Então tinha o José Octavio que era o mais velho, aí vinha o ...

Bruno: Depois tinha dois irmãos e duas irmãs...o mais novo era o João

Ana: Então eram 6 filhos?Você pode falar se os irmãos do José Octávio... qual era a formação deles?

Bruno: Eles sempre viveram em São João Marcos... então fizeram primário, não sei e secundário, não tenho certeza, mas se foram convocados para trabalhar na light no escritório, analfabetos não eram.. mas talvez tinham pelo menos primário completo

Ana: Você falou que o filho do João trabalhou com ...

Bruno: Não, o João é o irmão mais novo dele, quando José Octávio ele, ele tem um trabalho dele que é O Remorso. O Remorso é um garoto q matou um passarinho que está no museu de Belas-Artes, o original, quem posou pra ele foi João.

Ana: Ah é? Quando criança?que interessante!!!

Bruno: Aproveitou que tinha irmão pequeno e colocou pra pousar. Lá em Friburgo, tem o fauno, tem um garotinho e quem pousou foi João também, esse irmão mais novo ele casou e teve um filho chamado João também que foi arquiteto e um pouco mais novo que o Attilio.

Ana: Ele também formou nas Belas-Artes? Joãozinho arquiteto mais novo que Attilio?

Bruno: Tem até uma foto que tem duas pessoas na prancheta João e um outro que é irmão da Olga que trabalhava também no escritório, que se chamava Fausto...

Ana: O João chamava João Corrêa Lima?

Bruno: Isso

Ana: O pai do Attilio foi para Paris e ficou um tempo lá porque teve um encomenda até em uma das cartas ele fala que passa na mesma rua que o pai tinha uma tela e diz que não existia mais o ateliê...Você sabe dizer quanto tempo ficaram em Paris?

Bruno: A primeira viagem dele que eu sei, para Paris foi com... Attilio foi junto... era pequeno. No tempo de escola Attilio quando foi ele pra Paris... ele botou o Attilio para estudar num colégio primário lá em Paris, começou o curso primário lá em Paris, foi por conselho do amigo dele o escritor.... depois eu conto essa historia...tenho que lembrar dessas coisas.

Ana: Quanto tempo você acha mais ou menos q o Attilio ficou com pai e mãe em Paris?

Bruno: Ele ficou eu acredito um ano e meio mais ou menos... não deve ter completado 2 anos, 1 a 2 anos... agora me lembrei ele foi colega de turma do filho do escritor Luiz Edmundo... um amigo do Zé Octávio... escritor , escreveu um livro O Rio de Janeiro do nosso tempo, vários livros era um boêmio danado.

Ana: Esse Cláudio é um o que o Attilio sempre fala nas cartas...? Ele fala de um Cláudio

Bruno: Claudio é filho do Edmundo... E uma senhora que está sempre acompanhado é a mulher do Edmundo.

Ana: Como ela chamava?

Bruno: Espera ai que tem que dar tempo pro meu computador está sobrecarregado...Luiza!!!!

Ana: Ah ele fala da dona Luiza... ele fala muito nas cartas...

Bruno: Era mãe do Cláudio.

Ana: Ah então tem fotos de dona Luiza com dona Olga?Tem fotos em Nova Friburgo?

Ensinava eles a trocarem cartas

Ana: Suas memória está ótima..

Bruno: Não esta ótima, li um artigo que fala que a cabeça e igual ao computador, enche de coisas sobrecarrega mas aparece a memória.

Ana: Como era a relação de José Octávio com Attilio quanto pai?como os dois eram?

Bruno: Minha avó dona Marzia, Rosalia Marzia Faria de Corrêa Lima... ela tem espírito de europeu, filho em colégio interno, não interfere na vida da nora, bem europeu mesmo, toda vez q ele foi estudar ele era internado no colégio... Ele tinha horror, coisa que ele mandou filho pro internado... foi internado junto com filho da dona Luiza ...

Ana: Ah com Cláudio?

Bruno: Tenho quase certeza que era colégio interno... era primário mas era colégio interno

Ana: Mas então aquela relação que você sempre falou q tinha relação muito próxima ao seu pai...

Bruno: É.

Ana: Mas mesmo o Attilio vi muitas fotos, a gente percebe que Attilio desde pequeno circulava no ateliê do pai... ele tinha também esse acesso a profissão e ao que o pai fazia

Bruno: E ele admirava muito, tanto que toda fotografia ele esta ao lado olhando, assistindo, mas toda vez q estudava, ele estudava em colégios internos... acho que no período que moraram que eles chegaram muito pequeno, não tenho nenhum dado pra te fornecer. Mas depois que foi primário que continuou curso no Rio de Janeiro, mas foi no colégio... daqui a pouco eu lembro nome do colégio.

Ana: Você acha que porque Attilio desde pequeno viveu esse meio artístico do pai, os amigos escritores, a Margarida que ele fala muito da Margarida

Bruno: A Margarida era aluna de Seu Corrêa, tanto Margarida quanto a filha da Margarida, filha não ... a Mãe... Margarida era escritora e escultora... Margarida Lopes Almeida e a mãe: Júlia Lopes era escritora.

Ana: Júlia Lopes de Almeida.

Ana: Você leu as cartas que Attilio escreveu para o pai, e você me disse que as cartas que o Attilio escreveu para o pai elas estão conservadas porque o seu avô tinha mania de guardar tudo...

Bruno: Ele guardava tudo, conta do armazém, desenhos, quanto custava gesso... ele guardava tudo

Ana: Então queria que você falasse do seu avô porque ele viveu até os 96 anos... queria que você falasse dele, como você via ele como neto?

Bruno: Nós o víamos (...) Meu pai levava para a gente visitar, eu e minha mãe, para visitar ele quase semanalmente na casa deles para visitá-los.. Quando o Attilio morreu, eu ia, também toda semana, eu estudava no Colégio São José e toda quinta feira ia lá de tarde. Eu saia mais cedo do Colégio e ia para lá que era um dia que o colégio terminava mais cedo. Eu ia visitá-lo. Eu tinha relação semanal com ele porque não morávamos juntos... Só morei junto depois que minha avó morreu que eu fui morar com ele e para ficar com ele lá, mas é, eu gostava muito dele, aliás, tive mais contato com ele do que com meu próprio meu pai. Meu pai morreu quando eu tinha 13 anos, e depois que minha avó morreu eu fui morar junto com ele, mas ele estava velho, com mais de 80 anos. Já não era lá tão igual quando ele era jovem. Ele gostava muito de mim e queria que eu aprendesse esculturas mais eu tinha nojo do barro pegajoso, ele pegava as minhas duas mãos e enfiava no barro e ficava com mão dura até barro secar na mão, eu tinha nojo do barro gosmento, hahaha (...) mas ele mandou fazer pra mim uma pequena tábua que rodava para eu fazer uma escultura e ir rodando, até pouco tempo eu ainda tinha isso... eu tinha um cavalinho, tenho a fotografia, um cavalinho feito por ele de brinquedo para eu brincar de cavalinho, eu montava no cavalinho feito por ele.. bem interessante esse cavalinho... eu tenho fotografia montado no cavalinho. Ele gostava muito de mim. Mas como te digo a minha avó era europeia, então ela, ela não era tão..., gostava imensamente de mim... come, come, *mangiare*... mas ela ficava chateada porque eu não gostava de comer tanto assim, mas eu gostava muito dela também... agora, mas ela era diferente, a maneira de tratar as pessoas era diferente, ela era um pouco mais seca, mas sempre agradando... uma ótima pessoa, mas ela era diferente... até hoje você pega um estrangeiro ele é mais seco...não tem essa (...) o brasileiro não .. já abraça... eles não são mais secos, mais contidos.

Ana: Se fosse destacar um momento, um acontecimento entre você e seu avô o que você lembra o que ficou mais forte da sua relação com seu avô?

Bruno: Mais forte?

Ana: Eu vou dar um exemplo, perguntei isso pra Raquel e foi muito bonitinho, que ela me respondeu que ela se lembrava do avô.

Bruno: Ela era muito pequena. Ela lembra, ela era, ela era muito nova. pela idade dela não dava para lembrar...

Ana: Ela disse que lembra que seu avô dava um envelope com dez cruzeiros para...

Bruno: É para cuidar das esculturas dele, era uma espécie de guardiã das esculturas

Ana: A zeladora do museu Corrêa Lima. Achei muito bonito isso... porque no primeiro capítulo falo de vocês, dos guardiões da memória da família, exatamente isso....Então perguntando assim das lembranças, você fala assim do cavalinho...

Bruno: Eu adorava o cavalinho... mas o cavalinho eu morava na ilha com 5 anos, eu não me lembro.. essa coisa que a Raquel conta ela fala porquê a mãe falava muito, a cabeça da criança não guarda essas coisas tudo não. Na primeira infância lembro pouca coisa dele...

Ana: Na adolescência ou mesmo adulto?

Bruno: Na adolescência, com 13 anos meu pai morreu, foi uma tragédia, imagina o que eu senti, essa morte do meu pai na minha vida, até hoje eu sinto, por causa da idade, não sei... minha mãe morreu, eu adorava minha mãe, minha mãe morreu, mas ela morreu com uma certa idade então não foi tão traumático como a morte do meu pai, então ele como pai, imagina o que ele não passou, ele gostava e tal. A coisa foi terrível, né?

Ana: Enquanto o Attilio estava em Paris fazendo curso de urbanismo... você sabe dizer nas cartas o Attilio sempre fica falando que seus avós o Corrêa Lima e José Octávio e a Marzia pela carga q ele tinha na escola ele estava sempre em coquetéis e festas

Bruno: Ele tinha uma vida social intensa, ele participava das (...) era juiz do Carnaval chamada sociedades ... tinham os carros que eram feitos por artistas .. até hoje em dia o Carnaval é feito por artistas.

Ana: Ah os carros alegóricos?

Bruno: (...) eram alegóricos... mexendo com a política, era uma série de coisas, ele participava do julgamento dessas coisas e a vida social dele, eu posso te mostrar umas revistas da época dele, ele guardava, está guardada comigo, que aparece ele uma figura, "o escultor", um monte de gente engravatada e ele no meio...ele tinha uma vida muito intensa, se não ele não ia conseguir fazer sucesso que ele fazia como escultor... tinha que ter uma vida social e isso minha avó não dispensava, acompanhava, obrigava a gente a ir nas estações de água. Íamos nas férias com eles à Águas de São Pedro, Águas de São Lourenço.

Ana: Como você vê o papel da Marzia na vida do José Octávio?

Bruno: A pessoa mais importante na vida dele foi ela, porque se não ele ia ser um boêmio como os outros. Porque artistas naquela época eram todos poetas, né? Ainda hoje são não é mesmo? Ele era fanático pelo que fazia, acordava de manhã cedo tomava café da manhã, descia e ia trabalhar, quando aposentado... antes não, ia para Escola de Belas Artes e voltava, tinha um atelier em casa, ficava trabalhando em casa.

Ana: A Marzia era esposa, dona de casa?

Bruno: A comida dela era famosa, comida italiana lógico... era famosa... fazia macarrão em casa, chamava os amigos, os artistas... e ela participava das coisas, competia à ela, a vida social muito intensa.

Ana: O que levou o José Octávio ser escolhido para diretor da Escola foi alguma questão política ou era indicação dos próprios professores?

Bruno: A questão dele como diretor? Coincidiu com aquela confusão toda com aquele cidadão... como que chamava?

Ana: Ah o Marianno Filho?

Bruno: Marianno Filho, uns artistas que adoravam Marianno, era um representante dos artistas... mas o que um médico tem que ser diretor da Escola de Belas-Artes? Attilio não gostava, mas Senhor Corrêa tava pouco se lixando pra isso... meu avô por mais que ele gostasse das bisuras ele gostava adorava aquilo de elogiar, ambiente de rapapés... esse era ambiente preferido dele... ele gostava...

Ana: Eu percebi que a obra de José Octávio é bastante extensa, e como você disse falou ele tinha o ofício né?

Bruno: Ele já saía pra fazer os bonecos dele.

Ana: Como Attilio falava?

Bruno: Como Marzia falava!

Ana: Parecia que o ateliê estava no anexo da casa?

Bruno: Não, era na mesma casa... naquele prédio que é tombado

Ana: Lá no centro da cidade?

Bruno: É no centro da cidade também, a casa era no fundo... ele gostava, levantava cedo e metia a mão no barro. Quando lecionava saía cedo para escola

Ana: Então você tava falando que depois da morte de Attilio, você tinha 13 anos, que você via seu avô sempre, você continuou vendo o José Octávio, mas me parece que você tinha uma vida com sua mãe... então na verdade o teu avô não tomou o lugar do teu pai né?

A ligação caiu...

Obs: durante os dez anos de contato com a família Corrêa Lima foram realizadas várias entrevistas. Elas estão registradas em fita de áudio.

Lista de Teses IUUP (1921 - 1938)

Anées	Cote	NOM	PRENOM	PRESIDENT	SUJET
	1 bis	DAVERTON	A		Mémoire sur le personnel ouvrier du Service des Egouts.
1921	14	MALETTE	A		Etude sur l'historique et l'évolution de PANIN.
1921	15	LEVY	P		La presqu'île de CENNEVILLIER.
1921	1 for	KIEFFER	G		Avant-projet d'extension de la ville de DUGNY.
1923	1	GERARD	J	M. POETE	MEUDON, étude d'évaluation urbain.
1924	2	FOURCAUL	L	M. SENTENAC	L'électrification de la région parisienne.
1924	3	ROYER	J	M. POETE	LIBOURNE, son passé, son état actuel, son avenir.
1924	4	WILLERVAL			Les modifications à apporter dans l'organisation légale des municipalités pour obtenir un meilleur fonctionnement de celles-ci, notamment au point de vue financier.
1925	5	CURTET	M	M. POETE	ALBERTVILLER.
1925	6	DEPAULE	C	W. OUALID	Les sociétés d'habitations à bon marché et l'urbanisme.
1925	6 bis	CLAUZIER	M	M. POETE	La cité jardin du port d'aérobuses de la Métropole Urbs.
1925	6 for	BURNAP	G		Du rôle des parcs dans l'aménagement des villes.
1925	7	WEISS LIANG		M. FUSTER	La vie urbaine dans une cité chinoise: CANTON.
1926	8	BAUDEL	E	M. POETE	CAHORS em Quercy.
1926	9	BERNARD	P	M. SENTENAC	Les Solutions modernes du problème des ordures ménagères.
1926	10	GERARD	M	G. JEZE	Participation du personnel à la gestion des cités-jardins de La Compagnie des Chemins de Fer du Nord.
1926	11	GIOT	L	J. GREBER	Essai d'étude sur l'avenir de la région parisienne L'urbanisation et les transports.
1926	12	LEYMARE			Organisation sociale des cités jardins du Grand Paris.
1927	13	PINEAU	L.G	H. PROST	La circulation à PARIS.

1927	14	LE MOAL		M. SENTENAC	de l'incinération des ordures ménagères dans les villes et particulièrement à Paris.
1927	15	DESCOUTURES	J	J. GREBER	Aménagement et extension d'une station thermal du bassin de Vichy : Bellerive-sur-Allier.
1927	16	BRUEL	A	W. OUALID	Enquête comparative des différents modes d'exploitation des services d'enlèvement d'ordures ménagères dans la région parisienne.
1927	17	POPESCO	T	L. BONNIER	Evolution urbaine de la ville de BUCAREST.
1927	18	PREMONT	F	M. POETE	L'évolution de FONTAINEBLEAU.
1927	19	BONNAUD	C	M. POETE	Contribution à l'étude de l'évolution de Clermont-Ferrand depuis les origines jusqu'à la fin de l'Ancien Régime.
1927	20	MIHALESCO	C	J. GREBER	Evolution, aménagement et extension de la ville de Buzeau, chef-lieu du département de Buzeau en Roumanie.
1927	21	SALABERT	M	M. POETE	Nogent-sur-Marne, étude et évolution d'une commune de la région de la banlieue parisienne.
1927	22	TCHANG-YEH		FUSTER	Etude sur la population et la question des villes en Chine.
1928	23	PAOLERA DELLA	C	M. POETE	Contribution à l'étude d'un plan d'aménagement, d'embellissement et d'extension de Buenos Aires, Etude sur l'évolution de la ville.
1928	24	BLOND	A	L. BONNER	L'Esthétique et l'hygiène dans l'habitation et la cité d'habitations populaires.
1928	25	BOUDAGHIAN	E	M. POETE	Le Port de Beyrouth et la ville.
1928	26	MAKAWI	M.H	L. BONNER	Aménagement et extension du Caire.
1928	27	HEMPEL	A	M. POETE	Etude d'évolution et avant-projet d'aménagement et d'extension.
1928	28	STENBERG	M	M. SENTENAC	Éclairage de la ville d'Ismaïlia (Egypte) en relation avec sa formation.

1928	29	DONNE	A	FUSTER	De l'évolution de l'industrie métallurgique et des faits de population et d'urbanisation qui en découlent.
1928	30	PUGET	R	FUSTER	Du pressant besoin d'une cité jardin pour les classes moyennes Sa réalisation envisagée sur les communes de Domont, Ecoeu, Piscop, et Saint-Brice-sous-Forêt, L'urbanisation, d'une grande partie du canton d'Ecoeu pour la création d'une cité-satellite de PARIS.
1928	31	SZWIF	M	W. OUALID	Les Habitations à bon marché de la ville de Vienne.
1928	32	TCHAG	YI	M. POETE	Évolution de la ville de CANTON.
1928	33	TRAN VAN TAT		M. POETE	Mémoire sur l'évolution et l'aménagement de la ville de Saïgon CHOLON.
1928	34	ZAMPHIROPOL	A	BRUGGEMAN	Une cité du pétrole.
1929	35	MOUKHTAR	A	M. POETE	Évolution de la ville du CAIRE.
1929	36	PARDIES	J	M. POETE	Essai sur l'évolution d'une ville de banlieue immédiate de Paris : CLICHY-la-GARENNE.
1929	37	MALVARDI	A	G. JEZE	De l'opportunité de retirer aux maires le droit de nomination des secrétaires de mairie.
1929	38	HORNSTEIN	P	L. BONNIER	Quelques directives sur l'aménagement et extension de la ville de PLOESTI, ROUMANIE.
1929	39	RADOVANOVITCH	M	L. BONNIER	Évolution, aménagement et extension de la ville de Zenoun, Semlin, Zimony- YOUGOSLAVIE .
1930	40	BOUILLOT	G	FUSTER	De l'intervention des pouvoirs locaux dans la protection sanitaire de l'enfant à l'école.
1930	41	TELEMAQUE	L	M. SENTENAC	Le Problème du semage.
1930	42	IONESCO	N	L. BONNIER	Projet de mémoire concernant la cité ouvrière de l'usine d'avions de Brasow, ROUMANIE.
1930	43	POPOVITCH	D	L. BONNIER	Les Habitations à bon marché de la ville de BELGRADE.
1930	44	PROQUITTE	H.J	M. POETE	L'Évolution contemporaine de VITRY-SUR-SIENE.
1930	45	VIGNIER	P	FUSTER	Les Lotissements en Seine-et-Marne, Contribution à l'étude de la banlieue parisienne.

1930	46	SARRE	R	L. BONNIER	d. Projet d'aménagement, d'embellissement et d'extension d'une petite agglomération provençale : Les Arcs, Var.
1930	47	TONEFF	L	M. POETE	Ville de Varna, principal port de la Bulgarie à la mer Noire, Étude de son état actuel expliqué par le passé, son aménagement, embellissement et extension.
1930	48	YOVANOVITCH	D	FUSTER	La Formation et l'évolution de BELGRADE.
1930	49	YAN	Z.M	M. POETE	L'Organisation sociale de NANKIN - CHINE.
1930	50	CORREA LIMA	A	H. PROST	Avant-projet d'aménagement et d'extension de la ville de NITEROI.
1930	51	BISSON	G	L. BONNIER	Mémoire sur les lotissements dans la région parisienne.
1930	52	MARTINEZ	C	M. POETE	Contribution à une étude sur l'urbanisation de BOGOTA, COLOMBIE.
1930	53	REYEZ GAMBOA	S	A. BRUGGEMAN	Projet de cité industrielle à CALI - COLOMBIE.
1930	54	REGENSTREIF	J	L. BONNIER	Urbanisme et tuberculose, Contribution à l'étude de l'hygiène de l'habitation.
1930	55	UZIEL	V	W. OUALID	Thèse sur les principales régies municipales dans la ville de GRENOBLE.
1930	56	MABEREAU	P	J. GREBER	Étude d'aménagement d'une station balnéaire à la TREMBLADE.
1930	57	ROBERT	P	H. PROST	Étude d'une cité-jardin à BIEVRES, Seine-et-Oise.
1930	58	VELASCO	H.J	L. BONNER	Projet de station balnéaire à PUNTA-BASAN, COLOMBIE.
1931	59	BALAINEH	Z	W. OUALID	Contribution au développement économique de l'ETHIOPIE par l'organisation rationnelle du tourisme cynégétique.
1930	60	CLEMENT	J	A. BRUGGEMAN	Projet d'aménagement, de relèvement et de mise en valeur de la cité thermale de SPA.
1931	61	COHEN	A	H. PROST	Aménagement et extension de Tibériade, station thermale en Palestine.
1931	62	CORBIE	G	L. BONNIER	Senlis, évolution, aménagement, extension.
1931	63	JALBEAU	L	M. POETE	Mémoire sur l'évolution et l'aménagement de la ville de SOISSONS.

1931	64	KROLKOWIKI	W	L. BONNIER	Quelques solutions concernant le plan d'aménagement et d'extension de la ville de VARSOVIE.
1931	65	MOITY-BIZARY	M	M. POETE	Évolution urbaine de VICHY.
1931	66	RAYMOND	J	J. GREBER	Station balnéaire Agadir-Plage, Côte occidentale du Maroc.
1931	67	SANCHEZ	M	L. BONNIER	Urbanisation et assainissement du port de La DORADA, Colombie.
1931	68	TLOMAKOWSKI	J	M. POETE	Évolution et projet d'aménagement de la ville de VILNA.
1931	69	VAN LIS	A	J. GREBER	Certains aspects de l'étude de la ville de ROTTERDAM.
1932	70	BARDET	S	M. POETE	La Rome de Mussolini, Contribution à l'étude du plan régulateur.
1932	70 bis	MENASCHÉ	M	M. POETE	Plan d'Aménagement, d'Embellissement et d'Extension de Mahallat el Kobra, principale cité industrielle de l'Egypte.
1932	71	BASALO	L	L. BONNIER	L'Urbanisme et la défense des intérêts touristiques de la côte Santonne.
1932	72	BERSON	C	FUSTER	Etude sur l'oeuvre de l'office public desw habitations de la ville de Paris.
1932	73	BORISSOF	N	L. ROLLAND	Etude sur l'histoire du self-government en Russia.
1932	74	CHANG	H	M. POETE	L'évolution de la ville de PEKING.
1932	75	GOGOBERIDZE	J	FUSTER	Le ravitaillement municipal pendant la guerre en France et particulièrement à Paris.
1932	76	HUANG	Y	M. POETE	L'évolution de la ville de NANKIN.
1932	77	MESTRALLET	R	L. BONNIER	Essai sur la décongestion du département de la Seine et l'amélioration des conditions de vie de sa population laborieuse.
1932	78	PICHARD	A	H. SELLIER	Les conditions du logement dans l'agglomération parisienne depuis du Xxe siècle. Les réalisations dan le cadre de la législation sur les habitations à bon marché.
1932	79	RICHARD	J	FUSTER	Une ville frontière en période de crise - PONTALIER 1900/1930
1932	80	RIMASSON	L	J. GREBER	Le Problème de la circulation à PARIS.
1932	81	WU	S-C	M. POETE	Évolution de la ville de SHANGAI.

1933	82	DLAICAN	T	H. PROST	L'évolution , l'aménagement et l'extension, de la ville de DAMAS.
1933	83	LAVIGNE	A	FUSTER	Mémoire sur la ville d'ALFORTVILLE.
1933	84	HARING	T	J. GREBER	Les zones de TENESWAR. Contribution à l'étude d'un plan aménagement et de concertation de la vile de TENESVAR.
1933	85	NEVEU	L	H. PROST	ANVERS, son passé - son avenir.
1934	86	BEAUSOLEIL		FUSTER	Évolution historique, économique et sociale de CHOISY-LE-ROI.
1934	87	CARON	A	M. POETE	L'évolution de MELUN.
1934	88	CRASTE	L	L. BONNIER	Un nouvel HANOI.
1934	89	DIXMIER	J	H. PROST	Plan d'aménagement, d'extension et d'embellissement de la ville d'ANGRES.
1934	90	DUBOIS	H	M. SENTENAC	Perfectionnement, principes et prcédés modernes d'utiliwsation et de traitement frd résidus urbains.
1934	91	HUMERES-SOLAR	R	M. POETE	Évolution de la ville de SANTIAGO-CHILI.
1934	92	KOPP	M	M. POETE	L'évolution de LAON.
1934	93	MARTINOT	P	M. POETE	Évolution de ROYE.
1934	94	MICHALITSIANOS	G	H. PROST	VOULIAGHMENI, cité balnéaire et thermale.
1934	95	SHAFEY	M	L. BONNIER	Une cité industrielle en plein désert .
1934	96	GLORY	M	M. POETE	Mémoire sur la ville de SAINT-CLOUD.
1934	97	MULLER	M	L. BONNIER	Étude sur l'aménagement de la ville de NEUCHATEL EN SUISSE.
1934	98	BEAUVAIS		L. BONNIER	LISEUX - Son passé, son état actuel, son avenir. Étude sur l'évolution, l'aménagement, l'embellissemnet et l'extension.
1935	99	BOULANGER	P	FUSTER	L'industrialisation rouennaise. Contribution à l'étude des effets de la décentralisation urbaine sur la populationet ses conditions de vie.
1935	100	ESTRADA	E	J. GREBER	Considération sur l'esthétique dans les voies publiques.
1935	101	GAVORET	E	G. JEZE	L'Organisation de l'Assistance Publique à BOULOGNE-BILLANCOURT.

1935	102	GONDOLO	J	L. BONNIER	Calais, Ville malade, Évolution, crise, avenir, contribution à l'étude de son plan d'extension.
1935	103	LEBRETON	J	H. PROST	L'habitation ouvrière au Mans.
1935	104	PETRESCO	J	H. PROST	Exposé des motifs du projet d'aménagement et d'extension de la ville d'ANVERS et ses environs.
1935	105	RAMEAU	E	H. PROST	Urbanisme de la région de CORBEIL-ESSONNES.
1935	106	VAJDA	Z	M. POETE	L'évolution contemporaine d'IVRY-SUR-SEINE.
1935	107	ADAM	A	H. SELLIER	La question de l'habitation et son influence sur l'urbanisme.
1935	108	BAHRMANN	H	L. BONNIER	L'urbanisme et la défense du pays.
1935	109	COHEN	J	M. POETE	Évolution de SALONIQUE - son passé, son état actuel, son avenir.
1935	110	DUMAGEN	L	M. POETE	Contribution à l'étude et l'évolution du Xvième arrondissement de PARIS.
1935	111	FRANCHETTE	P	L. BONNIER	Le Bois de Vincenne, son château et leurs environs.
1935	112	GUTTON	A	H. PROST	Le rôle du département de Seine-et-Oise dns l'aménagement de la région parisienne.
1935	113	PHILIPPE		L. BONNIER	Ville d'ANGERS - Son plan d'aménagement, d'embelissement et d'extensio.
1935	114	DERRE	H	L. BONNIER	Les Taudis à PARIS du point de vue de l'hygièn de l'habitation.
1936	115	BOUCHARDY	J	L. BONNIER	Évolution et aménagement de la région du TOUQUET- BERCK
1936	116	CHIHAB EL DINE	S	M. POETE	Millénaire de la mosquée, Université d'El Azhar. Travaux d'urbanisme en cette occasion.
1936	117	GRENIER	P	G. JEZE	Le chômage et sa législation.
1936	118	LEVIN	E	H. SELLIER	De l'habitation individuelle à l'habitation collective.
1936	119	LUCAS	A	H. PROST	Cité satellite créée à l'occasion de l'exposition internationale de 1ère classe.
1936	120	NEFF	R	M. POETE	AULNAY-SOUS-BOIS, son évolution, sa situation actuelle.
1936	121	PERROT	L	W. OUALID	Le municipalisme belga.
1936	122	BUGES	M	M. POETE	L'Essor urbain de TOULOUSE au XXe siècle .

1936	123	CAZES	C	H. SELLIER	La réorganisation des transport publics dans la région parisienne.
1936	124	DERVICHEVITCH	C	R. PICARD	Le problème social et l'hygiène en YOUGOSLAVIE.
1936	125	HANCE	J	L. BONNIER	Évolution et aménagement de VITRY-LE-FRANÇOIS.
1936	126	LENDENT	A	L. BONNIER	Esquisse de l'urbanisation d'une capitale BRUXELLES. Son passé, son avenir.
1936	127	MEYER-HEINE	G	L. BONNIER	Urbanisme et esthétique.
1936	128	ROUX	M	H. PROST	Protection de la terrasse de SAINT-GERMAIN-EN-LAYE et des berges de la Seine.
1936	129	BORCHER	J	L. BONNIER	PERSAN-BEAUMONT- Son évolution urbaine das le passé er l'avenir.
1936	130	WANG CHUN JEN		W. OUALID	La politique foncière urbaine et l'urbanisme.
1937	131	BIGAULT DE CASANOVA	J	P. LAVEDAN	Le soleil dans la cité.
1937	132	COSTA	J	SEBILLE	Le plan d'aménagement,d'embliissement et d'extensio dela ville de FIGUEIRA DA FOZ et sa région, Portugal.
1937	133	LAGUNA	B	M. POETE	La ville de MEXICO- Son évolution, la ville de nos jours et son avenir.
1937	134	LECOMPTE	G	SEBILLE	BELLE-ILE-EN-MER, Essai d'urbanisation intégrale.
1937	135	LEON	R	L. BONNIER	BORDEAUX -Origine, évolution, avenir.
1937	136	SOCARD	T	M. POETE	La Beauté des villes.
1937	137	TAMIR	M	L. BONNIER	La Mer Morte et une ville à son bord.
1937	138	BREIT	M	M. POETE	SAINTE-BRIEUC, son évolution, sa situation économique et sociale.
1937	139	LAZARD	R	W. OUALID	Contribution à la réglementation des lotissements en France.
1937	140	PETOT	H	L. BONNIER	Aménagement et assainissement des villages en liaison avec les villes.
1937	141	SABATOU	J	L. BONNIER	Un centre de sport de montagne pour la jeunesse laborieuse.
1937	142	ZAIDMANN	M	L. BONNIER	La commune de GENCK, centre industriel.

1938	143	BALZANO	F	L. BONNIER	ISSY-LES-MOULINEAUX, étude d'évolution urbaine.
1938	144	LAUGA	P	SEBILLE	L'Aviation, nouvelle donnée urbaine.
1938	145	MEFANO	S	J. GREBER	YAMBOL, ville thermale.
1938	146	BADIE	N	H. SELIER	Hygiène des villes en Iran.
1938	147	BRICET	A	H. SELIER	L'Enceinte et la zone de PARIS.
1938	148	LAU	A	W. OUALID	L'évolution rutière de la Chine et le routes autostrades.
1938	149	PINTO	V	M. POETE	L'évolution de ANTIOCHE, son passé, son état actuel, son avenir.
1938	150	BARDY	M	R. PICARD	Le service social dans les HBM et notamment à l'office public d'HBM du département de la Seine.